

Jean Samuel Rosier

**TURISMO NO HAITI: ENVOLVIMENTO NA CADEIA GLOBAL  
DO TURISMO E REFLEXOS SOCIOECONÔMICOS LOCAIS**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Economia da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do Grau de Mestre em Economia.

Orientador: Prof. Dr. Hoyêdo Nunes Lins

Florianópolis  
2017

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária  
da UFSC.

Rosier, Jean Samuel

TURISMO NO HAITI : ENVOLVIMENTO NA CADEIA GLOBAL  
DO TURISMO E REFLEXOS SOCIOECONÔMICOS LOCAIS / Jean  
Samuel Rosier ; orientador, Hoyêdo Nunes Lins - SC,  
2017.

307 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de  
Santa Catarina, Centro Sócio-Econômico, Programa de  
Pós-Graduação em Economia, Florianópolis, 2017.

Inclui referências.

1. Economia. 2. Cadeias Globais de Valor. 3.  
Upgrading. 4. Turismo. 5. Haiti. I. Lins, Hoyêdo  
Nunes. II. Universidade Federal de Santa Catarina.  
Programa de Pós-Graduação em Economia. III. Título.

Jean Samuel Rosier

**TURISMO NO HAITI: ENVOLVIMENTO NA CADEIA GLOBAL  
DO TURISMO E REFLEXOS SOCIOECONÔMICOS LOCAIS**

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de Mestre e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-graduação em Economia da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 29 de Março de 2017.

---

Prof. Dr. Jaylson Jair da Silveira  
Coordenador do Curso

**Banca Examinadora:**

---

Prof. Hoyêdo Nunes Lins, Dr.  
Orientador

---

Prof. Silvio Antônio Ferraz Cário, Dr.  
Membro Interno

---

Prof. Helton Ricardo Ouriques, Dr.  
Membro Interno

---

Prof. Lairton Marcelo Comerlatto, Dr.  
Membro Externo





## AGRADECIMENTOS

Agradeço,

Primeiramente a Deus, de quem tiro força e ânimo para conquistar tudo que já tenho em minha vida até aqui. Toda a glória e honra a Ele.

A minha linda família: meu pai Jean Chavannes ROSIER que é um grande exemplo de luta e de fé para mim; minha mãe Yvenie FANFAN que quer sempre meu maior bem; meus dois irmãos (Schama e Lothan); minhas quatro irmãs (Scheilla, Magdala, Dyna e Mical Appoléone) que mesmo distante del@s durante mais de cinco (5) anos, nunca deixam de ser presentes para mim quando preciso.

A todos os professores e a todo o corpo técnico do curso de pós-graduação em Economia da UFSC que contribuíram na minha formação pelas aulas ministradas e incentivo ao desenvolvimento científico e a todos os membros da banca de defesa da dissertação.

Agradeço especialmente o meu orientador Prof. Dr Hoyêdo Nunes Lins, que certamente sempre me encoraja e me faz acreditar que é possível realizar um tal trabalho.

A tod@s @s colegas estudantes da minha turma (fevereiro de 2015 – março de 2017), que conheço, especialmente Mamadu Alfa Djau de Guine Bissau, Eduardo Saugineta Sigauque de Moçambique e Rafaella Assis do Brasil.

A CAPES pela bolsa de estudo, sem a qual eu teria maior dificuldade para terminar as disciplinas e a pesquisa.

A Flávia Santos Laurentino, Luiza Possamai Kons, Eduardo Rodrigues Fuhr por todo o apoio durante a realização deste trabalho.

**Enfim, a tod@s @s jogador@s do jogo da minha vida que fizeram parte desta realização de uma maneira ou de outra!**

**Todo o meu amor para vocês!  
Muito Obrigado!**



*Não tenha medo do caminho, tenha medo  
de não caminhar. Ao andar se faz  
caminho.*

*(Augusto Cury; Antonio Machado)*



## RESUMO

A globalização desempenha um papel de intensificação na interdependência entre os diferentes territórios. Alguns autores identificam que uma importante referência para a compreensão da natureza mutável do comércio internacional e da organização industrial está relacionada à noção de cadeia de valor global. Assim, a dinâmica do capitalismo globalizado faz emergir com destaque o campo de estudos associado às “Cadeias globais de valor”. Estudiosos, governos e organizações internacionais acreditam que a integração de atividades nacionais em atividades de escala global pode levar a upgrading econômico que proporciona melhores empregos e melhoria nas condições de vida das populações, entre outras vantagens. Este trabalho mostra que o turismo é uma atividade de escala global e que se caracteriza como um dos maiores setores econômicos de mais rápido crescimento no mundo. Um tipo de turismo que sustenta de maneira crescente esse setor refere-se às atividades dos cruzeiros marítimos, sendo o Caribe, do qual faz parte o Haiti, o primeiro mercado global em termos de chegadas de cruzeiros. Apesar de o Haiti representar um ambiente de instabilidade política e econômica durante décadas, observa-se que algumas de suas atividades econômicas são integradas em cadeias globais de valor. O estudo revela que o Haiti, antes da década de 80, era o primeiro destino turístico do Caribe, e que a partir desta década o turismo balneário haitiano tornou-se crescentemente integrado à cadeia global do turismo representado pelos cruzeiros, notadamente com as atividades da companhia Royal Caribbean, em atuação em Labadee, no norte do país. Enquanto isso, o turismo interno declinou drasticamente, durante várias décadas. Uma integração do turismo interno haitiano na cadeia global de turismo com a construção de vários hotéis de marcas internacionais foi observado só a partir de 2012, dois anos após o terremoto. O trabalho mostra que a forma de integração do Haiti na cadeia global de turismo, especialmente com a atuação da companhia Royal Caribbean em Labadee, não proporciona, realmente, upgrading econômico para o Haiti. Todavia, os projetos presentes e futuros valorizam quase todas as ilhas do Haiti no sentido de uma maior integração do turismo haitiano à cadeia global de valor, reproduzindo a forma de atuação da Royal Caribbean em outros territórios do país. Isso ocorre ao mesmo tempo em que há carência de projetos para uma maior integração do turismo interno do país, mais vinculado à cultura do povo e a outras atividades econômicas. Uma

integração maior do tipo de turismo interno haitiano à cadeia global de turismo poderia permitir ao Haiti reter ganhos crescentes.

**Palavras-chave:** Cadeias Globais de Valor, Upgrading; Turismo; Cruzeiro; Haiti.

## RÉSUMÉ

La globalisation joue un rôle d'intensification dans l'interdépendance entre les différents territoires. Certains auteurs identifient que le point de départ pour comprendre la nature évolutive du commerce international et de l'organisation industrielle est contenu dans la notion de chaîne de valeur ajoutée. La dynamique du capitalisme global conduit à un nouveau champ d'étude qui est «chaînes de valeur mondiales». Chercheurs, gouvernements et organisations internationales estiment que l'intégration des activités nationales dans les activités d'échelle globale peut conduire à upgrading qui fournit de meilleurs emplois, amélioration des conditions de vie de la population, parmi d'autres avantages. La recherche montre que le tourisme est une activité d'échelle globale et qu'il est l'un des plus importants secteurs économiques avec une croissance la plus rapide dans le monde. Un type de tourisme qui soutient de plus en plus ce secteur sont les activités de croisière, et les Caraïbes dont Haïti fait partie est le premier marché mondial en termes d'arrivées de croisières. Malgré Haïti offre un environnement d'instabilité politique et économique depuis des décennies, on observe certaines de leurs activités économiques sont intégrées dans les chaînes de valeur mondiales. L'étude révèle que Haïti avant la décennie des années 80 a été la première destination touristique des Caraïbes. Et à partir de cette même décennie (80), le tourisme balnéaire haïtien est intégré dans la chaîne global avec la compagnie de croisière Royal Caribbean opérant à Labadee dans le nord du pays. Alors que le tourisme intérieur a diminué considérablement au cours de plusieurs décennies. Une intégration du tourisme national haïtien dans la chaîne globale du tourisme avec la construction de plusieurs hôtels de marques internationales est observée seulement à partir de 2012, 2 ans après le tremblement de terre. Le travail montre que la forme d'intégration d'Haïti dans la chaîne global du tourisme avec l'opération de la compagnie Royal Caribbean à Labadee n'offre pas vraiment de la mise à niveau économique en Haïti. Les grands projets touristiques actuels et futurs valorisent presque toutes les îles d'Haïti en vue d'une plus profonde intégration du tourisme haïtien dans la chaîne de valeur mondiale, reproduisant ainsi la forme d'activité de Royal Caribbean dans d'autres territoires du pays. Alors qu'on observe pas de grands projets pour une meilleure intégration du tourisme intérieur du pays qui est plus connecté avec la culture du peuple et d'autres activités économiques. Une meilleure intégration du tourisme interne haïtien dans la chaîne

mondiale du tourisme pourrait permettre à Haïti de retenir des gains croissants.

**Mots-clés:** Chaînes de Valeur Mondiales; Ugrading; Tourisme; Croisière; Haïti.



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - os motivos das viagens internacionais dos turistas .....	21
Figura 2 - Principais elos de uma cadeia de valor simples .....	37
Figura 3 - Cinco tipos de governança de cadeia global de valor .....	50
Figura 4 - Cadeia global de turismo.....	63
Figura 5 - Outros setores da cadeia global de turismo.....	65
Figura 6 - Distribuição percentual dos meios de transporte utilizados pelo turismo internacional em 2014.....	94
Figura 7 - Cruzeiro de Royal Caribbean International .....	110
Figura 8 - Mapa geral do Haiti.....	122
Figura 9 - Repartição da população total de todo o país em 2003.....	125
Figura 10 - A diáspora haitiana no mundo .....	151
Figura 11 - Evolução do PIB nominal (1980 -2016) e do PIB real (1980 – 2014/ 2005 ano de base) .....	165
Figura 12 - Taxa de crescimento real anual do PIB de 1980 a 2016 ...	166
Figura 13 - Evolução das importações, exportações e saldo comercial de 1980 a 2015.....	166
Figura 14 - Evolução do PIB per capita nominal (1980 -2016) e do PIB per capital constante (1980 – 2015 / 2005 ano de base).....	169
Figura 15 - Haiti: Evolução da composição setorial do PIB.....	173
Figura 16 - Repartição do PIB por Setor em 2015 .....	175
Figura 17 - Haiti: Zonas com potencialidades turísticas.....	199
Figura 18 - Haiti: Evolução dos turistas que hospedam durante o período 1951-2015.....	203
Figura 19 - Haiti: Evolução dos visitantes durante o período 1951-2015 .....	203
Figura 20 - Comparação do numero de chegadas de turistas entre o Haiti e a Republica Dominicana da década de 1990 até 2015.....	208
Figura 21 - Comparação do numero de chegadas de cruzeiros entre o Haiti (década de 1990 – 2015) e a Republica Dominicana (2011-2015) .....	208
Figura 22 - As forças envolvidas no setor do turismo no Haiti .....	210
Figura 23 - Carta dos principais sites turísticas do Haiti .....	222
Figura 24 - Vista das praias de Labadee .....	232
Figura 25 - As ruínas do Palácio de Sans Souci .....	233
Figura 26 - Cidadela La Ferrière.....	234
Figura 27 - Estrutura do resort Labadee.....	235
Figura 28 - Manifestação a Labadee.....	240
Figura 29 - Manifestantes ao redor de Freedom of the Seas .....	240

Figura 30 - Evolução das despesas dos turistas e das receitas recolhidas das atividades turísticas em US\$ no Haiti .....	248
Figura 31 - Haiti: Parque Histórico Nacional .....	255
Figura 32 - Haiti: As grutas “Marie-Jeanne” .....	257
Figura 33 - Plano turístico, das redes rodoviárias, portos e aeroportos	261

## LISTA DE QUADROS E DE TABELAS

Quadro 1 - Etapas históricas do Haiti da independência até o fim da ditadura de Baby Doc .....	135
Quadro 2 - Missões das Nações Unidas ao Haïti (1993-2013).....	139
Quadro 3 - Diáspora e turismo no Haiti.....	211
Quadro 4 - Estrutura de Hospedagem para o turismo no Haiti em 1999 .....	218
Quadro 5 - Haiti: rumo a modernização em hotéis.....	229
Tabela 1 - Os 10 primeiros destinos mundiais em termos de numeros de chegadas e de maiores receitas em 2015 .....	96
Tabela 2 - Repartição das receitas por região em 2014 e 2015 .....	98
Tabela 3 - Crescimento das chegadas de turistas por região entre 2014 e 2015 .....	98
Tabela 4 - Chegadas turísticas por região mundial: 1950-2015 .....	99
Tabela 5 - Os dez principais destinos turísticos nas ilhas do Caribe: 1990-2015.....	105
Tabela 6 - Número de distritos, municípios, bairros e seções comunais por departamento .....	122
Tabela 7 - Evolução e distribuição da população haitiana ao longo do tempo .....	123
Tabela 8 - Haiti: População (em mil) estimada e projetada por intervalos de cinco anos, segundo o sexo (1950-2050).....	126
Tabela 9 - Haiti: População economicamente ativa e taxa de atividade estimadas e projetadas para a população total, por sexo, em intervalos de 5 anos (1980-2050).....	127
Tabela 10 - O crescimento médio anual do PIB per capita em alguns países entre 1950 e 2012.....	146
Tabela 11 - Composição das exportações e das importações do Haiti em US\$ milhões em 2014.....	153
Tabela 12 - Direção das Exportações e origem das importações do Haiti em US\$ milhões em 2014.....	155
Tabela 13 - Haiti: Participação dos setores de atividades econômicas na formação do PIB (em milhões de dólares).....	160
Tabela 14 - Haiti: Oferta e demanda globais do País em milhões de dólares americanos.....	162
Tabela 15 - Principais dados gerais sobre as contas nacionais.....	164
Tabela 16 - Dados macroeconômicos sobre a condição social da população Haitiana .....	168

Tabela 17 - IDH 2014 na América Latina e Caribe .....	171
Tabela 18 - Índice de desenvolvimento Humano (IDH) haitiano de 1980 a 2016.....	172
Tabela 19 - Haiti: Evolução do número dos visitantes no Haiti de 1951 a 2015 .....	201
Tabela 20 - Evolução do IDE no Haiti (em milhões de dólares americanos) – 2001-2015.....	247
Tabela 21 - Despesas dos turistas, receitas de turismo em US\$ e percentagem do valor das receitas do turismo no montante total das exportações do Haiti .....	248
Tabela 22 - Países selecionados na região do Caribe - Contribuição total do setor de viagens e turismo no PIB (em valores e em percentagem) - 2014 .....	251
Tabela 23 - Contribuição total das viagens e do turismo nos empregos em numero e em percentagem .....	252

## LISTA DE ABREVIATURAS

AHE	Associação Haitiana dos Economistas
AIDS (SIDA)	Acquired Immune Deficiency
Syndrome (Síndrome Da Imunodeficiência Adquirida)	
AFD	Agência Francesa de
Desenvolvimento	
BID	Banco Interamericano de
Desenvolvimento	
BIT	<i>Bureau International du Travail</i>
BM	Banco Mundial
BREA	<i>Business Research and Economic</i>
<i>Advisers</i>	
BRH	Banque de la République d'Haïti
CCI	Câmara de Comércio e de Indústria
CCL	<i>Carnival Cruise Lines</i>
CTO	<i>Caribbean Tourism Organization</i>
DGE	Direção Geral das Empresas
ECLAC (CEPAL)	<i>Economic Commission for Latin</i>
<i>America and the Caribbean</i> (Comissão Econômica para a América	
Latina e o Caribe)	
EPZ	<i>Export Processing Zones</i>
EUA	Estados Unidos da América
FMI	Fundo Monetário Internacional
GCC	Global Chain Commodities (Cadeias
Mercantis Globais)	
GVC	<i>Global Value Chain</i> (Cadeias Globais
De Valor)	
ICTSD	<i>International Centre for Trade and</i>
<i>Sustainable Development</i>	
IDE	Investimento Direto Estrangeiro
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
IEDOM	<i>Institut d'Émission des Départements</i>
<i>d'Outre-Mer</i>	
IFC	International Finance Corporation
IHSI	<i>Institut Haitien de Statistique et</i>
<i>d'Informatique</i>	
ILO	<i>International Labour Organization</i>
LFHH	<i>La Fondation Héritage pour Haïti</i>
MCI	Ministério do Comercio e das
Industrias	

MEF	Ministério da Economia e das
Finanças	
MICT	Ministério do Interior e das
Comunidades Territoriais	
MINUSTAH	<i>Mission des Nations Unies pour la</i>
<i>Stabilisation en Haïti</i>	
MPCE	Ministério de Planificação e de
Cooperação Externa	
MRE	Ministério das Relações Exteriores
OEA	Organização dos Estados Americanos
OIM	Organização Internacional para as
migrações.	
ONGs	Organizações não Governamentais
ONU	Organização das Nações Unidas
OMC	Organização Mundial de Comercio
OMT (UNWTO)	Organização Mundial de Turismo
(World Tourism Organization)	
PDT	Plano Diretor do Turismo
PIB	Produto Interno bruto
PIC	Parque Industrial de Caracol
PNH	Polícia Nacional do Haiti
PNUD	Programa das Nações Unidas para
o Desenvolvimento	
RCL	<i>Royal Caribbean Cruises</i>
RNDDH	Rede Nacional De Defesa Dos
Direitos Humanos	
SDGs	<i>Sustainable Development Goals</i>
UN	<i>United Nations</i> (Nações unidas)
UNCTAD	<i>United Nations Conference on Trade</i>
<i>and Development</i>	
UNESCO	<i>United Nations Educational,</i>
<i>Scientific and Cultural Organization</i>	
UNICEF	<i>United Nations Children's Fund</i>
(Fundo das Nações Unidas para a Infância)	
USAID	<i>United States Agency for</i>
<i>International Development</i>	
WTTC	<i>World Travel and Tourism Council</i>

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>20</b>
<b>2 CADEIAS GLOBAIS DE VALOR: PROBLEMÁTICA GERAL E O SETOR DE TURISMO .....</b>	<b>28</b>
2.1 CADEIAS GLOBAIS DE VALOR (GVC): CONTORNOS DA PROBLEMÁTICA .....	31
2.1.1 <i>Cadeia global de valor: aspectos básicos</i> .....	36
2.1.2 <i>Importância analítica da abordagem em termos de cadeia global de valor</i> .....	39
2.1.3 <i>Funcionamento das Cadeias Globais de Valor</i> .....	43
2.1.4 <i>Possibilidades de upgrading na cadeia global de valor</i> .....	52
2.2 A CADEIA GLOBAL DO TURISMO .....	58
2.2.1 <i>Caracterização da cadeia global de turismo</i> .....	61
2.2.2 <i>Dinamismo da cadeia global de turismo</i> .....	66
2.2.3 <i>Possíveis impactos benéficos em comunidades ligados à cadeia global do turismo</i> .....	70
2.2.4 <i>Possíveis impactos negativos em comunidades ligados à cadeia global do turismo</i> .....	76
<b>3 EVOLUÇÃO DA CADEIA GLOBAL DE TURISMO NO MUNDO E NO CARIBE .....</b>	<b>82</b>
3.1 ASPECTOS DA TRAJETÓRIA DO SETOR DE TURISMO EM NÍVEL MUNDIAL .....	82
3.2 TENDÊNCIAS ATUAIS E PROJEÇÃO DO TURISMO INTERNACIONAL.....	90
3.3 CARACTERIZAÇÃO E TRAJETÓRIA DO TURISMO INTERNACIONAL NO CARIBE.....	101
3.3.1 <i>Aspectos gerais da trajetória do turismo internacional no Caribe</i> .....	102
3.3.2 <i>Atuação da Indústria dos Cruzeiros no Caribe</i> .....	108
<b>4 A SOCIOECONOMIA HAITIANA: PERSPECTIVA HISTÓRICA E ASPECTOS PRINCIPAIS DA ATUALIDADE..</b>	<b>120</b>
4.1 GEOGRAFIA DO HAITI, COM DESTAQUE PARA A DEMOGRAFIA .....	121
4.2 TRAJETÓRIA HISTÓRICA DO HAITI: UMA NOTA.....	128
4.2.1 <i>Período Colonial (1492-1804)</i> .....	129
4.2.2 <i>Da Independência até o Fim da Ditadura de Baby Doc (1804-1986)</i> .....	133
4.2.3 <i>Fim da Ditadura de Baby Doc até os dias de hoje (1986-2016)</i> ..	138
4.3 VISÃO GERAL SOBRE A ECONOMIA DO HAITI .....	144
4.3.1 <i>Situação Econômica e Social da População Haitiana</i> .....	145
4.3.2 <i>Dados e Indicadores Macroeconômicos sobre o Haiti</i> .....	158
4.4 UMA VISÃO GERAL SOBRE OS SETORES DE ATIVIDADES ECONÔMICAS DO HAITI.....	172

4.4.1	<i>Caraterísticas dos Setores da Economia Haitiana</i> .....	175
4.4.2	<i>Um passado pesado para diversas atividades dos diferentes setores da economia Haitiana</i> .....	181
<b>5</b>	<b>O HAITI E A CADEIA GLOBAL DO TURISMO: APROXIMAÇÃO À PROBLEMÁTICA</b> .....	<b>186</b>
5.1	TURISMO HAITIANO: HISTÓRIA E PASSADO RECENTE .....	187
5.1.1	<i>Turismo no Haiti em perspectiva histórica</i> .....	187
5.1.2	<i>Determinantes do fluxo turístico para o Haiti</i> .....	199
5.2	O HAITI NA CADEIA GLOBAL DO TURISMO: ESBOÇO DE ANÁLISE .....	215
5.2.1	<i>Agentes haitianos no setor turístico do país</i> .....	216
5.2.2	<i>Um desenvolvimento “híbrido” no setor de turismo</i> .....	224
5.2.3	<i>Turismo de cruzeiros: paroxismo do envolvimento do Haiti na cadeia global do turismo</i> .....	232
5.2.4	<i>Reflexos sociais e econômicos da participação haitiana no turismo internacional: algumas colocações</i> .....	236
5.3	PERSCRUTANDO O FUTURO COM BASE NAS INCERTEZAS DO PRESENTE .....	254
5.3.1	<i>Potencialidades turísticas do Haiti</i> .....	255
5.3.2	<i>Projetos turísticos para o presente e o futuro: que tipo de engajamento na cadeia global do turismo?</i> .....	260
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>270</b>
<b>7</b>	<b>REFERENCIAS</b> .....	<b>276</b>



## 1 INTRODUÇÃO

*Só porque você acredita firmemente numa coisa não significa que ela seja verdadeira. Disponha-se a reexaminar aquilo em que você acredita.*

*(William P. Young, 2008)*

A curiosidade do homem de conhecer novos horizontes além do seu atual espaço o leva a deixar sua zona de conforto para conhecer novos lugares, para fazer novas experiências em novos espaços. Essa curiosidade do homem poderia ter vários objetivos e causas, por exemplo, pessoas deixam seus espaços na procura de novas oportunidades, outras deixam para desfrutar de momentos agradáveis fora de seus locais do dia a dia. Outros se movem não por curiosidade, mas por necessidades ou para escapar da miséria e da guerra, entre outros fatores.

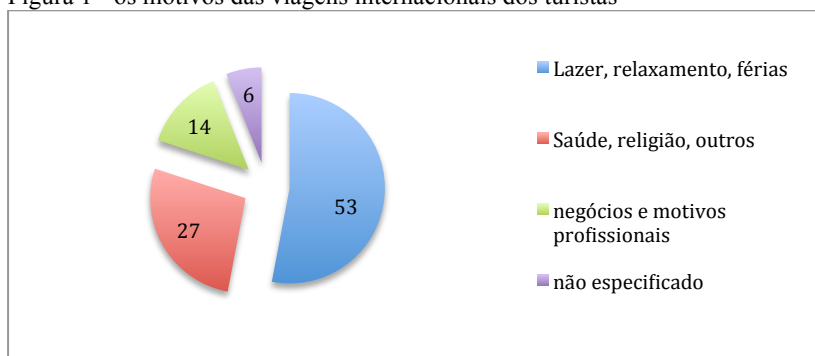
O fluxo elevado de migrações, hoje em dia, no plano mundial, constitui reflexo de tudo isso. Estima-se que há no planeta 232 milhões de migrantes internacionais (representando 3,2% da população mundial) na primeira década do século XXI, devendo-se destacar que 59% deles vivem em regiões desenvolvidas. Percebe-se, ao mesmo tempo, que mais de 96%, nascem, vivem e morrem num mesmo país (ONU, 2013; PIRES et al., 2010).

Existe um número elevado de pessoas no mundo que viajam com motivos externos à ideia de fugir de seus países de nascimento. Muitas pessoas viajam com a intenção de enriquecer seus espíritos, de ter uma nova visão sobre mundo, de conhecer ambientes distintos de onde vivem e se inserem. Exemplos são as viagens de estudos, viagens com intenção de conhecer outros povos, outras culturas, entre outros motivos. E muitos outros objetivos e causas poderiam ser ressaltados aqui, como viagens para saúde, para relaxar, viagens de férias, viagens para procurar maiores lucros (quando se trata de investidores), entre outros propósitos.

Esses grupos de pessoas que viajam com diferentes intenções são classificados, de uma maneira geral, dentro do chamado setor de

turismo internacional. De acordo com a World Tourism Organization (UNWTO<sup>1</sup>, 2016), o número desses turistas internacionais atingiu a cifra de 1 bilhão e 184 milhões (um crescimento de 4,4%) no ano de 2015, ou seja, mais de 50 milhões em relação ao ano de 2014. A projeção mundial para o crescimento do turismo no ano de 2016 é de 4%, sendo que, para as Américas, a projeção está dentro do intervalo de mais de 4% a mais de 5%. Nessa última região, o turismo cresceu mais de 5% durante o ano de 2015. A figura 1, a seguir, ilustra os motivos das viagens internacionais dos turistas.

Figura 1 - os motivos das viagens internacionais dos turistas



Fonte: Elaboração própria com base em dados da OMT (2015)

A figura 1 mostra que as viagens para fins de relaxamento, lazer, férias ou outro tipo de recreação representavam pouco mais de metade de todas as chegadas de turistas internacionais (53% ou 598 milhões) em 2014. Aproximadamente 14% dos turistas internacionais relataram viajar a negócios e por motivos profissionais, enquanto 27% estavam viajando por outras razões: visita a parentes e amigos, religião/peregrinação, tratamento médico etc. E, finalmente, o propósito da visita dos 6% restantes não foi especificado (OMT, 2015).

Essa busca pelo conhecimento de novos horizontes, por novas experiências, pela descoberta de novos territórios, não é um processo recente. A história é cheia de exemplos referentes até mesmo às

---

<sup>1</sup> Em português usa-se também o nome de “Organização Mundial de Turismo”, que pode ser acompanhado da sigla “OMT”. Ao longo do trabalho faz-se uso do termo “OMT” e na bibliografia usa-se “UNWTO”.

civilizações antigas. Mas, estando na América, é importante pensar na descoberta do Novo Mundo (as Américas) pelas potências europeias em torno da virada do século XV para o XVI, como um ponto de partida. E, no caso bem específico do Haiti, dezembro de 1492 representa um marco relevante na trajetória da pequena nação e no destino das futuras gerações desse povo.

Quando Cristóvão Colombo chegou em Hispaniola durante a sua primeira viagem transatlântica, no ano de 1492 d.C, a ilha já era habitada por nativos americanos há cerca de cinco mil anos. Os habitantes nos tempos de Colombo eram um grupo de índios aruaques chamados tainos que viviam da agricultura, eram organizados em cinco chefias e montavam a cerca de meio milhão de indivíduos (a estimativa varia de 100 mil a dois milhões). Inicialmente, Colombo os achou pacíficos e amistosos, até que os seus espanhois começassem a maltratá-los (DIAMOND, 2007, p. 231).

Hoje em dia, no mundo dito globalizado, torna-se, aparentemente, cada vez mais fácil tomar decisões sobre o deslocamento de um lugar para outro, de um país para outro, de uma região para outra, de um continente para outro, sobretudo com o desenvolvimento das tecnologias de comunicação e de transporte. Essa facilidade de se deslocar, no contexto da globalização, atinge muitas esferas da vida social, cultural, política, econômica; e quase tudo ao mesmo tempo se torna, a cada dia, mais sem limites. A “deslocalização” de pessoas, de recursos, de meios de produção, de tecnologias, de capital, entre outros fatores, parece tornar-se crescentemente mais fácil.

Deve-se reconhecer também que existem barreiras e restrições à livre circulação de vários dos elementos citados no final do último parágrafo. Mas não há como não admitir, ao mesmo tempo, que a globalização desempenha um papel de intensificação na interdependência entre os diferentes territórios. Essa intensificação leva a um aumento da densidade e da complexidade das interações internacionais, que envolvem concorrência (no âmbito do comércio internacional), difusão de tecnologias e transações financeiras, entre outros aspectos. E a partir desses últimos elementos citados, surge a

ideia de que a globalização cria simultaneamente restrições e oportunidades.

Por conseguinte, a globalização não pode ser considerada senão como um processo complexo, de diferentes camadas, interconectadas e desiguais (REICH, 1998). Com efeito, o capital, no âmbito da globalização, apresenta-se, na sua dinâmica, como fortemente seletivo, pois integra e desintegra localidades, e isso leva os países a competirem entre si para criar incentivos no intuito de atrair capitais, através da implantação de infraestruturas relevantes e de isenções de impostos, entre outras condições e atrativos.

O turismo globalizado há de ser considerado, sem equívoco possível, no marco dos debates sobre a globalização. Por esse motivo, tem sentido recuperar o que dizem alguns autores de referência sobre o tema da globalização. Bresser-Pereira (2009), por exemplo, falando sobre o estágio atual do capitalismo, entre cujas bases figura o desenvolvimento de tecnologia de ponta, que leva à “diminuição dos custos de transporte e, sobretudo, a revolução da informática, que tornou as comunicações e as transferências de ativos financeiros drasticamente mais velozes e baratas” (BRESSER-PEREIRA, 2009, p. 22), identifica quatro diferentes definições da globalização, que são as seguintes:

- 1) Estágio do capitalismo onde há a competição econômica entre estados nacionais por maiores taxas de crescimento;
- 2) Competição econômica em nível mundial entre grandes empresas por maiores taxas de lucros e que são apoiadas por seus respectivos Estados-nações;
- 3) Competição em nível mundial entre as empresas sem o apoio de seus respectivos Estados-nações;
- 4) Uma definição marxista onde a lógica da acumulação capitalista se tornou global, os capitalistas não têm pátria, investem onde as oportunidades de lucro forem maiores; assim o Estado-nação teria perdido autonomia e importância.

Esse autor notou o fato de que a globalização é um processo contínuo de transformação, um processo de integração econômica, social e política (transformação acelerada que o mundo vem vivendo com maior intensificação, sobretudo a partir dos anos de 1970).

Nessa linha, é importante salientar que não se deve entender a globalização por um só ângulo, e não é sem razão que Sklair (1999) notou que os estudos da globalização podem ser categorizados com base em quatro grupos (núcleos) de pesquisa ou de investigação. Esses grupos ou núcleos são os seguintes: 1) a abordagem de sistemas-mundo; 2) a abordagem da cultura global; 3) a abordagem da sociedade global; 4) a abordagem capitalismo global. Para esse autor, a abordagem do capitalismo global é especialmente fértil para o estudo dos diferentes aspectos da globalização. Com efeito, esse enfoque, em termos de capitalismo globalizado, para particularmente útil para a percepção dos movimentos de criação e integração de mercados em nível global: ela destaca aspectos como a competição econômica internacional (condição necessária para a continuação de seu desenvolvimento econômico) e a reorganização da produção, como também ressalta Bresser-Pereira (2009).

Mas, para os propósitos da pesquisa de que se trata nesta dissertação, é essencial referir-se a outro grupo de autores que se ocupam da dinâmica do capitalismo globalizado. Trata-se, como maior destaque, de Gary Gereffi, John Humphrey, Timothy Sturgeon, Jennifer Bair, entre outros, que compartilham o entendimento segundo o qual “o ponto de partida para a compreensão da natureza mutável do comércio internacional e da organização industrial está contido na noção de uma cadeia de valor agregado<sup>2</sup>” (GEREFFI; HUMPHREY; STURGEON, 2005, p. 79) . Levando essa noção para um nível mais amplo, os estudos desses autores (entre outros pesquisadores) acabaram desembocando na expressão “cadeia global de valor<sup>3</sup>”.

A problemática das cadeias globais de valor será abordada no capítulo seguinte, uma vez que isso faz parte da base teórica, ou do referencial analítico, do desenvolvimento dessa pesquisa. O que se deve assinalar neste momento é que a abordagem em termos de cadeias

---

<sup>2</sup> The starting point for understanding the changing nature of international trade and industrial organization is contained in the notion of a value-added chain.

<sup>3</sup> “Uma "cadeia" mapeia a sequência vertical de eventos que levam à entrega, consumo e manutenção de bens e serviços - reconhecendo que várias cadeias de valor frequentemente compartilham atores econômicos comuns e são dinâmicas na medida em que são reutilizadas e reconfiguradas de forma contínua [...]” (STURGEON, 2001, p. 2). As pesquisas sobre as cadeias globais de valor dizem que as empresas podem melhorar seus posicionamentos ao capturar mais valor agregado nas ligações existentes entre os diferentes elos da cadeia. Para mais sobre isso, ver Bair (2005). As referências são incluídas na bibliografia do trabalho.

globais de valor serve de base para o estudo da atuação da cadeia global de turismo no Haiti, levando em conta seus diferentes aspectos. De fato, pode-se observar, através dos dados tangenciados anteriormente, que o turismo está crescendo em escala global. Nesse contexto amplo, tem importância à investigação sobre as restrições e as oportunidades, inerentes ao formato de funcionamento da cadeia global do turismo internacional, com respeito ao Haiti.

Como em tantos outros países, também o Haiti exhibe a presença do setor turístico internacional. Esse setor tem sido considerado, em diferentes circunstâncias e situações, como capaz de contribuir para a geração de renda e empregos, e para o ingresso de divisas, entre outras oportunidades por ele representadas. Desse modo, é um setor que aparece com destaque em políticas de promoção do desenvolvimento executadas em vários países, muitos deles externos às zonas centrais do capitalismo.

Considerando esses aspectos, a pergunta chave e essencial para o desenvolvimento deste trabalho é a seguinte: como se apresenta, e com que reflexos e consequências em termos de oportunidades para a promoção do desenvolvimento no país, a participação do Haiti na chamada cadeia global do turismo?

Procurando delimitar a resposta de tal pergunta, o objetivo principal dessa dissertação é analisar a trajetória do setor de turismo no Haiti, caracterizando as atividades envolvidas principalmente no período contemporâneo, apresentando e discutindo os reflexos socioeconômicos observados, e avaliando, à luz do debate sobre cadeias globais de valor, as possibilidades e desafios quanto à ascensão desse país na geografia do turismo internacional.

Os objetivos específicos decorrentes do objetivo principal são os seguintes:

- Sistematizar os termos principais do debate sobre as cadeias globais de valor como tipo de configuração destacada, implicando vínculos produtivos e comerciais de grande abrangência socioespacial, na era da assim chamada globalização;
- Apresentar os contornos da cadeia global de valor do turismo, caracterizando os seus vários elos e ilustrando a sua incidência, com referências a estudos sobre realidades nacionais e regionais diversas;
- Situar o setor de turismo na socioeconomia haitiana, mostrando e caracterizando a sua trajetória – com as regiões e as estruturas empresariais e políticas envolvidas – e analisando a sua importância socioeconômica em termos de ocupação e emprego e de geração de

renda, de forma direta, e também de repercussões em setores que “dialogam” com o turismo, como a construção civil e a produção de alimentos, entre outros.

- Discutir criticamente o tipo de envolvimento exibido pelo Haiti na cadeia de valor global do turismo e as perspectivas locais de ascensão nas atividades desta, avaliando as efetivas possibilidades de contribuição para o desenvolvimento da economia do país e suas regiões e de melhoria das condições de trabalho e vida da população, o que implica examinar, entre outros aspectos, os tipos de empregos/ocupações gerados e as interações econômicas (fornecimento de insumos, induções diversas) protagonizadas nos espaços implicados.

De maneira geral, trata-se de uma pesquisa teórica, bibliográfica e documental, mais qualitativa do que quantitativa. Consequentemente, levam-se em conta contribuições de autores de referência com respeito aos elementos da base analítica, relacionados, sobretudo, com o primeiro objetivo específico da dissertação. E, ao longo do desenvolvimento do trabalho, visando atender aos outros objetivos da pesquisa, utilizam-se dados disponíveis nos sites de organizações internacionais reconhecidas, tais como: Organização das Nações Unidas (ONU); Organização Mundial de Turismo (OMT); Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD); World Bank, entre outras organizações.

Também são usados dados disponibilizados por Organizações não Governamentais (ONGs) que atuaram e ainda atuam no Haiti, assim como dados disponíveis nos sites dos ministérios nacionais do Governo do país. O Instituto Haitiano de Estatística e de Informação (IHSI) também fornece alguns dados relevantes para este trabalho, assim como sites de centros de estudos localizados em universidades da França e do Canadá. São igualmente utilizadas informações contidas em materiais jornalísticos, publicados nos mais importantes jornais haitianos (do Governo e outros dignos de confiança), que permitem explorar alguns aspectos do assunto ao qual se refere esta dissertação.

A qualidade e validade das fontes foram avaliadas ao longo do trabalho de pesquisa, tendo-se em vista a realização da mais rigorosa análise possível sobre o assunto. Assim, considera-se que o trabalho tem por base fontes importantes para a abordagem de todos os aspectos do assunto, de uma forma multidisciplinar, representando o máximo que se logrou realizar para atingir os objetivos definidos para o trabalho.

A estrutura da dissertação é a seguinte:

Além do conteúdo desta introdução, que representa o primeiro capítulo, aborda-se, no segundo capítulo, o debate em torno das cadeias

globais de valor e da cadeia global do turismo (representando o referencial analítico).

No terceiro capítulo, fala-se sobre a trajetória e a situação do turismo no Caribe, região onde o Haiti se localiza.

No quarto capítulo é apresentado o quadro socioeconômico contemporâneo do Haiti, a partir da década 1980, com maior destaque para o período pós-terremoto, quer dizer, de 2010 a 2016.

No quinto capítulo examina-se o envolvimento do turismo haitiano na cadeia global de valor de turismo, caracterizando essa participação, e procura-se detectar a importância socioeconômica do setor de turismo nesse país.

Nas considerações finais, arriscam-se algumas sugestões de propostas para que o Haiti possa usufruir em melhores condições do seu envolvimento na cadeia global de valor do turismo, com repercussões positivas em diferentes camadas da sociedade, nas várias regiões do país onde se observa a presença desse setor.



## 2 CADEIAS GLOBAIS DE VALOR: PROBLEMÁTICA GERAL E O SETOR DE TURISMO

*Economists study and analyze poverty in their nice offices, have all the statistics, make all the models, and are convinced that they know everything that you can know about poverty. But they don't understand poverty. And that's the big problem. And that's why poverty is still there.*

*(Manfred Max-Neef, 1983)*

O uso da noção de cadeia global tornou-se mais frequente a partir, sobretudo, da década de 1980, em diferentes pesquisas, em especial naquelas referentes ao sistema-mundo, voltadas à análise de diferentes aspectos da globalização. As pesquisas fazem uso desse termo para analisar a maneira como diferentes países, regiões e setores de atividades participam nos processos econômicos de grande abrangência, e também para discutir as possibilidades de desenvolvimento nesses países e regiões, em particular nos situados fora do área central do capitalismo. Este capítulo busca sistematizar alguns aspectos centrais da correspondente literatura, com vistas a estabelecer um referencial analítico para o estudo do turismo no Haiti.

Um aspecto a assinalar desde logo é que governos de vários estados nacionais do capitalismo parecem acreditar que, com a integração de suas atividades econômicas nacionais a atividades de dimensões mundiais, uma boa direção terá sido encontrada para que sejam equacionados ou ao menos reduzidos os problemas de desigualdades sociais, fome e desemprego, entre outras situações socioeconômicas precárias. Alguns estudiosos acreditam até que essa é a única opção que existe para aqueles países, apoiando-se em alguns exemplos de países que obtiveram sucesso via integração nas cadeias globais ao redor do mundo (BAIR, 2005).

Nessa mesma perspectiva, Organizações internacionais como Nações Unidas, USAID (*United States Agency for International Development*), Fundo Monetário Internacional (FMI), Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), Banco Mundial, Organização Mundial de Comercio (OMC), além de organizações não governamentais, entre possíveis outras, desenvolvem projetos em conjunto com governos de diferentes países com o intuito de melhorar

sua posição dentro das cadeias globais, mirando a geração e a absorção de mais renda e a multiplicação dos postos de trabalho.

Pode-se acreditar que esforços nesse sentido tendem a aumentar, sobretudo após a assembleia geral das Nações Unidas ao fim do ano de 2015, em que se declarou como objetivo atingir a situação de um mundo sem pobreza e mais justo dentro de um período de quinze anos, isto é, até 2030. Os países implicados declararam pretender alcançar dezessete objetivos, aos quais se propõem e que, nas opiniões manifestadas, são capazes de promover o desenvolvimento sustentável do planeta, segundo os cientistas de vários países que trabalhavam sobre o projeto discutido (UN<sup>4</sup>, 2015).

Por exemplo, durante essa assembleia, a ONU declarou o ano de 2017 como o Ano Internacional do Turismo Sustentável para o Desenvolvimento. A organização internacional de turismo acredita que isso representa uma oportunidade única para aumentar a contribuição do setor do turismo para os três pilares da sustentabilidade: econômico, social e ambiental (UNWTO, 2015).

Dentro do contexto da Agenda Universal 2030 da ONU para o Desenvolvimento Sustentável e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (SDGs<sup>5</sup>), o Ano Internacional visa apoiar uma mudança nas políticas, práticas empresariais e comportamento dos consumidores para um setor turístico mais sustentável e que pode contribuir para os SDGs (UNWTO, 2015). De acordo com UNWTO (2017), o ano de 2017 promoverá o papel do turismo nas seguintes cinco áreas chaves:

- (1) Crescimento econômico inclusivo e sustentável;
- (2) Inclusão social, emprego e redução da pobreza;
- (3) Eficiência dos recursos, proteção do ambiente e alterações climáticas;
- (4) Valores culturais, diversidade e patrimônio;
- (5) Compreensão mútua, paz e segurança.

Essa crença nos benefícios da integração dos países em atividades globais leva organizações internacionais e doadores de recursos até a pressionar países pobres que expressam oposição a essa ideia. Sobre isso, Morris e Kaplinsky (2002, p. 18) salientam que existe “[...] pressão proveniente de agências multilaterais (como a OMC, o FMI e o Banco Mundial), e a maioria dos doadores bilaterais de ajuda

---

<sup>4</sup> UN: United nations que é “Nações unidas” em português.

<sup>5</sup> Em inglês, SDGs é Sustainable Development Goals.

(governos de países individuais) [...] está obrigando os países recalcitrantes a inserir-se mais profundamente na economia global<sup>6</sup>”.

Do outro lado, para Arrighi (1996), um autor central para os estudos sobre o sistema-mundo, os países industriais ou industrializados detêm o monopólio da divisão internacional do trabalho, e assim se apropriam de maneira desproporcional dos benefícios da divisão mundial de trabalho. Os demais países colhem só uma parte necessária dos benefícios para conservá-los na relação de troca desigual, uma situação que, segundo o autor, não tende a se alterar. Assim, Arrighi (1996, p. 207-8) destacou o seguinte:

Diz-se que os primeiros Estados constituem o “núcleo orgânico” da economia capitalista mundial e os últimos constituem sua “periferia”. Estados semiperiféricos (frequentemente referidos como “semi-industriais ou semi-industrializados”) são, portanto, definidos como os Estados que ocupam uma posição intermediária nessa rede de troca desigual: eles colhem apenas benefícios marginais quando estabelecem relações de troca com os Estados do núcleo orgânico, mas colhem a maioria dos benefícios quando estabelecem relações de troca com os Estados periféricos.

Dentro desse contexto, importa aos governos dos países da semiperiferia e da periferia do capitalismo conhecerem mais adequadamente o modo como funcionam as cadeias globais de valor, tornando-se mais aptos, assim, a aplicar estratégias que levam à possibilidade de *upgrading*<sup>7</sup> no interior delas.

O intuito principal deste capítulo é abordar a ideia de cadeia global de valor, destacando os possíveis benefícios para os países que procuram se integrar, sem deixar de salientar também as possibilidades

---

<sup>6</sup> “[...] pressure coming from multilateral agencies (such as the WTO, the IMF and the World Bank) and most bilateral aid donors (individual country governments) [...] are forcing recalcitrant countries to insert themselves more deeply into the global economy.”

<sup>7</sup> *Upgrading* na perspectiva de cadeias globais de valores significa passar a fazer atividades que pedem melhor qualificação e especialização, envolvendo mais sofisticação produtiva, com maior agregação de valor aos produtos, proporcionando, portanto, uma melhor posição dentro da cadeia, com mais rentabilidade e mais benefícios para os envolvidos.

de exploração dos territórios e das populações integradas, sobretudo com respeito aos países da semiperiferia e da periferia. O capítulo representa uma espécie de referencial analítico para o estudo da integração do Haiti (país mais pobre da América) na cadeia global de turismo. Como as cadeias globais podem incidir no país, como de fato ocorre, em diferentes atividades econômicas, o capítulo discorre sobre as cadeias globais de uma maneira geral, e em seguida aborda de maneira específica a cadeia global de turismo, base para o estudo sobre o Haiti de que se trata neste trabalho.

## 2.1 CADEIAS GLOBAIS DE VALOR (GVC<sup>8</sup>): CONTORNOS DA PROBLEMATICA

O campo de estudo das cadeias globais de valor, na maneira como se apresenta atualmente na literatura, pode ser considerado como o resultado ou produto recente da trajetória das mudanças e alterações que surgiram na ideia original de Wallerstein (1974) (baseado em Braudel (1970)) sobre as cadeias mercantis. Tal ideia original foi construída dentro da perspectiva da economia do sistema-mundo, tendo por centro a Europa, desde as suas origens a partir do início do século XVI (BAIR, 2005).

Bair (2005) destaca com clareza a diferença desse novo campo, na perspectiva da referida trajetória. A autora assinala que na abordagem original, nos estudos em termos de sistemas-mundo, a expressão utilizada era cadeias de mercadorias (ou cadeias mercantis), e que no percurso cumprido surgiram, como reflexos da ampliação e da progressiva modificação da agenda de estudos junto a diferentes grupos de pesquisadores, as expressões cadeias globais de mercadorias ou cadeias mercantis globais (GCC<sup>9</sup>) e cadeias globais de valor (GVC), nessa ordem. De fato, a trajetória da reflexão, efetivamente mundial, no seio desse tipo de abordagem reflete as mudanças que aconteceram nas agendas dos pesquisadores interessados na dinâmica econômica em escala global, mudanças que se revelam sintonizadas com o que ocorreu em nível de sistema capitalista. Ao mesmo tempo, histórico e social, esse sistema se caracteriza por modificações em vários dos seus

---

<sup>8</sup> Em inglês o termo é “Global Value Chain” (GVC).

<sup>9</sup> Em inglês o termo é “Global Chain commodities” (GCC).

processos ao longo do tempo, seja na produção, nas trocas, na distribuição das mercadorias ou nos investimentos, entre outros.

Na análise em termos de sistema-mundo, as cadeias de mercadorias têm um importante papel analítico, que é, entre outros aspectos, o de sustentar a análise da expansão da economia-mundo. Central, nessa abordagem, é a questão da troca desigual no âmbito da divisão de trabalho. Essa troca desigual reproduz a divisão centro-periferia das economias do mundo, que é fruto das importantes mudanças na organização dos processos de produção e troca e na estrutura constitutiva do sistema mundo, inclusive em termos políticos, em núcleo, semiperiferia e periferia. Na análise do sistema mundo busca-se entender as hierarquias e as desigualdades existentes entre as nações, procurando-se saber quem são os exploradores e os explorados.

De antemão quer-se salientar o fato de que a abordagem do sistema mundo leva em consideração, antes de tudo, o lado macro das atividades econômicas, sem se ocupar efetivamente, portanto, do nível micro dessas atividades. As outras duas abordagens (GCC e GVC) levam mais em conta o nível micro (análise de empresas, de maneira individual, como diferentes empresas multinacionais) e o nível meso (análise de um setor específico, como o automobilístico, por exemplo). Além disso, mostram como os atores responsáveis pelas políticas públicas, e também os que atuam em nível empresarial, atuam procurando obter benefícios potenciais derivados da participação em cadeias (redes) de comércio (mercadorias) e de produção internacionais (BAIR, 2005). Realmente, “Uma série de estudos sobre GCC e GVC explora explicitamente o modo como clusters regionais e distritos industriais são incorporados em sistemas globais de produção, e considera as suas implicações para o desenvolvimento econômico local e o upgrading industrial<sup>10</sup>” (COE et al., 2004).

Uma importante diferença que pode ser estabelecida entre a abordagem do sistema-mundo e a da GCC, além do fato de que a primeira é, por assim dizer, “fundadora”, logo mais antiga, tem a ver com o aspecto de que a primeira coloca ênfase nas relações sociais existentes dentro da divisão internacional do trabalho, apontando para os aspectos de exploração dos países mais fracos pelos mais fortes. A

---

<sup>10</sup> A number of GCC and GVC studies explicitly explore how regional clusters and industrial districts are incorporated into global production systems, and consider their implications for local economic development and industrial upgrading.

estratificação do mundo em países do núcleo capitalista (países desenvolvidos ou do centro e com atividades mais rentáveis, dominando as novas tecnologias), da semiperiferia (países com uma mistura de atividades típicas de países ricos e de países pobres) e da periferia (os mais pobres do planeta), é evidenciada por essa abordagem.

Essa estratificação envolve vários aspectos, como domínio tecnológico, níveis de recompensa ou de retenção da riqueza gerada nas atividades das cadeias, capacidade de competir, entre outros aspectos. A essa hierarquia antes de tudo de natureza econômica, associa-se uma hierarquia de natureza mais política, como se indicou anteriormente, permitindo falar de Estados de centro, semiperiféricos e periféricos.

Por isso, um dos objetivos dos autores da abordagem do sistema-mundo é calcular o valor total dos excedentes resultantes do funcionamento das cadeias de produção ou de mercadorias, para em seguida traçar a distribuição e a repartição desses excedentes entre as várias ligações (os diferentes países, atores, elos) que compõem essas cadeias. Em síntese, o que eles fazem é uma análise sobre a expansão multissecular do capitalismo, salientando problemas como desigualdades, trocas desiguais, entre diferentes países e regiões ao redor do mundo, entre outros aspectos.

A abordagem da GCC, por sua vez, mira o entendimento da organização produtiva e em termos de comercialização das indústrias, ao nível global, identificando todos os atores (sobretudo as firmas) envolvidos na produção, na distribuição e no consumo de produtos específicos. O objetivo principal é entender onde, como, e por quem é criado o valor agregado dentro de uma cadeia. Consequentemente, atenção especial é dada às firmas com mais poderes dentro da cadeia ou da indústria, que são consideradas como os condutores ou líderes dessas estruturas globais.

Um ponto central nessa outra abordagem é a questão da integração cada vez maior das economias (nacionais, regionais) na internacionalização da produção. Com isso, observa-se que a integração de um país dentro das cadeias globais de mercadoria pode mudar a sua trajetória de desenvolvimento. “Investigadores da GCC afirmam que se concentrar nas dinâmicas de poder organizacionais que existem ao longo de uma cadeia permite ver como as perspectivas de desenvolvimento de um país são moldadas por sua participação em redes internacionais de

produção entendida como cadeias globais de mercadorias<sup>11</sup>” (COE et al., 2004, P. 157).

Observe-se que essa integração nas cadeias de mercadorias é caracterizada pela presença e pelo funcionamento de sistemas de coordenação que podem ser liderados tanto por produtores como por compradores. Dessa liderança, ou da hierarquização existente dentro das cadeias de mercadorias, é possível determinar outros tipos de relações entre os atores implicados em qualquer segmento, elo ou território nos quais atuam. Por exemplo, o trabalho de Kaplan and Kaplinsky (1998 apud KAPLINSKY; MORRIS, 2002) focaliza a composição da cadeia de valor de pêssego enlatado, centrada na África do Sul, levando em consideração a questão da distribuição do valor final do produto. Os autores observaram que as atividades realizadas dentro da África do Sul contribuíam com 42,9 % do valor final do produto, e as realizadas fora, com 57,1 %.

Apesar da diferença entre as abordagens do sistema-mundo e do GCC, as duas aceitam a ideia de que através de uma cadeia de mercadoria é possível identificar as várias etapas envolvidas na transformação da matéria-prima em produtos finais. Em resumo, as duas abordagens aceitam o conceito de cadeia de mercadoria como uma construção útil à reflexão sobre a divisão internacional do trabalho característica da produção capitalista. Mas, enquanto na abordagem da GCC existe a possibilidade de desenvolvimento para países que se integram nas cadeias, na abordagem em termos de sistema mundo o desenvolvimento tende a ser visto como uma ilusão como bem salienta Arrighi (1997) em seu livro intitulado “A Ilusão do Desenvolvimento”.

A outra abordagem, relativa às GVC, que serve de base para o estudo do turismo no Haiti, assunto da presente pesquisa, também leva em consideração aspectos micro das atividades econômicas, assim como as relações sociais existentes ao nível da divisão mundial de trabalho. Nessa abordagem há interesse em mostrar o quanto uma empresa, uma localidade, um distrito, um país ou uma região podem usufruir de vantagens e benefícios ao se integrar em atividades de escala global. Desse modo, o objetivo principal dessa abordagem é estudar como as

---

<sup>11</sup> GCC researchers claim that focusing on the organizational power dynamics that exist along a chain allows one to look at how a country’s developmental prospects are shaped by its participation in international production networks understood as global commodity chains.

empresas atuando nessas escalas territoriais podem melhorar a sua posição dentro destas cadeias, de modo a gerar e reter mais valor.

Gerar e reter mais valor dentro das cadeias de valor é um desafio para as empresas em países da semiperiferia e da periferia. A inserção em várias dessas cadeias pode exigir muito esforço em termos de investimentos e de modernização para, poder tirar mais vantagens e benefícios através das ligações que vão ser estabelecidas em cada etapa ou elo da cadeia. Além disso, os desafios das empresas que procuram se integrar nas cadeias de valor podem incluir aspectos intangíveis (marketing, marca, design), ao mesmo tempo em que os desafios podem ser também tangíveis (produção e fabricação).

É a superação desses desafios que pode proporcionar a geração e a retenção de mais valor dentro de uma cadeia. Esses desafios podem ser considerados como barreiras à entrada nas cadeias de valor. Baseando-se nesses desafios, é possível identificar onde firmas, empresas ou países falham (falharam) ou têm (tiveram) sucesso nas suas tentativas em relação às cadeias de valor. Com efeito:

[...] a questão central que parece motivar muitos investigadores do GCC e da cadeia de valor é como (especialmente dos países em desenvolvimento) as empresas podem melhorar a sua posição dentro destas cadeias de modo a gerar e reter mais valor. Para alcançar este objectivo, as empresas precisam entender onde eles se encaixam nas cadeias em que participam<sup>12</sup> (BAIR, 2005, p. 165).

Por exemplo, um trabalho de Dolan e Humphrey (2000) mostra como alguns países da África, especialmente Kenya e Zimbabwe, tiveram sucesso no seu envolvimento na cadeia global de horticultura (vegetais e legumes frescos), liderada por agentes econômicos do Reino Unido – principalmente redes de supermercados –, na Europa. Os autores assinalam que o sucesso foi possível porque foi possível superar, nos países africanos, desafios tanto intangíveis (logística, forma de

---

<sup>12</sup> [.....] the central question that appears to motivate many GCC and value chain researchers is how (especially developing-country) firms can improve their position within these chains so as to generate and retain more value. In order to achieve this objective, firms need to understand where they fit into the chains in which they participate.



conserva, entre outros aspectos) como tangíveis (aumento da produção atendendo a demanda do mercado).

Importa especificar melhor os termos da abordagem em termos de cadeia global de valor, pois aí reside a referência para o desenvolvimento deste trabalho. É preciso detalhar melhor o modo como funcionam as cadeias globais de valor, procurando entender melhor os requisitos necessários para ao *upgrading* das empresas ou dos setores que se envolvem em atividades com escala de operação global.

### **2.1.1 Cadeia global de valor: aspectos básicos**

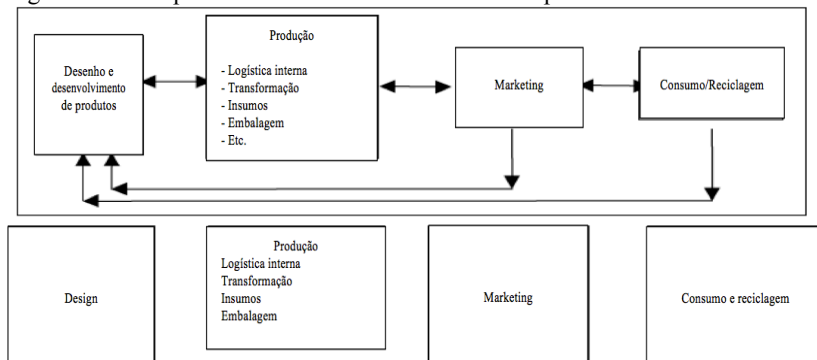
Toda análise que considera o encadeamento de atividades pode se referir, por exemplo, a uma cadeia de valor, uma cadeia de produtos, uma cadeia de atividades, uma rede de produção, uma rede de valor ou uma articulação do tipo de insumo-produto (STURGEON, 2001). Uma cadeia global de valor, que representa uma rede de vínculos, envolve diferentes processos de trabalho, cujo resultado final é uma mercadoria.

Essa rede abrange igualmente atividades de comercialização, em diferentes níveis, além de serviços. Isto é, são levados em consideração muitos aspectos dentro de uma cadeia global de valor, como as fases e os locais implicados pelas atividades que concorrem para a produção e a oferta de uma mercadoria (que é o resultado final do processo). “Na sua forma mais básica, uma cadeia de valor agregado é o processo pelo qual a tecnologia é combinada com insumos materiais e de trabalho e, em seguida, os insumos processados são montados, comercializados e distribuídos <sup>13</sup>” (GEREFFI; HUMPHREY; STURGEON, 2005). A figura 2, a seguir, ilustra os principais elos de uma cadeia de valor simples, estilizada.

---

<sup>13</sup> In its most basic form, a value-added chain is ‘the process by which technology is combined with material and labor inputs, and then processed inputs are assembled, marketed, and distributed.

Figura 2 - Principais elos de uma cadeia de valor simples



Fonte: Elaboração própria com base em Morris e Kaplinsky (2002, p.4)

Todos os insumos necessários para obter esse resultado final (uma mercadoria) representam foco de análise, sem esquecer os recursos humanos, as infraestruturas, os bens de capital e de serviços. Assim, todos os esforços realizados pelos agentes, que envolvem uma relação social do alto para baixo ou de baixo para o alto, dentro do contexto da divisão internacional do trabalho, tendem a ser objeto de atenção.

A cadeia de valor descreve toda a gama de atividades que as empresas e os trabalhadores realizam para trazer um produto desde a sua concepção até o uso final e além. Isso inclui atividades como design, produção, marketing, distribuição e suporte ao consumidor final. As atividades que compõem a cadeia de valor podem estar contidas dentro de uma única empresa ou divididas entre diferentes empresas<sup>14</sup> (GEREFFI; FERNANDEZ-STARK, 2011, p. 4).

---

<sup>14</sup> The value chain describes the full range of activities that firms and workers perform to bring a product from its conception to end use and beyond. This includes activities such as design, production, marketing, distribution and support to the final consumer. The activities that comprise a value chain can be contained within a single firm or divided among different firms.

Atividades (de criação de valor) nas cadeias globais de valor são consideradas como esferas de construção de vantagem competitiva. Uma cadeia global de valor não é um conjunto de atividades independentes, como já sugerido, e sim relacionadas e interconectadas por ligações envolvendo os diferentes elos do encadeamento de funções e práticas (PORTER, 1985 apud MORRIS; KAPLINSKY, 2002). A cadeia global de valor, assim, representa um conceito abrangente, multidimensional, que ajuda a perceber e entender o que é tangível e intangível nessas atividades globais. Outro aspecto é que as atividades dentro de uma cadeia global de valor tendem a ser realizadas por firmas em diferentes territórios nacionais, o que leva à formação de redes de relações interfirmas funcionando em escala global. Portanto, com a identificação de uma rede é possível traçar o percurso de uma mercadoria ou um produto, da sua concepção até seu uso final. De fato,

A abordagem da GVC se concentra nas sequências do valor adicionado dentro de uma indústria, desde a concepção à produção e utilização final. Ela examina as descrições de trabalho, tecnologias, normas, regulamentos, produtos, processos e mercados em setores e lugares específicos, proporcionando assim uma visão holística das indústrias globais tanto de cima para baixo e de baixo para cima<sup>15</sup> (GEREFFI; FERNANDEZ-STARK, 2011, p.2).

Traçando o percurso de uma mercadoria dentro de uma rede ou de uma cadeia, é possível identificar e até mesmo mensurar os ativos ou aspectos tangíveis (capital, investimento, valor agregado em termos reais, número de emprego, entre outros) e intangíveis (marcas, governança, posições hierárquicas), referentes a cada agente ou cada atividade implicado. A análise pode partir do global em direção ao particular, ou do particular rumo ao global, mostrando-se ambiciosa em quaisquer circunstâncias por pretender estudos “totalizantes”, ou seja, que ofereçam visões “completas”.

---

<sup>15</sup> The GVC framework focuses on the sequences of value added within an industry, from conception to production and end use. It examines the job descriptions, technologies, standards, regulations, products, processes, and markets in specific industries and places, thus providing a holistic view of global industries both from the top down and the bottom up.

Um dos seus objetivos, entre outros, é detectar e mostrar os impactos das atividades de indústrias globais sobre as localidades e, ao mesmo tempo, a maneira como a integração de atividades locais em atividades globais pode ser benéfica tanto para atores que atuam em escala global como para aqueles que operam no plano local. Morris e Kaplinsky (2002) sublinham o fato de que atividades informais em países pobres ou em desenvolvimento podem ter ligações com outras atividades formais em escala global, ligadas a grandes empresas localizadas em países do núcleo orgânico (ou do centro de capitalismo).

### **2.1.2 Importância analítica da abordagem em termos de cadeia global de valor**

Para Morris e Kaplinsky (2002, p.9), tendo em vista o aprofundamento e a aceleração dos processos da internacionalização econômica, existem três principais conjuntos de razões pelas quais a análise da cadeia de valor é importante. Importante ponderar também que a abordagem da GVC ajuda a pensar melhor sobre esses pontos. Trata-se do seguinte:

- Com a crescente divisão do trabalho e da dispersão global da produção de componentes, a competitividade sistêmica tornou-se cada vez mais importante.
- A eficiência na produção é apenas uma condição necessária para penetrar com sucesso os mercados globais.
- A entrada em mercados globais, que permite o crescimento da renda sustentada - ou seja, fazer o melhor da globalização -, requer uma compreensão sobre os fatores dinâmicos dentro de toda a cadeia de valor<sup>16</sup>.

---

<sup>16</sup> •With the growing division of labour and the global dispersion of the production of components, systemic competitiveness has become increasingly importante.

• Efficiency in production is only a necessary condition for successfully penetrating global markets.

• Entry into global markets which allows for sustained income growth – that is, making the best of globalisation - requires an understanding of dynamic factors within the whole value chain.

Para Sturgeon (2001), a abordagem da cadeia global de valor é diferente das outras duas abordagens, pois leva em consideração detalhes e aspectos da economia mundial que são marginalizados pelas outras abordagens. Por exemplo, os atores concretos (governo, instituições, empresas, comunidades) operando numa GVC são identificados. É uma abordagem que ajuda a entender com mais apreço o papel das relações particulares (ou individuais) entre as firmas ou as empresas, ilustrando, portanto, também a presença de considerações de natureza política e de exercício de poder. Esses últimos aspectos têm impactos no processo de desenvolvimento de um país, representando elementos e aspectos cruciais para a elaboração de medidas de políticas de desenvolvimento econômico e de estratégias de negócios que podem se mostrar eficazes para a dinamização da economia e gerar resultados em termos de empregos e renda, entre outros.

Com a abordagem da cadeia global de valor, que tem escopo micro (por exemplo, uma empresa individual) e meso (por exemplo, um conjunto de empresas de um setor), seria possível identificar o envolvimento de tipos específicos de agentes ou atores, individualmente. Nessa abordagem, um ator específico e concreto da cadeia pode se tornar um objeto de estudo, e suas ligações com outros atores dentro da mesma cadeia e até, possivelmente, com outras cadeias podem ser identificadas e traçadas. Como diz Sturgeon (2001, p. 1), “O que é revelado nos estudos de cadeias de valor da indústria são os atores concretos na economia global, bem como os vínculos que os unem em um conjunto maior<sup>17</sup>”.

As pesquisas sobre as cadeias globais sugerem como a integração nessas tramas de vínculos pode acelerar o *upgrading* de um local. Gereffi e Fernandez-Stark (2011) argumentam, com efeito, que a cadeia global de valor representa uma abordagem em que se destaca o entendimento de como é possível o *upgrading* para os países, as empresas e as instituições implicadas, em direção a uma melhor posição em meio às relações correspondentes. Nessa perspectiva, enxerga-se na integração a uma cadeia a possibilidade de melhores empregos, diminuição de desemprego, acesso a tecnologia de ponta e diversificação de mercadorias e processos produtivos. Para certos pesquisadores, mais ainda, fazer parte de cadeias adquiriu status de

---

<sup>17</sup> What is revealed in studies of industry value chains are the concrete actors in the global economy as well as the linkages that bind them into a larger whole.

procedimento estratégico e incontornável, para que se logre melhoria nas condições de atuação e nos resultados, em diferentes sentidos.

A prática da cadeia de valor tornou-se a condição sine qua non do desenvolvimento das empresas e das indústrias nos últimos anos e está agora a ser aplicada a uma vasta gama de domínios conexos, incluindo a responsabilidade social das empresas, o género, a segurança alimentar e a redução da pobreza, além de desenvolvimento de empresas e indústrias<sup>18</sup> (GEREFFI; FERNANDEZ-STARK; PSILOS, 2011, p. 6).

A integração de um local ou uma atividade nas cadeias globais pode requerer qualificação e treinamento de recursos humanos, o que representa potencial para a transferência e a absorção de conhecimento em diversos níveis ou locais. Sobre esses benefícios e outros da integração dos locais nas cadeias globais, Gereffi, Fernandez-Stark e Psilos (2011) destacam o seguinte:

[...] a perspectiva da GVC ajuda a esclarecer o papel dos padrões de treinamento e certificações de produtos e processos para ajudar as forças de trabalho dos países em desenvolvimento a obterem maior portabilidade de habilidades, melhores condições de trabalho e uma integração potencialmente mais produtiva na economia mundial<sup>19</sup> (p.8).

Em resumo, a cadeia global pode proporcionar oportunidades de ascensão em diferentes sentidos, para os agentes implicados, permitindo, assim, a agregação de mais valor em nível de país ou região, algo necessário para o desenvolvimento. Mas, acredite-se que para que

---

<sup>18</sup> Value chain practice has become the sine qua non of enterprise and industry development in recent years, and it is now being applied to a broad range of related fields, including corporate social responsibility, gender, food security and poverty reduction, in addition to enterprise and industry development.

<sup>19</sup> Finally, the GVC perspective helps to shed light on the role of training standards and product and process certifications in helping developing country workforces obtain greater skill portability, better working conditions and potentially more productive integration into the world economy.

isso aconteça, sejam necessárias políticas públicas, envolvendo vários níveis de governo, e estratégias também da parte do setor privado que se revelem capazes de superar os diferentes desafios em relação aos ativos tangíveis e intangíveis, já mencionados anteriormente.

Deve-se salientar, todavia, que em não poucos casos, apesar de uma integração nas cadeias com o amparo do setor público e caracterizada por iniciativas no âmbito do setor privado, no sentido de superar os desafios, observa-se o agravamento das situações de exploração da força de trabalho. Desse modo, a questão da habilidade dos atores envolvidos, de saberem como tirar mais vantagens e benefícios dentro de uma cadeia global, é crucial, especialmente no tocante aos trabalhadores.

Para muitos países, especialmente os países de baixa renda, a capacidade de inserir-se eficazmente em GVCs é uma condição vital para o seu desenvolvimento. Isto supõe uma capacidade de acessar GVCs, para competir com sucesso e "capturar os ganhos" em termos de desenvolvimento econômico nacional, construção de capacidade e gerar mais e melhores empregos para reduzir o desemprego e a pobreza. Assim, não é apenas uma questão de participar ou não da economia global, mas de como fazê-lo de maneira a obter ganhos.<sup>20</sup> (GEREFFI; FERNANDEZ-STARK, 2011, p.2).

Os mesmos autores ultimamente citados apontam para o fato de que essa abordagem permite a análise de diversos setores, tais como: vestuário, eletrônica, turismo e outros tipos de serviços, inclusive terceirizados, entre outros. Ela permite também analisar os diferentes laços que ligam distintos empresários, trabalhadores e consumidores ao

---

<sup>20</sup> For many countries, especially low-income countries, the ability to effectively insert themselves into GVCs is a vital condition for their development. This supposes an ability to access GVCs, to compete successfully and to "capture the gains" in terms of national economic development, capability building and generating more and better jobs to reduce unemployment and poverty. Thus, it is not only a matter of whether to participate in the global economy, but how to do so gainfully.

redor do mundo, vinculados de um modo ou de outro a uma atividade econômica com escala global.

### **2.1.3 Funcionamento das Cadeias Globais de Valor**

Kaplinsky e Morris e (2002) salientam três pontos chaves a serem considerados na análise do funcionamento de uma cadeia. O primeiro ponto tem a ver com o que se chama de barreiras à entrada e também com o rendimento (renda). Como se indicou na definição, uma cadeia envolve atividades situadas em vários locais ao redor do mundo, e tais locais são escolhidos pelos condutores ou principais líderes da cadeia, que levam em consideração as capacidades presentes para fortalecer a própria cadeia, no curto, no médio ou no longo prazo.

Desse modo, esses locais devem possuir atributos capazes de representar rendas para a cadeia como um todo, permitindo, assim, uma crescente agregação de valor no interior dela. Esses atributos podem ser tangíveis, como no tocante à produção (diferenciação de produtos, inovação ao nível dos produtos e serviços), à dotação de recursos naturais e à disponibilidade de tecnologias adequadas. Podem ser também intangíveis, como no que se refere a design (concepção de produto), marketing, coordenação, empreendedorismo (espírito empresarial) e capacidade e habilidade para acompanhar a evolução dos processos e das novas tecnologias, implicando recursos humanos qualificados.

Essas características (que não são distribuídas de modo igual em todos os territórios, não sendo, portanto, encontradas em todos os países e regiões) representam barreiras à entrada nos locais carentes de certos atributos e de capacidade para proporcionar resultados positivos, sobretudo para as atividades melhor posicionadas nas cadeias. Consequentemente, os melhores resultados se apresentam para locais e agentes com maior domínio sobre as atividades ou condições consideradas. Esses atributos levam ao que se chama de renda econômica, que pode derivar, por exemplo, do domínio de várias capacidades no interior das empresas, tais como as tecnológicas e organizacionais e as habilidades e capacidades no âmbito do marketing (como nomes de marca). Com efeito,

A cadeia de valor é um constructo importante para se compreender a distribuição de retornos decorrentes de concepção, produção, marketing,



coordenação e reciclagem. Essencialmente, os retornos primários revertem para as partes que são capazes de se proteger da concorrência. Esta capacidade de isolar atividades pode ser encapsulada pelo conceito de renda, que surge a partir da posse de atributos escassos e envolve barreiras à entrada<sup>21</sup> (KAPLINSKY; MORRIS, 2002, p.25).

É importante assinalar mais uma vez que o ambiente da cadeia global de valor envolve competição. Portanto, os atores que já apresentam raízes profundas nas cadeias vão sempre procurar ganhar mais. As barreiras à entrada ligadas à limitada presença de certas habilidades, por exemplo, seriam “naturais”. Mas acredita-se que as barreiras à entrada podem ser também criadas ou fortalecidas de propósito.

Algumas [barreiras] surgem a partir do comando sobre os recursos naturais escassos (tais como o acesso a depósitos de diamantes), e outras são fornecidas por entidades externas à cadeia. Por exemplo, uma política governamental eficiente facilita à empresa a obtenção de rendas econômicas pelo oferecimento de um melhor acesso às habilidades humanas e a melhor infraestrutura e uma intermediação financeira mais eficiente do que em países concorrentes. Os governos também podem proteger os produtores da concorrência, não apenas através de políticas específicas de empresas, como controles de importação, mas também através de políticas específicas de fatores, como o controle sobre a

---

<sup>21</sup> The value chain is an important construct for understanding the distribution of returns arising from design, production, marketing, coordination and recycling. Essentially, the primary returns accrue to those parties who are able to protect themselves from competition. This ability to insulate activities can be encapsulated by the concept of rent, which arises from the possession of scarce attributes and involves barriers to entry.

imigração<sup>22</sup> (KAPLINSKY; MORRIS, 2002, p.28).

O segundo ponto importante na análise do funcionamento da cadeia global de valor diz respeito à questão da governança. Com a divisão do trabalho entre firmas localizadas em territórios distantes, é necessária a coordenação dos laços que ligam essas firmas, para que os produtos ou serviços projetados saiam como foram planejados. Para que isso aconteça, deve existir governança, e ela está nas mãos da entidade, da empresa ou da organização que detém a capacidade de coordenar as atividades da cadeia, de capacitar alguns participantes particulares, promovendo, assim, o *upgrading* das respectivas atividades (KAPLINSKY; MORRIS, 2002). Gereffi (1994, p. 97 apud GEREFFI; FERNANDEZ-STARK, 2011, p.8), por sua vez, define governança como “autoridade e relações de poder que determinam como recursos financeiros, materiais e humanos são alocados e devem fluir dentro de uma cadeia<sup>23</sup>”.

Podem existir vários níveis de governança dentro de uma cadeia, pois há atores chaves ao nível nacional, regional e global. É um conceito que leva a entender que existe uma separação de poder ou de papéis dentro da cadeia, entre os principais atores chaves. Não existe necessariamente a proeminência permanente de um ator sobre os demais. A proeminência de um ator depende da sua capacidade de inovar, de coordenar e de capacitar a cadeia para que haja sempre *upgrading* das atividades que protagoniza.

No entanto, a coordenação não exige que uma única empresa se engaja nestes papéis. Na verdade pode muito bem haver uma multiplicidade de pontos nodais de funções de governança e de coordenação. Além disso, esses pontos nodais

---

<sup>22</sup> Some [barriers] arise from the command over scarce natural resources (such as access to deposits of diamonds), and others are provided by parties external to the chain. For example, efficient government policy makes it easier for the firm to construct economic rents through providing better access to human skills, and better infrastructure and more efficient financial intermediation than in competitor countries. Governments may also protect producers from competition, not just through firm-specific policies such as import-controls, but also through factor-specific policies such as controls on immigration.

<sup>23</sup> "authority and power relationships that determine how financial, material and human resources are allocated and flow within a chain”.

podem mudar ao longo do tempo, na medida em que a proeminência atribuída a diferentes empresas/atores se desloque dentro de uma cadeia de valor<sup>24</sup> (KAPLINSKY; MORRIS, 2002, p. 29).

Dependendo do objetivo analítico do pesquisador com respeito aos níveis de governança existentes dentro de uma cadeia, podem ser observadas diferentes abordagens. Por exemplo, de acordo com Kaplinsky e Morris (2002), existem três formas de governança dentro de uma cadeia.

Primeiramente, as regras básicas que definem as condições para a participação na cadeia precisam ser definidas. Os atores responsáveis pelo estabelecimento dessas regras fazem parte do chamado “governança legislativa”. Os atores encarregados de cuidar do cumprimento dessas regras ou de coordenar a conformidade daquelas regras dentro da cadeia fazem parte da chamada “governança judicial”. E, finalmente, os atores que prestam assistência aos participantes da cadeia nos diferentes elos, de maneira ativa para que haja cumprimento e funcionamento dessas regras, fazem parte da chamada “governança executiva” (KAPLINSKY; MORRIS, 2002).

É necessário ressaltar nessa primeira abordagem dos níveis de governança dentro de uma cadeia global, que o não cumprimento das regras estabelecidas não resulta sempre, automaticamente, em sanções negativas ou à exclusão de um membro da cadeia, pois pode existir assistência para ajudar aqueles que falham em algumas regras, frustrando o alcance dos níveis de desempenho exigidos (papel exercido pela governança executiva). Mas para que isso aconteça, devem existir relacionamentos caracterizados por alta confiança entre os agentes envolvidos, uma situação em que o líder da cadeia tem a legitimidade reconhecida pelos outros atores, nos restantes elos. Kaplinsky e Morris (2002) veem a Toyota e seus fornecedores como um caso nesta questão, em relação a esse aspecto. Relações de baixa confiança com baixos níveis de legitimidade costumam exibir uma alta taxa de "rotatividade" entre os fornecedores, em razão das sanções negativas e da exclusão

---

<sup>24</sup> However, coordination does not require that a single firm engages in these roles. Indeed there may well be a multiplicity of nodal points of governance and coordination functions. Furthermore these nodal points may change over time as the prominence accorded to different firms/actors shifts within a value chain.

quando ocorre falha no desempenho em alcançar a metas e no respeito de outros princípios internos às cadeias.

Assim, é importante a existência de uma relação de confiança entre os atores chaves posicionados nos diferentes pontos de governança e entre os diferentes membros. Essa confiança se for alta, garantirá uma relação duradoura, e, se for baixa, dificilmente a relação se manterá ao longo do tempo.

Outra abordagem sobre a governança leva em consideração dois (2) tipos de cadeias globais, que são: a) cadeias globais de valor comandadas ou governadas por um comprador no ápice da cadeia; b) cadeias globais de valor governadas por um produtor no ápice da cadeia. O primeiro tipo é caracterizado por indústrias que necessitam grande intensidade de trabalho, comparativamente, estando geralmente localizadas, em maior número, em países da periferia e da semiperiferia do capitalismo. No tocante à “identificação” setorial, cabe assinalar que um traço destacado é a presença forte da produção de bens não duráveis de consumo.

Cadeias de produção governadas por comprador referem-se aos setores em que grandes redes de varejistas, comerciantes e fabricantes de marca desempenham papéis pivôs (de articulações) no estabelecimento de redes de produção descentralizadas em uma variedade de países exportadores, comumente localizados no Terceiro Mundo. Este modelo de industrialização liderado pelo comércio tornou-se comum nas indústrias de bens de consumo, que precisam uma força de trabalho intensiva, tais como: roupas, sapatos, brinquedos, utensílios domésticos, eletrônica e uma variedade de artesanatos. A produção geralmente é levada a cabo por redes empreiteiros do Terceiro Mundo que realizam produtos acabados para os compradores estrangeiros. As especificações são fornecidas pelos grandes distribuidores ou comerciantes que ordenam os artigos.<sup>25</sup> (GEREFFI, 2001, p. 15-16).

---

<sup>25</sup> Las cadenas productivas destinadas al comprador se refieren a aquellas industrias en las que los grandes detallistas, los comercializadores y los fabricantes de marca juegan papeles de pivotes en el establecimiento de redes de producción descentralizada en una

Como exemplos de empresas que fazem parte de cadeias comandadas por compradores, pode-se citar Wal-Mart, Sears Roebuck e J.C Penny, grandes varejistas. Como exemplos de companhias de calçados de esportes, têm-se Nike e Reebok. E como empresas que atuam na indústria do vestuário, envolvendo-se como moda, vale ilustrar com The GAP e The Limited. Essas últimas, assim como as de calçados esportivos, concebem, desenham e comercializam os produtos, de cujas marcas são proprietárias, mas, em geral, não os fabricam (são consideradas na literatura, portanto, fabricantes sem fábricas).

No caso das cadeias governadas por produtores, observa-se a presença de uma dominância tecnológica, envolvendo a capacidade de coordenar laços existentes entre as firmas, assim como de dar assistência de maneira eficiente aos fornecedores e aos clientes. Um aspecto definidor desse tipo de cadeia é que quem exerce a governança, o comando, é, ele próprio, fabricante. Os setores industriais implicados nesse tipo de cadeia tendem a ser mais intensivos em tecnologia e em capital, comparativamente falando. Percebe-se uma concentração de atividades intangíveis nesse tipo de cadeia, tais como o design e a gestão de marcas e a coordenação da própria cadeia. Indústrias de capital e de tecnologia intensiva, tais como automóveis, aviões, computadores, semicondutores e maquinaria pesada, são consideradas ilustrativas desse tipo de cadeia (MORRIS; KAPLINSKY, 2002). Na maioria das vezes, as atividades se localizam em países do núcleo orgânico, notadamente no que concerne aos elos das cadeias onde se agrega mais valor ao produto e onde se realizam as atividades mais “nobres”.

As cadeias produtivas conduzidas por produtores são aquelas em que os grandes fabricantes, comumente transnacionais, desempenham papéis centrais na coordenação de redes de produção (incluindo as suas ligações para trás e para frente).

---

variedad de países exportadores, comúnmente localizados en el tercer Mundo. Este modelo de industrialización dirigida al comercio se ha hecho común en las industrias de artículos para el consumidor -que cuentan con una fuerza de trabajos intensiva-, tales como la del vestuario, zapatos, juguetes, artículos para el hogar, electrónica y una variedad de artesanías. La producción generalmente la llevan a cabo redes de contratistas del Tercer Mundo que realizan artículos terminados para compradores extranjeros. Las especificaciones son suministradas por los grandes mayoristas o comerciantes que ordenan los artículos.

[...] A indústria automotiva é uma ilustração clássica de uma cadeia dirigida por produtor, com sistemas multilaterais de produção que envolvem milhares de empresas (incluindo sedes, subsidiárias e subcontratadas)<sup>26</sup> (GEREFFI, 2001, p.14).

Sugerindo que é sempre fácil delimitar de maneira clara algumas características das cadeias governadas por compradores e das governadas por produtores, Kaplinsky e Morris (2002) acreditam que uma mesma cadeia pode ter características de ambos os tipos. Os autores assinalam que os ativos intangíveis podem ser encontrados em todos os elos, como, por exemplo, o controle da logística na fase de produção e a etapa conceitual com respeito à publicidade. Muitas vezes é difícil saber se uma cadeia é mais intensiva em ativos tangíveis ou intangíveis.

De toda maneira, Gereffi (2001) salienta o fato de que nas cadeias comandadas por compradores, a competição entre os atores costuma ser mais intensiva ou alta, e a descentralização global das fábricas mostra-se uma importante e recorrente característica. Já nas cadeias comandadas por produtores, observa-se a atuação de grandes oligopólios, representando altas barreiras à entrada.

Percebe-se também que as cadeias comandadas por produtores são mais propensas a serem caracterizadas pelo investimento direto estrangeiro (IDE), comparativamente às cadeias lideradas por compradores, pois estas envolvem mais fortemente a subcontratação ou/e terceirização internacional: de fato, firmas dos países centrais encomendam a produção junto a firmas atuando em países menos desenvolvidos, como Bangladesh ou Nicarágua, entre outros (KAPLINSKY; MORRIS, 2002).

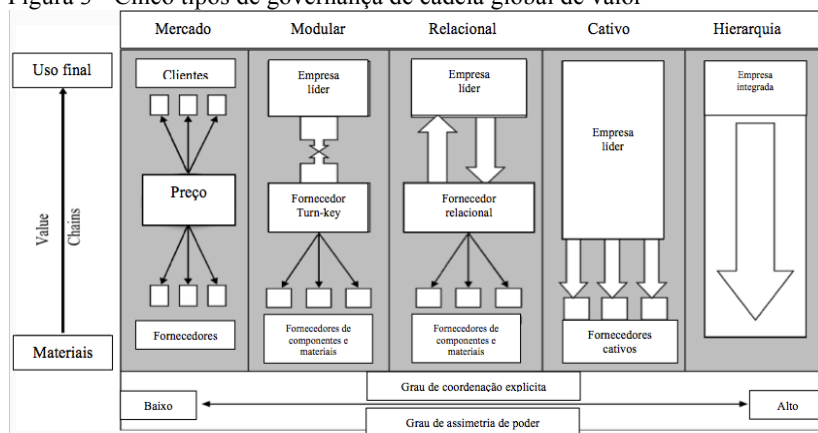
Um trabalho mais ou menos recente, elaborado por Gereffi et al. (2011), identifica cinco tipos de governança (assunto que não vai ser explorado neste trabalho), baseando-se em nas seguintes variáveis: a complexidade da informação circulante entre os atores da cadeia; o modo como a informação necessária à produção pode ser codificada; e o

---

<sup>26</sup> Las cadenas productivas dirigidas al productor son aquellas en las que los grandes fabricantes, comúnmente trasnacionales, juegan los papeles centrales en la coordinación de las redes de producción (incluyendo sus vínculos hacia atrás y hacia delante). [.....]. La industria automotriz constituye una ilustración clásica de una cadena dirigida al productor, con sistemas de producción multilaterales que involucran a miles de empresas (incluyendo parientes, subsidiarias y subcontratistas).

nível de competência do fornecedor. A partir disso, os tipos de governança identificados, discutidos, sobretudo em Gereffi, Humphrey e Sturgeon (2005), são: de mercado, isto é, horizontal (onde o preço domina); modular (com papel importante dos fornecedores, da tecnologia de informação e das normas de intercâmbio de informações); relacional (em que compradores e vendedores dependem de informações complexas que não são facilmente transmitidas ou aprendidas); cativa (exibindo alto grau de monitoramento e controle exercidos pela empresa líder); e hierarquizada (no extremo oposto do primeiro tipo, representando integração vertical e controle gerencial concentrado nas empresas líderes). A figura 3, a seguir, ilustra esses tipos de governança.

Figura 3 - Cinco tipos de governança de cadeia global de valor



Fonte: Elaboração própria com base em Gereffi; Humphrey; Sturgeon (2005, p. 89)

Diferentes aspectos dessas diversas abordagens podem ser identificados em qualquer cadeia. Mas, dependendo do objetivo da pesquisa ou da análise do autor, geralmente ocorre a escolha de uma abordagem. No caso deste trabalho, focado na cadeia global de turismo, e inspirando-se na pesquisa de Christian et al. (2011) sobre a integração de Costa Rica, Jordânia e Vietnã na cadeia global de turismo, percebe-se que tal cadeia é uma cadeia comandada por produtores. Assim se considera porque trata-se de cadeia caracterizada por investimentos diretos estrangeiros (IDE), sobretudo em hotéis de luxo, seguindo

padrões internacionais. Observa-se também a existência de grandes oligopólios e de altas barreiras à entrada, sobretudo no segmento turístico relativo a cruzeiros, cujo destaque no turismo internacional é elevado, e no qual se observa uma total dominância das principais tecnologias pelos atores líderes, normalmente originários de países mais ricos.

O terceiro ponto, nas considerações de Kaplinsky e Morris (2002) sobre o que é importante no estudo das cadeias, refere-se às quatro dimensões básicas de manifestação dessas estruturas de produção e troca em escala global, conforme apontado, igualmente, por Gereffi et al. (2011). Uma delas tem a ver com o fato de as cadeias representarem, antes de tudo, estruturas de tipo insumo-produto, referentes às principais atividades/segmentos (pesquisa e design, envolvendo concepção do produto, insumos, produção, distribuição, comercialização, vendas e, em alguns casos, reciclagem de produtos após o uso), com reflexos na caracterização da dinâmica e da estrutura das empresas, um aspecto que remete a traços como esfera (estatal, privada) e porte (grande, médio ou pequeno, entre outros), conforme os segmentos das cadeias.

Outra dimensão diz respeito ao escopo (estrutura) geográfico, que permite inclusive identificar as empresas líderes em cada segmento da cadeia levando-se em conta as diferentes escalas geográficas de atuação (local, nacional, regional, global). A terceira dimensão tem a ver com a já abordada problemática da governança, na esfera da qual se obtém o entendimento de como uma cadeia é controlada e coordenada quando certos agentes (atores) têm mais poder do que outros; é essa estrutura (autoridade e relações de poder) que determina como os recursos financeiros, humanos e matérias são alocados e fluem dentro da cadeia. A quarta dimensão refere-se ao contexto (a estrutura) institucional, permitindo ver como as condições e as políticas locais, nacionais e internacionais podem moldar a globalização de uma atividade (segmento/elo) de uma cadeia. Gereffi et al. (2011, p. 11) salientam o seguinte a respeito desses aspectos:

GVCs estão embutidas dentro de dinâmicas econômicas, sociais e institucionais locais. A inserção na GVC depende significativamente destas condições locais. As condições econômicas incluem a disponibilidade de insumos essenciais: os custos do trabalho, infraestrutura disponível e acesso a outros recursos, tais como finanças; contexto social governa a disponibilidade de mão



de obra e do seu nível de habilidade, como a participação feminina na força de trabalho e acesso à educação; e, finalmente, instituições incluem a regulamentação fiscal e laboral, subsídios e educação e política de inovação que podem promover ou prejudicar o crescimento e desenvolvimento da indústria<sup>27</sup>.

### 2.1.4 Possibilidades de upgrading na cadeia global de valor

Falar de *upgrading* dentro de uma cadeia global de valor leva a pensar em dois extremos, em relação às diferentes estruturas e características de uma cadeia, discutidas anteriormente no trabalho. Para se referir de uma maneira específica a esses extremos, importa pensar nas firmas líderes, “de cima” (*at the top*), que detêm a governança da cadeia, e naquelas “de muito baixo” (*at the bottom*), que precisam desenvolver capacidades para poder ascender (*upgrading*) dentro da cadeia.

A abordagem da GVC analisa a economia global a partir de dois pontos de vista contrastantes: de cima para baixo e de baixo para cima. O conceito chave para o ponto de vista de cima para baixo é a "governança" das cadeias globais de valor, que se concentra principalmente em empresas líderes e a organização de indústrias internacionais; e o conceito principal para a perspectiva de baixo para cima é "upgrading", que incide sobre as estratégias utilizadas pelos países, regiões e outros agentes econômicos para manter ou melhorar as suas posições na economia global<sup>28</sup> (GEREFFI; FERNANDEZ-STARK, 2011, p. 12).

---

<sup>27</sup> GVCs are embedded within local economic, social and institutional dynamics. Insertion in the GVC depends significantly on these local conditions. Economic conditions include the availability of key inputs: labor costs, available infrastructure and access to other resources such as finance; social context governs the availability of labor and its skill level, such as female participation in the labor force and access to education; and finally institutions includes tax and labor regulation, subsidies, and education and innovation policy that can promote or hinder industry growth and development.

<sup>28</sup> The GVC approach analyzes the global economy from two contrasting vantage points: top down and bottom up. The key concept for the top down view is the “governance” of global value chains, which focuses mainly on lead firms and the organization of

Existem estudos que mostram esforços da parte de governos de países na semiperiferia e periferia do capitalismo, desejosos de promover um movimento para níveis mais próximos ao patamar de desenvolvimento dos países do centro. Um exemplo é Chang (2002), que mostra esse esforço no caso de alguns países asiáticos que criaram condições atrativas para o capital global. A necessidade de esforços nesses termos, objetivando a convergência para níveis mais próximos do desenvolvimento atingido pelos países do centro, é considerada como algo custoso, como salienta Albuquerque (1996), sem que essa aproximação sempre ocorra quando se protagonizam iniciativas com esse fim. Cabe ressaltar que este autor considera os países com menor nível de desenvolvimento como sendo “atrasados”; nesta dissertação, entretanto, considera-se mais adequado considerá-los simplesmente como países integrantes da semiperiferia e periferia do capitalismo. Diz Albuquerque (1996, p. 15):

[...] as oportunidades que podem ser abertas pela globalização [...] não são aproveitadas sem esforço dos países atrasados. [...] parece que a própria oportunidade surge como resposta a iniciativas internas do país: uma transnacional [certamente] se interessará por uma boa infraestrutura tecnológica localizada em um país periférico.

Para alguns autores, a própria possibilidade de *upgrading* depende de um adequado relacionamento com as firmas líderes, e isso é considerado ainda mais difícil para os atores recém-chegados na cadeia. Com efeito, *upgrading* significa “[...] melhoria de posição de uma firma dentro da cadeia, e esta é geralmente associada com aumento de competitividade que permite a captura de maior valor agregado através do processo de produção<sup>29</sup>” (BAIR, 2005, p.165). Para que seja possível este “salto” dentro da GVC, se faz necessário o entendimento da lógica de funcionamento dessa estrutura. Não é uma questão apenas de saber

---

international industries; and the main concept for the bottom up perspective is “upgrading,” which focuses on the strategies used by countries, regions, and other economic stakeholders to maintain or improve their positions in the global economy.

<sup>29</sup> The value chain literature defines upgrading as improving a firm’s position within the chain, and this is generally associated with increased competitiveness that allows for the capture of greater value-added through the production process.

integrar-se na cadeia e através dela gerar valor, mas também, e principalmente, de saber como agregar valor, e quais as estratégias necessárias para que isso aconteça.

Importa destacar mais uma vez que as firmas líderes das cadeias globais de valor são normalmente aquelas do centro da economia mundial, que atuam como agentes ou atores estratégicos no coração da rede (cadeia), controlando as informações importantes, as habilidades e os recursos necessários para que o conjunto funcione a contento. E essas corporações do centro, empresas líderes de cadeias, exibem tendência a mudar de uma produção de alto volume para uma produção de alto valor (GEREFFI, 2001).

Termos como “*catching up*” e “*upgrading*” são usados para referir a esse esforço de tentativa de aproximação, pelos países da semiperiferia e da periferia, a níveis mais próximos dos países avançados ou do centro. As oportunidades nesse sentido podem aparecer, mas aqueles países precisam desenvolver internamente algumas capacidades. Trata-se de capacidade de absorção de novas tecnologias e novas técnicas que aparecem com as mudanças que acontecem ao longo do processo de desenvolvimento das cadeias (para a efetivação do processo de upgrading, esforços internos dos países com menor nível de desenvolvimento são indispensáveis, sendo isso necessário para a construção de capacitação social). O mesmo se aplica à capacidade produtiva (capacidade de implementar os componentes de um dado sistema de produção), à capacidade tecnológica (relativa aos recursos necessários para gerar e gerenciar a mudança técnica). O resultado é o “Upgrading econômico, [...] definido como o movimento de empresas, países ou regiões para atividades de maior valor nas GVC, a fim de aumentar os benefícios (por exemplo, segurança, lucros, valor agregado, capacidades) decorrentes da participação na produção global<sup>30</sup>” (GEREFFI, 2005b, p. 171 apud GEREFFI; FERNANDEZ-STARK, 2011, p. 12).

Assim, tem sentido pensar que as instituições locais e nacionais desempenham papéis relevantes e estratégicos no processo de desenvolvimento econômico, no que respeita à dinâmica do *upgrading*. É importante frisar que falar em fases remete à ideia de que o processo

---

<sup>30</sup> Economic upgrading is defined as firms, countries or regions moving to higher value activities in GVCs in order to increase the benefits (e.g. security, profits, value-added, capabilities) from participating in global production.

de *upgrading* é algo dinâmico. “O sucesso [reside] em identificar o término de uma fase do processo e iniciar as medidas institucionais necessárias à próxima [...]” (ALBUQUERQUE, 1996, p. 29).

Desse modo, para que haja *upgrading*, as firmas precisam se envolver efetivamente, identificando suas capacidades e fortalecendo-as ao mesmo tempo. Realmente, as empresas precisam examinar suas capacidades, para determinar aqueles de seus atributos que:

- fornecem valor ao consumidor final;
  - são relativamente únicos no sentido de que são somente alguns concorrentes os detêm;
  - são difíceis de copiar, que é onde tendem a incidir barreiras à entrada;
- (KAPLINSKY; MORRIS, 2002, p. 37).

A capacidade de uma empresa ou firma de inovar, e assim se beneficiar dos frutos do *upgrading* dentro de uma cadeia, decorre, em boa parte, desses atributos. Sem o desenvolvimento de capacidades dinâmicas, base e aspecto do *upgrading*, dificilmente uma empresa ou uma firma consegue auferir lucros no longo prazo, pelo controle de uma parcela relevante do mercado.

O desenvolvimento dessas capacidades, na firma ou na empresa, pode surgir em relação com: seus processos internos que facilitam a aprendizagem, incluindo a capacidade de reconfigurar o que a empresa tem feito no passado; sua posição com relação ao acesso a competências específicas quer no interior das suas próprias atividades, ou com respeito àquelas oriundas do sistema regional ou nacional de inovação; seu caminho, isto é, sua trajetória, já que a mudança é sempre dependente do caminho percorrido até então (KAPLINSKY; MORRIS, 2002).

Além de vinculadas aos esforços necessários e importantes das firmas em termos micro e ao nível local, regional ou nacional, as ações protagonizadas implicam a realização de mais esforços ainda em escala global, para lograr sucesso no destaque no interior dentro da cadeia e também para poder, em seguida, melhorar seu posicionamento dentro da cadeia. De fato, é importante considerar que o esforço que as empresas devem realizar de maneira isolada (ou ainda em escala local, nacional e regional) é diferente, no tocante às exigências, por exemplo, daquele que mira a inserção no sistema mundial, ou, como se aborda neste trabalho, na cadeia global de valor.

Kaplinsky e Morris (2002) identificam quatro estratégias que as empresas podem adotar na busca do objetivo de modernização (de

*upgrading*) dentro de uma cadeia global. Essas estratégias referem-se a diferentes modalidades de *upgrading*. Trata-se de:

- 1) *Upgrading* em processo: aumento da eficiência dos processos internos, de modo a que estes se tornem significativamente melhores do que os dos rivais;
- 2) *Upgrading* em produtos: introdução de novos produtos ou melhoria de produtos já existentes, de modo mais rápido do que os rivais;
- 3) *Upgrading* funcional: adaptação funcional para aumentar o valor agregado, alterando o mix de atividades realizadas dentro da empresa ou movimentando o lócus de atividades para diferentes elos da cadeia de valor;
- 4) *Upgrading* de cadeia: mudança para uma nova cadeia de valor.

De todo modo, como frisa Albuquerque (1996, p. 29), “O aproveitamento das oportunidades para os processos de *upgrading* ou *catching up* não é automático e nem sem custo e esforço”. Por isso é importante salientar que, para que o *upgrading* aconteça, é preciso à conjugação de esforços de um conjunto de atores e setores: “Para que essa capacidade de absorção se desenvolva, uma ampla rede de relações entre as firmas e instituições de apoio deve ter lugar” (Ibid.). Também Gereffi e Fernandez-Stark (2011, p.12) salientam que “Diversas misturas de políticas governamentais, instituições, estratégias empresariais, tecnologias e competências dos trabalhadores são associados com sucesso em *upgrading*<sup>31</sup>”.

Com base em tudo o que foi dito até agora, importa salientar, antes de terminar esta parte do capítulo, que a integração na cadeia global de valor não significa somente, e sempre, ganhos para todos. Alguns atores conseguem tirar benefícios e vantagens expressivos, mas outros perdem em vez de ganhar, ou perdem mais do que ganham.

Seja como for, o aprofundamento da globalização é um dado da realidade contemporânea, e os ganhos que dela decorrem podem ser também significativos, conforme destacam, entre outros, Kaplinsky e Morris (2002). Tais ganhos proporcionam poder econômico e poder político para os beneficiários. Todavia, se existem beneficiários, podem também existir – e existem – “vítimas”. Aqueles autores identificam

---

<sup>31</sup> Diverse mixes of government policies, institutions, corporate strategies, technologies, and worker skills are associated with upgrading success.

algumas esferas de aspectos negativos para as “vítimas” do aprofundamento da globalização. Trata-se das esferas relativas à: a) os que foram excluídos da globalização; b) os que sofreram com a globalização; e c) os que ganharam, mas continuam pobres.

Essa questão remete, naturalmente, ao problema relativo ao aprofundamento da desigualdade na distribuição de renda entre países, regiões e grupos sociais. A desigualdade entre trabalhadores qualificados e não qualificados, por exemplo, cresceu em muitas partes do mundo, sobretudo nas atividades intensivas em mão de obra, como na indústria de vestuário. Essa clivagem assinala-se desde já, é bastante visível também na cadeia global de turismo, sobre a qual se fala na sequência. Portanto, e numa palavra, “A globalização está a progredir em escala e escopo, mas os resultados práticos são desigualmente distribuídos entre empresas, países e regiões<sup>32</sup>” (HJALAGER, 2007, p. 452).

Ilustrações desse processo não faltam. Na República Dominicana (um exemplo de exclusão), em circunstâncias narradas por Kaplinsky e Morris (2002), os preços unitários praticados por uma fábrica de jeans começaram a declinar em razão da diminuição dos salários em país próximo, Honduras. A fábrica produzia 9 mil peças em janeiro de 1990 ao preço de US\$ 2,18 cada, e esse número passou para 5 mil peças em outubro de 1990 ao preço de US\$ 2,05 cada, para em seguida chegar a 3 mil peças em dezembro do mesmo ano ao preço de US\$ 1,87 cada. Finalmente, em fevereiro de 1991, a empresa mudou-se para Honduras, onde recebem ainda menos por unidade produzida.

Não é difícil imaginar que situações como essa podem resultar em instabilidade nos investimentos dentro de um país. Sua recorrência significa que situações instáveis estariam a marcar com frequência uma considerável diversidade de estruturas locais ou regionais de produção, com reflexos ao nível da renda e das oportunidades de trabalho. De fato, várias outras ilustrações, relacionadas a diversos setores de atividades enfiadas em cadeias, poderiam ser usadas para abordar questões de desigualdades envolvendo o problema dos empregos com baixa remuneração em países de semiperiferia e da periferia do capitalismo. Assim, por exemplo, para evidenciar a diversificação setorial em relação ao assunto abordado:

---

<sup>32</sup> Globalization is progressing in scale and scope, but the practical outcomes are unevenly distributed across enterprises, countries, and regions.

Hoje, mulheres de Bangalore, na Índia, realizam atendimento ao consumidor através de números 0800 para empresas como a General Electric, Dell Computadores, America Online, e British Airways. Mas elas não moram nos EUA ou na Inglaterra. [...]. [Empresas como essas], com o intuito de cortar custos, estão “terceirizando” tarefas como serviço ao consumidor para a Índia, país em que as pessoas falam inglês e estão dispostas a trabalhar por uma fração do salário que os trabalhadores norte-americanos recebem <sup>33</sup> (BOWLES; EDWARDS; ROOSEVELT, 2005, p.26).

Com efeito, uma maneira extensamente utilizada para cortar custos na era da globalização envolve a terceirização de atividades produtivas e de certos serviços em países mais pobres, onde os trabalhadores estão prontos a se engajar recebendo salários comparativamente muito baixos em condições de atuação, não raramente, bastante precárias. Pesquisa realizada por Pleumarom (2012) mostra que o setor de turismo, mesmo aquele protagonizado em comunidades locais (ou, sobretudo, talvez, aquele relativo a tais comunidades), está longe de ser exceção quanto aos referidos aspectos de desigualdades e de exploração da força de trabalho.

## 2.2 A CADEIA GLOBAL DO TURISMO

Como já foi salientado, observa-se a incidência de cadeias globais de valor em diferentes setores, tais como os referentes à: produtos agrícolas, vestuário, negócios de serviços terceirizados e turismo, entre outros. E, tendo em vista a escala “global”, também se assinalou que as atividades que fazem parte de tais cadeias têm significativas implicações e consideráveis impactos no comércio

---

<sup>33</sup> Today, women in Bangalore, India, are responding to customer service inquiries placed via 800 numbers to companies such as General Electric, Dell Computers, America Online, and British Airways. But they are not living in the US or England. [...] in order to cut costs, are “outsourcing” tasks such as customer service to India, where English is spoken and people are willing to work for a fraction of what American workers are paid.

mundial, na produção global e na geração de empregos ao redor do mundo (GEREFFI; FERNANDEZ-STARK; PSILOS, 2011), sem deixar de salientar o fato de que também se observa, por exemplo, o problema da qualidade dos empregos, entre outros. A respeito da cadeia global de turismo, cabe observar desde logo que:

A abertura de mercados, [...], as inovações tecnológicas na informática e nas telecomunicações, e, principalmente, a expansão da economia de serviços, são componentes do processo de globalização que se constituem em fatores fundamentais para a efetivação de mudanças significativas e o consequente crescimento da importância do turismo na economia mundial (SILVA, 1995, p. 90).

A cadeia global de turismo diz respeito a um dos setores mais globalizados, bem próximo, no tocante ao escopo, dos serviços financeiros (NAISBITT, 1994 apud SILVA, 1995). Essa cadeia é vista por grandes organizações e instituições multinacionais (Banco Mundial, FMI, Nações Unidas, ILO<sup>34</sup>, entre outras), assim como por governos e estudiosos, como um meio de integrar melhor os países da semiperiferia e da periferia da economia mundial em atividades globais, a fim de obter resultados em termos de aumento da produção, do emprego e de enfrentamento de problemas como a pobreza e a fome em vários desses territórios.

Existem diversos estudos de autores e instituições internacionais – por exemplo, Reich (1998), Gereffi e Fernandez-Stark (2011), Hjalager (2007), Braun (2005), Bolwell e Weinz (2008), CTO-Caribbean Tourism Organization (2009), UNWTO-World Tourism Organization (2010), ILO-International Labour Organization (2013) – sobre o turismo na sua dimensão internacional, explorando a perspectiva das cadeias globais. Em alguns destes estudos procuram-se abordar, de um lado, a maneira de lidar com o equacionamento de situações de pobreza e de desigualdades de gêneros (relativamente à questão do emprego), e, de outro, as condições para que possa acontecer o *upgrading* de localidades em países da semiperiferia e da periferia do

---

<sup>34</sup> ILO = International Labour Organization. Em português se chama Organização Internacional do Trabalho (OIT).



capitalismo, em relação com o funcionamento de cadeias vinculadas ao turismo.

A entrada numa cadeia, de uma maneira geral, pode resultar em encadeamentos capazes de, em seguida, impulsionar mais amplamente a economia, criando, desse modo, mais empregos e mais renda. Com mais empregos disponíveis (o que pode contribuir para a diminuição da pobreza), o problema da diferença de gêneros no mercado de trabalho pode diminuir, levando-se em conta somente o aspecto do acesso às novas vagas de empregos. Esse é um dos motivos pelos quais as estratégias associadas ao envolvimento em cadeias globais de valor, pelo menos entre alguns tipos de países, tendem a se expandir sobre uma gama cada vez maior de atividades. Essa expansão tem sido constatada por diversos pesquisadores, como, por exemplo, Gereffi, Fernandez-Stark e Psilos (2011, p. 6):

A prática de cadeia de valor tornou-se a condição sine qua non para o desenvolvimento das empresas e da indústria nos últimos anos, e está agora sendo aplicada em uma ampla gama de áreas afins, incluindo as empresas de responsabilidade social, gênero, segurança alimentar e redução da pobreza, além de empresas e da indústria de desenvolvimento<sup>35</sup>.

Ocorre que atuar em escala global, muitas vezes e em muitos aspectos, requer habilidades relativas à questão de domínio das novas tecnologias. Mesmo que de maneira indireta, isso repercute em incentivos, no âmbito de algumas cadeias, à educação, à formação, ao empreendedorismo em muitos setores e à aprendizagem de longo prazo, não poucas vezes ao longo da vida.

Em relação a todos esses aspectos, o turismo, conforme indicam diversos estudos, costuma ser referido como uma fonte potencial de crescimento, de criação de novas possibilidades e oportunidades, em diferentes circunstâncias de uma maneira muito mais expressiva do que em outros setores ou segmentos econômicos. A relevância econômica da

---

<sup>35</sup> Value chain practice has become the sine qua non of enterprise and industry development in recent years, and it is now being applied to a broad range of related fields, including corporate social responsibility, gender, food security and poverty reduction, in addition to enterprise and industry development.

cadeia global de turismo é assinalada por Silva (1995, p. 91) nos seguintes termos:

A importância [...] assumida pelo mercado de viagens e turismo para a economia mundial, com milhões de pessoas viajando, consumindo e promovendo a distribuição de bens e serviços por todo o planeta, coloca este mercado numa posição de liderança no comércio internacional, pois representa uma parcela significativa da geração e circulação da riqueza transacionada no mercado global.

### **2.2.1 Caracterização da cadeia global de turismo**

Antes de tudo é importante colocar que os turistas são pessoas cujo objetivo principal, na visita a uma localidade, não é o exercício de uma atividade remunerada. Portanto, o turismo é um subconjunto do mercado de viagens, isto é, os turistas são considerados também como subconjunto dos viajantes (todo turista é viajante, nem todo viajante é turista). Um turista é uma pessoa que viaja para destinos fora da sua residência e do seu local de trabalho, e permanece durante pelo menos 24 horas, com a finalidade de lazer ou de negócios, entre outros motivos, pois existem diversas modalidades de turismo, como se salienta posteriormente no trabalho.

Portanto, o turista é uma “unidade” relevante, que pode ajudar a rastrear todos os elos que fazem parte da cadeia global de turismo. Seguindo os passos tomados por um turista para realizar uma jornada internacional, é possível perceber os detalhes das atividades que permitem a prática turística e com as quais, portanto, o turista “interage”. As atividades cumulativas realizadas por um turista representam o turismo em sua totalidade. Desse modo, a cadeia global do turismo seria o conjunto das atividades e das firmas individuais que permitem a prática dessa atividade.

Existem diferentes tipos de turismo, como se falou. A relação inclui turismo de verão, de inverno, de lazer, de aventura, histórico, cultural, de negócios, de eventos, entre outros, manifestados conforme as diferentes motivações para a realização das viagens e as características dos destinos. Mas, de uma maneira mais ampla, e segundo a organização mundial de turismo (UNWTO, 1993 apud,

GOVERNO DA REGIÃO ADMINISTRATIVA ESPECIAL DE HONG KONG, 2013), os turistas são geralmente classificados em duas grandes categorias: “Turistas”, ou “visitantes que pernoitam”, e “excursionistas” que são aqueles que não pernoitam em suas viagens.

Os setores essenciais e relacionados com serviços de turismo e que todo tipo de turista pode precisar são os seguintes: Indústrias de alojamentos ou acomodação (por exemplo, hotéis, motéis, navios de cruzeiro); Agências de Viagens / Serviços Turísticos; Indústria de Transporte (Companhia Aérea, corporações ferroviárias, Cruzeiros, Serviços de treinamento, Serviços de Aluguel de carros); Atrações turísticas (parques temáticos e museus, entre outros); e finalmente Alimentos e Bebidas (GOVERNO DA REGIÃO ADMINISTRATIVA ESPECIAL DE HONG KONG, 2013).

Visualizar a cadeia global de turismo em sua totalidade é uma tarefa complexa, pois o setor em questão engloba como já sugerido, um grande conjunto de aspectos tangíveis (como ruínas arqueológicas, uma montanha ou um museu, por exemplo) e intangíveis (como a hospitalidade das pessoas, a qualidade de atenção, por exemplo). Os serviços ditos invisíveis tornam mais difícil ainda a análise completa dessa cadeia. Mais adiante falar-se-á sobre esses aspectos (tangíveis e intangíveis), mas com base na citação seguinte já é possível formar uma ideia sobre a referida complexidade, representando grande dificuldade para o estudo da cadeia global do turismo.

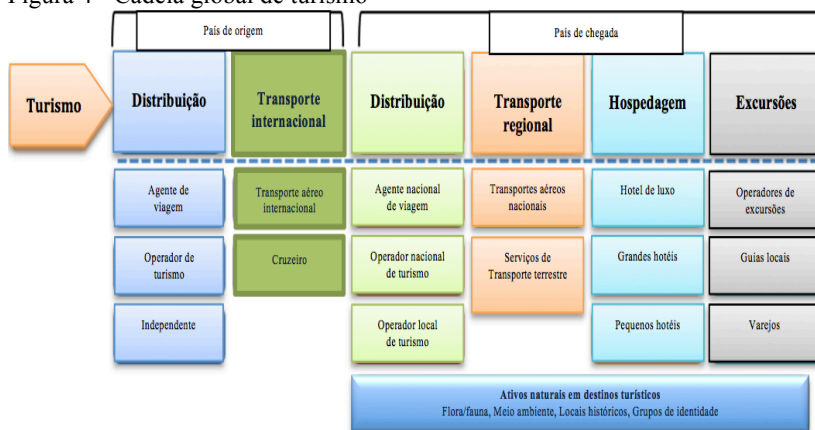
Algumas empresas de turismo, tais como serviços de alimentação, serviços financeiros e sistemas informatizados de reserva, não são representadas visualmente, mas eles estão incluídos via proxy nos segmentos de distribuição e excursões. Os serviços de comida podem ser classificados como de varejo ou amplamente como uma atividade de excursão; e muitas empresas de cartão de crédito de serviços financeiros e GDSs [sistemas de distribuição global] operam suas próprias agências de viagens<sup>36</sup> (CHRISTIAN et al., 2011, p. 10).

---

<sup>36</sup> Some tourism businesses such as food service, financial services, and computer reservation systems, are not visually represented, but they are included via proxy in the distribution and excursion segments. Food service can be classified as retail or broadly as an excursion activity; and many financial service credit card companies and GDSs [global distribution systems] operate their own travel agencies.

Sendo complexa a análise dessa cadeia, os pesquisadores costumam concentrar a sua atenção, para contornar as dificuldades e mesmo os empecilhos nos seus estudos, nos principais líderes da implicada trama de vínculos. Trata-se do que segue: operadoras internacionais de companhias aéreas, linhas de cruzeiros, operadores turísticos globais e marcas multinacionais de hotéis. Mas todos os estudiosos sabem, todavia, que a cadeia global do turismo contém mais do que isso. Com efeito, a figura 4, a seguir, ilustra os diferentes elos de uma cadeia global de turismo, onde desponta uma miríade de atividades/funções.

Figura 4 - Cadeia global de turismo



Fonte: Elaboração própria com base em Christian (2010 apud CHRISTIAN et al., 2011, p. 11)

Analisando a figura 4 acima, percebe-se que existem dois elos similares tanto no país de origem quanto no país de chegada dos turistas. O primeiro elo primordial da cadeia é a distribuição (que se refere à organização e realização das viagens), dominada pelos agentes de viagens (que se ocupam de transporte, alojamento e excursões) e pelos operadores turísticos (atacadistas ou varejistas que vendem pacotes de viagens muitas vezes completos), os quais também são os principais intermediários da distribuição.

O segundo elo comum, no país de saída e no de entrada, tem a ver com o transporte (internacional, do país de saída para o país de entrada, e regional, dentro do país de entrada). O modo de transporte mais utilizado, seja internacional ou regional, envolve transportadoras aéreas, mas os serviços marítimos, inclusive na forma de cruzeiros, constituem também opção. Além desses, o transporte ferroviário é usado em muitos casos.

Olhando para a figura 4, observam-se mais dois outros elos da cadeia que são identificados somente no país de chegada dos turistas: de um lado, as opções de hospedagem, de outro, as excursões (para os atrativos nas formas de praia, cultura, monumentos e passeios, entre possíveis outras práticas). Isto não quer dizer que são os empreendimentos implicados sejam necessariamente nacionais, pois existem empresas multinacionais que operam no setor de hospedagem (por exemplo, as redes Meliá, Ibis, Best Western, Marriot International, entre outras, ao redor do mundo) e nas excursões (por exemplo, percebe-se a presença expressiva de empresas estadunidenses e europeias que programam safáris no Kruger Park, na África do Sul) em territórios nacionais.

Além desses elos, que têm uma ligação direta com a cadeia global de turismo, as relações implicadas podem ser mais extensas, pois vários outros setores apresentam ligação indireta com o turismo propriamente dito. A figura 5, a seguir, sugere o possível envolvimento de numerosos outros setores, com maior ou menor incidência, dependendo dos ambientes onde ocorre o turismo, que devem ser levados em consideração para uma análise mais robusta dessa cadeia.

Figura 5 - Outros setores da cadeia global de turismo



Fonte: Elaboração própria com base em Bolwell e Weinz (2008)

Como pode ser observado através da figura 5, muitos outros setores mostram-se relacionados com a cadeia global de valor de turismo. Atividades tanto formais (por exemplo, microfinanças, entretenimento e atividades culturais) como informais (por exemplo, a fabricação e venda de artesanato) podem ter ligações potenciais com a chamada indústria do turismo. Os principais setores relacionados, segundo a figura, são a construção, a agricultura, a pesca, o processamento de alimentos, a fabricação de móveis, o transporte, as utilidades diversas (conforme indicado) e os serviços.

Analisar a cadeia global de turismo revela-se, portanto, uma tarefa complexa, pois se trata de uma indústria que, geralmente, tende a envolver empresas de diferentes tamanhos e implicar atividades tanto formais quanto informais. Além de tudo, para tornar ainda mais desafiadora à tarefa, a análise dessa indústria por meio da abordagem sobre cadeias globais, via de regra, procura levar em conta e descrever atividades em escala global, regional e local.

Note-se que não existe, realmente, uma definição exata para o produto turístico, pois não se trata de um produto único, como bem ressaltam alguns autores mencionados no trabalho de Gereffi, Fernandez-Stark e Psilos (2011, p. 194). O “produto turístico”, a rigor, pode ser considerado como uma vasta gama de produtos e serviços, que interagem e – pretende-se – proporcionam lazer (e outros benefícios) e

satisfação a um sujeito (o turista) que quer usufruir de uma experiência turística, cujos aspectos são simultaneamente tangíveis (envolvendo, por exemplo, hotéis, restaurantes, transportadoras aéreas) e intangíveis (por exemplo, o por do sol, os patrimônios físico e natural, a cultura, o clima).

### **2.2.2 Dinamismo da cadeia global de turismo**

Muitos economistas podem não considerar o lazer como parte da economia, mas as atividades que concorrem para situações de lazer costumam responder por um enorme volume de bens e serviços distribuídos ao redor do mundo. De fato, o “Turismo é dito ser um dos setores de crescimento maior e mais rápido no mundo, com 940 milhões de chegadas de turistas internacionais gerando receitas de turismo de US\$ 919 bilhões em 2010<sup>37</sup>.” (PLEUMAROM, 2012, p. 20). Assim, considera-se que “todos os países em todos os níveis de desenvolvimento podem potencialmente se beneficiar desse negócio de multi-bilhões de dólares<sup>38</sup>.” (UNCTAD, 2010a: 2 apud PLEUMAROM, 2012, p. 20).

Em 2015, o turismo contribuiu com 10% (considerando-se os impactos direto, indireto e induzido) para o Produto Interno bruto (PIB) mundial e proporcionou 1 emprego em cada 11 (9 %), mundialmente. Contribuiu de modo equivalente a 7 % nas exportações mundiais, e, no setor de serviços, para o ano de 2014, a participação foi de até 30 % nas exportações mundiais. Em muitos países em desenvolvimento, o turismo tem proporcionado algo em torno a 45 % do total das exportações no setor de serviços (WORLD TOURISM ORGANIZATION, 2015, 2016).

Baseando-se nos progressos dos últimos anos, a Organização Mundial do Turismo acredita serem positivas as projeções (para os próximos anos) para a cadeia global de turismo, o que autoriza o ponto de vista de que o setor turístico é consideravelmente dinâmico (WORLD TOURISM ORGANIZATION, 2015). Pensando-se no dinamismo dessa cadeia, diversos aspectos devem ser considerados. Um dos principais

---

<sup>37</sup> Tourism is said to be one of the world’s biggest and fastest growing industries, with 940 million international tourist arrivals generating tourism receipts of US \$ 919 billion in 2010.

<sup>38</sup> All countries at all levels of development can potentially benefit from this multi-billion dollar business.

refere-se à geração de empregos, tanto diretos quanto indiretos, sem deixar de levar em conta as críticas relativas a aspectos como sazonalidade, qualidade, precariedade das condições de trabalho e outros aspectos negativos, formuladas no âmbito de algumas organizações e por diferentes pesquisadores.

Esse aspecto (geração de empregos) leva muitas organizações internacionais a se envolver e a contribuir para a evolução do turismo em muitos locais de países da semiperiferia e da periferia do capitalismo. E leva também muitos governantes a aderir ao turismo como setor privilegiado em políticas de promoção do desenvolvimento.

Por natureza, as cadeias globais de valor, incluindo a cadeia global do turismo, envolvem, em escala mundial, empresas e instituições que são dinâmicas e competitivas. Por exemplo, o volume de negócios e de atividades e o número de atores dentro da cadeia global do turismo tendem a crescer e se expandir geograficamente, abrangendo, por conseguinte, mais espaços ou territórios. Desse modo, com esse crescimento, as empresas integrantes (fornecedores e produtores), notadamente as localizadas fora do centro do capitalismo, vão sentir mais pressões em razão da competição. Geralmente, mais benefícios e ganhos, e mais poder dentro da cadeia, referem-se aos atores que exibem mais habilidades e competências.

Em razão disso, qualquer ator da cadeia global de turismo, para preservar ou aumentar a sua participação no mercado, precisa ser competitivo. E para ser competitivo, necessita desenvolver habilidades e competências, seja na forma de apresentar os produtos no mercado ou na forma de atuar em todos os segmentos ou nichos do mercado. Avançar decisivamente em relação a esses aspectos é o que se chama, em última análise, *upgrading*, na linguagem das cadeias de valor.

É adequado considerar que desenvolver habilidades e competências em diversas atividades, dentro da cadeia global do turismo, não é possível sem capital humano<sup>39</sup>. É por isso que “A demanda dos empregadores por trabalhadores qualificados é dinâmica, e sua mudança está intimamente ligada ao ritmo e às trajetórias do

---

<sup>39</sup> Capital humano é o conjunto de capacidades, conhecimentos, competências e atributos de personalidade que favorecem a realização de trabalho de modo a produzir valor econômico (É preciso uma base de conhecimento para poder produzir e desenvolver mais habilidades e qualificações).



*upgrading* econômico<sup>40</sup>.” (GEREFFI; FERNANDEZ-STARK; PSILOS, 2011, p. 7).

Esse *upgrading* dentro da cadeia global do turismo exige trabalhadores qualificados, sendo que essa qualificação tende a mudar, a se aperfeiçoar, com a evolução e o melhor desempenho da economia. Com essa evolução e esse melhor desempenho da economia, é importante que haja desenvolvimento das habilidades da mão de obra integrada nessa cadeia.

A grande questão é saber se (e quais) os atores envolvidos têm interesse no desenvolvimento da qualificação dos trabalhadores (um ponto ligado à questão dos melhores salários e condições de vida). De fato, o direcionamento de atividades econômicas para territórios periféricos e semiperiféricos da economia mundial normalmente é motivada, em alguns setores de atividades, pela possibilidade de explorar trabalhadores sem (ou de menor) qualificação, pagando salários baixos, sobretudo, no caso das indústrias intensivas em mão de obra (por exemplo, vestuário, turismo, entre outros). Consequentemente, não se pode falar em preocupação, por parte de empresas e mesmo agentes institucionais, com as condições dos trabalhadores.

Observe-se que, nessa literatura, o desenvolvimento da força de trabalho ou da mão de obra é associado ao “[...] processo pelo qual a dotação inicial de um território em capital humano é convertida, via educação, formação e serviços relevantes, tais como a intermediação no mercado de trabalho, intercâmbio e informação, em fonte de vantagem competitiva para as empresas e indústrias no território.”<sup>41</sup> (GEREFFI; FERNANDEZ-STARK; PSILOS, 2011, p. 3). Saliente-se que muitas atividades dentro da cadeia global do turismo requerem mão de obra barata e numerosa, sem a necessidade de formação especializada (como camareiras em hotéis e cruzeiros, por exemplo).

E deve-se salientar também que o funcionamento da cadeia global do turismo, de uma maneira geral e globalmente, proporciona empregos diretos (em hotéis, restaurantes e outros serviços eminentemente turísticos) e igualmente empregos indiretamente ligados

---

<sup>40</sup> Employers’ demand for skilled workers is dynamic, and its change is intimately tied to the trajectories and pace of economic upgrading.

<sup>41</sup> The process by which a territory’s initial endowment of human capital is converted, though education, training and relevant services such as labor market intermediation, exchange and information, into a source of competitive advantage for firms and industries in the territory.

ao turismo, em outros setores. O trecho a seguir é ilustrativo sobre esse aspecto:

No segmento hoteleiro da indústria, globalmente, há uma média de um empregado para cada quarto de hotel. Além disso, há três trabalhadores indiretamente dependentes de cada pessoa trabalhando em hotéis, como o pessoal de agência de viagens, guias, motoristas de táxi e ônibus, de fornecedores de alimentos e bebidas, trabalhadores de lavanderia, trabalhadores têxteis, jardineiros, pessoal da loja de [(lembranças)] souvenirs e outros, bem como funcionários de aeroporto<sup>42</sup> (BOLWELL; WEINZ, 2008, p. 6).

Observa-se igualmente que, por outro lado, esse caso não é uma realidade para todos os territórios. Percebe-se em alguns países que a cadeia global de turismo funciona na forma de enclave, onde se desenvolvem atividades sem ligações com as outras atividades internas ao país, portanto, sem retorno para os próprios cidadãos daqueles territórios. Sobre esses indivíduos situados do outro lado do turismo, Tovar (2013, p. 8), em artigo intitulado “*Problemáticas Urbanas en los Enclaves Turísticos: Turismo como Estrategia para el Ordenamiento Urbano y Regional*”, assinala o seguinte:

Não se trata de satanizar o turismo, se desejar dar visibilidade às ações sobre os territórios com vocação turística, elas devem ser organizadas de forma não excludente, privilegiando os interesses, demandas e expectativas da população residente, e não apenas as que respondem a interesses particulares<sup>43</sup> (p.8).

---

<sup>42</sup> In the hotel segment of the industry, globally there is an average of one employee for each hotel room. Further, there are three workers indirectly dependent on each person working in hotels, such as travel agency staff, guides, taxi and bus drivers, food and beverage suppliers, laundry workers, textile workers, gardeners, shop staff for souvenirs and others, as well as airport employee.

<sup>43</sup> No se trata de satanizar el turismo, se desea visibilizar que las acciones sobre los territorios con vocación turística han de ser ordenados de forma incluyente, privilegiando los intereses, demandas y expectativas de la población residente y no solo las que responden a intereses particulares.

### 2.2.3 Possíveis impactos benéficos em comunidades ligados à cadeia global do turismo

A globalização tem produzido muitos efeitos em diferentes países e regiões, afetando em diversos sentidos a vida de numerosas pessoas. Como assinala Hjalager (2007, p. 437), “A globalização é um processo de reestruturação que funciona em todas as unidades e afeta todos os aspectos da vida humana: a partir de fluxos de capital, através da colaboração política, para o fluxo de ideias<sup>44</sup>.” Nesse contexto, não há razão para não acreditar que a cadeia global do turismo repercute, com intensidades certamente variáveis, junto aos contingentes populacionais e aos territórios que dela participam.

Com a globalização, a economia mundial está se tornando cada vez mais integrada. A expansão do comércio, dos investimentos, das finanças e dos fluxos de informações constitui aspecto desse processo de integração (UNWTO, 2014). Mas os impactos da globalização nas sociedades e na vida das pessoas, considerando-se o funcionamento da cadeia global do turismo, deve ser examinado, primordialmente – este é o ângulo privilegiado neste estudo –, com respeito ao processo de *upgrading* no caso de países específicos, ou de firmas específicas, inclusive porque a análise do *upgrading* costuma ser realizada de maneira individualizada (Gereffi, 1999 apud CHRISTIAN et al., 2011).

Reconhece-se que muitos aspectos nos níveis macro e global são relevantes para o entendimento do funcionamento da cadeia do turismo, mas, no decorrer deste trabalho, são levados em conta, antes de tudo, os reflexos ao nível nacional e empresarial. Atenção especial também é dada ao papel da mão de obra, em relação com o desenvolvimento do turismo dentro de um território: o setor é do tipo intensivo em trabalho, geralmente sem exigir, ao menos fora do centro do capitalismo, maiores qualificações e habilidades, como apontado no âmbito da Organização Mundial do Turismo. De fato:

Sendo um setor de trabalho intensivo, o turismo oferece oportunidades de emprego para as pessoas que entram no mercado de trabalho pela primeira vez ou têm dificuldades em encontrar emprego

---

<sup>44</sup> Globalization is a restructuring process that works across units and affects all aspects of human life: from capital flows, through political collaboration, to the flow of ideas.

noutro local. Assim, o turismo desempenha um papel na criação de oportunidades para trabalhadores pouco qualificados e trabalhadores com pouca qualificação em geral, grupos étnicos minoritários e migrantes, jovens desempregados, desempregados de longa duração, bem como mulheres com responsabilidades familiares que só podem ocupar empregos de tempo parcial. Além disso, esses tipos de oportunidades de emprego são um importante componente de renda suplementar para aposentados e outros que estão experimentando transições de trabalho <sup>45</sup> (UNWTO, 2014, p. 16).

Num trabalho realizado por Christian et al. (2011), são destacados quatro impactos benéficos, do processo de *upgrading*, em empresas, instituições, populações e comunidades, com apoio em estudos empíricos sobre Costa Rica (na América Central), Jordânia (no Oriente Médio) e Vietnã (no Sudeste Asiático), na esteira do seu envolvimento na cadeia global do turismo. As situações descritas referem-se a efeitos benéficos, em países externos ao centro do capitalismo, do funcionamento da cadeia global do turismo.

O primeiro impacto ou efeito benéfico salientado é o *upgrading* da atividade turística em si, juntamente com outras atividades relacionadas. Tal impacto foi possível, primeiramente, via políticas econômicas públicas (da parte do governo) de incentivos a investimentos diretos estrangeiros, principalmente em hotéis de 4 e 5 estrelas, respeitando padrões internacionais e oferecendo, ao mesmo tempo, níveis mais altos de luxo. De maneira geral, esses hotéis têm ligações potenciais com grandes distribuidores globais, capazes de facilitar a chegada de turistas nesses territórios envolvidos na cadeia.

Em relação a esse primeiro aspecto, o estudo salientada a pressão geralmente exercida pelas operadoras turísticas de escopo

---

<sup>45</sup> Being a labour intensive sector, tourism offers opportunities for employment for persons entering the labour market for the first time or having difficulties in finding employment elsewhere. Thus tourism plays a role in providing opportunities for low-skilled workers and workers with little qualification in general, ethnic minority groups and migrants, unemployed youth, long-term unemployed, as well as women with family responsibilities who can take only part-time jobs. Also, these types of job opportunities are an important supplemental income component for retired people and others who are experiencing work transitions.

mundial<sup>46</sup> sobre os novos agentes e operadores nacionais, que se integram à cadeia global de turismo sob o estímulo das políticas internas dos governos desses próprios países ou pelo convite das próprias operadoras mundiais, para atualizarem, coordenarem e planejam melhor os seus próprios destinos turísticos. A pressão é considerável, pois normalmente existe competição entre os atores integrantes dos diferentes elos de uma cadeia, os quais buscam sempre melhorar seus posicionamentos e, assim, agregar valor às suas atividades.

Para que esse processo de *upgrading* possa acontecer, o domínio da tecnologia em informática é estimulado nesses países integrados na cadeia. Com esse domínio, tornam-se possíveis funções como as vinculadas aos sistemas de reserva online para hotéis locais e para operadores turísticos. Com essa modernização, aumenta o número de turistas provenientes de diferentes cantos do mundo e com diferentes gostos. Desse modo, torna-se possível diversificar os produtos turísticos para melhor atender a todos os turistas, com diferentes interesses, e, conseqüentemente, a oferta pode ser expandida. Tudo isso exerce um papel crucial na competitividade desses territórios, representando um elemento gerador de valor dentro da cadeia.

O segundo impacto benéfico tem a ver com o desenvolvimento da força de trabalho (a mão de obra), que foi mencionado como um dos principais elementos do dinamismo da cadeia global do turismo. O desenvolvimento dessa força de trabalho depende de um conjunto de conhecimentos de diferentes tipos ou níveis, como, por exemplo, treinamento sobre a hospitalidade e outros programas de treinamentos, e reforço das capacidades de utilização de língua estrangeira. As competências gerais não técnicas (*soft skills*<sup>47</sup>) são um desafio para muitos países, mas, com a integração, é possível preencher essa lacuna. Por exemplo, com as novas interações, nos planos nacional e global, “as associações profissionais, tanto na Costa Rica e na Jordânia, começaram a oferecer cursos de desenvolvimento de habilidades flexíveis para os

---

<sup>46</sup> Operadoras turísticas são empresas comerciais especializadas na criação e venda de pacotes turísticos. O seu sucesso depende da capacidade de satisfazer as necessidades turísticas e vender os seus pacotes turísticos a preços competitivos, bem como, de um bom conhecimento do mercado. As operadoras turísticas mundiais normalmente são localizados nos países emissores principais de turistas que são destacados posteriormente no trabalho.

<sup>47</sup> São atributos e competências pessoais que permitem ao indivíduo melhorar as suas interações com os outros e com o mundo em seu redor.

seus membros, na década de 2000. As aulas incluem habilidades de comunicação, atendimento ao cliente e gestão do tempo<sup>48</sup>”.

O terceiro impacto benéfico se relaciona com o envolvimento das instituições, sejam elas privadas (por exemplo, institutos de formações profissionais e universidades sob o controle do setor privado) ou públicas (por exemplo, institutos de formação profissional e universidades sob o controle do governo), para promover o *upgrading* da economia. Observa-se também, com respeito a esse ponto, o envolvimento de hotéis, de firmas locais, de Organizações não Governamentais (ONGs), e de diferentes associações no treinamento dos trabalhadores e de outras pessoas das comunidades interessadas nas atividades dessa indústria. O financiamento de diversas atividades de formação e de treinamento, inclusive, costuma ser feito por organizações internacionais (*United States Agency for International Development, Multilateral Investment Fund–Inter-American Development Bank, the United Nations Development Program*).

O quarto impacto benéfico refere-se às novas interações entre o plano global e as esferas locais, nos países anfitriões, surgidas com a chegada dos turistas internacionais. Essa interação se baseia principalmente no papel dos investimentos diretos estrangeiros realizados nos países receptores de turistas internacionais, no segmento hoteleiro da cadeia global do turismo, estimulando e favorecendo o acesso e a permanência turística de clientes internacionais, vindos dos países desenvolvidos, nos países da semiperiferia e da periferia do capitalismo. Esses investimentos têm impactos diretos<sup>49</sup> e indiretos<sup>50</sup> no

---

<sup>48</sup> Professional associations in both Costa Rica and Jordan began offering soft skill development courses for their members in the 2000s. Classes include communication skills, customer service, and time management.

<sup>49</sup> Esses hotéis oferecem seus próprios programas de treinamento que atendem a seus padrões globais. Desempenha um papel importante na facilitação do desenvolvimento de capacidades de serviços internacionais e de habilidades técnicas e de *soft skills* nos países em desenvolvimento que atendam às expectativas dos viajantes internacionais. No entanto, percebe-se que a alta administração continua a ser composta por expatriados, dessa forma, pouca informação sobre a difusão de *know-how* (saber prático) gerencial nos hotéis de marca internacional flui para o pessoal local nesses países em desenvolvimento (CHRISTIAN et al. 2011).

<sup>50</sup> Esses hotéis têm uma abordagem mais rigorosa para excursão e seleção de operador turístico, e eles exigem uma série de características tais como confiabilidade, prontidão e segurança. Dessa maneira, isso exige profissionalização da força de trabalho dos segmentos de operadores turísticos (CHRISTIAN et al. 2011).

desenvolvimento da força de trabalho dos países receptores de turistas internacionais.

Importa salientar, com respeito ao conjunto de aspectos referentes ao assunto, a colocação de Silva (1995) sobre a necessidade de esforços que devem ser realizados, sobretudo nos países menos desenvolvidos, por todos os atores nos diferentes elos da cadeia global do turismo com vistas à promoção do *upgrading* das atividades envolvidas nessa cadeia.

A promoção e a comercialização do produto turístico de países menos desenvolvidos, em razão da intensa concorrência e dos requisitos de competitividade exigidos pelo mercado mundial, dependem de uma ação global e eficaz de planejamento e coordenação, num esforço integrado de governo e iniciativa privada. De um lado, o governo possui a estrutura, o aparato institucional e os recursos necessários para a implantação de infraestrutura básica e urbana no pólo turístico, criando as condições de atratividade para a captação de investimentos particulares e financiamentos de organismos internacionais de desenvolvimento. De outro, a iniciativa privada tem condições de promover ações necessárias ao desenvolvimento do produto turístico e a sua comercialização, visando a concretização do mesmo como um produto atraente e cativador de fluxos turísticos internacionais (SILVA, 1995, p. 95).

A palavra *upgrading* indica, com efeito, um processo, querendo isto dizer que tudo não acontece de uma única vez, existindo etapas a serem cumpridas para que seja completo. Hjalager (2007) identificou quatro fases a serem percorridas pelas empresas ou pelos atores que se integram na cadeia, para que ocorrer o *upgrading*.

A primeira fase implica a ação dos divulgadores (propaganda) nos mercados, isto é, a promoção dos produtos locais nos mercados globais. É a fase de atrair clientes para a empresa, o destino ou o país onde o produto turístico vai ser vendido e consumido.

A segunda fase refere-se à integração através das fronteiras, dizendo respeito a isso os investimentos diretos estrangeiros, as fusões e as aquisições de negócios. A liberação de franquias e o licenciamento

acontecem também nessa etapa, quando o comércio internacional é implicado, considerando-se as necessidades no seio da cadeia global de turismo.

A terceira fase diz respeito à fragmentação da cadeia global de valor, sendo esta considerada uma etapa de “maturidade” dentro da cadeia, levando à diversificação e a mudanças ao nível dos produtos e dos processos. Nesse momento ocorre flexibilização, otimização e fragmentação em escala de cadeia, tendo em vista a diminuição dos custos e o aumento dos lucros.

Na quarta fase, ocorrendo desdobramento em novas cadeias de valor, é identificada a penetração da cadeia do turismo em outras cadeias, e vice versa. Podem ser citadas as indústrias do conhecimento (produção e comercialização de conhecimento relacionado à cadeia global de turismo – serviços de consultoria e de peritos), as empresas de marketing (marcas de alta credibilidade entre os clientes, como, por exemplo, McDonalds’ e Disney) e mídia (TV, filmes, publicação, a Internet, marketing e assim por diante), como outras cadeias globais de valor que interagem com a cadeia global de valor de turismo.

O trabalho de Bolwell e Weinz (2008) procura mostrar como é possível, com a combinação dos esforços de todos os atores nacionais e internacionais, haver *upgrading* via integração da cadeia global do turismo, com benefícios para os mais pobres nos países da semiperiferia e da periferia da economia mundial. “A importância do turismo para a criação de emprego e redução da pobreza não pode ser subestimada. Hoje, o turismo está começando a ser reconhecido como uma importante fonte de crescimento econômico, especialmente nos países pobres<sup>51</sup>” (BOLWELL; WEINZ, 2008, p.III).

Segundo o referido estudo, existem três maneiras principais pelas quais o turismo pode ter impacto sobre as pessoas em situação mais vulnerável: (1) através de efeitos diretos sobre os pobres, tais como empregos em turismo e pequenas empresas de turismo; (2) através de efeitos secundários, tais como ganhos de indústrias das cadeias de suprimentos (por exemplo, alimentos e construção civil), bem como de trabalhadores do turismo que gastam os seus rendimentos na economia local; (3) através de efeitos dinâmicos na economia, tais como por meio

---

<sup>51</sup> The importance of tourism for job creation and poverty reduction cannot be overestimated. Today, tourism is beginning to be recognized as a major source of economic growth especially in poor countries.



do empreendedorismo, com reflexos em salários e preços, e também ligados ao desenvolvimento de infraestruturas, a outros setores de exportação, à expansão e melhoria das habilidades e à utilização adequada do meio ambiente natural (BOLWELL; WEINZ, 2008).

#### **2.2.4 Possíveis impactos negativos em comunidades ligados à cadeia global do turismo**

Negócios não podem ser analisados de forma isolada no mundo globalizado. Acontecimentos negativos afetando negócios em certos territórios podem ter impactos adversos, e até interromper outros negócios, em outros territórios mesmo distantes, aparentemente sem qualquer ligação, direta ou indireta, com os primeiros. O turismo representa um negócio vulnerável também em relação a muitos acontecimentos em escala global.

O turismo é bem conhecido por ser altamente vulnerável a acontecimentos imprevisíveis, incluindo crises econômicas, agitação social e política, eventos climáticos extremos e catástrofes naturais e ameaças para a saúde. Crises perigosas abundam: 2010 foi um dos anos mais desastroso e o ano mais custoso para o turismo de sempre, com terremotos, erupções vulcânicas, inundações, super-furacões, ondas de calor, secas, deslizamentos de terra e tempestades causando estragos e causando interrupções de negócios sem precedentes em todo o mundo. Os especialistas também alertaram que a crise econômica global que começou em 2008 está longe de terminar. Eventos mais tumultuosos em 2011 e além são susceptíveis de ir bem além dos problemas monetários, envolvendo cada vez mais crescente disparidade de riqueza, explodindo os preços dos alimentos, a volatilidade geopolítica e outros fatores<sup>52</sup> (PESEK, 2011 apud PLEUMAROM, 2012, p. 35).

---

<sup>52</sup> Tourism is well known to be highly vulnerable to unpredictable events, including economic downturns, social and political turmoil, extreme weather events and natural disasters and health threats. Dangerous crises abound: 2010 was one of the most

Em muitos estudos sobre a cadeia global do turismo, são deixados de lado os aspectos negativos vinculados à presença desse setor, quer dizer, a ocorrência do que se pode chamar de ameaças endógenas<sup>53</sup> e exógenas<sup>54</sup> em relação com as respectivas atividades. Nos estudos sobre o turismo, de fato, aparecem mais os benefícios, em termos de empregos e crescimento econômico, e não raramente deixa-se de falar dos custos e das perdas que decorrem da atuação dessa cadeia junto aos demais setores da economia e sobre o meio ambiente (PLEUMAROM, 2012).

Pretende-se referir, no que segue, a algumas ameaças e a alguns impactos negativos ligados às operações dessa indústria. Mas, antes, caberia citar, como possíveis ilustrações de ameaças exógenas (em outras palavras, são acontecimentos naturais e outro tipos de ocorrências que fogem o controle humano): “tsunamis, a síndrome aguda respiratória grave (SARS) e a ameaça da gripe aviária, bem como os efeitos mais amplos de ataques terroristas, mudanças climáticas e de viagens aéreas com custo de combustível aumentando<sup>55</sup>” (BOLWELL; WEINZ, 2008, p. 30).

Pensando agora no caso dos impactos adversos inerentes ao funcionamento da cadeia global do turismo, observa-se que a participação nessa cadeia pode representar benefícios em alguns setores, segmentos ou elos da indústria e, ao mesmo tempo, suscitar prejuízos e dificuldades consideráveis para outros, sobretudo por conta da concorrência exacerbada associada à vinda de novas empresas ou novos

---

disastrous and costliest year for tourism ever, with earthquakes, volcano eruptions, floods, supertyphoons, heat waves, droughts, landslides and blizzards wreaking havoc and causing unprecedented business interruptions around the world. Experts also warned that the global economic crisis that began in 2008 is far from over. More tumultuous events in 2011 and beyond are likely to go well beyond monetary problems, increasingly involving rising wealth disparities, exploding food prices, geopolitical volatility and other factors.

<sup>53</sup> Ameaças endógenas são aquelas internas ao funcionamento da cadeia global de turismo como, por exemplo, sazonalidade de muitos empregos, salários baixos, destruição do meio ambiente, entre outras situações.

<sup>54</sup> De outro lado, ameaças exógenas são aquelas externas ao funcionamento de turismo, como por exemplo, desastres naturais (terremoto, furacões, mudanças climáticas, entre outros eventos), ataques terroristas, entre outras conjunturas. Em resumo, são fatores extra-turismo que tendem a comprometer a prática turística.

<sup>55</sup> Tsunamis, severe acute respiratory syndrome (SARS) and the threat of bird flu, as well as the wider effects of terrorist attacks, climate change and air travel fuel cost increases.

atores com atuação em escalas mais amplas. De fato, novos integrantes ingressados na cadeia global de turismo tendem a significar aumento da competição existente, o que pode representar – como tão frequentemente se observa no âmbito dos negócios e em várias indústrias – exclusão de outros atores ou agentes, não raramente de forma proposital.

Ao lado dos aspectos positivos, assinalados anteriormente, podem surgir, portanto, reflexos negativos. Por exemplo, na terceira fase necessária à ocorrência de *upgrading*, identificada por Hjalager (2007) e destacada anteriormente no trabalho, as empresas, procurando aperfeiçoar a produção ou o desempenho na sua integração à cadeia global do turismo, podem pagar salários demasiado baixos aos trabalhadores, objetivando reduzir os custos e aumentar os lucros. Podem também, por razões semelhantes ou não, deixar de criar ligações com a economia local, privilegiando a compra de produtos externamente para o consumo dos seus clientes (como em hotéis ou restaurantes). De fato, a observação de várias experiências internacionais faz pensar em problemas desse tipo: “Muitas das matérias-primas ou ingredientes semimanufaturados de serviços de turismo têm a sua origem em outros países. O vinho no restaurante é francês; as toalhas no quarto do hotel foram fabricadas na Índia<sup>56</sup>” (BOLWELL; WEINZ, 2008, p. 447).

Cabe ressaltar também que, apesar dos programas de treinamento dos recursos profissionais porventura existentes em países da semiperiferia e periferia do capitalismo implicados no turismo, altos cargos gerenciais e outros exigentes de maior qualificação – portanto representativos de salários comparativamente mais altos – são frequentemente ocupados por estrangeiros. Com efeito, é comum considerar que os trabalhadores locais não são habilitados e capacitados para tais cargos. Esse tipo de observação se aplica, geralmente, nos casos de hotéis e outros serviços criados por meio de investimentos estrangeiros diretos (CHRISTIAN; FERNANDEZ-STARK; AHMED; GEREFFI, 2011).

O estudo de Pleumarom (2012) é especialmente crítico em relação aos impactos negativos da integração dos países da semiperiferia e da periferia na cadeia global de turismo. A autora mostra que não se deve considerar o turismo como uma "vaca sagrada a ser protegida e

---

<sup>56</sup> Many of the raw materials or semimanufactured ingredients in tourism services have their origin in other countries. The wine in the restaurant is French; the towels in the hotel room have been manufactured in India.

alimentada a todo o custo", pois, como também salientam Bolwell e Weinz (2008, p. 11), "O turismo pode ter efeitos positivos e negativos sobre as pessoas pobres<sup>57</sup>".

O estudo daquela autora mostra o quanto os governos dos países externos às zonas centrais do capitalismo, de comum acordo com instituições multinacionais, são motivados no sentido de tomar decisões e executar políticas com respeito ao turismo, pretendendo reduzir o fosso que existe entre as camadas sociais ricas e pobres nesses Estados nacionais. Mas percebe-se que, apesar desses esforços, as desigualdades não raramente tendem a aumentar, assinala a referida autora, na esteira da abertura desses países aos investimentos diretos estrangeiros em turismo, da qual decorre uma concorrência muitas vezes agressiva e injusta, em detrimento dos pequenos negócios turísticos autóctones.

Por exemplo, percebe-se que quando turistas ricos dos países do centro chegam nesses territórios da periferia e semiperiferia, protagonizam extensivo consumo conspícuo que muitas vezes afeta negativamente a base da vida comunitária em diferentes locais, ajudando a inocular um padrão de consumo fora do alcance dessas populações. Estas tendem a receber, segundo a análise de Pleumarom (2012), somente algumas migalhas da riqueza produzida no âmbito da dinamização turística, no seio da cadeia global do turismo.

A autora mostra que as políticas de turismo que visam, segundo divulgado por governantes e outras autoridades em diferentes países, reduzir a pobreza e promover o desenvolvimento sustentável, muitas vezes sequer incluem os pobres nas decisões que têm a ver com o seu bem estar e com o destino das gerações presentes e futuras. Pleumarom (2012) ressalta que representa algo quase impossível salvaguardar os direitos das pessoas e promover a justiça econômica, social e ambiental em um sistema econômico que se mostra constituído, financiado e dominado por poderes corporativos. Segundo a sua abordagem, assim, é muito difícil pensar sobre o rebatimento da cadeia global do turismo, em espaços externos ao centro do capitalismo, em harmonia com o que se poderia entender como um sistema econômico verde<sup>58</sup>.

---

<sup>57</sup> Tourism can have both positive and negative effects on poor people.

<sup>58</sup> Economia verde está ligada ao desenvolvimento de modelos de planejamento econômico-ambiental que incorporam os conceitos de insumos ecológicos, processos ecológicos e produtos ecológicos. Trata-se de uma tentativa de melhor compreender a interdependência entre o sistema ecológico e o sistema econômico.

Para ela, na promoção de uma atividade econômica por meio da qual se pretende lutar seja contra as desigualdades, a destruição do meio ambiente ou a ganância (exploração), deveria haver preocupação com as comunidades humanas, com suas terras e ambientes de vida e reprodução, com sua cultura, sua história e sua dignidade, entre outros aspectos. Contudo, o que se percebe em muitos países, no caso da cadeia global do turismo, é a apropriação dos territórios (pelos próprios governos nacionais e pelas empresas multinacionais ligados ao turismo) sem preocupação com o bem estar das populações, culminando em diferentes experiências na expulsão das comunidades de seus próprios espaços.

Existem estudos sobre o papel da cadeia global do turismo no combate à pobreza, mas deve-se tomar cuidado para não confundir crescimento de uma economia com erradicação da pobreza, ou mesmo com a sua efetiva redução em todos os casos, como salientam Bolwell e Weinz (2008, p. 1). Com efeito, “O crescimento econômico é essencial, mas não uma condição suficiente para a redução da pobreza<sup>59</sup>”. Mais ainda, baseando-se no fato de que a atuação da cadeia global do turismo em muitos territórios não respeita as condições básicas das comunidades, e que as atividades econômicas que dela fazem parte costumam oscilar consideravelmente, conforme as circunstâncias, Pleumarom (2012, p. 49) salientou o seguinte na conclusão do seu estudo:

Tendo em vista as muitas crises sociais e ambientais iminentes, os governos devem dar prioridade às necessidades básicas das pessoas, assegurando simultaneamente os seus direitos ao trabalho, à alimentação, à água potável, saúde e saneamento e respeitar a Declaração da ONU sobre os Direitos dos Povos Indígenas, em vez de gastar recursos financeiros e humanos escassos em uma indústria instável e volátil, como o turismo<sup>60</sup>.

---

<sup>59</sup> Economic growth is an essential but not a sufficient condition for poverty reduction.

<sup>60</sup> In view of the many looming social and environmental crises, governments need to prioritize people’s basic needs while ensuring their rights to work, to food, to clean water, health and sanitation and respect the UN Declaration on the Rights of Indigenous Peoples, rather than spending scarce financial and human resources on an unstable and volatile industry such as tourism.

Este capítulo buscou mostrar como funcionam as cadeias globais de valor, com destaque para a cadeia global de turismo. A indústria de turismo engloba diferentes atores, com interesses distintos, que podem ser convergentes em alguns casos, mas também podem ser divergentes em outras situações. Pode-se dizer que os principais atores responsáveis pelas decisões que dão estrutura ou forma a essa indústria são: os governos nacionais e locais, que têm interesse em políticas de crescimento e desenvolvimento econômico, as empresas multinacionais ligadas às atividades turísticas, que norteiam suas atividades, como qualquer empresa, pela obtenção de lucros, e as instituições multinacionais que realmente e/ou disfarçadamente lutam pelo fim da pobreza e por melhores condições de vida junto às comunidades que se integram, de uma maneira ou de outra, à cadeia do turismo.

Os pontos levados em consideração ao longo deste capítulo vão orientar o estudo específico a respeito do turismo haitiano. A ideia principal, além de caracterizar a presença do setor turístico em terras da periferia e da semiperiferia, é observar quais são os atores principais na atuação da cadeia global de turismo nessas terras, e também detectar a existência de trajetórias de *upgrading* no seio das atividades ligadas a tal cadeia, levando em consideração os possíveis impactos positivos e negativos dessa atividade na vida das populações envolvidas e no meio ambiente.

O capítulo seguinte aborda alguns aspectos da trajetória da cadeia global de turismo no mundo e no espaço Caribenho. Fala-se das tendências atuais e futuras do turismo internacional como um todo, e em seguida da presença dessa cadeia em territórios caribenhos.

### 3 EVOLUÇÃO DA CADEIA GLOBAL DE TURISMO NO MUNDO E NO CARIBE

*[...], o valor do indivíduo é constantemente medido em comparação com a sobrevivência do sistema, que seja ele político, econômico, social ou religioso; [...].*

*(William P. Young, 2008)*

Este capítulo tem por objetivo abordar o comportamento do setor de turismo no mundo durante as últimas décadas, destacando a região do Caribe. O período observado corresponde, grosso modo, à segunda metade do século XX e se prolonga até a atualidade recente. Examinam-se dados sobre o número de turistas e sobre a participação do turismo no PIB e nos empregos, entre outros. Informações sobre o crescimento do turismo de cruzeiros, um segmento de destaque nessa cadeia global no que concerne, em particular, ao Caribe, são também consideradas, pois ajudam a caracterizar a tendência estudada.

A história da cadeia global de turismo, a partir dos primórdios desse tipo de atividade, é relevante para a compreensão da atuação dos principais atores, isto é, dos agentes que lideram os movimentos desse setor em escala mundial. No caso do Caribe, e, no âmbito deste, do Haiti, são também considerados, além desses aspectos, alguns reflexos socioeconômicos da presença de segmentos da cadeia global de turismo. No tocante a esses reflexos, trata-se, especificamente, de resultados da presença dessa cadeia em termos de empregos, investimentos, contribuição à diminuição da pobreza, incidência e influência em outras cadeias globais ou outras atividades econômicas, entre outros efeitos.

#### 3.1 ASPECTOS DA TRAJETÓRIA DO SETOR DE TURISMO EM NÍVEL MUNDIAL

O turismo nem sempre existiu como hoje é percebido, apesar das viagens de longas distâncias efetuadas nos séculos passados. Peregrinações são certamente imemorais, mas costumavam possuir um significado ou sentido diferente de turismo. Desde a antiguidade greco-romana, existem documentos mostrando diários de viagens de indivíduos incentivados por ganância, tratando-se, portanto, pode-se dizer de homens de negócios. Poucas pessoas eram movidas apenas por curiosidade livre, ao que tudo indica. Todas as civilizações indo-

europeias tinham classes superiores quase ociosas – nobreza e clero –, mas sem a tradição de fazer viagens movidas por lazer e curiosidade livre (BOYER, 2002).

O turismo tende a ser classificado como uma viagem diferente, com perfil próprio. Sua forma predominante refere-se àqueles que viajam por curiosidade e ócio, embora possam ser observadas várias modalidades turísticas, como, por exemplo, de negócios, congressos e convenções, entre outras. Segundo Boyer (2002), o fenômeno turístico, com maior proximidade ao que hoje se observa de modo prevalente, começou sua germinação na modernidade do século XVI, mesmo que a origem da primeira etapa do desenvolvimento de turismo seja, em geral, assimilada ao chamado “Grand Tour”. Este consistia em viagens prolongadas efetuadas a partir do século XVIII pelos jovens aristocratas britânicos (para se tornarem cavalheiros), durante um ou dois anos, por toda a Europa Ocidental, tendo Roma como destino final.

Esse tipo de viagem era também, naquele século, uma realidade para toda a nobreza europeia e para os comerciantes de grandes riquezas. Viajava-se em busca do aumento do conhecimento, do ganho de experiência pessoal e com vistas a estabelecer contatos diplomáticos e de negócios. Assim, não parece haver exagero em postular que as viagens foram parte de uma criação moderna, além de uma forma de educação para conhecer o mundo (WALLINGRE, 2012).

Naquele mesmo século (XVIII) aconteceu o que Boyer (2002) chama de “revolução turística” (pois aconteceu paralelamente a outras revoluções na Grã Bretanha), permeada de práticas de ociosidade. Tal revolução representou a “invenção” de lugares específicos (um tipo de classificação de destinos turísticos selecionados) nas práticas de turismo, implicando, por exemplo, a definição de épocas e estações particulares em diferentes momentos de um mesmo ano (o que faz do turismo, geralmente, uma prática sazonal).

Seja como for, a prática do turismo faz sentido para as pessoas nela interessadas. De fato, as viagens organizadas propiciam o encontro de lugares, de objetos, de conhecimentos, entre outras coisas diferentes, cuja descoberta só é possível em outras realidades, em geral distante dos próprios lugares habituais de vida dos turistas.

De acordo com Dehoorne (2013), a história de turismo pode ser dividida em quatro períodos: primórdios do turismo (antes dos anos de 1950); advento do turismo de massa (1950-1990); fase da euforia do turismo (1990-2000); turismo pós 2001.



No primeiro período (anterior aos anos 1950), os turistas eram os viajantes, os aristocratas, as primeiras elites econômicas (banqueiros e industriais, entre outras categorias). Dessa forma, o turismo era uma atividade reservada a determinadas classes no início da sua história; com efeito, até os séculos XVIII-XIX, foram os reis e suas famílias que desfrutaram do “direito” de fazer turismo. Só no século XX, com a maior abertura dos mercados e dos territórios, outras camadas da sociedade passaram a usufruir das respectivas atividades. A difusão do turismo por imitação dos estratos sociais considerados superiores teve lugar também dentro do grupo social mais abastado da Europa (os rentistas, que poderiam representar um décimo da população), no século XIX e ainda no primeiro terço do século XX (BOYER, 2002, p. 395).

As camadas inferiores da hierarquia imitam aquelas acima delas, sem inventar formas específicas de turismo; os rentistas fazem como a aristocracia; por volta de 1900, os "burgueses" começam a copiar a classe ociosa; depois vieram as "novas camadas sociais", parte dos empregados; alguns, como professores (que têm feriados prolongados), trabalhadores ferroviários (eles não pagam o trem), estão em melhor posição do que outros para se apropriar de lugares e práticas de turismo da elite. Assim, os lugares mais famosos são chamados de "invadidos"; práticas "snobs" estão se tornando comuns; tudo isso torna novas invenções necessárias<sup>61</sup>.

De fato, parece correto assinalar que o turismo como hoje se conhece tem sua herança no século XVIII, quando era praticado quase exclusivamente pela elite europeia, mas que, após a Revolução Industrial, com a instituição do trabalho como um valor universal, a diminuição da jornada e do tempo de trabalho e o direito às férias pagas,

---

<sup>61</sup> Les couches moins élevées dans la hiérarchie imitent celles qui sont au-dessus d'elles, sans inventer des formes propres de tourisme; les rentiers font comme l'aristocratie; autour de 1900, les «bourgeois» commencent à copier les oisifs; vinrent ensuite les «couches sociales nouvelles», une partie des salariés; certains, comme les enseignants (ils ont des congés longs), les cheminots (ils ne paient pas le train), sont mieux placés que d'autres pour s'approprier les lieux et les pratiques de tourisme de l'élite. Alors, les lieux les plus célèbres sont dits «envahis»; les pratiques «snobs» deviennent communes; voilà qui rend nécessaires de nouvelles inventions.

passou a ser um fenômeno de presença crescente na vida de um grupo maior de pessoas (COËFFÉ et al., 2007; WALLINGRE, 2012). Esses processos constituíram as bases da extensão do “direito” de praticar turismo junto a distintos contingentes da população mundial, embora tal separação entre trabalhadores e nobreza, entre outros aspectos com respeito à prática turística, tenha perdurado fortemente até o início do século XX.

Vale assinalar que Thomas Cook é considerado como um pioneiro do turismo, com a organização, em 1841, de sua primeira curta viagem de trem, para uma convenção sobre alcoolismo. Aquela viagem antecedeu os primeiros pacotes turísticos, que geralmente incluem a viagem, o alojamento e a alimentação (comidas e bebidas). Em 1850 houve uma primeira excursão apta a ser associada ao início da promoção e da divulgação do turismo como um produto de mercado (DACHARY; BURNE, 2012).

Desse modo, o turismo começou a se tornar uma atividade programada, pois mesmo que o turista viaje sozinho, diferentemente do que acontecia no passado, passou a existir uma base de certeza sobre a existência de serviços e de um destino. Tomou forma, assim, um negócio envolvendo numerosos e variados atores na sua promoção e operacionalização, e também no fornecimento dos produtos necessários, tornando o turismo um mercado em geral seguro para seus clientes (DACHARY; BURNE, 2012).

No segundo período (de 1950 até 1990), o crescimento econômico favoreceu, sobretudo, o enriquecimento de algumas camadas da sociedade ocidental e a evolução de tipos de consumos orientados que contribuem para satisfazer as necessidades de estima e de auto-realização dessas camadas. Os progressos realizados nos transportes individuais (carros para muitos) e coletivos possibilitaram e estimularam a difusão do turismo no mundo. O avião, que era reservado a algumas elites até os anos 1970, torna-se o primeiro modo de viagem do turismo internacional, sustentado pela utilização de aviões de grande porte. Mas mesmo assim trata-se de um período caracterizado por uma democratização do turismo que avançava, embora progressivamente, de forma mais ou menos lenta, vista que sustentada por um crescimento econômico desigual.

Seja como for, todos estes elementos contribuíram para o “advento” do turismo de massa, sobretudo porque destinos distantes passaram a estar, e cada vez mais desde então, praticamente à mão. O desenvolvimento do turismo de cruzeiros mostra-se particularmente

significativo nesse processo, sendo que, a esse respeito, as mais recentes embarcações colocadas em serviço podem transportar mais de 6 mil turistas. Por exemplo, não é incomum ver 12 mil pessoas desembarcaram simultaneamente em uma escala turística modesta em algum destino no Caribe (DEHOORNE, 2013).

Não é demais ressaltar, embora seja quase evidente, que o turismo não pode ser analisado como um fenômeno isolado, pois se mostra associado com as transformações ocorridas ao longo da trajetória do sistema capitalista. Para Turner e Ash (1991), por exemplo, o turismo é o resultado visível de quatro grandes ondas de tecnologias, que têm transformado a geografia social do mundo desde o século XIX. Primeiramente, a das ferrovias, que abriram continentes inteiros para o transporte de alimentos e materiais. A segunda onda refere-se aos barcos ou navios a vapor, que permitiram acesso a todo o planeta, praticamente. A terceira onda chegou com o carro, que permitiu a descentralização urbana em vários países, assim como o desenvolvimento de grandes subúrbios. E a última onda corresponde ao avião, sendo esta intimamente ligada ao chamado turismo de massa.

A expressão turismo de massa, na verdade, popularizou-se entre os anos 1950 e 1970, na esteira de boom turístico que levou à duplicação do crescimento do número de turistas internacionais a cada sete anos. Sua utilização específica, para caracterizar a realidade turística que adquiria contornos de fenômeno de grande escala, ocorreu inicialmente na França, em 1962 (BERTRAM, 2002, p. 125 apud. DACHARY; BURNE, 2012).

É importante ressaltar que as características atuais do turismo de massa, que passou a ser objeto de interesse de vários governos, têm origem a partir de 1945, após a Segunda Guerra Mundial. De modo geral, as causas reais que permitiram o avanço a passos firmes desse turismo foram: a paz, a prosperidade, as comunicações (telecomunicações, mídias), a melhoria nas condições de vida em diferentes setores de uma grande parte da população mundial, inclusive uma maior disponibilidade de tempos livres; e também as mudanças aceleradas na medicina e os avanços tecnológicos relevantes ao longo da segunda metade do século XX, especialmente no transporte e no mercado mundial (WALLINGRE, 2012).

O terceiro período da história do turismo (de 1990 até 2000), última década do século XX, é a etapa mais “eufórica” do turismo, com a abertura das fronteiras, sobretudo a partir da queda do muro de Berlim. É uma etapa caracterizada por enorme expansão da área turística. Em

1989, as paredes caem, as fronteiras abrem, o mundo bipolar termina. Os jovens ocidentais estão curiosos para descobrir os países da Europa Central e Oriental que ficaram por longo tempo atrás da Cortina de Ferro, como Alemanha Oriental, Polônia, Hungria, Romênia etc. A unificação do mundo sob uma única bandeira capitalista parece tão promissora. O campo dos territórios abertos ao turismo continua a expandir e o contexto geopolítico parece muito favorável<sup>62</sup> (DEHOORNE, 2013, p. 81).

É também o momento da abertura da China, da África do Sul pós-apartheid, do Vietnã, sem esquecer o posicionamento de novos destinos do Caribe, como Cuba e a República Dominicana, para o turismo balneário de massa.

No final do século XX, os Estados Unidos, e principalmente a Califórnia, passou a ser considerada como a fonte da maior parte das invenções e da difusão turísticas. A maioria das novas práticas de férias passara a vir da Califórnia, como, por exemplo, ciclismo de montanha, esportes leves, prancha à vela, esqui aquático, mergulho, surf, parapente, escalada livre e canoagem, entre outras. Há nisso um importante contraste com o passado, pois na década de 1960 o conteúdo turístico era resumido a três ou quatro grandes itens ou referências, a saber: mar, areia, sol e sexo, tendo como localização privilegiada o Golfo do México e as várias ilhas do Caribe (BOYER, 2002).

O turismo emerge dentro dessas mudanças e transforma o viajante em um turista. Desse modo, as transformações tecnológicas e suas consequências representam as bases do desenvolvimento do turismo. Por exemplo, trens e cruzeiros proporcionam um transporte efetivo, seguro e com tempos definidos. A velocidade do transporte redefine o tempo: por exemplo, agora é possível viajar de um extremo de um país a outro; é possível cruzar o Atlântico em duas semanas, algo

---

<sup>62</sup> 1989, les murs tombent, les frontières s'ouvrent, le monde bipolaire prend fin. Les jeunes occidentales sont curieuses de découvrir les pays d'Europe centrale et orientale longtemps retranchés derrière le Rideau de fer comme l'Allemagne de l'Est, la Pologne, la Hongrie, la Roumanie, etc. L'unification du monde sous la seule bannière capitaliste semble alors prometteuse. Le champ des territoires ouverts au tourisme ne cesse de s'élargir et le contexte géopolitique paraît très favorable.

que era quase impossível algumas décadas antes. A visão sobre o espaço e o tempo passou a ser, desde então, alterada (DACHARY; BURNE, 2012).

O quarto período da história do turismo (2001 e depois), que se abriu no início do vigésimo primeiro século, marcou a maturidade do turismo. Mas os acontecimentos de 11 de setembro de 2001 e o bombardeio de Bali, em 12 de outubro de 2002, teriam um grande impacto sobre o desenvolvimento do turismo. “O bombardeio do Sari Club em Kuta (Bali) destaca a vulnerabilidade de lugares turísticos e as questões geopolíticas que eles cristalizam: mais de 200 pessoas foram mortas no espaço de uma noite na “Ilha abençoada dos Deuses”<sup>63</sup>” (DEHOORNE, 2013, p.81).

Esse último período da história do turismo deixa claro o fato de que o turismo não é apolítico. O turismo não pode escapar das realidades sociais, econômicas e políticas dos países de acolhimento, nem pode ignorar o contexto geopolítico internacional. Esse conjunto de aspectos influencia, naturalmente, as escolhas da mobilidade turística. Eventos profundos levaram o turismo, desse modo, a evoluir em tempos de incertezas, quer em termos econômicos, políticos ou ambientais (DEHOORNE, 2013).

De fato, o turismo torna-se uma realidade ou um fenômeno inexplicável ou indescritível, se não for analiticamente inserido dentro de um conjunto ou de uma totalidade. Esse conjunto ou essa totalidade, em termos bastante gerais, é o sistema capitalista, que está em constante e permanente movimento, por conta das grandes mudanças tecnológicas e econômicas que o afetam continuamente, com seus reflexos sociais, políticos e culturais.

Tudo isso faz do turismo um dos fenômenos econômicos e sociais mais importantes dessas últimas décadas, apesar de suas antecedências efetivas puderem ser rastreadas no século XIX. Em resumo, o turismo surge como um modelo de consumo massivo na segunda metade do século XX, ao longo da trajetória da sociedade capitalista, pois o consumo de serviços não pode ser separado das relações sociais em que está inserido (DACHARY; BURNE, 2012). Deve-se, todo o tempo, considerar analiticamente essas relações, para

---

<sup>63</sup> L’attentat du Sari Club de Kuta (Bali) met en évidence la vulnérabilité des lieux touristiques et les enjeux géopolitiques qu’ils cristallisent: plus de 200 personnes sont tuées en l’espace d’une soirée sur «l’île bénie des Dieux».

poder apreender as tendências de delineamento do setor em questão. Lins (2013, p. 41), por exemplo, em artigo sobre aspectos do turismo moderno e pós-moderno, destacou o seguinte:

Cresce a assiduidade das pessoas nas visitas a parques temáticos, museus e galerias de arte, assim como no usufruto das possibilidades de consumo vinculadas aos shopping centers, por exemplo. Não por acaso, a oferta turística passa a refletir crescentemente esse modo de fruição do lazer e do entretenimento, cuja pedra angular é o simulacro.

Como se vê, a criação de imagens sobre os lugares de destino também é considerada como um dos principais motores que influenciam o turismo, sobretudo no campo do marketing e da publicidade, que inclui a propaganda. Esse processo proporciona os elementos que permitem exibir de maneira nítida as diferenciações culturais e sociais entre os diferentes territórios (DACHARY; BURNE, 2012). Essa criação de imagens permite, inclusive, uma pré-viagem, que representa a possibilidade de conhecer através das imagens para onde se vai. Em que hotel ocorrerá o alojamento, as rotas, os produtos a consumir e os locais onde se situam. Com efeito, atualmente o turista pode fazer uma primeira viagem de expedição e uma segunda de comprovação.

A criação de imagens dos lugares dos destinos permite dentro desse contexto de crescimento turístico na atualidade, inclusive entender certos aspectos (estetização, estilização, fantasia, simulacro, volatilidade) das abordagens modernos e pós-moderna do turismo, conforme abordagem de Lins (2013). Em muitas das experiências turísticas assim protagonizadas, o turista viaja para se evadir do cotidiano, mas não quer perder seus confortos do dia a dia. Trata-se aqui da

[...] tendência à realização de viagens para lugares distantes, que representam uma espécie de fuga da monotonia incrustada no cotidiano, mas sem abrir mão dos confortos da vida diária. Essa é uma importante razão pela qual se pode dizer que a experiência do exótico, e do que se afigura como diferente em relação ao dia a dia, representa, ela própria, simulação (LINS, 2013, p. 42).

É importante salientar que, apesar das incertezas que cercam a atuação desses agentes e atores sociais no interior dessa cadeia global, o turismo continua a ser considerado como uma das escolhas governamentais para promover o desenvolvimento em diferentes territórios. Esse tipo de conduta tem várias implicações, complexas e contraditórias, de ordem econômica, política, social, cultural e ambiental. De toda maneira, para diversos autores e observadores, como Dehoorne (2013, p.78), o turismo pode ser considerado uma espécie de "motor de desenvolvimento, de prosperidade e de bem-estar", não obstante a heterogeneidade das situações criadas ou nas quais o setor se instala.

E é por isso que os governos do Haiti não deixaram de fazer do turismo uma escolha para a promoção do desenvolvimento, apesar do isolamento do país em diferentes esferas desde a sua independência. Na base das dificuldades, situam-se as carências de infraestrutura e a existência de tensões políticas notadamente ao longo das últimas décadas, entre outros aspectos. Contudo, o turismo nunca deixou de ser um dos principais eixos de desenvolvimento para os diferentes governos que assumiram o poder daquela nação, como se destacará posteriormente.

### 3.2 TENDÊNCIAS ATUAIS E PROJEÇÃO DO TURISMO INTERNACIONAL

Nessa construção da cadeia global do turismo ao longo da história, com maior intensidade desde a década de 1950, e apesar das turbulências esporádicas, o turismo tem experimentado um crescimento praticamente ininterrupto, pois os governos, as organizações internacionais e as partes interessadas não deixam de continuar a trabalhar em conjunto para minimizar os riscos que podem afetar as atividades relacionadas. O crescimento torna-se possível, sobretudo, porque, apesar de ser um setor muito sensível aos problemas da economia ou da política, seja real ou percebido, o turismo mostra-se resistente e capaz de expansão rápida, conforme as mudanças mais ou menos bruscas na conjuntura. Portanto, observa-se que, apesar das oscilações a atividade turística internacional tem crescido cada ano a uma taxa média de 7,1 % a partir do ano de 2000.

Os diferentes atores da cadeia global de turismo entendem que nenhum destino é imune a riscos. Dessa forma, procuram aumentar a cooperação no intuito de fazer frente às ameaças globais, em especial

aquelas relacionadas com a segurança. E também buscam continuamente fazer do turismo uma parte integrante do planejamento de suas atividades, quer na esfera empresarial ou, particularmente, na esfera pública, assim como elemento de suas respostas às emergências (OMT, 2016).

Por isso, apesar das crises mundiais e dos riscos<sup>64</sup> que podem apresentar as viagens turísticas, as chegadas de turistas internacionais cresceram de 25 milhões em todo o mundo, em 1950, para 278 milhões em 1980 e 527 milhões em 1995; e passou para 674 milhões em 2000, chegando a 1 bilhão e 186 milhões em 2015<sup>65</sup>. Da mesma forma, as receitas (surgidas das trocas ou intercâmbios comerciais, incluindo o transporte das pessoas) do turismo internacional auferidas pelos destinos em todo o mundo saltaram de US\$ 2 bilhões em 1950 para US\$ 104 bilhões em 1980, chegaram a US\$ 415 bilhões em 1995 e a US\$ 495 bilhões em 2000, saltando para US\$ 1 trilhão e 260 bilhões em 2015 (OMT, 2015; OMT, 2016).

Até a crise econômica que se intensificou fortemente em outubro de 1973, após o esgotamento do período de rápido crescimento do segundo pós-guerra, tanto o número total de turistas como os valores pagos por eles cresceram anualmente a uma taxa de dez por cento (10%) mundialmente, ao longo das duas décadas anteriores. O sucesso mais notável de todos os países foi observado na Espanha, que recebeu 7,4 milhões de turistas em 1961 e 34,6 milhões em 1973; antes da crise de 1973, as autoridades estavam preparadas para receber, no final da década de setenta, cerca de 50 milhões de turistas. Dessa maneira, como a estimativa total da população espanhola era de cerca de 34 milhões de habitantes, esperava-se que ocorresse um impacto social significativo (TURNER; ASH, 1991).

Essa tendência do mercado mundial de turismo, com certeza, tem impacto sobre a renda econômica e afeta, sobretudo e principalmente, as sociedades receptoras. Vale ressaltar de novo e

---

<sup>64</sup> Por exemplo, a explosão de um balão voando sobre Luxor (19 mortos em fevereiro de 2013 no Egito), o sequestro de cinco turistas por um comando armado durante a Semana Santa em Acapulco (México, 2013), o estupro de um turista em um microônibus no Rio de Janeiro (Brasil, abril de 2013), ou a de um campista suíça na estrada para o Taj Mahal (Índia, Março de 2013) (DEHOORNE, 2013).

<sup>65</sup> Os números avançados até aqui são dados do movimento dos turistas externas, existe movimento de turistas internos que alcança entre 5 a 6 bilhões de turistas globalmente em 2014 e em 2015.



colocar em evidência que, em 2015, o turismo mundial teve uma contribuição de 10% do PIB mundial, levando em consideração os impactos direto, indireto e induzido, proporcionando US\$ 1.500 bilhões<sup>66</sup> em exportação (US\$ 4 bilhões por dia, em média). Em 2015, o turismo mundial representou, na sua tradução financeira, 7% das exportações globais e 30% das exportações do setor de serviços. Ao mesmo tempo, ele proporcionou, naquele ano, em média, 1 emprego sobre 11 empregos nas atividades econômicas, mundialmente (OMT, 2016).

O crescimento do turismo mundial foi maior que o do comércio mundial entre 2012 e 2015. Como uma categoria de exportação ao nível mundial, o turismo ocupa a terceira posição, atrás dos setores de combustíveis e de produtos químicos, estando à frente, assim, da indústria alimentar e da indústria automobilística. Em muitos países em desenvolvimento, o turismo corresponde ao principal setor de exportação (OMT, 2016).

Num ângulo mais amplo, e dentro de um período mais longo, a OMT (2015) observa que nas últimas seis décadas o turismo tem continuado a crescer e a se diversificar. Tornou-se um dos maiores setores econômicos e de mais rápido crescimento no mundo. Nesse processo, emergiram muitos destinos novos, além do fortalecimento dos destinos favoritos tradicionais na Europa e na América do Norte.

A previsão de alcance do número de turistas para o ano de 2020 é de 1 bilhão e 500 milhões de turistas. As chegadas de turistas internacionais em todo o mundo deveriam aumentar de 3,3% ao ano entre 2010 e 2030, para atingir o número de 1,8 bilhão de chegadas em 2030, de acordo com o estudo prospectivo de longo prazo da OMT, intitulado "O turismo 2030" (OMT, 2015). Consequentemente, deve ficar claro que, apesar das instabilidades econômicas e das crises de cada época, assim como a do momento atual, o turismo internacional registra uma consolidação do seu crescimento.

Apesar desses números elevados sobre o crescimento contínuo do turismo internacional, e não obstante ter o turismo passado a ser uma atividade de massa, observa-se ainda que uma grande parte da população mundial – a rigor, a esmagadora maioria – não participa das atividades

---

<sup>66</sup> Despesas de alojamento, alimentos e consumo de bebidas, entretenimento, compras e outros bens e serviços dos visitantes internacionais nos destinos alcançaram 1.260 bilhões de dólares americanos em 2015.

desse setor, ao menos na sua escala supranacional. Em grandes áreas do mundo, representa algo estranho para uma parcela notável da população passar férias fora do país de residência. Mesmo com a expansão do turismo, sobretudo após a segunda guerra mundial, estima-se que 95% da população mundial não tinha atravessado uma única fronteira em 1971, e apenas um por cento tinha viajado de avião (TURNER; ASH, 1991). Nas quase cinco décadas transcorridas desde então, é provável que a situação tenha se alterado, mas não a ponto de permitir falar em inclusão ampla de diferentes grupos sociais às atividades turísticas na condição de viajante.

Mesmo em nações mais ricas, férias no estrangeiro de alguma forma continuaram a ser, naquele período de expansão da atividade turística, uma exceção: por exemplo, apenas 15 por cento dos britânicos planejaram um período de férias no estrangeiro em 1973, enquanto apenas cinco por cento da população dos EUA tinham um passaporte, e apenas dois ou três por cento deixaram o subcontinente americano em 1972 (Ibid.).

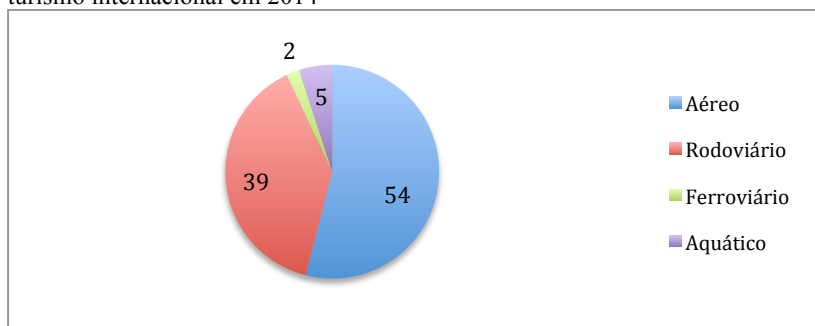
Em outras regiões mais pobres, as proporções são ainda mais baixas. Por exemplo, 85 por cento da população de Portugal, no final da década de 1990 (mesmo sendo um país que não é considerado como pobre), ainda não havia desfrutado de férias de qualquer tipo. Por isso, não é de surpreender que os especialistas desse setor sintam que as expectativas do crescimento turístico potencial sejam muito grandes (TURNER; ASH, 1991). Por exemplo, o turismo internacional, para o ano de 2007, cobriu somente 14% da população mundial e, com definições mais rigorosas, dedicando especial atenção para os padrões de movimento anunciados (lazer, recreação e feriados), pode-se razoavelmente supor que era em torno de 7 a 8% da população mundial, na verdade, a quantidade que participava do turismo internacional (DEHOORNE; SAFFACHE; TATAR, 2008).

É importante salientar desde logo que os dados sobre o turismo mostram que os habitantes dos países com nível muito elevado em termos de índice de desenvolvimento humano (IDH), por exibirem as melhores qualidade e condição de vida, dispõem de mais tempo e maior período de férias e de recreação. Assim, percebe-se que são esses países que produzem os maiores movimentos turísticos (WALLINGRE, 2012): são eles, conseqüentemente, os maiores emissores e receptores de turistas. Os demais países têm, compreensivelmente, movimentos turísticos inferiores, mesmo na condição de receptores.

Além disso, esses países detêm o grosso da logística internacional (operadores turísticos, companhias aéreas, entre outros elementos que utilizam, inclusive, tecnologias de ponta). Esta concentração de recursos nos países mais desenvolvidos (do Norte) tende a reduzir as possibilidades de efeitos em cascata do setor do turismo nas economias do Sul (menos desenvolvidos), num contexto de aumento da concorrência entre os destinos (DEHOORNE, 2013). Desse modo, os maiores benefícios, ou as maiores receitas da cadeia global de turismo, permanecem ou são detidos e concentrados, em grande parte, pelos países mais desenvolvidos (WALLINGRE, 2012).

O fato de predominar, na movimentação dos turistas internacionais, a modalidade de transporte aéreo, outorga ainda maior sentido a essas considerações, pois as companhias mais atuantes encontram-se nos países mais ricos. A figura 6, a seguir, mostra a distribuição dos meios de transporte utilizados pelos turistas internacionais em 2014.

Figura 6 - Distribuição percentual dos meios de transporte utilizados pelo turismo internacional em 2014



Fonte: Elaboração própria com base em dados da OMT (2015)

Observando a figura 6, percebe-se que em 2014 pouco mais de metade do total de visitantes que passam uma noite fora de seu país voou para chegar ao seu destino (54%). O resto utilizou transportes de superfície (46%): estrada (39%), trem (2%) ou barco (5%). A tendência que se desenha ao longo dos anos é a de um crescimento ligeiramente mais rápido do transporte aéreo comparativamente ao de superfície, de modo que a percentagem do transporte aéreo está a aumentar gradualmente (OMT, 2015). Já que o transporte aéreo tende a crescer, as receitas dos que detêm o grosso da logística internacional correspondente vão aumentar também.

Com a expansão das atividades turísticas, os transportes como um todo tendem a crescer. Apesar de a modalidade marítima representar somente 5% nos transportes como um todo, existe uma prática turística em forte expansão que depende desse tipo de movimentação: trata-se do turismo vinculado aos cruzeiros.

O crescimento médio anual do segmento de cruzeiros foi de 7,5% ao longo do período 1980-2011. O número de passageiros aumentou de 3,7 milhões em 1990 para 7,2 milhões em 2000, passando para 14,8 milhões em 2010 e para 16,65 milhões em 2011, alcançando um total de 105 milhões de pernites dos turistas nesses navios. Esse segmento turístico não conhece crise, praticamente, e suas perspectivas de crescimento estimulam os investimentos: poucos anos atrás, esperava-se que 25 navios adicionais fossem incorporados entre 2013 e 2015 à frota que realiza esse tipo de turismo, representando um total de 360.000 camas e implicando investimentos de US\$ 10 bilhões ao longo de três anos (DEHOORNE, 2013). Note-se que o setor de cruzeiros continua a ser dominado pelos países mais desenvolvidos. Assim, tais países canalizam para si o grosso das receitas correspondentes.

Normalmente, a movimentação dos turistas ocorre em direção a áreas seguras. Não é de estranhar, assim, a presença de policiais e mesmo das forças armadas (exército, sobretudo) em áreas muito frequentadas, para garantir a segurança (como, por exemplo, no caso das pirâmides do Egito). Dessa forma, os destinos que garantem a segurança, significando a proteção dos turistas, são os preferidos ou privilegiados nesse setor. De fato:

Os poucos destinos emergentes que parecem satisfazer as exigências de segurança do momento são agregados ao mercado global (como Cuba, Vietnam ou Camboja), enquanto muitos territórios instáveis (como a maioria dos Estados Africanos) têm apenas atividade turística marginal <sup>67</sup> (DEHOORNE, 2013, p.85).

---

<sup>67</sup> Les quelques destinations émergentes qui semblent satisfaire aux conditions de sécurité du moment s'agrègent au marché mondial (comme Cuba, le Vietnam ou le Cambodge), tandis que de nombreux territoires instables (comme la majorité des états africains) n'ont qu'une activité touristique marginale.

Mas, reconhece-se que, em quase dois séculos, o mundo tornou-se turístico, mesmo que o turismo só diga respeito a uma minoria de indivíduos. Mesmo que, em face de uma atividade que se mostra crescente em nível mundial, existam áreas totalmente ignoradas por esse fenômeno (COËFFÉ et al., 2007), são cada vez mais numerosos, em todo o mundo, os espaços que se abrem para o turismo e para os investimentos nesse setor. Uma razão central é que o turismo costuma ser considerado como um trampolim essencial para o desenvolvimento socioeconômico, tendo em vista o seu potencial impacto na forma de empregos e negócios, receitas de exportação e desenvolvimento de infraestruturas (OMT, 2016).

São, realmente, numerosos os locais que passaram a se envolver com o turismo internacional. A tabela 1, a seguir, mostra os dez primeiros destinos turísticos no mundo em termos de número de chegadas e os dez primeiros países do mundo em termos de receitas oriundas das atividades turísticas.

Tabela 1 - Os 10 primeiros destinos mundiais em termos de numeros de chegadas e de maiores receitas em 2015

Chegadas de turistas internacionais				Receitas do turismo Internacional			
		Milhões				Bilhões	
Ran king	Países	2014	2015	Ran king	Países	2014	2015
1	França	83,7	84,5	1	Estados Unidos	191,3	204,5
2	Estados Unidos	75	77,5	2	China	105,4	114,1
3	Espanha	64,9	68,2	3	Espanha	65,1	56,5
4	China	55,6	56,9	4	França	58,1	45,9
5	Italia	48,6	50,7	5	Reino Unido	46,5	45,5
6	Turquia	39,8	39,5	6	Tailândia	38,4	44,6
7	Alemanha	33	35	7	Italia	45,5	39,4
8	Reino Unido	32,6	34,4	8	Alemanha	43,3	36,9
9	Mexico	29,3	32,1	9	Hong-Kong (China)	38,4	36,2
10	Fed. Russia	29,8	31,3	10	Macao (China)	42,6	31,3

Fonte: Elaborado pelo autor baseando em dados da Organização Mundial de Turismo (OMT, 2016)

Um aspecto importante a destacar na tabela 1 é o fato de que os quatro primeiros lugares, no ranking de chegadas internacionais e nas receitas, são ocupados pelos mesmos países, embora em ordem diferente. Os Estados Unidos são o número um do mundo em termos de receita (205 bilhões de dólares americanos em 2015) e o número dois em número de chegadas internacionais (78 milhões de chegadas). A China<sup>68</sup> ocupa o segundo lugar nas receitas (\$ 114 bilhões) e o quarto lugar nas chegadas (57 milhões). Quanto à Espanha, ficou em terceiro lugar tanto em receita (US \$ 57 bilhões) como em chegadas (68 milhões). E a França é o quarto na receita do turismo, com US \$ 46 bilhões em 2015, mas continua a ser o primeiro destino do mundo em número de chegadas, com 84 milhões de turistas em 2015.

As sociedades ocidentais são as pioneiras no turismo internacional, como se falou, mas, ao longo da história desse setor, o conjunto do leste da Ásia-Pacífico mostra, ao lado das primeiras, um crescimento sustentado ao longo do tempo. A rigor, o turismo mundial, de modo geral, se estende a vários países, de modo que os primeiros quinze destinos, que concentraram 97% dos fluxos em 1950, não representaram mais de 68% em 2000 e de 63% em 2003, sugerindo a ideia de “descentralização”. Ao nível nacional, residentes dos “novos países”<sup>69</sup> também começaram a praticar este tipo de mobilidade (que é o “fazer turismo”), da Índia à China, passando pelo México. De fato, integrantes das populações desses países já estão envolvidas na circulação turística global, na medida em que as disponibilidades financeiras assim permitem (COËFFÉ et Al., 2007).

De modo geral, a Europa representa 41% das receitas do turismo internacional em todo o mundo em 2014; Ásia-Pacífico representa 30% de participação; já as Américas têm uma quota de 22%; o Oriente Médio tem 4% de participação em 2014, e a África tem 3% de participação no mesmo ano (OMT, 2015). Em termos reais, as receitas aumentaram de 8% nas Américas, de 4% tanto na Ásia-Pacífico como no Oriente Médio, de 3% na Europa e de 2% na África, para o ano de

---

<sup>68</sup> China é considerada também como o maior mercado transmissor de turismo do mundo, pois continuou a crescer a um ritmo excepcional; suas despesas no exterior aumentaram de 27% em 2014, para chegar a um total de 165 bilhões de dólares americanos (OMT, 2015).

<sup>69</sup> Normalmente, são países que não eram ativos ou dinâmicos nas atividades turísticas tanto como receptoras tanto como emissoras de turistas.

2015 em relação ao ano de 2014 (OMT, 2016). A tabela 2 a seguir compila os dados colocados nesse parágrafo.

Tabela 2 - Repartição das receitas por região em 2014 e 2015

Repartição das receitas em percentagem por região		
2014		Crescimento real em 2015
Europa	41	3
Ásia-Pacífico	30	4
Américas	22	8
Oriente Médio	4	4
África	3	2

Fonte: Elaboração própria com base em dados de OMT (2016)

Por outro lado, as Américas e a região da Ásia-Pacífico registraram ambas, quase 6% de crescimento nas chegadas de turistas internacionais no ano de 2015 em relação ao ano anterior. A Europa, a região mais visitada do mundo, apresentou, por sua vez, um crescimento de 5% no mesmo intervalo. As chegadas subiram 2% no Oriente Médio, ao mesmo tempo em que caíram 3% na África de 2014 para 2015, principalmente devido aos fracos resultados observados no norte desse continente em 2015 (OMT, 2016). A tabela 3 a seguir combina os dados utilizados nesse parágrafo sobre as chegadas de turistas por região.

Tabela 3 - Crescimento das chegadas de turistas por região entre 2014 e 2015

Crescimento das chegadas de turistas em percentagem	
Europa	5
Ásia-Pacífico	6
Américas	6
Oriente Médio	2
África	-3

Fonte: Elaboração própria com base em dados de OMT (2016)

Assim, pode-se considerar que o espaço turístico mundial é articulado em torno de três “bacias” regionais: mais de 75% dos fluxos turísticos internacionais são impulsionados pelas ricas metrópoles europeias, norte-americanas e asiáticas (que são as principais origens dos turistas internacionais). Esses fluxos turísticos são espalhados

também em três “bacias” principais (em outras palavras, os principais destinos turísticos internacionais), as quais são por ordem de importância: 1) a euro-mediterrânea, centrada no Mar Mediterrâneo; 2) a da Ásia oriental-Pacífico, em torno das costas da China; 3) a da América do Norte-Caribe (DEHOORNE; SAFFACHE; TATAR, 2008). A tabela 4, a seguir, mostra a repartição dos turistas por região.

Tabela 4 - Chegadas turísticas por região mundial: 1950-2015

	1950	1970		1985		1990	1995	2000	2005	2010	2011	2012	2013	2014	2015	
	Milhões	Milhões	%	Milhões	%	Milhões	Milhões	Milhões	Milhões	Milhões	Milhões	Milhões	Milhões	Milhões	Milhões	%
Europe	.....	112,8	72,4	212	64,8	250,7	304	390,3	452,3	497	518,8	537,7	560,7	571,7	594,1	50,1
Asia e Pacífico	.....	5,4	3,5	33,6	10,13	58,7	86,3	114,1	152,8	205,9	220,6	236,5	253,7	271,6	289,5	24,4
Américas	.....	33,1	21,2	64,3	19,7	99,3	108,1	130,6	136,5	156	163,5	170,8	175,9	188,8	199,4	16,8
Médio Oriente	.....	2,1	1,3	7,5	2,3	8,2	8,5	12,8	21,4	33,3	31,7	33,3	35,1	36,8	36,3	3,1
África	.....	2,275	1,5	9,7	3	9,8	11,5	14,9	19,3	28,3	30	31	32	34,4	35,4	3
Não especificado	.....	.....	.....	.....	.....	7,9	8,6	11,1	26,7	29,8	29,5	31,2	31	30,8	31,5	2,7
Mesma região	.....	.....	.....	.....	.....	349,1	423,1	532,9	632,3	728,9	767	802,1	838,7	872	912,7	76,9
Outros regiões	.....	.....	.....	.....	.....	77,6	95,3	129,8	149,9	191,5	197,6	207,2	218,7	231,3	242	20,4
Mundo	25	155,74	100	327,1	100	435	527	674	809	950	994	1.040	1.088	1.134	1.186	100

Fonte: Elaborado pelo autor baseando em dados da Organização Mundial de Turismo (OMT, 2016)

Observando a tabela 4, pode-se perceber a evolução do turismo em cada região entre os anos 1970 e 2015 para os mercados receptores de turistas. A região europeia (decréscimo mais acentuado em termo de participação) e aquela das Américas perderam em percentagem para o crescimento das demais regiões (Ásia/Pacífico, Médio Oriente e África). A região que mais se destaca em termos de evolução do turismo, no tocante à participação, é a da Ásia/Pacífico, passando de 3,5 % em 1970 para 24,4 % em 2015, mostrando-se, assim, mais dinâmica com o tempo do que a região das Américas. Saliente-se, contudo, que o turismo aumentou em termos absolutos em todos os continentes/regiões, e de maneira significativa na Europa, ao longo do período.

Muitos turistas internacionais têm interesse em conhecer países de outros continentes, mas é importante assinalar, com base na tabela 4, que no último ano (2015) quase 80 % dos turistas ficaram nas suas próprias regiões (continentes) de origem, e que somente 20 % deixaram essas regiões em proveito de outras. Tal situação não representa algo novo, pois desde os primórdios do turismo há registros desse tipo de



distribuição das viagens, sendo assim até hoje em dia. Os dados da tabela 4, acima, trazem indicações sobre isso.

Como o presente trabalho concentra-se, no que respeita ao estudo específico a que se propõe, na situação do Haiti, importa observar neste momento alguns detalhes e dados sobre a evolução do turismo internacional nas Américas, especialmente no Caribe, sobretudo para o período mais recente, dizendo respeito aos anos 2014 e 2015.

Cabe dizer desde logo que as chegadas de turistas internacionais nas Américas apresentaram o maior crescimento (mais de 8 %) em termos relativos, considerando todas as regiões do mundo, em 2014 em relação a 2013. Para o ano de 2015, em relação a 2014, esse crescimento ficou em torno de mais de 6%. Assim a região aumentou a sua quota de chegadas em todo o mundo representando mais de 16% em 2014 e em 2015.

As receitas do turismo internacional nessa região totalizaram 274 bilhões de dólares americanos em 2014, um aumento de 3% em termos reais em relação a 2013, enquanto a sua parte na receita global foi de 22%. Para o ano de 2015, o aumento foi de 8% em termos reais em relação a 2014, alcançando 24% do faturamento global. Muitos destinos da região beneficiaram-se da valorização do dólar norte-americano em 2015, o que tem impulsionado a demanda de turismo proveniente daquele país. O Caribe e a América Central, com um crescimento de mais de 7%, em ambos os casos, nas suas receitas de 2015 em relação a 2014, assumiram a liderança no crescimento das receitas nas Américas em 2015 (OMT, 2015; OMT, 2016).

O crescimento na região das Américas foi impulsionado pela América do Norte, com mais de 9% em 2014, comparando com 2013, e mais de 6 % em 2015, em relação ao ano anterior. Isso se deve, principalmente, ao aumento das chegadas ao México (20% em 2014 em relação a 2013) e aos bons resultados nos Estados Unidos da América (+ 7% em 2014 comparando com o ano anterior), que são o primeiro destino na região e o segundo destino no mundo em 2014. Canadá, com aumento de 3 % em 2014 nas chegadas de turistas em relação a 2013, registrou um crescimento modesto na América do Norte.

A América do Norte recebeu dois terços das chegadas internacionais nas Américas em 2014 e em 2015. Para o ano de 2015, México e Canadá (ambos com mais de 9% dessas chegadas) registraram forte crescimento nas chegadas de turistas, impulsionado pela demanda originária dos Estados Unidos da América. Neste país, o crescimento foi mais modesto (+ 3%) para o mesmo ano (2015 em relação a 2014),

devido à valorização do dólar, que tornou os Estados Unidos um destino mais caro para quase todos os seus mercados turísticos emissores.

A região do Caribe, da qual faz parte o Haiti, conheceu também um bom desempenho durante os anos de 2014 e de 2015. As chegadas de turistas internacionais em 2014, no Caribe, cresceram 6% em relação a 2013, impulsionadas pela República Dominicana (10% para o mesmo período), um dos principais destinos, enquanto Cuba e Jamaica registraram aumentos de 5% e 4%, respectivamente, para o mesmo período. Em Porto Rico (mais de 1%), o segundo destino mais importante na sub-região, o crescimento foi mais modesto, enquanto menores destinos, como Ilhas Turcas e Caicos (50%), Montserrat (22%), Granada (15%), Haiti (11%) e as Ilhas Cayman (mais de 11%), conheceram crescimento de dois dígitos em 2014 comparando com 2013.

No ano de 2015, o Caribe apresentou um crescimento de mais de 7% em relação a 2014, mostrando-se como principais "locomotivas" desse crescimento os seguintes países: Cuba (mais de 18%), Aruba (mais de 14%), Barbados (mais de 14%), Haiti (mais de 11%), República Dominicana e Porto Rico (ambos com mais de 9%). Os resultados para as Bahamas (mais de 3%) e para a Jamaica (mais de 2%) foram os menores nesse conjunto.

Com esses últimos dados sobre a sub-região do Caribe, percebe-se que o Haiti se destaca no crescimento de chegadas de turistas internacionais. Com efeito, esse país exibiu uma expansão de mais de 11% durante os anos de 2014 e 2015. Dessa maneira, mostra-se importante conhecer detalhes desse crescimento de dois dígitos no Caribe nos últimos dois anos, colocando em perspectiva a trajetória do turismo internacional nesse território nas últimas décadas.

### 3.3 CARACTERIZAÇÃO E TRAJETÓRIA DO TURISMO INTERNACIONAL NO CARIBE

O Caribe é composto por todas as ilhas e praias banhadas pelo Mar do Caribe. É uma área povoada por mais de 300 milhões de pessoas, distribuídas por cerca de quatro milhões de quilômetros quadrados. Este espaço fragmentado inclui politicamente um mosaico de territórios com estatutos diversificados: treze Estados insulares independentes, dezesseis territórios sob controle dos EUA e da Europa (França, Países Baixos, Reino Unido) e dez estados continentais. As diferenças de padrão de vida são altamente significativas, estados

pertencentes ao grupo dos mais pobres (como o Haiti) relacionando-se com economias prósperas (como as das Ilhas Virgens dos EUA ou as de Bahamas) (DEHOORNE; NICOLAS; SAFFACHE, 2005). As linhas a seguir expõem aspectos gerais e específicos da atuação da cadeia global de turismo nos territórios e nas ilhas cercados pelo Mar do Caribe.

### **3.3.1 Aspectos gerais da trajetória do turismo internacional no Caribe**

Em termos de turismo, toda essa região é percebida como um mercado homogêneo, identificado através dos 4 S<sup>70</sup> (mar, sol, areia e sexo) (DEHOORNE; NICOLAS; SAFFACHE, 2005). Ao longo das últimas décadas, os setores do turismo e dos serviços se impuseram como o verdadeiro motor das economias insulares do Caribe. As receitas caribenhas ligadas ao turismo internacional, apoiadas por um crescimento médio anual de 7% desde 1990, atingiram 30 bilhões de dólares americanos em 2015. A presença de turistas naquelas ilhas, que era de 3,5 milhões em 1970, passou para 8,7 milhões de turistas internacionais em 1990, atingiram mais de 19 milhões em 2004 e saltando para 28,7 milhões de turistas internacionais em 2015 (DEHOORNE; SAFFACHE; AUGIER, 2007; OMT, 2016).

O mercado turístico regional caribenho, normalmente, é compartilhado pela América do Norte e a Europa. Sua caracterização envolve destinos para o turismo de massa (caracterizado pelo envolvimento das classes médias ocidentais), como ocorre com República Dominicana, Porto Rico, Cuba e Aruba, e lugares reservados para o turismo de alto nível de renda, como St. Kitts (país caribenho), St. Barthelemy (território da França), as ilhas Bay (em Honduras).

A tabela 2, acima, mostrou que a maioria dos turistas fica em suas próprias regiões. Desse modo, países cujos turistas vão para outros continentes constituem, muitas vezes, Estados que anteriormente detinham colônias nessas regiões, ou, ainda, que possuem territórios ultramarinos (os correspondentes fluxos prevalecem, nesse último caso, sobre os aspectos regionais do turismo). Esse tipo de questão é observado no Caribe. Dehoorne, Saffache e Tatar (2008, p.13) destacam o seguinte sobre a região: “Sublinhemos nesse espaço a permanência de alguns laços privilegiados entre certos territórios insulares do Caribe e

---

<sup>70</sup> Esses 4 S em inglês são: Sea, Sun, Sand and Sex.

algumas potências europeias; os fluxos transatlânticos ocasionalmente prevalecem sobre as lógicas regionais, como nos casos das Antilhas francesas”<sup>71</sup>.

Da mesma maneira que existe uma hierarquia, entre os países no sistema capitalista, na questão da produção e da busca pelo aumento de capitais, também no turismo internacional observa-se estrutura desigual, estratificada. Essa estratificação é observada em todas as regiões, sem distinção, com respeito ao funcionamento da cadeia global do turismo. Nem todos os países da Europa, da Ásia, das Américas e da África conseguem se incorporar de maneira decisiva (isto é, desenvolver atividades turísticas em constante crescimento) no turismo internacional.

Desse modo, enquanto alguns países registram o desenvolvimento do turismo, outros são excluídos, pelo caráter seletivo das decisões protagonizadas nos principais mercados emissores de turistas internacionais e pelo nível da capacidade concorrencial de cada um desses países que tentam desenvolver o turismo em seus territórios. Esse traço marca o setor de turismo em vários lugares, como no Mediterrâneo e no Caribe.

Nesse último espaço, destinos como Cuba, República Dominicana e Flórida aparecem no mapa do mundo, enquanto outros, menos reputados, como as Bahamas, Belize e as Ilhas Virgens, permanecem em nível regional ou até mesmo confinados em uma lógica nacional, para ilhas como Curaçao (Antilhas Holanda), Guadalupe e Martinica (Antilhas Francesas, 90% de turistas domésticos)<sup>72</sup> (DEHOORNE; SAFFACHE; TATAR, 2008, p.14).

O Caribe não apresenta níveis de turismo iguais, entre seus diversos territórios nacionais ou regionais. Certas áreas são mais

---

<sup>71</sup> Soulignons dans cet espace la permanence de quelques liens privilégiés entre certains territoires insulaires de la Caraïbe et quelques puissances européennes; les flux transatlantiques priment ponctuellement sur les logiques régionales comme dans les cas des Antilles françaises.

<sup>72</sup> Dans ce dernier espace, les destinations comme Cuba, la République dominicaine ou la Floride s'affichent sur le plan mondial tandis que d'autres, moins réputées, telles les Bahamas, Belize ou les Îles Vierges demeurent à l'échelle régionale voire confinées dans une logique nationale pour des îles comme Curaçao (Antilles néerlandaises), la Guadeloupe et la Martinique (Antilles françaises, 90% de touristes nationaux).

visitadas pelos turistas, enquanto outras são negligenciadas, como ilustrado pela experiência da ilha de Hispaniola, ocupada tanto pela República do Haiti (ignorada como destino no turismo internacional durante décadas) como pela República Dominicana (um dos principais destinos do Caribe desde 2006) (DEHOORNE; MURAT; PETIT-CHARLES, 2010).

A área turística no Caribe é dominada pela grande estrutura dos polos emissores, que organizam suas respectivas “bacias” regionais, incorporando novas periferias segundo os interesses que detêm nesses lugares e dentro dos limites de suas acessibilidades. A configuração da organização das atividades turísticas nesse espaço depende das estruturas estabelecidas em tais territórios, e essas estruturas, de um modo geral, provêm dos ex-colonizadores. Por exemplo, um dos primeiros “Club Med<sup>73</sup>” (empreendimento com origem na França, país ex-colonizador do Haiti) no Caribe foi instalado no Haiti, país que durante décadas desapareceu do espaço turístico caribenho e mundial, enquanto a República Dominicana e grandes ilhas vizinhas, como Cuba, Porto Rico e Jamaica, dominam o mercado turístico regional caribenho (DEHOORNE; SAFFACHE; TATAR, 2008).

É difícil apresentar dados realmente completos sobre os impactos econômicos do turismo, que são medidos em termos de seus efeitos sobre: renda, emprego, investimento e desenvolvimento, assim como relativos ao Balanço de Pagamentos (UNWTO, 2014). Todavia, dados mais amplos revelam que o setor do turismo responde, diretamente e indiretamente, por 15,5% dos postos de trabalho na região caribenha, enquanto a participação do turismo internacional nos empregos mundiais gira em torno de 6,3%. Em alguns casos, o turismo fornece dois terços dos postos de trabalho (Ilhas Virgens Americanas) e impacta a renda, de um modo geral, a ponto de contribuir para situações nacionais em que a renda per capita aproxima-se de US\$ 20.000 (nas Ilhas Cayman, por exemplo, a renda per capita é ainda maior) (DEHOORNE; SAFFACHE; AUGIER, 2007).

Apesar das disparidades existentes entre os diferentes países, o

---

<sup>73</sup> **Club Méditerranée**, também conhecida como **Club Med**, é uma empresa de origem francesa fundada em 1950 e que atua no setor do turismo prestando serviços de hotelaria e lazer. Ela está presente em todas as bacias do turismo internacional. A presença de tal Clube no país pode ser explicada pelo fato de que o Haiti foi uma colônia francesa (SÉRAPHIN, 2013; MINISTÈRE DU TOURISME, 2003). As razões do desaparecimento do Haiti do mapa turística serão esclarecidas em outra parte do trabalho.

turismo tornou-se uma atividade essencial na maioria das economias da região. As receitas podem facilmente representar mais de metade do PIB, conforme os países. É assim em St. Lucia (64%), Antígua e Barbuda (74%), com o recorde pertencendo às Ilhas Turks e Caicos, com 91% do PIB (US\$ 292 milhões em receitas em 2002, contra 37 milhões em 1990). Essas receitas estão experimentando um crescimento significativo em destinos como Cuba (US\$ 1 bilhão e 915 milhões em 2004, contra 963 milhões uma década antes) ou República Dominicana (US\$ 900 milhões em 1990 para US\$ 3 bilhões e 180 milhões em 2004). O impacto também é significativo nas economias de países como Panamá (US\$ 172 milhões em 1990 e US\$ 685 milhões em 2004) e Honduras (de US\$ 29 milhões para US\$ 396 milhões, com um crescimento médio anual de 26,6% desde 2000) (DEHOORNE; SAFFACHE; AUGIER, 2007).

A seguir, na tabela 5, indicam-se os dez principais destinos turísticos no Caribe, em termos de números de chegadas e receitas.

Tabela 5 - Os dez principais destinos turísticos nas ilhas do Caribe: 1990-2015

Ilhas do Caribe	Chegadas de turistas				Receitas de turistas em milhões de US \$		
	1990	2000	2010	2015	2013	2014	2015
Puerto Rico	2.560.000	3.131.000	3.186.000	3.542.000	3.311	3.439	3.825
Republica Dominicana	1.305.000	1.776.000	4.125.000	5.600.000	5.064	5.630	6.118
Cuba	327.000	742.000	2.507.000	3.491.000	2.325	2.367	...
Bahamas	1.562.000	1.598.000	1.370.000	1.472.000	2.285	2.308	2.379
Jamaica	989.000	1.147.000	1.922.000	2.123.000	2.074	2.255	2.379
Aruba	433.000	619.000	825.000	1.225.000	1.495	1.605	1.652
Ilhas Virgens dos EUA	463.000	454.000	590.000	...	1.232	...	...
Bardados	432.000	442.000	532.000	592.000	964	888	922
Martinica	283.000	457.000	476.000	487.000	484	483	...
Saint-Martin	545.000	449.000	443.000	505.000	857	906	936

Fonte: Elaborado pelo autor com base em dados da OMT (2016)

Os quatro primeiros principais destinos (Porto Rico, República Dominicana, Bahamas e Jamaica) têm um peso relevante na expansão do desenvolvimento de turismo no Caribe. Por exemplo, eles acolherem em 1995 um pouco mais de metade dos turistas que visitaram o espaço turístico caribenho (DEHOORNE; MURAT; PETITCHARLES, 2010).

O turismo de massa tornou-se uma importante fonte de receita para muitos países do Caribe. Por exemplo, o Caribe recebeu em 1995

cerca de 15 milhões de turistas, que se hospedaram ou permaneceram nas ilhas, e quase 10 milhões de cruzeiros. E, para o ano de 2004, estimou-se que, no total, as ilhas e costas do Caribe (fora os EUA) receberam mais de 40 milhões de turistas internacionais (DEHOORNE; SAFFACHE; AUGIER, 2007).

Em relação aos investimentos, não se têm dados detalhados sobre os capitais nacionais e estrangeiros no setor de turismo. Contudo, observa-se que os investimentos diretos externos (IDEs) desempenham um papel crucial em diferentes setores em vários países do Caribe. Não por acaso, embora diversos interesses para além dos relacionados ao turismo possam (e devem) interferir, “Todos os países da América Central criaram regimes especiais para atrair investimentos, [...]”<sup>74</sup>.” (PIVA, 2015, p. 15)

O que se percebe na região caribenha é que os IDEs dirigem-se principalmente para resorts e hotéis, pois mais de 60% dos complexos hoteleiros instalados são propriedades de estrangeiros (PATTULLO, 1996 apud DEHOORNE; MURAT; PETIT-CHARLES, 2010). Os primeiros a se beneficiar desses investimentos internacionais são os empresários norte-americanos, europeus e sul-africanos, em razão dos sistemas tributários atraentes em muitos países caribenhos, que permitem a rápida movimentação dos lucros, sem a obrigação do reinvestimento local (DEHOORNE; MURAT; PETIT-CHARLES, 2010). Sobre as medidas dos sistemas tributários da maioria dos países caribenhos, Piva (2015, p. 13) salienta o seguinte:

Para atrair IDE, a maioria dos países exonera certos investimentos do pagamento de vários impostos, tais como impostos sobre a renda (ISR), municipais, sobre ativos, entre outros. Isto leva a uma "guerra de incentivos" entre os países da sub-região com efeitos adversos para os ingressos fiscais. Em consequência (e contraditoriamente), os setores mais dinâmicos da economia da América Central contribuem menos para o fisco<sup>75</sup>.

---

<sup>74</sup> Todos los países centro americanos han creado regímenes especiales para atraer inversiones, [...].

<sup>75</sup> para atraer IED, la mayoría de los países exonera a ciertas inversiones del pago de varios impuestos, como aranceles, sobre la renta (ISR), municipales, sobre activos, entre otros. Esto conlleva una “guerra de incentivos” entre los países de la subregión con

Essas medidas dos sistemas tributários do Caribe também foram responsáveis por criar certas fortunas locais do capital transnacional (DEHOORNE; MURAT; PETIT-CHARLES, 2010). Observe-se que outro tipo de IDE refere-se ao investimento residencial, pelo qual indivíduos de fora da região compram propriedades no Caribe (ECLAC<sup>76</sup>, 2015).

Existem ainda os chamados IDEs relativos ao turismo de não-permanência e aos serviços auxiliares, normalmente associados às linhas de cruzeiros internacionais na região. Mas, em geral, os IDEs nesses segmentos de atividades são limitados. Por exemplo, restaurantes, serviços turísticos e outras empresas de hospedagem ou recepção turística, tendem a ser explorados por iniciativas de origem local. Já o setor dos transportes aéreos é, naturalmente, uma exceção e uma parte altamente integrada à indústria global do turismo. Além disso, as companhias aéreas também criam seus próprios serviços secundários. “*Goddard Enterprises of Barbados*”, por exemplo, presta serviços de *catering* (suprimento de comidas preparadas, entre outros serviços) em muitos aeroportos da região caribenha. Embora estes últimos empreendimentos não precisem necessariamente de IDEs intensivos em capital financeiro, eles têm gerado um significativo número de empregos (ECLAC, 2015).

Cabe ainda indicar alguns exemplos de grandes IDEs no turismo do Caribe. O maior projeto da região é o “Baha Mar”, que inclui cinco hotéis diferentes e envolveu um investimento total de aproximadamente US \$ 3,5 bilhões, financiado em grande parte pelo “*Export-Import Bank*” da China. O gigante regional é a “*Jamaica's Sandals Resorts International*”, que têm filiais em várias ilhas: resorts recentemente inaugurados incluem unidades em Barbados (reabertura em 2015, após um *upgrade* de US \$ 65 milhões), Granada (2013), Bahamas (2010) e Antígua e Barbuda (2008) (ECLAC, 2015).

Importa agora falar da governança dessa cadeia no Caribe, destacando os agentes ou atores que orientam e dominam aquele espaço com relação ao turismo. Em relação aos principais líderes da cadeia global de turismo no Caribe, deve-se procurar identificar quem são os atores dominantes nas principais linhas de companhias aéreas, nas

---

afectos adversos para los ingresos fiscales. En consecuencia (y contradictoriamente), los sectores más dinámicos de las economías centro-americanas contribuyen menos al fisco.

<sup>76</sup> Em português é CEPAL = Comissão econômica para a América Latina e o Caribe.



cadeias de hotéis internacionais e também nas linhas de cruzeiros atuando no turismo caribenho. Como os turistas de cruzeiros constituem o mercado que cresce mais rapidamente na indústria turística (WOOD, 2000), pretende-se, dessa maneira, ressaltar os principais atores desse segmento do turismo com atuação no mar caribenho.

### **3.3.2 Atuação da Indústria dos Cruzeiros no Caribe**

O segmento do turismo de cruzeiros cresceu e se tornou, ao longo do tempo, uma atividade muito importante em termos internacionais. De acordo com Direção Geral das Empresas (DGE<sup>77</sup>, 2014), uma instituição francesa, durante a década (2003-2013) a demanda por cruzeiros em todo o mundo aumentou 77 %, de 12 para 21,3 milhões de passageiros. As despesas da indústria de cruzeiros geraram um total de US\$ 117 bilhões em contribuição econômica e garantiram o emprego de 957 mil pessoas em tempo integral, com salários totais de US\$ 38,47 bilhões no mundo em 2015 (DGE, 2014; TV5MONDE, 2016).

O turismo de cruzeiro no espaço caribenho, de fato, pode ser um dos aspectos que melhor ajudam a entender a questão de governança da cadeia global de valor de turismo, pois o Caribe é a primeira região no mundo em termos de cruzeiros. Por exemplo, um cruzeiro em cada dois, realizados em escala mundial, ocorre no Caribe. Em 2013, ela representou 45,8% do tráfego global de cruzeiros, com 21,8 milhões respectivos passageiros. Nessa região, o turismo de cruzeiros tende gradualmente a igualar o turismo que se utiliza de alojamentos em terra firme. Por exemplo, em 2004, em 13 dos 34 países do Caribe, os fluxos de turistas de cruzeiro excederam os de turismo de alojamento.

Saliente-se também que o número de passageiros de cruzeiros aumentou de 1,4 milhões em 1980 para 8,5 milhões em 1997, e que a previsão para 2017 é de mais de 25 milhões, mundialmente, um aumento acentuado em comparação com 15,8 milhões de apenas 10 anos atrás. A taxa de crescimento anual da indústria de cruzeiro, globalmente, é de 8% desde 1980 (DEHOORNE; MURAT; PETITCHARLES, 2009; WOOD, 2000; TV5MONDE, 2016).

---

<sup>77</sup> DGE = Direction Générale des Entreprises. Em português seria: Direção Geral das Empresas. Pertence ao Estado francês.

Para atender a demanda de 2017, prevê-se que 26 novos navios serão lançados no referido ano, representando um investimento total de US\$ 6,8 bilhões. E, em 2026, deverá ser inaugurado um total de 97 novos navios de cruzeiro, fruto de um investimento estimado de US\$ 53 bilhões (TV5MONDE, 2016). Saliente-se que esses dados são oriundos de diferentes fontes, e, desse modo, podem haver pequenas discrepâncias entre alguns deles, Grenier (2008, p.45) sublinha: “[...]existe uma grande disparidade entre os dados encontrados nos vários documentos emitidos pelas agências portuárias e turísticas.”.

Com esse crescimento contínuo, as empresas tendem a colocar em funcionamento, nesse mercado, mega-navios de 220 mil toneladas, com capacidade de até 6.600 camas. As capacidades de acolhimento por navio passaram de 2.500 embarcados (por exemplo, o navio *Grand Princess*) para 3.360 passageiros (o *Carnival Destiny*), para enfim se estabilizarem com cerca de 6 mil camas (o *Oasis of the Seas* e o *Allure of the Seas*). Levando em consideração tanto os passageiros dos cruzeiros como os membros das tripulações (que variam de 1.000 a 2.100 pessoas), os maiores navios, do tipo “*Oasis of the Seas*” e “*Allure of the Seas*”, têm até 8.400 pessoas a bordo (DEHOORNE et al., 2011).

Em 2016, no dia 15 de maio, o maior navio de cruzeiro do mundo, o “*Harmony of the seas*”, da linha “*Royal Caribbean Cruises*”, deixou ao meio-dia a cidade de Saint-Nazaire (oeste da França), onde foi construído, em direção a Southampton, no sul do Reino Unido. Sua capacidade atinge o recebimento de 8.460 pessoas (6.360 passageiros e 2.100 tripulantes), e seus mais de 66 mil m<sup>2</sup>, incluindo as instalações dedicadas à alimentação e ao entretenimento, custaram um bilhão de euros. Em particular, pode-se encontrar nessa embarcação o maior toboágua (ou tobogã de água) existente em navegação, uma quadra de basquete, uma tirolesa, minigolfe, simuladores de surf, uma rua comercial, um jardim exterior, um casino e uma sala de teatro, entre outros elementos (FRANCE 24, 2016).

Com esse nível de capacidade para a realização de grandes cruzeiros, não surpreende observar-se de 10 mil a 12 mil pessoas, como já foi sublinhado, desembarcando num mesmo dia, no mesmo intervalo de tempo, durante uma parada em uma pequena ilha do Caribe (como Key West ou a cidade de Castries, na ilha de St. Lucia). Consequentemente, esses mega-navios também provocam preocupações, seja com os reflexos sociais, seja com os impactos ambientais. Além disso, o gigantismo crescente dessas unidades não deixa de representar problemas graves para países sem instalações de recepção adequadas.

Observe-se que costuma girar em torno disso, inclusive, uma das razões pelas quais alguns países são marginalizados na cadeia de turismo global (DEHOORNE; MURAT; PETITCHARLES, 2009). A figura 7 permite observar a imagem de um mega-navio.

Figura 7 - Cruzeiro de Royal Caribbean International



Fonte: Royal Caribbean International (2014, p.117)

De uma maneira geral, são poucas as regiões privilegiadas pela indústria dos cruzeiros. Por exemplo, os centros turísticos do Caribe e do Mediterrâneo são considerados como os principais espaços receptores, mostrando-se os Estados Unidos como o mais importante centro emissor de navios de cruzeiros e de turistas de cruzeiros, exercendo uma inegável liderança nessa atividade, globalmente (DEHOORNE et al., 2011).

A presença de cruzeiros ocorre principalmente nos meses de outubro a maio (com registro de 1,5 a 3,0 milhões de passageiros por mês). No resto do ano, o fluxo de passageiros de cruzeiro é menos importante (entre 1,0 e 1,5 milhões mensalmente). O fortalecimento dessa liderança global exercida por esse espaço na última década é explicado, logicamente, pela proximidade imediata do centro emissor norte-americano (IEDOM<sup>78</sup>, 2015).

Por conseguinte, o envolvimento da clientela norte-americana (dos EUA e do Canadá) é fundamental para a indústria de cruzeiros. Por isso, empresas como “*Norwegian Caribbean Lines*”, “*Princess Cruise*”

---

<sup>78</sup> Institut d'Émission des Départements d'Outre-Mer (IEDOM). Em português é: Instituição emissora dos territórios franceses ultramarinos.

e “*Royal Caribbean Cruise Line*” encontram-se posicionadas na Flórida e no espaço do Caribe, a partir de onde propiciam uma oferta sob medida para clientes, sobretudo norte-americanos (DEHOORNE et al., 2011).

Mas, num contexto de crescimento global da indústria dos cruzeiros, a participação relativa norte-americana em termos de número de turistas tende a diminuir. Por exemplo, a participação dos norte-americanos era de 91% em 2000, foi para 83,9% em 2006, atingiu 72,8% em 2010 e, em 2011, esses clientes representaram 69% dos passageiros embarcados. De qualquer forma, apesar das mudanças que podem acontecer nas quotas e na participação de outros mercados nessa atividade global, o mercado representado pelos Estados Unidos e pelo Canadá, como centros emissores principais de cruzeiros, é o principal em toda a história dessa indústria (WOOD, 2000; IEDOM, 2015).

Um relatório de Business Research and Economic Advisers (BREA), intitulado "A contribuição econômica global do turismo de cruzeiro em 2013", forneceu as seguintes informações sobre o funcionamento dessa modalidade turística naquele ano:

- 21,31 milhões de passageiros embarcaram em um cruzeiro através dos portos em todo o mundo.
- 55 % dos passageiros vêm da América do Norte (11,82 milhões), dos quais 10,92 milhões são residentes dos Estados Unidos.
- 30% dos passageiros residem na Europa (6,4 milhões), dos quais 1,73 milhões no Reino Unido e 1.69 milhões na Alemanha.
- Os passageiros australianos (833,000 passageiros), brasileiros (732,000) e chineses (727,000) também são grandes fãs de férias em cruzeiros.
- A duração média de um cruzeiro é de 7 dias, com 3 a 4 paragens.
- A indústria dos cruzeiros tem gerado cerca de 115 milhões de visitas de passageiros e de membros da tripulação por dia nos portos através do mundo para gastar um montante médio de 126,93 \$ por dia<sup>79</sup> (DGE, 2015).

---

<sup>79</sup> • 21,31 millions de passagers ont embarqué sur une croisière depuis les ports du monde entire.

Percebe-se também a existência de aquisições e de fusões dentro da indústria de cruzeiros ao longo da sua trajetória. Isso é coerente com o que se observa em diferentes outros setores, pois a competição – muitas vezes acirrada, sendo isso um dos aspectos “internos” do sistema capitalista – leva normalmente à concentração e à centralização de capitais. No setor de cruzeiros,

O ritmo de fusões, aquisições e falências tem sido vertiginoso nas últimas duas décadas. A *Carnival Corporation*, que em 1980 era dono de apenas três navios, com 3,950 camas, tem, entretanto, adquirido as linhas de *Holland America*, *Seabourn*, *Costa*, *Windstar*, e *Cunard*, e cresceu para um total de 43 navios com capacidade potencial de transporte superior a mais de 50.000 passageiros; tem também participação em *Airtours’ Sun Cruises*. Em 1997 e 1998, sozinho, a *Carnival* adquiriu a *Costa Cruise Lines* e a *Cunard*; *Royal Caribbean* comprou *Celebrity Cruises*; *Cruise Holdings* comprou *Dolphin Cruise Line* e a fundiu com a sua marca *Premier*; e a *Norwegian Cruise Line* assumiu as Linhas da *Majesty Cruise Line* e comprou a *Orient Lines*. Enquanto na maioria desses casos, as diferentes marcas das empresas compradas são mantidas para competir em diferentes segmentos do mercado de cruzeiros, pelo menos uma dúzia de marcas de cruzeiros desapareceu durante a última década<sup>80</sup> (WOOD, 2000, p. 352, grifos meus).

- 
- 55 % des passagers proviennent d’Amérique du Nord (11,82 millions), dont 10,92 millions résidant aux États-Unis.
  - 30 % des passagers résident en Europe (6,4 millions), dont 1,73 millions au Royaume-Uni et 1,69 millions en Allemagne.
  - Les passagers australiens (833,000 passagers), brésiliens (732,000) et chinois (727,000) sont aussi de grands amateurs de vacances en croisière.
  - La durée moyenne d’une croisière est de 7 jours, avec 3 à 4 escales.
  - L’industrie de la croisière a généré près de 115 millions de visites à la journée de passagers et membres d’équipage dans les ports à travers le monde pour y dépenser une somme moyenne de 126,93 \$ par jour.

<sup>80</sup> The pace of mergers, acquisitions, and bankruptcies has been dizzying over the past two decades. Carnival Corporation, which in 1980 owned a mere three ships, with 3,950

A linha de cruzeiro que cresceu mais rapidamente na década de 1990 é a *Star Cruises*, uma empresa com sede na Malásia. Atendendo principalmente turistas asiáticos, e com a pretensão, em 2000, de se tornar a quarta maior empresa, era superada apenas pelas três grandes empresas dos Estados Unidos – *Carnival*, *Royal Caribbean Internacional* e *Princess* – as quais, coletivamente, controlavam mais de dois terços do mercado norte-americano (WOOD, 2000).

Na verdade, a repartição do bolo (em termos de passageiros) mundial de cruzeiros é dominado por duas linhas gigantes dos EUA: *Carnival Cruise Lines (CCL)* e a *Royal Caribbean Cruises (RCL)*. A CCL tem uma quota de 48,4%, enquanto a RCL possui uma quota de 23,3% por cento. Juntas elas possuem quase três quartos (71,7 por cento) do total de cruzeiros do mercado em 2012 (DGE, 2013).

Esses grandes navios detêm normalmente múltiplas atrações a bordo e tornam-se, assim, "destinos turísticos em si", como se costuma descrever o maior cruzeiro do mundo, o "*Harmony of the seas*". Consequentemente, o tempo gasto pelo turista de cruzeiro fora do navio é reduzido. De acordo com Wood (2000), os novos navios, particularmente os da linha *Carnival Cruise Lines (CCL)*, parecem-se mais com parques temáticos do que com navios.

Essa lógica atual dessa indústria de mega-navios de cruzeiros permite uma grande ampliação de ganhos em detrimento dos benefícios econômicos ou financeiros dos destinos terrestres. Com efeito, esses mega-navios tornaram-se, em vários casos, verdadeiras "aldeias resorts flutuantes", que viajam em meio a paisagens de cartões postais, onde as paradas propostas tendem a ser secundárias. Por exemplo, a proporção de turistas norte-americanos que passam pelo menos uma noite em terra passou de 61,8% em 1987 para 48,6% em 1998 (WOOD, 2000; LOGOSSAH, 2007; DEHOORNE et al., 2011).

berths, has in the meantime acquired Holland America, Seabourn, Costa, Windstar, and Cunard lines, and grown to a total of 43 ships with a potential passenger capacity over 50,000; it also has part interest in Airtours' Sun Cruises. In 1997 and 1998 alone, Carnival purchased Costa Cruise Lines and Cunard; Royal Caribbean bought Celebrity Cruises; Cruise Holdings bought Dolphin Cruise Line and merged it with its Premier brand; and Norwegian Cruise Line took over Majesty Cruise Line's ships and purchased Orient Lines. While in the majority of these cases the purchasing company maintained separate brands to compete in different cruise market segments, at least a dozen cruise brands disappeared during the past decade.

Os cruzeiros realizam desembarques apenas em seus portos de escala e passam a maior parte de seu tempo em águas não territoriais. O motivo é que, geralmente, as poucas paradas desses mega-navios se realizam em seus próprios territórios privados, que incluem também seus próprios parques e seus próprios hotéis, resorts e clubes, entre outros espaços de recepção turística e de entretenimentos.

Esses mega-navios também, até certo ponto, orientam seus clientes nos seus gastos, dando informações sobre os produtos de outras empresas que atuam em parceria. Por exemplo, Wilkinson (2004 apud DEHOORNE; MURAT; PETITCHARLES, 2009) destaca o fato de que menos de 15% dos alimentos consumidos em hotéis em Santa Lúcia é produzido localmente. De outra parte, as empresas da indústria de cruzeiros são proprietários de clubes privados, reservados para os seus clientes, dispostos em algumas paragens preferidas.

Tudo isso levou a questionar os benefícios econômicos para os territórios onde essas empresas atuam. “Qualquer ganho incremental no lucro é naturalmente mantido pelas corporações de turismo e por seus colaboradores locais. É altamente problemático [considerar] que haveria qualquer perspectiva de melhorias substanciais para a maioria dos trabalhadores<sup>81</sup>” (WONG, 2015).

Essas empresas de mega-navios, muitas vezes, devem garantir aos seus clientes um espaço exclusivo, controlado, supervisionado de forma segura e dedicado exclusivamente aos turistas e aos funcionários que os servem. Por exemplo, das oito principais linhas de cruzeiros que operam regularmente no Caribe, seis possuem ilhas privadas que incluem seus portos de escala. Todos os cruzeiros de *Holland America* no Caribe passam um dia no *Half Moon Cay* (ilha de 7 km<sup>2</sup> em Bahamas); todos os cruzeiros da *Disney* passam um dia em *Castaway Cay* (ilha de 4 km<sup>2</sup> em Bahamas); a maioria dos cruzeiros *Norwegian Cruise Lines* passam em *Great Stirrup Cay* (ilha de 1 km<sup>2</sup> em Bahamas); todos os cruzeiros *Princess* com sede na Flórida passam em *Princess Cay* (ilha de 16 hectares em Bahamas); *Celebrity Cruises* dispõe da Ilha Catalina (15 km<sup>2</sup>) na República Dominicana, e os cruzeiros *Costa* passam em *Serena Cay* (15 km<sup>2</sup>) na mesma região; todos os cruzeiros de *Royal Caribbean* visitam *Coco Cay* (ilha de 22 hectares em Bahamas)

---

<sup>81</sup> Any incremental gain in profit is naturally retained by tourism corporations and their local collaborators. It is highly problematic that there would be any prospect for substantial improvements for the most of the workers.

ou *Labadee* (no Haiti) (WOOD, 2000; LAPRESSE.CA, 2010; DUVANEL, 2015; SANTOS, 2016; NAUTISME.COM, 2016 ).

O último local mencionado, Labadee, não é realmente uma ilha, mas um pedaço do Haiti, cercado por um muro de ferro de dez metros de altura e patrulado por guardas armados. De acordo com Orenstein (1997, apud WOOD, 2000), a maioria dos passageiros do Royal Caribbean que visitam Labadee nem sequer percebe que se encontra no Haiti. Coco Cay, nas Bahamas, e Labadee, este um destino exclusivo na costa do Haiti, são ambas consideradas como duas fantasias perfeitas nas ilhas do Caribe. Tendo em vista os múltiplos testemunhos dos turistas e de outros atores importantes dessa indústria, *Half Moon Cay*, nas Bahamas, é considerada como a ilha mais idílica e fantasiosa do Caribe (CRUISE CRITIC, 2012; RALUCA; MONICA, 2008, DUVANEL, 2015).

De fato, a indústria de cruzeiros é controlada globalmente por duas empresas poderosas. Os dois armadores principais que dominam o mercado são o grupo “Carnival Corp-Princess-Cruises”, que atualmente controla 47,2% do tráfego de cruzeiros no Caribe, e o grupo “Royal Caribbean-Celebrity Cruises”, com uma quota de 35,6%. Isso significa que esses dois grupos têm realizado o transporte de mais de 80% dos passageiros no Caribe, como ocorreu em 2003. Muito atrás nota-se a atuação da “Norwegian Cruise Line”, que mantém 7,9% do mercado (DEHOORNE; MURAT; PETITCHARLES, 2009).

Nos navios de cruzeiro, os cuidados com os hóspedes devem ser, e costumam ser, primorosos, o que torna as respectivas atividades muito intensivas em mão-de-obra. Por exemplo, há um empregado de bordo para cada dois ou três passageiros, em média. Empresas como a *Royal Caribbean International*, com mais de 13.000 trabalhadores, empregam nacionais de 50 países ou mais, muito acima do que fazem as maiores empresas transnacionais terrestres. *Carnival e Royal Caribbean* parecem ter tripulações oriundas de um número especialmente grande de países, registrando-se, tipicamente, trabalhadores de 40 ou mais países em um único navio.

Normalmente, essa mão de obra é rigidamente estratificada em três grupos: funcionários, pessoal e tripulação. Esses grupos têm áreas de estar separadas, salas de jantar separadas, diferentes níveis de restrições sobre as interações com os passageiros e, também, grandes diferenças nos salários. Na maioria das embarcações, existe uma clara influência étnica nessa hierarquia: os oficiais costumam ser noruegueses ou italianos, os funcionários provêm da Europa Ocidental e da América



do Norte (principalmente os diretores de cruzeiros, gerentes de hotéis, entretenimento e pessoal de negócios), e os tripulantes são de países da Ásia, do Caribe e da Europa Oriental (ATLANTICO.FR, 2012; MAILLOCHON, 2016).

Portanto, a globalização do turismo não representa nada de novo para o Caribe. Provavelmente mais do que qualquer outra região, esta foi totalmente integrada e dependente da economia mundial durante séculos. Por isso deveria ficar claro que a indústria de cruzeiros não é um empreendimento de caridade em prol do desenvolvimento dos territórios em que ela penetra. As empresas dessa indústria são inteiramente não-caribenhas. A força de trabalho dos navios é esmagadoramente não-caribenha. Por exemplo, em todos os navios que navegam no Caribe, os nacionais desta região são uma pequena minoria de funcionários de bordo, não mais que 7%, segundo uma estimativa (WISE, 1999 apud WOOD, 2000), apesar da proximidade geográfica em relação ao centro dessa indústria e da alta taxa de desemprego das ilhas do Caribe.

É possível que também existam fatores culturais por trás dessa pequena participação de caribenhos, pois, certamente, o ritmo exaustivo do trabalho em cruzeiros é muito diferente do ritmo de vida nas ilhas. Por exemplo, o pequeno número de funcionários originários das Bahamas corresponde, principalmente, a trabalhadores que se ocupam de atividades ligadas a saneamento (serviços gerais de limpeza dos cruzeiros), mas é provável que muitos trabalhadores como esses deixem de trabalhar com as grandes linhas de cruzeiros possuidoras de várias pequenas ilhas privadas em Bahamas, em razão do ritmo exaustivo existente dentro desses mega-navios (LOGOSSAH, 2007).

As leis trabalhistas que protegem os direitos dos trabalhadores dentro desses mega-navios são praticamente inexistentes, e, quando existem, são muitas vezes facilmente alteradas ou manipuláveis. Por exemplo, a maioria dos funcionários de bordo trabalha sete dias por semana durante seis meses seguidos, com algumas poucas horas de folga. E o que esses navios fazem no Mar do Caribe (incluindo dejetos) está fora da jurisdição dos Estados da região (RALUCA; MONICA, 2008; ATLANTICO.FR, 2012; MAILLOCHON, 2016).

Para as corporações, por exemplo, a rentabilidade ligada à produtividade muitas vezes se relaciona ao fato de poderem se instalar em lugares onde podem pagar salários baixos. E, mais ainda com a liberalização comercial, até os produtos locais podem ser marginalizados

em benefício de outros produtos, de outras firmas internacionais que têm ligações com as mesmas que atuam naquele espaço.

No léxico neoliberal, a produtividade equivale baixos salários, independentemente de sua adequação para viver minimamente. Assim como o negócio dos navios de cruzeiro, o modelo de negócios do turismo em massa de base terrestre, controlado por grandes corporações transnacionais, é baseado essencialmente no menor custo de bens e serviços (WONG, 2015).

Alguns levantamentos feitos sobre a região do Caribe, sobretudo pelo Banco Mundial (2016) e pelo Fundo Monetário Internacional (FMI, 2006), entre outras organizações internacionais, mostram, com poucas exceções, que os padrões gerais de vida declinaram desde o final da década de 1970 e o início dos anos 80, e que nessa região a pobreza incide, em média, sobre 38% da população total, variando de um máximo de 65% no Haiti a um mínimo de 5% nas Bahamas. Mas, mesmo assim, apoiando a maioria dos pontos de vista tradicionais manifestados tanto dentro como fora da região, esses relatórios afirmam que os motores do crescimento futuro provavelmente se relacionarão com as áreas do turismo e outros serviços (BANCO MUNDIAL, 2014, 2015; TREMBLAY-HUET, 2016).

Segundo Wong (2015), os resultados desses levantamentos normalmente são manipulados com o objetivo de mostrar a qualquer custo que o turismo é uma das grandes forças motrizes da economia no Caribe. O que os dados mostram, a rigor, é que se trata de um turismo dominado por um pequeno grupo de empresas, as quais ganham mais – muito mais – do que as próprias populações daquela região. No caso do turismo de cruzeiros, as duas linhas que dominam o mercado caribenho e que realizam grandes lucros são, como já assinalado, *Carnival Corporation* et *Royal Caribbean Cruises* (LOGOSSAH, 2007).

De acordo com Logossah (2007), esse pequeno grupo de empresa ganha mais que as populações do Caribe, pois a partir de 1990, as novas estratégias de operação das linhas de cruzeiro tendem cada vez mais a maximizar o número de turistas que permanecem a bordo dos navios durante as escalas em diferentes países e a minimizar o tempo de visita dos cruzeiros nesses países. Desse modo, a despesa média global por cruzeiro visitando os territórios passou de US\$ 36 em 1987 para US\$ 34 em 1990, para US\$ 23,1 em 1996 e para US\$ 16,4 em 2002.

Para todo o Caribe, a despesa média foi estimada em US\$ 34 em 1993 e foi para US\$ 25,1 em 2002. Com isso, entende-se nitidamente que a estratégia dessas empresas é diminuir seus custos continuamente para aumentar seus lucros.

As possíveis receitas das quais se beneficiam diretamente as economias da região, dessa indústria, essencialmente são provenientes de: a) despesas de passageiros de cruzeiros visitando o país; b) fornecimento de membros da tripulação no país; c) imposto de passageiros a pagar por parte dessas empresas; d) direitos de estacionamento de navios nos portos dessas economias (CMT<sup>82</sup>, 2003 apud LOGOSSAH, 2007).

Por isso, os destinos do Caribe deveriam caminhar numa linha entre promover a sua singularidade e tentar satisfazer as expectativas e desejos dos turistas de massa, sobretudo quando se depare com declarações nítidas de representantes da cadeia global de turismo que não reconhecem a importância desses destinos caribenhos em relação a seus grandes mega-navios. Por exemplo, em uma entrevista realizada por Clare Weeden (Pesquisadora interessada no turismo da Universidade de Brighton em Inglaterra), Bob Dickinson, o Presidente da linha de Cruzeiros *Carnival Corporation* disse que o número limitado de países e portos oferecidos no Caribe não é um impedimento para os clientes do *Carnival*; depois de todo, segundo ele, o navio é a atração, não o porto de escala (LESTER; WEEDEN, 2004, p. 48; LOGOSSAH, 2007; STYLES, 2014, p.24).

Percebeu-se ao longo deste capítulo que, durante a história e a trajetória do setor turístico, em escala mundial, fazer turismo era algo reservado a determinadas classes. Mesmo com a expansão dessa atividade, observa-se que grande parte da população dos diferentes países que não reúnem condições de praticar turismo, o que é verdade, sobretudo, e com intensidade irrecusável, nos países situados fora do centro do capitalismo mundial. Sugeriu-se igualmente que as atividades das empresas interessadas em práticas turísticas nos territórios caribenhos, em particular na modalidade relacionada ao turismo de cruzeiros, não representam, realmente, importantes contribuições para as populações daqueles territórios – em termos de renda e oportunidades de trabalho –, nas ilhas cercadas pelo Mar do Caribe integradas, de uma maneira ou de outra, na cadeia global do turismo. Tais aspectos

---

<sup>82</sup> Comitê da Martinica de Turismo.

ganharão contornos mais claros no estudo específico sobre o Haiti, na sequência deste trabalho.

O capítulo seguinte discorre sobre a história do Haiti e também apresenta o quadro geral da economia do país na atualidade. Leva-se em conta a trajetória de suas principais atividades econômicas e situa-se o setor de turismo na socioeconomia haitiana, pois, como indicado na introdução, o foco principal do estudo diz respeito à integração do Haiti na cadeia global do turismo.

#### **4 A SOCIOECONOMIA HAITIANA: PERSPECTIVA HISTÓRICA E ASPECTOS PRINCIPAIS DA ATUALIDADE**

*Precisamos de um sistema capaz de criar condições para que as pessoas façam negócios complexos e motivadores, em apoio à realização de seus objetivos, e deem vazão aos impulsos agressivos e ao desejo de poder. Deve ser um sistema que redirecione os conflitos humanos inevitáveis para arenas controláveis, que sejam ao mesmo tempo pacíficas e construtivas*

*(Robert J. Shiller, 2012)*

A imagem mais divulgada sobre o Haiti é a de um país dilacerado pela política, devastado pela corrupção e desfigurado pelo desmatamento, além de caracterizado por uma pobreza profunda e disseminada. Desse modo, retratar o quadro socioeconômico e político desse país envolve interrogar sobre as origens da instabilidade política e da pobreza crônica que assolam o Haiti desde a sua independência. De fato, para se lograr compreender aspectos importantes da situação atual do Haiti, de uma forma abrangente, é preciso olhar para a história dessa nação, como se deve fazer, aliás, com respeito a qualquer país.

Este capítulo apresenta fatos da história haitiana que auxiliam o entendimento da situação contemporânea dessa nação, no que concerne à sua estrutura socioeconômica e aos esforços governamentais (e também da comunidade internacional) para mudar o rumo de certas tendências, sobretudo em relação à economia, esforços que, em geral, revelaram-se frustrados em muitos sentidos. Com efeito, esse país enfrenta continuamente muitos desafios – socioeconômicos, ambientais –, representativos de efetivo comprometimento dos, ou de obstáculo aos, esforços de promoção do desenvolvimento.

Na sequência, faz-se primeiramente uma apresentação sobre a geografia do Haiti, salientando a distribuição dos haitianos no território nacional. Elementos da trajetória histórica do país são sistematizados posteriormente. Também se descreve a situação econômica e social da população, e mostram-se indicadores macroeconômicos relevantes. Ao final, apresentam-se e descrevem-se os setores de atividades econômicas, sublinhando a importância do turismo.

#### 4.1 GEOGRAFIA DO HAITI, COM DESTAQUE PARA A DEMOGRAFIA

Com uma área estimada em mais de 27.000 km<sup>2</sup>, a República do Haiti, com suas ilhas satélites (*la Gonâve, la Tortue, l'Île à Vache, les Cayemites, la Navase, la Grande Caye* e outras ilhas do mar territorial), detém mais de um terço (36,0%) da ilha de São Domingos<sup>83</sup> (chamada também de Hispaniola ou Espanhola). É o 148º país em extensão no mundo, possuindo os seguintes recursos naturais: bauxita, cobre, carbonato de cálcio, ouro, mármore e recursos hídricos, entre outros. Situa-se entre 18° e 19° de latitude norte e 68° e 75° de longitude oeste, e, do ponto de vista topográfico, a maior parte de seu território - quase  $\frac{3}{4}$  da sua extensão – é montanhosa, com picos que se elevam a até dois mil metros acima do nível do mar. Embora a República do Haiti seja uma área ligeiramente menor do que a Bélgica, sua costa (1.500 km) é quase tão grande quanto a da França (ARDOUIN, 1864; IHSI<sup>84</sup>, 2015).

Situado na “Bacia do Caribe”, o país tem suas costas banhadas ao norte pelo Oceano Atlântico e ao sul e a oeste pelo Mar do Caribe. O Haiti é limitado a Oeste por Cuba (de 90 Km) e Jamaica (de 190 Km); ao leste pela República Dominicana, país com qual tem 386 km de fronteira. O Haiti esta a cerca de 1000 km de Miami (Estados Unidos). A ilha é separada de Cuba pelo canal de Barlavento e da Jamaica pelo canal da Jamaica. A oeste do Haiti também está localizado o golfo de *Gonâve*, este penetra profundamente o território do país de uma forma singular de modo que lembra a mandíbula de um crocodilo.

A capital, *Port-au-Prince*, é a maior cidade do país, com mais de 2,3 milhões de habitantes. Ela é seguida por *Cap Haitien*, localizada na costa norte, com 250.000 habitantes. Outras cidades importantes são *Gonaïves* (noroeste), *Cayes* (sul) e *Jacmel* (sudeste) (UNICEF<sup>85</sup>, 2016).

<sup>83</sup> São Domingos é a segunda maior ilha do Caribe depois de Cuba, com uma superfície de cerca de 76 000 km<sup>2</sup>, comprimento de 650 km e largura máxima de 241 km. Politicamente, divide-se entre dois países: a República Dominicana, a leste, e o Haiti, que ocupa o terço ocidental da ilha. A ilha está separada de Cuba pelo canal de Barlavento e da Jamaica pelo canal da Jamaica.

<sup>84</sup> IHSI = Institut Haitien de Statistique et d'Informatique. Em português seria: Instituto Haitiano de estatística e de Informática.

<sup>85</sup> UNICEF = United Nations of International Children's Emergency Fund. Em português seria: Fundo das Nações Unidas para infância.

A seguir, a figura 8 apresenta o mapa geral do Haiti mostrando o mapa da localização desse país no Caribe e em relação a outros países.

Figura 8 - Mapa geral do Haiti



Fonte: Encyclopædia Universalis France (2016)

Durante o período pré-colombiano, a ilha do Haiti foi dividida em cinco (5) *caciquats* ou reinos (*Le Marien, Le Xaragua, La Maguana, Le Magua, et le Higüey*). O território haitiano passou por diversas revisões territoriais ao longo da sua história (ARDOUIN, 1864; IHSI, 2015). A tabela 6 abaixo representa a atual divisão da Republica do Haiti:

Tabela 6 - Número de distritos, municípios, bairros e seções comunais por departamento

Departamento	Subdivisões territoriais			
	distritos	municípios	bairros	seções comunais
Oeste	5	20	6	113
Sudeste	3	10	5	50
Norte	7	19	10	82
Nordeste	4	13	5	36
Artibonite	5	15	7	63
Centro	4	12	4	35
Sul	5	18	8	69
Grande Anse	3	12	5	46
Noroeste	3	10	3	39
Nippes	3	11	11	37
Total	42	140	64	570

Fonte: Elaboração própria com base em dados de IHSI (2015)

O clima é tropical no Haiti. A estação chuvosa se estende de abril a junho e de outubro a novembro, enquanto a temporada de furacões vai de junho a novembro. O país é regularmente devastado por tempestades tropicais e ciclones em razão do intenso desmatamento do país. O desmatamento que atingiu quase 98% do território haitiano destruiu o solo fértil de terra cultivável, e contribuiu para a desertificação. Isto é, o país todo é afetado por esse fenômeno e a cobertura vegetal está agora em menos de 2%. Com o abate anual de 500 mil toneladas de árvores, a degradação ambiental está piorando. Até os territórios classificados como "áreas protegidas" não escapam do desmatamento. A grande floresta de pinheiros, por exemplo, perdeu cerca de 12 mil hectares de floresta de alta qualidade; a sua superfície foi reduzida para 4 mil hectares. A erosão tem sido intensa nas zonas montanhosas (especificamente no Sul, Sudeste, Sudoeste, Artibonite). Além da ravina, o desmatamento é a causa de inundações periódicas no país. (RELIEFWEB, 2008; UNICEF, 2016).

O quarto e último censo geral da população haitiana e do domicílio e/ou da moradia foi realizado em 2003, sendo que os anteriores ocorreram em 1950, 1971 e 1982. Naquele censo (o quarto), a população total do país atingiu 8.373.750 habitantes, devendo-se especificar que 95% são negros, descendentes de escravos africanos, e 5% são mulatos e brancos. Suas línguas oficiais são o crioulo e o francês. A tabela 7 a seguir apresenta a evolução da população e sua distribuição em zonas rurais e urbanas ao longo do tempo

Tabela 7 - Evolução e distribuição da população haitiana ao longo do tempo

Ano	1950	1971	1982	1989	2003	2009	2015
Popul.							
População Rural	2.797.59	3.528.88	3.752.58	4.142.912	4.957.260	5.179.932	5.244.13
População Urbana	299.627	801.110	1.301.20	1.600.217	3.416.490	4.743.311	5.667.68
População Total	3.097.22	4.329.99	5.053.79	5.743.129	8.373.750	9.923.243	10.911.8
Taxa média anual de crescimento	0	1	2				19
	-	1,6%	1,4%	1,4%	1,9%	3,1%	1,4%

Fonte: Elaboração própria com base em dados de IHSI (2009; 2015); Perspective Monde (2016)



Observando a tabela 7, percebe-se que no primeiro censo de 1950, 90% da população vivia em zona rural. No segundo censo de 1971, diminuiu para 81%. No terceiro censo (1982), foi para 74%. Em 2003, a estimativa da população em zona rural foi de 59%, e em 2015, a estimativa da população haitiana em zona rural representa 48% da população total do país. Mais adiante o entendimento dessa tendência de concentração da população no meio urbano ficará nítido na abordagem da evolução dos diferentes setores de atividades econômicas do país.

Após a independência (1804), a estimativa da população haitiana era de 500 mil habitantes. Essa população cresceu a uma taxa exponencial para os períodos entre os censos. De 1950 a 2006, observa-se que a população haitiana triplicou, passando de 3 milhões de habitantes para mais de 9 milhões. A taxa de crescimento da população, no entanto, não tem sido uniforme de 1950 a 2003 (entre os censos) (IHSI, 2003).

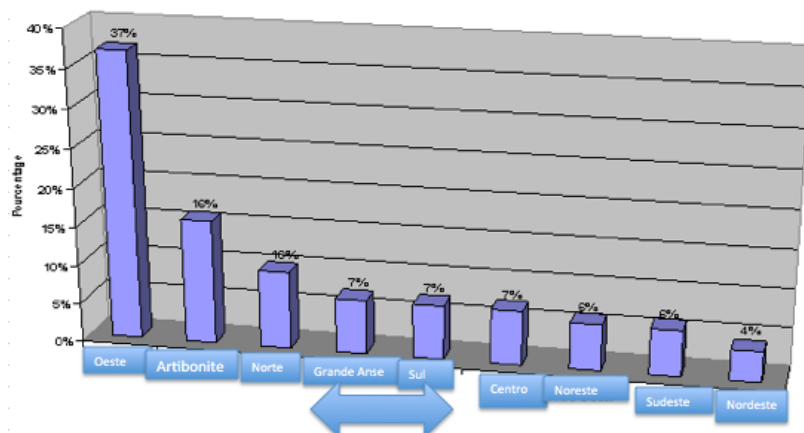
Observa-se uma taxa de crescimento intercensitário de 1,6% entre 1950 e 1971. Essa taxa passou para 1,4% entre 1971 e 1982, e um crescimento de 2,5% dessa taxa foi observado entre 1982 e 2003. Entre 2005 e 2010, a população haitiana cresce a uma taxa anual de cerca de 1,64%, e é particularmente concentrada nas áreas costeiras do país. O crescimento mais rápido entre os censos foi observado entre 1982 e 2003. 1983 foi o ano do maior taxa de crescimento (2,35 %) da população do Haiti, e é em 2015 que foi notada a menor taxa de crescimento da população haitiana (1,31%) (PNUD, 2017; PERSPECTIVE MONDE, 2016; IHSI, 2014; 2015).

O país mantém uma taxa de nascimento elevada desde 1982, em 2003 a taxa era de 28 nascidos por 1000. Haiti faz parte dos países com maior taxa de nascimento no Caribe e na América Latina, em ordem decrescente, em 2004 tem-se: Guatemala (34‰), Honduras (33‰), Nicarágua (32‰), Belize (28‰), Salvador (26‰), Republica Dominicana e México (25‰) (IHSI, 2009).

Em 2003, observa-se que quase a metade da população é constituída de mulheres, mas há uma diferença (não muito acentuada) nessa composição na faixa de 10 a 39 anos: em meio urbano, para cada 100 mulheres existem 86 homens, e, em meio rural, para cada 100 mulheres registram-se 98 homens. Em 2015, a estimativa da população feminina também foi majoritária, com 5.514.833 mulheres, o que representa 50,54% do total, frente aos 5.396.986 homens, que atingiram 49,46% (IHSI, 2003; 2014; 2015).

De acordo com o Banco Mundial (WORLD BANK, 2016), o Haiti tem uma densidade populacional alta em 2015, 389 pessoas por Km<sup>2</sup>, comparando com a média mundial que é de 57 pessoas por Km<sup>2</sup>. No entanto, na região metropolitana de *Port-au-Prince*, pode chegar a dezenas de milhares de pessoas por quilômetro quadrado (PNUD, 2017; DATOSMACRO.COM, 2015). A seguir vem a figura 9 mostrando a percentagem de cada departamento na distribuição do povo sobre o território<sup>86</sup> haitiano.

Figura 9 - Repartição da população total de todo o país em 2003



Fonte: Elaboração própria com base em dados de IHSI (2003)

Observando a figura 9, percebe-se que menos de 2/5 (37%) da população total (urbana e rural) mora no Oeste do país, no departamento onde se localiza a capital nacional. Salientando que da população urbana em todo o país (estimada a 41% em 2003), menos de 2/3 moram nesse mesmo departamento. Artibonite (16%) e o Norte (10%) representam, após o Oeste, os departamentos mais populosos. O peso dos outros departamentos situa-se entre 4% e 7% do conjunto da população. Pouco menos de 60% (59,2%, para ser preciso) moram em meio rural no último censo geral de 2003. A religião católica é predominante, concentrando 54,7% da população de todo o país. Os batistas e

<sup>86</sup> No último censo de 2003, o país era dividido em 9 departamentos, hoje tem-se 10 departamentos.

pentecostais ocupam os segundo e terceiro lugares, com respectivamente 15,4% e 7,9% da população. Cerca de 10,2% da população não pratica nenhuma religião (IHSI, 2003).

Segundo o último censo de 2003, a população do país apresenta uma pirâmide demográfica em que têm grande presença os contingentes jovens. Mais da metade da população tem menos de vinte e um (21) anos. As pessoas de menos de 15 anos representam 36,5%, e aquelas de 15 a 64 anos totalizam 58,3%. Portanto, a população com 65 anos ou mais representam somente 5,1% (IHSI, 2003). A tabela 6 a seguir apresenta a população total do Haiti, a sua estimativa e a sua projeção.

Tabela 8 - Haiti: População (em mil) estimada e projetada por intervalos de cinco anos, segundo o sexo (1950-2050)

<b>Ano</b>	<b>Total</b>	<b>Homem</b>	<b>Mulher</b>
<b>1950</b>	3221	1572	1614
<b>1955</b>	3516	1721	1795
<b>1960</b>	3869	1900	1969
<b>1965</b>	4276	2105	2171
<b>1970</b>	4713	2321	2392
<b>1975</b>	5144	2531	2613
<b>1980</b>	5691	2800	2891
<b>1985</b>	6388	3145	3243
<b>1990</b>	7108	3506	3602
<b>1995</b>	7836	3870	3966
<b>2000</b>	8576	4241	4335
<b>2005</b>	9293	4597	4696
<b>2010</b>	10085	4994	5091
<b>2015</b>	10911	5408	5503
<b>2020</b>	11743	5825	5918
<b>2025</b>	12557	6233	6324
<b>2030</b>	13350	6630	6720
<b>2035</b>	14117	7012	7105
<b>2040</b>	14848	7376	7472
<b>2045</b>	15530	7716	7814
<b>2050</b>	16146	8023	8126

Fonte: Elaboração própria com base em dados de IHSI (2003)

Observando a tabela 8, percebe-se que a população haitiana tende a crescer ao longo dos próximos anos (até 2025) com a mesma taxa média anual atual que está em torno de 1,6%. A partir de 2025 até 2050, a taxa média anual estará em torno de 1% baseando nas projeções dessa tabela. As mulheres estão e estarão sempre ligeiramente em maior número do que os homens (50,4 % em 2015 e 50,3% em 2050). A tabela 9 a seguir mostra a população economicamente ativa haitiana, sua estimativa e sua projeção.

Tabela 9 - Haiti: População economicamente ativa e taxa de atividade estimadas e projetadas para a população total, por sexo, em intervalos de 5 anos (1980-2050)

Ano	População Economicamente ativa (em mil)			Taxa de atividade (em porcentagem)		
	Total	Homem	Mulher	Total	Homem	Mulher
1980	2349	1349	999	70.1	83.3	57.7
1985	2520	1428	1091	68.3	80.2	57.2
1990	2697	1511	1186	66.8	77.4	56.8
1995	2927	1598	1328	65.1	73.5	57.2
2000	3212	1712	1500	62.8	69.0	56.9
2005	3676	1945	1731	63.8	69.5	58.5
2010	4247	2234	2012	65.7	70.9	60.7
2015	4879	2553	2326	67.6	72.4	63.0
2020	5545	2887	2758	69.5	73.9	65.3
2025	6232	3229	3002	71.2	75.2	67.3
2030	6937	3578	3359	72.6	76.2	69.1
2035	7650	3929	3721	73.9	77.1	70.7
2040	8351	4270	4080	75.0	77.9	72.2
2045	9014	4590	4425	76.0	78.5	73.5
2050	9628	4879	4749	76.7	78.9	74.6

Fonte: Elaboração própria com base em dados de IHSI (2003)

Como já foi relatado acima, a população conheceu um crescimento acelerado a partir dos anos 80 em comparação com os anos anteriores, e isso é bem visível na tabela 5. A razão desse crescimento esta relacionado diretamente com a taxa elevada de nascimento a partir dos anos 80, já foi dito que o último censo geral do país revelou que a taxa de nascimento em 2003 era de 28 nascidos por cada 1000 pessoas sendo que antes chegou até 35 por 1000.

Nas estatísticas internacionais, a população potencialmente ativa (com idade de trabalhar) é constituída de pessoas entre 15 e 64 anos, no caso do último censo do Haiti levou-se em consideração todas as pessoas entre 10 anos e mais como a população potencialmente ativa. Assim 76,3% (6.389.432) da população estava com idade de trabalhar, mas observou que a população inativa, isto é que não participa na atividade econômica do país nem procura participar (3,3 milhões) é maior do que a população ativa, isto é que participa e procura participar (2.974.158) (IHSI, 2003).

#### 4.2 TRAJETÓRIA HISTÓRICA DO HAITI: UMA NOTA

Da descoberta do território haitiano pelos espanhóis até os dias atuais, e apesar de mais de dois séculos de independência, o Haiti não conhece mais um ambiente de paz<sup>87</sup>, ao passo que “A paz é o produto mais essencial de construção de nação. Sem paz, nem crescimento econômico nem democratização são possíveis”<sup>88</sup> (DOBBINS et al., 2005, p.25). E é por isso que ele é reconhecido como o país mais pobre da América e apesar de ser também um dos países mais liberais, como bem salienta um documento do *International Monetary Fund* (IMF, 2001): “Como resultado de sua política comercial liberal, o Haiti, embora o país mais pobre do Hemisfério Ocidental, atualmente se classifica entre as economias mais abertas do mundo”<sup>89</sup> (p.41).

---

<sup>87</sup> Essa falta de paz aqui se refere às diversas ameaças de invasão do território haitiano por outros países, aos diversos momentos de instabilidade política econômica e outras diversas situações que perturbaram o país. Mais adiante aparecerão mais detalhes sobre esse ponto.

<sup>88</sup> Peace is the most essential product of nation-building. Without peace, neither economic growth nor democratization are possible.

<sup>89</sup> As a result of its liberal trade policy, Haiti, albeit the poorest country in the Western Hemisphere, currently ranks among the most open economies worldwide.

Para um melhor entendimento da trajetória do Haiti como nação, é importante desmembrar sua história em vários períodos. Neste presente trabalho optou-se dividir em três (3 períodos) a história haitiana, para que em suma, haja uma melhor compreensão. Divididos portanto, da seguinte forma: período colonial compreendido entre os anos 1492 e 1804; período da independência até o fim da ditadura de Jean Claude Duvalier (chamado de Baby Doc) que compreende os anos de 1804 até 1986; e o período que compreende o fim da ditadura de Baby Doc até os dias de hoje sendo eles datados do ano 1986 ao 2016.

#### **4.2.1 Período Colonial (1492-1804)**

O dia 6 dezembro de 1492 marca a história do povo haitiano. É uma data importante para começar a entender o que o povo esta vivendo no tempo atual e compreender o que designa o destino desta nação ao mesmo tempo. O Haiti foi descoberto em 1492 pelo Cristóvão Colombo e os Espanhóis, o povo mais adiantado da Europa daqueles dias, anexaram a ilha, à qual chamaram de Hispaniola.

Mas a chegada desse povo mais adiantado da Europa naquele período na América aniquilou um povo inocente e pacífico. Introduziram o cristianismo, o trabalho forçado nas minas, o assassinato, o estupro, os cães de guarda, doenças desconhecidas e a fome forjada. Importante ressaltar que desde nos seus primórdios, os sistemas que antecederam o capitalismo assim como o próprio capitalismo em seus diferentes níveis e evoluções, normalmente sempre foram selvagens, como muitos autores notam, pois essa civilização desenvolvida (Espanha) reduziu a população nativa da ilha Hispaniola de estimadamente meio milhão, ou talvez um milhão para sessenta mil em quinze anos (ARDOUIN, 1864, JAMES, 2007).

Quando Cristóvão Colombo chegou em Hispaniola durante a sua primeira viagem transatlântica, no ano de 1492 d.C, a ilha já era habitada por nativos americanos há cerca de cinco mil anos. Os habitantes nos tempos de Colombo eram um grupo de índios aruaques chamados tainos que viviam da agricultura, eram organizados em cinco chefias e montavam a cerca de meio milhão de indivíduos (a estimativa varia de 100 mil a dois milhões). Inicialmente, Colombo os achou pacíficos e amistosos, até que

os seus espanhóis começassem a maltratá-los. [...]. Em 1519, 27 anos depois da chegada de Colombo, a população original de meio milhão de tainos foi reduzida para cerca de 11 mil, a maioria dos quais morreu de varíola naquele ano, levando a população a menos de três mil — e estes sobreviventes morreram gradualmente ou foram assimilados nas décadas seguintes. Isso forçou os espanhóis a procurarem escravos em outra parte (DIAMOND, 2007, p. 231).

O ponto de partida dos males que Haiti está vivendo até hoje tem raízes também nessa chegada dos espanhóis no solo haitiano. Eles agrediram as próprias pessoas das comunidades, as suas riquezas e o seu ambiente. A ilha tinha ouro, mas não queriam usar suas próprias forças. Assim, eles dividiram a ilha e os índios. Esses últimos trabalharam praticamente como escravos, e foram, muitas vezes, infectados com doenças eurásianas que os mataram. Por volta de 1520, os espanhóis descobriram que Hispaniola era adequada para a cultura de cana-de-açúcar. E foi o início da agressividade contra o ambiente, a biodiversidade do país, pois tinham que começar a cortar árvores para o cultivo de cana-de-açúcar (DIAMOND, 2007). Sobre as atrocidades cometidas contra os primeiros povos daquela ilha, Seitenfus (2014, p. 41) salientou o seguinte:

Em nenhum outro lugar do Novo Mundo o extermínio da população indígena alcançou tamanha velocidade e foi tão feroz como o ocorrido no magnífico cenário da ilha de Espanhola.

[...]. [...], foi somente nas Antilhas e particularmente na ilha de Espanhola que a totalidade da população indígena foi varrida do mapa.

Durante vários anos, essa ilha foi motivo de disputas entre vários colonizadores na Europa. Os principais foram a França, a Inglaterra, a Holanda, e Portugal, entre outros. “Franceses, britânicos e espanhóis trucidaram-se por aproximadamente trinta anos. Os ingleses assumiram de fato a posse de Tortuga [ilha de *la Tortue*] durante um certo tempo, mas em 1659 os bucaneiros franceses prevaleceram” (JAMES, 2007, p. 21).

E em 1697, com o Tratado de Ryswick<sup>90</sup> entre França e Espanha, o primeiro conseguiu o direito legal sobre a parte ocidental da ilha, que é hoje em dia o Haiti. E a parte oriental ficou sob o domínio dos espanhóis, no que é hoje a República Dominicana. A parte francesa se tornou mais próspera para os seus colonizadores e um inferno para os escravos trazidos da África, já que os nativos da ilha tinham sido exterminados (JAMES, 2007, SEITENFUS, 2014). “Enquanto a colônia espanhola estava em declínio, a dos franceses conheceu a cada ano novos crescimentos; e quando, em 1789, a primeira tinha apenas cerca de 125.000 almas [...], do lado francês eram mais de 600 mil de todas as classes<sup>91</sup>” (ARDOUIN, 1864, p. 17).

Para os escravos, “Viver era duro e a morte, acreditavam, significa não apenas a libertação, mas a volta à África” (JAMES, 2007, p. 30). Os escravos foram maltratados pelos franceses com a intenção de mantê-los pacíficos. “Para amedrontá-los e torná-los docéis era necessário um regime de calculada brutalidade e de terrorismo, [...]” (JAMES, 2007, p. 26).

De maneira geral, apesar das grandes riquezas geradas na ilha, a segregação racial colocou em cheque a prosperidade dessa colônia. Os brancos foram considerados superiores aos mulatos, e esses últimos se consideravam superiores aos escravos negros. “A segregação racial seria mantida, até mesmo na morte” (JAMES, 2007, p. 81). Sobre isso, esse mesmo autor salientou o seguinte: “Os negros livres, falando comparativamente, não eram muitos, e tão desprezada era a pele negra que mesmo um mulato escravo sentia-se superior ao negro livre. O mulato preferia tirar a própria vida do que ser escravo de um negro” (JAMES, 2007, p. 53-54).

As questões sobre raças, direitos e liberdade eram sensíveis na colônia. Sobre as questões raciais, os brancos figuravam no topo da pirâmide e para o restante a situação era da seguinte forma: “[...] o homem de cor que era quase branco desprezava o homem de cor que era

---

<sup>90</sup> O Tratado de Ryswick foi assinado em 20 de setembro de 1697 e pôs fim à Guerra dos Nove Anos, na qual a França combateu a Grande Aliança. O tratado tem este nome por ter sido assinado na cidade holandesa de Ryswick (atual Rijswijk). Foi nesse tratado que os franceses receberam da Espanha a parte ocidental da ilha de Santo Domingo (atual Haiti).

<sup>91</sup> Tandis que la colonie espagnole déclinait, celle des français prenait chaque année de nouveaux accroissements; et lorsqu'en 1789, la première ne comptait qu'environ 125 mille âmes [...], la partie française en comptait plus de 600 mille de toutes classes.



apenas meio branco, que por sua vez desprezava o homem de cor que era um quarto branco, e assim por diante percorrendo todos os matizes” (JAMES, 2007, p. 53).

Sobre a liberdade, os brancos, principalmente, acreditavam que sem os escravos São Domingo (Haiti) estaria perdida. Os mestres dos escravos achavam que um escravo consciente de que poderia ter direitos e liberdade seria fatal para a paz e para o bem da colônia. “Eis por que um colonista<sup>92</sup> nunca hesitava em mutilar ou em matar um escravo que lhe tinha custado milhares de francos” (JAMES, 2007, p. 36).

As questões de direitos e de liberdades mostravam-se entrelaçadas. Existia, por exemplo, a dúvida sobre a concessão de direitos para os mulatos, que poderiam provocar posteriormente direitos e liberdade para os escravos. James (2007) salientou: “Uma vez que um homem de cor obtivesse os seus direitos, a vitória do resto seria apenas uma questão de trabalho e de tempo” (p.84).

Em 1789, os homens de cor (mulatos e negros livres) eram tão numerosos quanto os brancos, em torno de 40.000 respectivamente. E mais de 500.000 escravos (1/3 dos quais nascido na própria ilha) eram responsáveis pelo sustento da riqueza da colônia (ARDOUIN, 1864). Sobre a avaliação dessa riqueza, Seintufus (2014, p. 43) sublinha que:

Em 1720 Saint-Domingue já produzia 21 milhões de libras de açúcar e em 1788 alcançava a impressionante cifra de 52 milhões. Mais de 750 grandes barcos tripulados por 80 mil marinheiros se encarregavam de transportar as riquezas agrícolas da ilha para a metrópole. O futuro Haiti respondia então 1/3 do comércio exterior da França. Em 1789, por exemplo, dos 17 milhões de libras esterlinas exportados pela França, 11 milhões provinham da colônia de Saint-Domingue.

A colônia era chamada de “Pérola das Antilhas”, e muitos investidores de outros países da Europa queriam ter um negócio extremamente rentável na ilha, para lucrar mais. Mas, a quase totalidade das riquezas da “Pérola das Antilhas” partiram em fumaça em razão da revolução dos negros do Haiti que começou nos primeiros meses de

---

<sup>92</sup> Pessoa que se dedica a questões relacionadas com colonos ou colônias.

1791, depois de cerca de três (3) séculos de submissão, sob a liderança de um alto-sacerdote chamado Boukman para tirar as riquezas nas mãos da Metrópole francesa (JAMES, 2007).

O que os negros quiseram realmente no início da revolução era a paz, a liberdade, mas os colonizadores não quiseram abrir mão de qualquer jeito dessa grande riqueza e o terror foi imposto pelas tropas francesas. Os revolucionários haitianos (negros e mulatos livres ou escravos se juntaram) responderam na mesma moeda. Derrotaram a maior expedição que França jamais enviara até então que consistia de vinte mil soldados veteranos sob o comando de alguns dos melhores oficiais de Bonaparte além dos outros soldados e franceses já estabelecidos no solo da colônia (JAMES, 2007).

Toussaint Louverture<sup>93</sup>, grande homem naquela época que marcou a história do Haiti e do mundo, lutou de 1791 até 1802 negociando com todas as potências possíveis da Europa daquela época que tinham contato com a ilha para a liberdade total dos negros, mas não tinha intenção de romper totalmente suas relações com a França que ele considerou a pátria mãe do Haiti (JAMES, 2007).

Depois que ele (Toussaint) foi preso em 1802, surgiu um outro líder chamado Dessalines que compreendeu com toda a população que não tem necessidade mais de tentar negociar com a metrópole e que a única solução era a independência. E em 18 de novembro de 1803, a última batalha da independência foi feita seguida da declaração oficial no dia primeiro de janeiro de 1804 (JAMES, 2007).

#### **4.2.2 Da Independência até o Fim da Ditadura de Baby Doc (1804-1986)**

O processo de independência haitiana gerou um medo crescente nas metrópoles europeias, que temiam que esse ato de rebelião se expandisse para as demais colônias da América. Desse modo, foram cancelados todos os pactos comerciais selados, e o país já se encontrava muito enfraquecido economicamente, pois o método dos negros na luta

---

<sup>93</sup> François-Dominique Toussaint nasceu por volta de 1743, na colônia francesa de São Domingos (atual Haiti) de um pai que nasceu na África e foi trazido para a colônia. Era negro, como a maioria dos outros escravos na região. Foi liberto em 1777. Em 1791, os escravos se rebelaram, e Toussaint formou seu próprio exército rebelde. Em pouco tempo ele se tornou conhecido como Toussaint Louverture.

contra os brancos era botar fogo em tudo que eles encontraram pelo caminho: casas, plantações, entre outros patrimônios e bases de atividade econômica. “Ao nascer o Haiti encontra-se exaurido. Estima-se em mais de 160 mil o número de suas vítimas. Os franceses perderam 43 mil soldados e a totalidade de seus colonos foi massacrada ou obrigada a abandonar o Haiti” (SEITENFUS, 2014, p.49).

Esse receio rendeu, desde o princípio, os primeiros movimentos internacionais que influenciaram na estagnação do desenvolvimento da nação e na proliferação da miséria do seu povo. Embargos econômicos e comerciais se somaram à exigência do pagamento de uma exorbitante indenização à França, 21 anos depois da independência, que comprometeu até o início do século passado 2/3 de toda a produção do país e deixou suas mais profundas marcas no progresso da nação e na capacidade de subsistência do povo haitiano (REBECCHI, 2007). “Invasões, ocupações, agressões e embargos são os métodos adotados. O Haiti ainda não terminou de pagar o tributo pela ousadia de 1804” (SEITENFUS, 2014, p.53).

Em consequência, apesar dessa grande vitória no Haiti, não cessaram as ameaças de novas invasões, o isolamento do resto do mundo, as lutas, as guerras civis, os movimentos secessionistas. Desde a independência até os dias atuais, o território haitiano não conhece paz, estabilidade política e econômica. O tempo da revolução é talvez o único tempo do qual ainda os haitianos podem se orgulhar até hoje. São feitos congelados no tempo dos heróis da resistência (SEITENFUS, 2014; SUTTER, 2010). Essa independência transformou a “Pérola das Antilhas” em “terra maldita”, para boa parte da comunidade internacional.

A França, para reconhecer a independência do Haiti e liberar o seu comércio com outros países, exigiu com ameaça uma soma de 150 milhões de francos num prazo de 30 anos, montante que foi reduzido em 1838 para 60 milhões. A dívida foi zerada em 1883. Pior ainda, o Haiti pediu emprestado à França o dinheiro usado naquele pagamento, pagando uma taxa de juro muito elevada. Isso marcou o início da dívida eterna do país. E muitas vezes o país foi pressionado a pagar montantes altos a credores dos Estados Unidos, da Inglaterra, da Holanda e da França, entre outros (REBECCHI, 2007, p. 410). Observe-se a respeito que “Nenhum outro jovem Estado receberá do mundo o tratamento iníquo que será infligido ao berço dos direitos humanos fundamentais” (SEITENFUS, 2014, p.50).

Os detalhes sobre esse período são diversos. Desse modo, parece útil apresentar um resumo da época, tendo como base o quadro 1 a seguir.

Quadro 1 - Etapas históricas do Haiti da independência até o fim da ditadura de Baby Doc

01-01-1804	Independência da colônia francesa de Saint-Domingue com a denominação de Haiti sob a liderança de Jean-Jacques Dessalines.
1805	Jean-Jacques Dessalines se autoproclama imperador.
1806	Assassinato de Jean-Jacques Dessalines
1806-1820	país é dividido entre um governo do Norte (Henri Cristophe, negro) e um do Sul (Alexandre Pétion, mulato)
1820-1842	Unificação <sup>94</sup> do Haiti. Sob pretexto de ajuda a independência da parte oriental, Jean-Pierre Boyer ocupa toda a ilha de Espanhola.
1843-1915	Tiránias, revoluções e desordens com o desfile de 22 ditadores ao longo do período.
1915-1934	Haiti ocupado pelos Estados Unidos, transforma-se num protetorado <sup>95</sup> de Washington.
1934	A política dita de boa vizinhança <sup>96</sup> de F. D. Roosevelt conduz a retirada EUA.
1934-1941	Ditadura de Stenio Vincent. Derrubado por um golpe.
1937	Operação <sup>97</sup> “Perijil”. Massacre de mais de 20 mil haitianos por Trujillo

---

<sup>94</sup> Após o tratado de ryswick que dividiu a ilha entre a França e Espanha, a unificação do país só aconteceu em 1820 sob o governo de Jean-Pierre Boyer, que governou como ditador até 1843.

<sup>95</sup> Significa *Território não incorporado* que é um termo legal na lei dos Estados Unidos que denota uma área controlada pelo governo, mas que não faz parte dos Estados Unidos.

<sup>96</sup> A principal característica dessa política criada e apresentada pelo governo dos Estados Unidos presidido por Franklin Delano Roosevelt foi o abandono da prática intervencionista que prevalecera nas relações dos Estados Unidos com a América Latina desde o final do século XIX até quase a metade do século XX. A partir de então, adotou-se a negociação diplomática e a colaboração econômica e militar.

<sup>97</sup> Em 2 de outubro de 1937, Rafael Leonidas Trujillo, ditador da República Dominicana, ordenou às suas tropas a erradicação maciça da população de origem haitiana residente no território dominicano, particularmente nas áreas agrícolas situadas ao longo da fronteira entre República Dominicana e Haiti. Este morticínio ficou conhecido como o Massacre da Salsinha (“Masacre del Perejil”, em espanhol) (ALTMAN, 2013).

1941-1946	Ditadura de Antoine Louis Léocardie Élie Lescot. Derrubado por um golpe.
1946-1950	Ditadura de Léon Dumarsais Estimé. Derrubado por um golpe.
1950-1957	Administração de Paul Eugène Magloire. Derrubado por um golpe.
1957-1971	Eleição e ditadura François Duvalier (nomeado “Papa Doc”).
1971-1986	Ditadura Jean-Claude Duvalier (hereditária)
1986 -?	Transição para a democracia representativa.

Fonte: Seitenfus (2014, p.67)

Dos 22 presidentes do Haiti de 1843 a 1915, 21 foram assassinados ou depostos, o que foi utilizado como causa ou pretexto para a imposição da presença, mediante ocupação, dos Estados Unidos, que durou de 1915 a 1934 (DIAMOND, 2007). Essa intervenção enfraqueceu a economia do país. O argumento da presença dos Estados Unidos no território haitiano girava em torno do interesse em pacificar o país e proteger os interesses dos empresários americanos e outros estrangeiros. Mas, na verdade, a missão era, ao que parece, saquear o país dos seus poucos recursos, como se pode depreender das considerações abaixo.

O dia 17 de dezembro de 1914, a marinha dos EUA com armas em mãos, saqueou o Banco Nacional do Haiti. Eles pegaram todas as reservas em ouro e as moedas estrangeiras e as transportaram [...] para o Nacional City Bank of New York (vulgarmente conhecido como City Bank e transformado desde então pelo Citibank), que é um dos maiores bancos norte-americanos. Sete meses depois, os fuzileiros navais invadiram o Haiti, assumiram o controle das Alfândegas e das Finanças do país sob lei marcial mantendo um governo de, por e para o City Bank até 1934. Antes sair, eles tiveram o cuidado de tomar todas as medidas para garantir o controle permanente sobre as instituições políticas e econômicas do país<sup>98</sup> (REBECCHI, 2007, p. 41).

---

<sup>98</sup> Le 17 d.cembre 1914, les US marines dévalisent, armes à la main, la Banque Nationale d'Ha.ti. Ils emportent toutes les r.serves en or et en devises et les transportent [...] jusqu'à la National City Bank of New-York (communément appelée City Bank et transformé

Ainda mais:

[...], para entender por que os Estados Unidos desembarcaram e por cinco anos forças militares foram mantidos no país, por que alguns três mil homens, mulheres e crianças no Haiti caíram por rajadas de balas de metralhadoras e fuzis americanos, é necessário, entre outras coisas, saber que a Nacional City Bank de Nova Iorque tem muito interesse no Haiti. É necessário saber que a Nacional City Bank controla o Banco Nacional do Haiti e é o repositório de todos os fundos nacionais haitianos que são recolhidos por autoridades norte-americanas, [...] <sup>99</sup> (REBECCHI, 2007, p. 52).

Somado a tudo isso, em 1922, sob a ocupação americana, o City Bank obteve o monopólio da emissão de moeda no país. Emprestaram quase 23 milhões de dólares para o Haiti, que foram usados para pagar prêmios aos banqueiros franceses e alemães, o que é de acordo com Rebecchi (2007), uma forma para os americanos garantirem um pedaço do bolo para o resto da vida.

Não se pode deixar de dizer aqui que a instabilidade, a corrupção e a má governança tiveram grande impacto sobre a trajetória da nação haitiana. Com essa pressão forte do exterior sobre o país, aqueles que passaram pelo poder não conseguiram se unir para formar uma força de coerção contra as ameaças exteriores. Desde a independência do país, em 1804, a primeira república negra do mundo

---

depuis en Citibank), qui est l'une des principales banques américaines. Sept mois plus tard, les marines envahissent Haïti, prennent le contrôle des douanes et des finances du pays qu'ils garderont sous loi martiale avec un gouvernement de, par et pour la City Bank jusqu'en 1934. Avant de repartir, ils ont pris soin de prendre toutes les dispositions leur assurant un contrôle permanent sur les institutions politiques et économiques du pays.

<sup>99</sup> [...], pour comprendre pourquoi les États-Unis ont débarqué et ont pour cinq années maintenu des forces militaires dans le pays, pourquoi quelques trois mille hommes, femmes et enfants ha.tiens ont .t. descendus par les rafales des balles des mitraillettes et des fusils am.ricains, il est n.cessaire, parmi les autres choses, de savoir que la National City Bank of New-York a beaucoup d'int.r.t en Ha.ti. Il est n.cessaire de savoir que la National City Bank contr.le la Banque Nationale d'Ha.ti et est le lieu de d.p.t de tous les fonds nationaux ha.tiens qui sont collect.s par les officiels am.ricains, [...].

experimentou uma instabilidade crônica, representada pela alternância entre a anarquia e a tirania.

A política haitiana foi marcada durante mais de meio século, no seu passado, por uma sucessão de ditaduras e regimes militares, e registrou um contínuo aumento da corrupção, o que comprometeu a estabilidade do país. No passado, o Haiti passou por inúmeros golpes de Estado, os quais, gradualmente, contribuíram para aprofundar a pobreza, tendo em vista os reflexos das incertezas nos investimentos e, assim, na geração de empregos e de renda. O permanente quadro era incompatível com quaisquer outras preocupações além da simples sobrevivência. Nota-se que um dos destaques da história do Haiti continua a ser a ditadura de Duvalier, estabelecida de 1957 a 1986, onde a corrupção e o desvio de verbas permeavam todo o sistema governamental (DUFOR, 2011).

Em resumo, após a independência, o Haiti se tornou um Estado isolado, desprezado e fraco aos olhos da comunidade das nações. A escravidão não foi abolida oficialmente nas outras colônias, durante muito tempo, e o exemplo do Haiti não foi, portanto, seguido. Uma interpretação plausível é que tornou-se absolutamente necessário punir e isolar o país diplomaticamente. No nível geoestratégico, o boicote dessa república tomou a forma de embargo imposto pelas potências coloniais em vários momentos da história haitiana. De fato, “O pecado original do Haiti, na cena mundial, é sua libertação. Os Haitianos cometeram o inaceitável em 1804: [...]” (SEITENFUS, 2014, p.22).

#### **4.2.3 Fim da Ditadura de Baby Doc até os dias de hoje (1986-2016)**

O fim da ditadura de Baby Doc, em 1986, não marcou realmente o fim de instabilidades, de golpes e de intervenções no território haitiano. De 1986 a 1994, as Forças Armadas do Haiti fomentaram vários golpes até a chegada ao poder de Jean Bertrand Aristide. Aristide seria, por sua vez, deposto por um golpe em 1991, e em seguida reintegrado no final do seu mandato, em favor de uma nova invasão do território haitiano pelos Estados Unidos em 1994 (LAHENS, 2014).

O exército haitiano seria dissolvido, mas, após a reeleição de Aristide, em 2004, esse presidente foi forçado a deixar o poder sob a pressão da classe empresarial, dos estudantes universitários e da comunidade internacional, encabeçada pelos Estados Unidos. Desde a dissolução das forças armadas do Haiti, uma nova força de ocupação

internacional, sob a égide das Nações Unidas, ficou responsável pelas missões de polícia e de segurança no país. Trata-se da Missão das Nações Unidas de Estabilização no Haiti (MINUSTAH), cujo orçamento operacional é de cerca de 576,619 milhões de dólares americanos por ano (ONU, 2014 apud LAHENS, 2014).

Na verdade, de acordo com Seitenfus (2014, p.78), “O Haiti foi objeto, desde o início de 1993, de nada menos que sete Operações de Paz das Nações Unidas”, envolvendo a OEA e a ONU. O quadro 2, a seguir, apresenta o resumo dessas missões<sup>100</sup>, que podem ser consideradas como uma forma de ocupação do território haitiano.

Quadro 2 - Missões das Nações Unidas ao Haïti (1993-2013)

Missão	Duração	Comando	Efetivos	Custos
MICIVIH	Fevereiro 1993 a Março 2000	ONU e OEA	280 civis	US\$ 14 milhões
UNMIH	Setembro 1993 a junho 1996	Estados Unidos	1 297 militares e 291 policiais	US\$ 15,1 milhões
UNSMIH	Julho 1996 a Julho 1997	Canadá	1 300 militares e 225 civis	US\$ 71 milhões
UNTMIH	Agosto a Novembro 1997	Canadá	50 militares e 250 policiais	US\$ 20,6 milhões
MIPONUH	Dezembro 1997 a Março 2000	Argentina	300 policiais	US\$ 54 milhões
MICAH	Março 2000 a Fevereiro 2001	Missão civil	207 civis	US\$ 27 milhões
MINUSTAH	Junho 2004 a Maio 2014	Brasil	12 000 militares e 2 500 policiais	US\$ 8,2 bilhões

Fonte: Seitenfus (2014, p.80)

É importante salientar que a última missão ainda está atuando no Haïti, e que, por meio de uma resolução, um conselho de 15 membros decidiu que a Missão das Nações Unidas para Estabilização do Haiti (MINUSTAH) permanecerá no país caribenho até 15 de abril de

---

Para mais informações sobre a significação das siglas dessas missões e outras, acesse: <http://www.un.org/fr/peacekeeping/missions/minustah/background.shtml>. Acessado em: 30 de dezembro de 2016.



2017, em razão dos furacões que se abateram sobre o país no dia 4 de outubro de 2016, afetando sobretudo a zona sul do território nacional. A tempestade (Matthew), de categoria 4, matou 473 pessoas e deixou 75 desaparecidos e 339 feridos. Cerca de 2,1 milhões de pessoas, incluindo 894 mil crianças, foram afetadas, e 1,4 milhões de pessoas, ou 12,9% da população, ficaram necessitadas de assistência humanitária, incluindo 592,6 mil crianças. Cerca de 750 mil pessoas, incluindo 315 mil crianças, precisaram de ajuda humanitária nos três meses seguintes (ONU, 2016).

O Haiti também recebeu em vários momentos punições da própria natureza, em razão da sua localização e da fragilidade de seu ambiente. O país está localizado na rota dos furacões que assolam o Caribe, e seu território é sismicamente ativo. Seu território foi o que registrou nos últimos 20 anos a maioria das mortes relacionadas com catástrofes naturais (LE FIGARO.FR, 2016), sem mencionar as perdas em termos de infraestruturas, as quais já são já problemáticas e escassas, historicamente.

Entre todas as catástrofes naturais que o país conheceu, o terremoto de 2010 representou a mais devastadora. O ano de 2010 ficou conhecido na história haitiana como o mais terrível, tendo sido marcado por três grandes acontecimentos.

O primeiro ocorreu em 12 de janeiro, quando um grande terremoto, de magnitude 7,3 na escala de Richter, abalou o país, sobretudo a capital, provocando grandes perdas em vidas e em infraestruturas. Ocorreu a morte de 316 mil pessoas, e foram provocados ferimentos em outras tantas, cerca de 1,5 milhão ficando sem abrigo. Em 35 segundos, o país perdeu o equivalente a 120% de seu produto interior bruto, algo como US\$ 7,8 bilhões (PNUD, 2017; SEITENFUS, 2014). As perdas foram estimadas entre 8 e 14 bilhões de dólares, segundo o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID, 2010), o que fez desse evento, em termos proporcionais, a catástrofe natural mais destrutiva dos tempos modernos.

O segundo acontecimento iniciou-se em outubro de 2010. Era uma doença violenta (cólera), que nunca se manifestou antes no Haiti, trazida pelos soldados nepaleses a serviço da MINUSTAH, 2010. “As desumanas condições sanitárias que imperam no Haiti fizeram com que a epidemia se alastrasse, matando 8 mil pessoas e infectando outras 800 mil” (SEITENFUS, 2014, p. 23).

O terceiro acontecimento tem relação com as eleições que acontecerem em novembro de 2010. Nesse pleito, determinados países,

ditos amigos do Haiti, pertencentes à OEA e à ONU, fizeram a imposição de um candidato (Michel Martelly (2011-2016) ) contra a vontade popular.

O Haiti já era o país mais debilitado do continente americano antes de 2010. Com aqueles acontecimentos, tornou-se mais vulnerável ainda e atraiu a piedade da comunidade internacional. Após o terremoto, o Haiti recebeu muitas promessas de quase todos os países do mundo e das grandes organizações internacionais, para a reconstrução do país. Durante a Conferência Internacional das Nações Unidas, em março de 2010, dois meses depois do terremoto, os doadores concordavam em colocar à disposição do país US\$ 5,3 bilhões ao longo do ano de 2010, para tirar a nação da situação de desastre em que se encontrava (WORLD BANK, 2010). Ao longo dos cinco anos seguintes o valor alocado chegaria a US\$ 11 bilhões (SEITENFUS, 2014).

Existe até hoje um grande buraco negro sobre os benefícios reais desses fundos no território haitiano e para a população haitiana. De antemão, é importante salientar que o governo haitiano foi colocado de lado na gestão dos recursos injetados na economia a partir de 2010. O país foi também invadido por mais de dez mil (representando um aumento de mais de 4.000 % num curto lapso de tempo) Organizações Não Governamentais de alcance transnacional (Ongats), que se beneficiaram de isenções fiscais e tributárias após o terremoto.

Como assinala Seitenfus (2014, p. 267), “O total do universo das ONGs de alcance transnacional pertence aos países industrializados.” Os recursos para realização dos múltiplos projetos passam através dessas ONGs, que se tornam mais fortes do que o próprio Estado do Haiti. Todavia, muitos desses recursos não chegam no território haitiano, eles beneficiam os próprios países de origem através de seus funcionários trabalhando nessas ONGs e de suas grandes empresas multinacionais que fornecem produtos, serviços e materiais para os seus países (SEITENFUS, 2014).

Por exemplo, “Foi coletada, em nome da causa haitiana em 2010, somente nos Estados Unidos, a astronômica soma de US\$ 2,2 bilhões. Quase 20% desta soma foi utilizada pelo Ministério da defesa dos Estados Unidos para financiar o inútil e agressivo deslocamento de tropas quando do terremoto” (SEITENFUS, 2014, p.270). Outro exemplo sobre o uso dos recursos coletados para o Haiti é a alocação de cruzeiro internacional (hotel flutuante) para servir funcionários civis da MINUSTAH (SEITENFUS, 2014).

De maneira geral, após o terremoto no Haiti, ONGs e operadores privados foram os principais beneficiários, como intermediários do auxílio dos doadores para a assistência e a reconstrução do país, enquanto muito pouco dinheiro foi direcionado ao governo do Haiti. O financiamento é dividido em duas categorias: assistência de emergência (assistência humanitária imediata) e financiamento da reconstrução (assistência de longo prazo para a reconstrução e o desenvolvimento). As agências humanitárias, ONGs, empresas privadas e outros prestadores de serviços não-estatais receberam 99% da ajuda humanitária, enquanto que menos de um por cento foi para o governo. O governo recebe ainda entre 15% e 20% da assistência a longo prazo, uma percentagem ainda insignificante e insuficiente, uma vez que a reconstrução de longo prazo é realizada sob a égide do governo (RAMACHANDRAN; WALZ, 2012).

Depois do terremoto, em razão da destruição quase total dos locais da administração pública, o governo haitiano tinha um espaço político muito limitado. Desse modo, mostrou sentido duvidar da capacidade governamental, bem como exibir inquietação sobre os hábitos enraizados de favoritismo, corrupção e ineficiência. Assim, meses e mesmo anos mais tarde, os doadores continuaram a ser relutantes em financiar o governo. Ocorre que a capacidade do governo dificilmente será melhorada ou mesmo construída, se os doadores continuarem a ignorar as instituições locais em favor das ONGs. Ignorando o governo haitiano, os doadores apenas retardam o processo de reconstrução e continuam a minar o setor público (RAMACHANDRAN; WALZ, 2012).

Não é sem razão que Lemay-Hébert e Pallage (2012) salientam que o desenvolvimento não é um processo simples de conseguir, e que ele está sujeito a muitas armadilhas. Para esses autores, a ajuda internacional pode ser um poderoso motor do desenvolvimento, mas também pode ser uma grande dificuldade.

A investigação conduzida pela “La Fondation Héritage pour Haiti” (LFHH) (A Fundação Herança para o Haiti), após o terremoto de 2010, indicou que as práticas corruptas e fraudulentas infiltraram-se nos programas humanitários. O mesmo ocorreu com atividades voltadas ao desenvolvimento da comunidade, envolvendo saúde, educação e governança, por meio do apoio a programas. Assim, acabaram por ser minados os esforços para realizar e alcançar resultados tangíveis e duradouros para o país e o povo haitiano. Segundo essa mesma instituição, o Haiti é o 158º país, sobre 168 países consultados, com uma

nota de 17/100, o que faz com que esteja numa “zona vermelha” segundo o índice de percepção da corrupção (Transparancy Internacional, 2016).

No Haiti, de fato, a história tende a se repetir nos vários governos que passaram pelo poder: desperdício de fundos públicos, corrupção, abuso de poder, violação dos direitos humanos, assassinato e tráfico de drogas, entre outros problemas (LAHENS, 2014). Tudo isso tende a erodir as condições do país ao longo dos anos. Sobre a situação contemporânea, falando da esperança de alguma mudança no Haiti, Diamond (2007) destaca o seguinte:

O mais pobre e um dos mais superlotados países do Novo Mundo, ele torna-se cada vez mais pobre e superpovoado, com uma taxa de crescimento populacional de cerca de 3% ao ano. O Haiti é tão pobre, e tão deficiente em recursos naturais e em recursos humanos treinados ou educados, que realmente é difícil saber como melhorar alguma coisa. Se, por outro lado, olharmos para o exterior em busca de ajuda externa de governos, iniciativas de ONGs, ou esforços privados, o Haiti também não tem capacidade de utilizar a ajuda externa de modo eficiente. Por exemplo, o programa USAID pôs dinheiro no Haiti em uma ordem sete vezes maior do que na República Dominicana, mas os resultados no Haiti ainda assim foram muito limitados, por causa da deficiência de gente e organizações haitianas que pudessem utilizar essa ajuda (p.230).

A situação de perseguição política (sobretudo durante os tempos de ditadura) e as condições socioeconômicas precárias do Haiti têm levado muitos haitianos a sair do país. A história da fuga em massa dos haitianos de seu próprio território tem raízes nos tempos da ditadura de François Duvalier (Papa Doc). Hoje em dia, a principal razão que leva muitos haitianos a querer deixar o país, até ao custo de suas próprias vidas, é a miséria.

Seitenfus (2014) faz o seguinte comentário sobre o quadro haitiano contemporâneo, fazendo uma crítica implícita ao caminho tomado, principalmente, desde o terremoto de 2010.

Resumir os desafios a uma ação militar piora ainda mais a situação de um dos principais problemas do país: a debilidade de sua estrutura econômica. O grande desafio, além do político, é socioeconômico. Quando a taxa de desemprego atinge 80% da força de trabalho disponível, é contraproducente e imoral montar uma Operação de Paz e enviar soldados sob o falso rótulo de uma Missão de Estabilização. Não há nada a estabilizar e tudo a construir (p.21-22).

Importante sublinhar o fato de que esse período é marcado por um fluxo elevado de migração da população haitiana para outros países, iniciado fortemente na verdade com a ocupação americana em 1915. Em 1915, os haitianos migraram para outros países em fuga de trabalhos forçados sob a ocupação. Fugiram durante os períodos de ditaduras em razão de perseguição política. E hoje em dia eles querem ir para outros países em busca de uma vida melhor. Esses migrantes haitianos considerados como a diáspora haitiana se tornam ao longo dos anos uma fonte de remessas para a economia haitiana (LOUIDOR, 2012). Mais detalhes sobre esse ponto são sublinhados ao longo do desenvolvimento do trabalho.

Levando em consideração o período desde o fim da ditadura de Baby Doc (1986) até 2016, pode-se dizer que o Haiti apresenta trinta anos de estado de emergência. Como as situações tendem a se reproduzir nesse território, o país pode sempre permanecer em situação de emergência. Uma ação pública e institucional capaz de promover a superação desse quadro revela-se, assim, uma necessidade premente.

#### 4.3 VISÃO GERAL SOBRE A ECONOMIA DO HAITI

Números e resultados precários refletem a situação socioeconômica do Haiti, de um nível de infraestrutura que beira o inaceitável e de um quadro de desnutrição que choca a todos. Classificado pelo Banco Mundial como país pobre, sua população padece, mesmo atualmente, de um grau de alfabetização ainda muito baixo em termos comparativos, de uma taxa de desemprego tão alta que levou boa parte da população a emigrar para países mais industrializados. (WORLD BANK, 2016).

As linhas a seguir descrevem a situação socioeconômica atual da população haitiana. Os dados e indicadores macroeconômicos do

Haiti dizem muito a respeito da pobreza e da miséria que reinam no país, sobretudo ao longo das últimas décadas.

#### **4.3.1 Situação Econômica e Social da População Haitiana**

O Haiti enfrenta muitos desafios socioeconômicos e ambientais, que afetam ou atrasam os esforços de desenvolvimento sustentável em todo o país. A situação socioeconômica é caracterizada por um elevado crescimento da população, uma baixa taxa educacional de base, altos níveis de pobreza, insegurança alimentar, acesso limitado às necessidades básicas, alta taxa de desemprego, um PIB baixo e uma má distribuição de riquezas. A tabela 10 seguinte apresenta o crescimento do PIB por habitante no Haiti em comparação com diferentes países na América Latina, no Caribe e outros.

Tabela 10 - O crescimento médio anual do PIB per capita em alguns países entre 1950 e 2012

PIB per capita - a taxa de crescimento médio anual (%)					
	1950-1980	1981-1990	1991-2002	2003-2008	2009-2012
Argentina	1,5	-2,6	0,8	7,5	4,2
Bolívia	0,9	-2	1,3	2,6	2,8
Brasil	4,4	-0,5	0,9	3,1	1,8
Chile	1,4	0,7	4,2	3,6	3
Colômbia	2,3	1,2	0,8	3,6	2,6
Costa Rica	3,2	-0,3	2,2	4,2	1,8
Cuba	0,9	0,9	-1,3	7	2,3
Equador	2,3	0,4	0,6	3,3	2,5
Salvador	1,2	-3,1	2,3	1,1	-1
Guatemala	2,4	-0,5	2,9	3,6	2,1
<b>Haiti</b>	<b>-0,2</b>	<b>-3,1</b>	<b>-2,4</b>	<b>-1,6</b>	<b>-1,1</b>
Honduras	2,4	0,2	1,3	4,1	0,7
Jamaica	1,5	-0,5	-1,4	-0,4	-3
México	5,1	0,8	2	3	0,7
Nicarágua	1	-3,3	1,5	2,9	1,7
Panamá	2,9	-1	2,4	6,9	6,7
Paraguai	2,6	0,9	-0,2	2,7	1,3
Peru	2,2	-3,9	1,5	5	3,8
<b>República Dominicana</b>	<b>3</b>	<b>0,1</b>	<b>3,9</b>	<b>4,5</b>	<b>3,7</b>
Trinidad e Tobago	4,1	-3,6	4,1	7,8	-1,6
Uruguai	1,3	-0,1	0,7	6,9	5,1
Venezuela	2,2	-2,1	-0,8	5,3	-0,4
<b>América Latina e Caribe</b>	<b>2,8</b>	<b>-0,4</b>	<b>1,1</b>	<b>3,4</b>	<b>1,8</b>
Estados Unidos	2,3	2,2	1,8	1,5	-0,1
China	2,9	5,8	7	8,2	8,8
G7	3,7	2	1,4	1,2	-0,4

Fonte: Elaboração própria com base em AFD<sup>101</sup> (2014)

Observando a tabela 10, percebe-se que o Haiti é o único país que apresenta um crescimento sempre negativo do PIB por habitante. Esse crescimento negativo pode afetar os outros indicadores citados acima. Por exemplo, o analfabetismo está diminuído na América Latina e no Caribe. Em todos os principais países, a taxa de alfabetização de adultos é superior a 90% e perto de 100% no Cone Sul, Cuba ou

<sup>101</sup> AFD = Agência Francesa de Desenvolvimento

Trinidad e Tobago. Alguns países como Bolívia e Honduras fizeram rápidos progressos nos últimos anos, mas a do Haiti faz parte das principais exceções com 48,7% de alfabetização (PNUD, 2013 apud AFD, 2014).

De acordo com Dupont (2009), o período 1960-2005 (45 anos) marcou uma profunda recessão na história do país. Neste período o Haiti apresentou desempenhos, em termos de crescimento e desenvolvimento, muitas vezes contrastantes. Em 1960, o país teve o mesmo nível de renda per capita real que o seu vizinho próximo, a República Dominicana, cerca de 800 dólares americanos. No entanto, em 2005, mais de quatro décadas depois, a renda real per capita da República Dominicana triplicou para aproximadamente 2.500 dólares americanos, enquanto a do Haiti caiu quase pela metade no mesmo período, totalizando, em 2005, 430 dólares americanos.

Também o sistema governamental do país é historicamente sem uma boa estrutura de autonomia e frequentemente ameaçado por múltiplas instabilidades sociopolíticas, sobretudo nas últimas três décadas. Essas instabilidades afetam a capacidade de governança do Estado e, portanto, contribui para a disfunção dos principais sistemas de desenvolvimento nacional. Apesar dos esforços do governo na implementação de planos de desenvolvimento em diferentes épocas e momentos para o país como um todo, a descentralização e a desconcentração de serviços para o benefício da população continuam a ser um grande desafio (GOUVERNEMENT DE LA RÉPUBLIQUE D'HAÏTI, 2012).

A capacitação das instituições-chave é imperativa. De fato, as políticas nacionais de desenvolvimento sustentável mostram-se não raramente inadequadas, sem conseguir enfrentar os desafios existentes e atender as expectativas relevantes da população (PNUD, 2017). Por Exemplo, após o terremoto no Haiti, as Nações Unidas acham todas as instituições debilitadas, e eram precárias bem antes do terremoto. Desse modo, as Nações Unidas acompanharam quase todas as instituições do país para aliviar os males do terremoto no país.

O Palácio presidencial, o Parlamento, o Supremo tribunal e a maioria dos edifícios do governo e da administração pública foram destruídos. Várias escolas, hospitais, tribunais, delegacias e prisões também sofreram danos graves e importantes perdas de vidas humanas. Isso afetou muito a situação já precária da administração pública, do



sistema judicial, da polícia e das instituições que prestam serviços públicos - saúde, água, saneamento, higiene, segurança alimentar, educação e cultura<sup>102</sup> (PNUD, 2017).

O Haiti registra aumento da pobreza conectado com a condição de desemprego de numerosas pessoas. A taxa de desemprego aberto, estimada em cerca de 30% para o país todo de acordo com IHSI (2013), é mais forte em meio urbano. A pobreza é extremamente elevada em meio rural, onde a agricultura é principal atividade e os serviços de base são quase inexistentes.

As atividades agrícolas empregam quase 50% das pessoas ocupadas no país todo, no entanto, nas zonas rurais são 71,6% dos ativos que trabalham na agricultura. Outros 23,4% e 11,2%, respectivamente, são ocupados como “trabalhadores de serviço em lojas e mercado” e como “artesãos e ofícios de tipo artesanal.” (IHSI, 2013).

Antes de fornecer mais informações sobre a realidade do país, cabe apresentar um resumo da situação socioeconômica haitiana integrante de estudo sobre o sucesso e o fracasso de algumas sociedades. Em capítulo dedicado ao Haiti e a seu vizinho, a República Dominicana, Diamond (2007) assim se pronuncia:

É o país mais pobre do Novo Mundo, e um dos mais pobres do mundo fora da África. O governo perenemente corrupto oferece serviços públicos mínimos; muito ou a maioria da população vive crônica ou periodicamente sem eletricidade, água, esgotos, serviço médico e educação. O Haiti está entre os países mais superpovoados do Novo Mundo, muito mais do que a República Dominicana, com apenas um terço da área de Hispaniola, mas aproximadamente dois terços de sua população (cerca de 10 milhões de habitantes), [...]. A maioria dessas pessoas é de agricultores

---

<sup>102</sup> Le Palais présidentiel, le Parlement, la Cour suprême et la plupart des édifices ministériels et de l’administration publique furent détruits. Plusieurs écoles, hôpitaux, cours de justice, postes de police et prisons ont également subi de graves dommages et d’importantes pertes humaines. Ceci a grandement affecté la situation déjà précaire de l’administration publique, du système judiciaire, de la police et des institutions qui fournissent des services publics – santé, eau, assainissement, hygiène, sécurité alimentaire, éducation et culture.

de subsistência. A economia de mercado é modesta, consistindo principalmente em algum café e açúcar para exportação, meras 20 mil pessoas empregadas com baixos salários em zonas de livre comércio fazendo roupas e outros bens de exportação, alguns enclaves turísticos no litoral onde os estrangeiros em férias podem se isolar dos problemas do Haiti, e um grande, embora não quantificado, comércio de drogas vindas da Colômbia e sendo enviadas para os EUA (daí o Haiti, às vezes, ser chamado de "narcoestado"). Há extrema polarização entre as massas de gente pobre vivendo em áreas rurais ou nas favelas da capital Port-au-Prince, e a pequena e rica elite que vive no arejado e montanhês subúrbio de Pétionville, a meia hora de carro do centro de Port-au-Prince, come em restaurantes franceses e bebe vinhos finos caríssimos. A taxa de crescimento populacional do Haiti e de infecção por AIDS, tuberculose e malária estão entre as mais altas do mundo. A pergunta que todo visitante do Haiti se faz é se há alguma esperança para aquele país; e a resposta mais comum é não (DIAMOND, 2007, p. 230).

No Haiti, há uma estreita ligação entre a taxa de desemprego, a pobreza e a delinquência observada no país. O comércio informal é a principal fonte de emprego, especialmente para as mulheres. Para entender a informalidade das atividades econômicas, é preciso imaginar um país onde 82,1% dos trabalhadores são independentes e que não há realmente controle sobre suas atividades. Os funcionários (públicos e privados) representam 12,7% das pessoas envolvidas nas atividades econômicas e os prestadores de cuidados às familiares representam 2,2%. De todos os empregos, 57,1% são informais na economia haitiana. Na área metropolitana de Port-Au-Prince, a grande maioria dos postos de trabalho (88,4%) está na economia informal que concentra atividades (comércio e serviços) de baixa qualidade e remuneração (IHSI, 2013; OIM<sup>103</sup>, 2015).

---

<sup>103</sup> OIM= Organização Internacional para as migrações.

Com quase 50% das pessoas ativas trabalhando (com uma concentração ainda maior, evidentemente, nas zonas rurais, onde atinge 70%) na agricultura, pode-se dizer que a economia do Haiti é baseada na agricultura de subsistência. Todavia, mais de três quartos da população rural esta em dificuldade de satisfazer as suas necessidades alimentares, pois essa agricultura de modo geral satisfaz somente 48% das necessidades alimentares do país (FRANCE DIPLOMATIE, 2016; RELIEFWEB, 2012).

Esse paradoxo pode ser explicado por diversas razões: a) não se trata de uma agricultura em larga escala<sup>104</sup> (pequenas propriedades rurais muito fragmentadas); b) precariedade dos instrumentos com que se trabalha a terra (representando produtividade baixa); c) solo frágil por causa da referida fragmentação<sup>105</sup> (erosão, perda de solos férteis); d) concorrência da produção nacional em relação aos produtos importados quando o governo diminuiu as tarifas aduaneiras em 1990; entre outras razões (RELIEFWEB, 2012).

Nos últimos anos, o Haiti produz quase metade dos alimentos de que necessita, e importa a outra metade. Alguns anos, as importações excedam a produção nacional em geral. A ajuda alimentar normalmente esta em torno de 3 por cento das necessidades, mas chegou a 8 por cento das necessidades em 2010, o ano do terremoto. Durante o período 2004-2008, Haiti importou quase a totalidade das suas necessidades em óleo vegetal e farinha de trigo, 88 por cento das suas necessidades de arroz, 30 por cento de suas necessidades de grãos [feijões] e 8 por cento das suas necessidades de milho. O país também

---

<sup>104</sup> Na Agricultura em Larga Escala, o cultivo é realizado por grandes proprietários rurais, que utilizam de muito maquinário agrícola e possui muitos funcionários. São responsáveis por produzir alimentos da mais alta qualidade para toda a população. No caso do Haiti, a produção agrícola tem lugar em pequenas fazendas familiares de 1,8 ha em média. O rendimento das culturas são muito baixos, porque os solos são altamente lixiviados e os insumos modernos pouco utilizados.

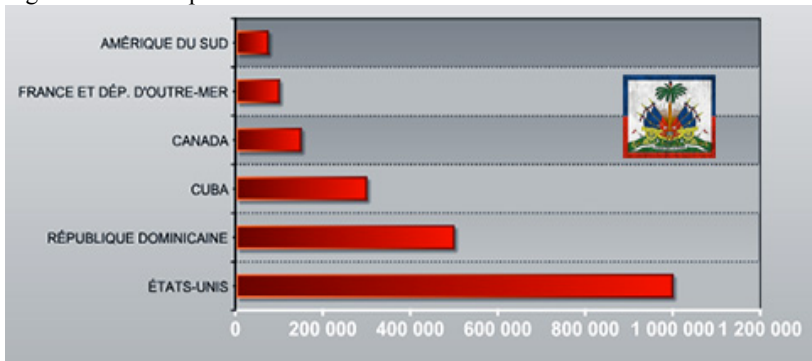
<sup>105</sup> Já que o desmatamento é acelerado no Haiti, o solo se torna mais frágil e precário ainda com a fragmentação entre pequenos proprietários rurais.

importa mais leite, ovos e frangos de carne que ele não produz<sup>106</sup> (FEWS NET, 2014, p.6).

As remessas (um média de US\$ 800 milhões/ano) da diáspora são uma parte importante da economia das famílias haitianas, e estão ao lado do comércio informal e da agricultura como uma das importantes fontes de renda para a população desempregada. A proporção do PIB explicada por remessas para o Haiti está entre as mais altas do mundo: por exemplo, a quantidade total de remessas dos haitianos residindo no exterior foi de US\$ 1,300 bilhão em 2010 após o terremoto e quase 2 bilhões em 2014, e as remessas da mencionada diáspora têm significado de 22% a 28% do PIB (TILUS, 2011, PNUD, 2012, OIM, 2015; SÉRAPHIN; PAUL, 2016).

A figura 10, abaixo, mostra a distribuição dos haitianos no mundo. Observa-se que sua localização refere-se, em ordem decrescente, a: Estados Unidos, República Dominicana, Cuba, Canadá, França (e seus departamentos ultramarinos) e América do Sul.

Figura 10 - A diáspora haitiana no mundo



Fonte: Léger (2012)

<sup>106</sup> Au cours des dernières années, Haïti a produit à peu près la moitié des aliments dont il a besoin et a importé l'autre moitié. Certaines années, les importations ont dépassé la production nationale globale. L'aide alimentaire tourne normalement autour de 3 pourcent des besoins, mais a atteint 8 pourcent des besoins en 2010, l'année du séisme. Au cours de la période 2004-2008, Haïti a importé la quasi totalité de ses besoins en huile végétale et en farine de blé, 88 pourcent de ses besoins en riz, 30 pourcent de ses besoins en haricots et 8 pourcent de ses besoins en maïs. Le pays importe aussi plus de lait, des œufs et de viande de poulets qu'il n'en produit.

De acordo com várias fontes, a comunidade haitiana fora do Haiti representa entre 2 e 4 milhões de pessoas, ou seja, atinge cerca de um terço da população do país. Em geral, a emigração haitiana é motivada, principalmente, pela busca de oportunidades e de possibilidades para a reprodução social, muitas vezes gera risco para se escapar da dificuldade econômica ou pior, da morte, pois as rotas das viagens que muitos escolhem apresentam perigos altos às vezes. Tal situação significa que, em escala regional, o Haiti se constitui na principal fonte de migrantes irregulares para outros países do Caribe (TILUS, 2011; COLLECTIF HAITI DE FRANCE, 2010; OIM, 2015).

O Haiti apresentava um PIB per capita de US\$ 361 em 2003 (US\$ 810 em 2015). Após o terremoto de 2010, o país registrou um comportamento negativo do PIB nacional, cujos principais participantes nesse comportamento são a agricultura, a construção civil e a indústria de transformação que apresentaram retração de quase 50% ao longo das duas últimas décadas em relação aos anos anteriores. A estrutura econômica do país é dividida entre os serviços (média de 51,6% do PIB entre 2000 e 2010) e de outros setores, nomeadamente a agricultura (25,1%), indústria (15,9%) e fabricação (7,6%) com um PIB de US\$ 8,765 bilhões em 2015 (WORLD BANK, 2013 apud OIM, 2015; WORLD BANK, 2016).

Na realidade o PIB do país está caindo desde os anos 80 como é ilustrado na tabela 10 acima e de acordo com Dupont (2009) as causas são múltiplas: situação sócio-política desfavorável para investimentos; taxa de inflação persistente; aceleração da taxa demográfica; baixa da produtividade nacional; desmatamento de árvores acompanhado da perda dos solos férteis, sobretudo nos períodos ciclônicos; choques externos; o mercado internacional; as políticas macroeconômicas, entre outras. Mais detalhes sobre essas políticas e dados sobre as causas da retração do PIB a partir dos anos de 1980 são tratados mais na frente na seção “Um passado pesado para diversas atividades dos diferentes setores da economia haitiana”. A tabela 11 a seguir descreve um pouco a estrutura do comércio exterior do Haiti para o ano de 2014.

Tabela 11 - Composição das exportações e das importações do Haiti em US\$ milhões em 2014

<b>Exportação do Haiti</b>		
<b>Descrição</b>	<b>2 0 1 4</b>	<b>Participação no total</b>
Vestuário de malha	707	63,40%
Vestuário exceto de malha	224	20,10%
Óleos essenciais	24	2,20%
Cacau	15	1,30%
Frutas	14	1,30%
Pescados	14	1,30%
Cobre	13	1,20%
Ferro e aço	13	1,20%
Flores artificiais	5	0,40%
Bebidas	4	0,30%
Subtotal	1.033	92,70%
Outros	82	7,30%
<b>Total</b>	<b>1.114</b>	<b>100,00%</b>
<b>Importação</b>		
Algodão	345	7,90%
Cereais	289	6,60%
Plásticos	212	4,90%
Combustíveis	181	4,20%
Máquinas elétricas	169	3,90%
Automóveis	151	3,50%
Gorduras e óleos	151	3,50%
Máquinas mecânicas	149	3,40%
Preparações alimentícias	138	3,20%
Amidos e féculas	137	3,10%
Subtotal	1.922	44,10%
Outros	2.439	55,90%
<b>Total</b>	<b>4.361</b>	<b>100,00%</b>

Fonte: Elaboração própria com base em dados de MRE<sup>107</sup> (2015)

<sup>107</sup> Ministério das Relações Exteriores – MRE do Brasil.

Observando a tabela 11, percebe-se que mais de 80% das exportações do país estão no ramo de vestuário, seguido pelos óleos essenciais que representam um pouco mais de 2%. Nas importações observa-se que o algodão está em primeiro lugar, isso se relaciona com o ramo vestuário do Haiti. Em segundo lugar nas importações, têm-se os cereais. Faltam informações sobre os itens importados no Haiti, uma vez que mais da metade das importações está na descrição de outros, enquanto para as exportações somente um pouco mais de 7% está na descrição de outros.

As importações do Haiti em 2014 representam o quádruplo das exportações. Mais informações sobre a história desse déficit comercial do país são descritas mais a frente. Destacando já que as exportações totais do país estão diminuindo rapidamente, enquanto as importações anuais subiram acentuadamente na última década (PNUD, 2017). A Tabela 12 a seguir mostra a origem das importações e a direção das exportações do Haiti.

Tabela 12 - Direção das Exportações e origem das importações do Haiti em US\$ milhões em 2014

<b>Direção das Exportações</b>		
<b>Descrição</b>	<b>2 0 1 4</b>	<b>Participação no total</b>
Estados Unidos	908	81,50%
Canadá	37	3,30%
China	15	1,30%
França	12	1,00%
Reino Unido	11	1,00%
Bélgica	10	0,90%
Tailândia	9	0,80%
Argélia	6	0,60%
Espanha	5	0,40%
República Dominicana	4	0,40%
Brasil (20ª posição)	1	0,10%
Subtotal	1.017	91,20%
Outros países	98	8,80%
Total	1.114	100,00%
<b>Origem das Importações</b>		
República Dominicana	1.423	32,60%
Estados Unidos	1.277	29,30%
China	391	9,00%
Indonésia	85	1,90%
Índia	73	1,70%
Peru	72	1,70%
México	67	1,50%
França	54	1,20%
Colômbia	49	1,10%
Japão	47	1,10%
Brasil (15ª posição)	37	0,80%
Subtotal	3.575	82,00%
Outros países	786	18,00%
Total	4.361	100,00%

Fonte: Elaboração própria com base em dados de MRE (2015)



Observando a tabela 12, percebe-se que as exportações do Haiti para os Estados Unidos representam mais de 80% das exportações totais em 2014. Em segundo lugar, vem o Canadá com mais de 3% das exportações do Haiti. Para as suas importações, o primeiro parceiro comercial é a República Dominicana que representa mais de 30%, em segundo lugar os Estados Unidos que fornecem quase 30 % das importações do Haiti. Em terceiro lugar, a China em 2014 com 9%.

Apesar da significativa contribuição (25% do PIB, e fonte dos 50% dos empregos do país) da agricultura na recuperação macroeconômica do país, registram-se quase todo ano danos enormes devido aos tempos ciclônicos<sup>108</sup> enfrentados regularmente, por causa da sua localização na rota dos furacões que assolam o Caribe e seu território é sismicamente ativo. Esforços têm sido feitos para promover setores importantes para a economia do país, como o cultivo de café, cacau, produtos da pauta de exportações. Essa promoção envolve preservar os solos (fazendo barragens nos rios, sobretudo), mas os danos causados pelos ciclones são sempre enormes (perdas das poucas infraestruturas) (IHSI, 2014).

Sobre os danos dos ciclones na economia Haitiana, Lucien (2010) notou que durante o mês de maio de 2004, as chuvas torrenciais causaram a morte e desaparecimento de mais de 4 mil pessoas no Haiti. Em 2008, no total, 7,8% da população que é cerca de 800 mil pessoas foram afetadas diretamente pelos furacões (Fay: tempestade tropical de 15-16 de agosto de 2008, Gustav: ciclone de 25-28 de agosto, Hanna: tempestade tropical de 1-4 de setembro, Ike: ciclone de 5-08 de setembro 2008) e 100 mil no total estavam vivendo em abrigos temporários. Danos e perdas identificadas se elevaram a US\$ 897,39 milhões, ou 14,6% do PIB do Haiti de 2007 que eram de US\$ 5,885 bilhões (WORLD BANK, 2016).

Registrou-se perdas de cerca de US\$ 229 milhões só com os impactos na agricultura. Em 2010, o PIB real caiu 8%, enquanto a inflação aumentou em 13% (impacto do terremoto de 12 de janeiro de 2010). Enfim, apesar de ser uma agricultura de subsistência, a agricultura é considerada como um grande pilar para a economia haitiana, por isso depois do terremoto, medidas são tomadas da parte do

---

<sup>108</sup> Para ver o histórico das furações que derrubaram o território haitiano em diferentes momentos e seus desastres, acesse: [https://www.haiti-reference.com/pages/plan/politique/diplomatie/ambassadeurs-haiti\\_page1/](https://www.haiti-reference.com/pages/plan/politique/diplomatie/ambassadeurs-haiti_page1/). Acessado em: 04 de janeiro de 2017.

governo haitiano e da comunidade internacional para recuperar a agricultura (PNUD, 2017).

A agricultura haitiana vem enfrentando, durante vários anos, dificuldades tanto de ordem estrutural como conjuntural (temporada desfavorável de chuvas, erosão, alto custo de insumos especializados, área plantada reduzida, falta de acesso ao crédito agrícola). Por exemplo, só em 1996, a desaceleração da agricultura foi estimada em - 0,3%. A essas causas, deve-se adicionar a política fiscal da época, que abriu o caminho para um desmantelamento da agricultura (liberalização comercial). Tal ponto será mais detalhado numa próxima seção dentro deste capítulo. Com menos de 2% de cobertura florestal, esse problema se torna mais estrutural do que conjuntural ao longo dos últimos anos (DUPONT, 2009).

De fato, os problemas da pobreza e do desemprego são agravados pela alta incidência de desastres naturais. Por essa razão, o país possui histórico significativo de destruição da infraestrutura econômica e social por enchentes e terremotos. Chegou-se a registrar perdas econômicas (infraestruturas urbanas, habitações/casas, infraestruturas agrícolas, plantações e pecuária, assim como infraestruturas rodoviárias e de comunicações) equivalentes a até 62% do Produto Interno Bruto (PIB) em um único desastre, segundo Bonomo e Bonomo (2010).

Uma fração significativa da população (78-80%) vive com menos de 2 dólares por dia. Existe também uma concentração da riqueza no país. Estima-se que 4% da população detêm 66% dos recursos do país, enquanto os 20% dos mais pobres compartilham 1,4% da renda nacional. É importante sublinhar que no Haiti encontram-se, por exemplo, descendentes de imigrantes poloneses, ingleses, italianos, além de árabes (como a família Boulos, que opera no setor de varejo no país), além de representantes de institutos culturais estrangeiros. Conforme Séraphin (2014), a presença de diferentes nacionalidades resulta em uma miscigenação (mestiçagem), e são esses grupos normalmente que detêm a maior parte da riqueza do Haiti. Deve-se salientar também que 1% de proprietários de terras possui 65% das terras no Haiti. Enquanto cerca de 80% da população são de pequenos agricultores, a maior parte da terra pertence a fazendeiros ricos, criando uma maioria de contingentes sem terra (MEUDEDEC, 2007; PNUD, 2017).

### 4.3.2 Dados e Indicadores Macroeconômicos sobre o Haiti

Antes de apresentar, por meio de gráficos, figuras e tabelas, a evolução de indicadores macroeconômicos, oferece-se uma visão panorâmica sobre a situação econômica do país a partir dos anos 1970. A intenção é favorecer uma contextualização do comportamento das variáveis mostradas em seguida.

A economia Haitiana, após um período de crescimento médio anual de ordem de 5%, entre 1970 e 1979, conheceu uma grande desaceleração no início dos anos 1980, antes de desmoronar completamente nos primeiros anos da década de 90. A proeza econômica observada durante os anos de 1970 baseou-se fundamentalmente: no aumento do preço do café (salientando que de acordo com Villela (2008)<sup>109</sup>, o Haiti forneceu mais da metade de todo o café produzido no mundo no século XVIII); na importante e regular ajuda internacional; nas atividades turísticas; nas contribuições regulares da diáspora haitiana aos parentes que permaneceram no país; e no aporte representado pelas indústrias de montagem, cuja maioria referem-se aos setores de têxtil, vestuário e couro, a presença das quais ensejou a criação de novas zonas ou áreas para localização dos estabelecimentos, objetivando o aumento da produção, no atual governo, de Martelly-Lamorthé (BOULOS et Al., 2010).

Ao final da década 70, além da recessão econômica mundial surgida na esteira do segundo choque de petróleo, em 1979, uma série de grandes problemas, incluindo desastres naturais, afetou fortemente a economia haitiana. Em 1981, a febre suína africana infeccionou os porcos haitianos e, sob pressões de Washington – que quis evitar a propagação da doença em outros países do continente –, o regime Jean-Claude Duvalier (1971-1986), nomeado Baby Doc – que foi forçado a deixar o país devido à pressão de diversos setores da sociedade que reagiram contra o autoritarismo e a repressão que marcaram seu governo – ordenou o abate de todos esses animais. Observe-se que esses porcos representavam a “conta bancária” dos agricultores haitianos, cujas condições de vida foram, assim, terrivelmente afetadas pela aquela decisão (BOULOS et Al., 2010; MICHEL, 2011).

---

<sup>109</sup> A autora mostra também que no momento da revolução em 1979 no Haiti, além de fornecer mais da metade do café mundial, forneceu também índigo, algodão e outras especiarias como o cacau.

No dia 5 de agosto de 1980, o furacão Allen destruiu a maior parte da produção cafeeira do país, causando a morte de 200 pessoas e perdas em bens materiais e infraestruturas de um valor aproximado de US\$ 400 milhões (HAITI-RÉFÉRENCE, 2016). Simultaneamente, a descoberta do vírus da AIDS em alguns haitianos conduziu, por conta de conclusões que acabaram por se revelar precipitadas, à desmontagem, praticamente, da indústria turística existente no território nacional.

A conjuntura das crises sociopolíticas de 1986-1994 (conjuntura caracterizada por movimentos populares, oposição entre os partidos políticos, golpe militar de estado 1991- 1994, intervenção de forças armadas estadunidenses, embargo) levou, por sua vez, à perda da quase totalidade dos 80.000 empregos nas usinas de montagem dominadas por indústrias manufatureiras (cujos principais produtos são: tecidos, tecidos de malha, roupas Íntimas para mulheres, camisas, camisetas, ...), na maioria pertencentes a capitais estrangeiros e cujos produtos são exportados para o exterior, sendo que os Estados Unidos recebem entre 80-90% dessas vendas. Observe-se que 83% dessas empresas são concentradas na capital (Port-au-Prince) e 78% dos empregados também estão na capital, segundo a Câmara de Comércio e Indústria do Haiti (CCI). Para Michel (2011), além dos 80.000 postos de trabalho diretos afetados, outros 40.000 indiretos no setor privado foram perdidos.

Assim, pode-se entender facilmente que o PIB foi fortemente reduzido ao longo da década de 1980, em comparação ao desempenho dos anos 1970, e que essa contração foi piorando durante os anos 1990, até chegar mais baixo do que zero, ou seja, alcançando uma taxa de crescimento negativa de 12 % durante aquela década. De fato, o PIB apresentou uma contração severa em 1992, acusando taxa de -13,19% em relação ao ano anterior. De 1992 a 1995, a economia nacional esteve sempre em situação gritantemente negativa: depois de chegar a uma taxa de crescimento de -2,44% em 1993, continuou sua derrocada, e em 1994 acusou -8,24%, para enfim se estabilizar, em 1995, a uma taxa da ordem de -3,95 % (BOULOS et al. , 2010).

A tabela 13 a seguir mostra a participação de todos os setores na formação do PIB do Haiti em milhões de dólares americanos. Saliente-se que o ano fiscal no Haiti começa no primeiro dia do mês de outubro e termina, no ano posterior, no último dia do mês seguinte, novembro.

Tabela 13 - Haiti: Participação dos setores de atividades econômicas na formação do PIB (em milhões de dólares)

<b>Produto Interior Bruto por Setor em milhões de dólares constantes de 1986-1987</b>										
<b>Ramos de atividade</b>	<b>2008-2009</b>	<b>% do PIB</b>	<b>2009-2010</b>	<b>2010-2011</b>	<b>2011-2012</b>	<b>2012-2013</b>	<b>2013-2014*</b>	<b>2014-2015**</b>	<b>2015-2016***</b>	<b>% do PIB</b>
Agric., sivic., pec., e pesca	660	<b>23,50</b>	659,6	652,4	644	672	662,2	626,2	645,2	<b>20,35</b>
Indústrias extrativas	3,4	0,12	3,4	4	3,4	3,6	3,8	4	4	0,13
Indústrias de manufaturas	215	7,66	182,4	214,8	230	234,8	241,2	252,2	255,8	8,07
Electricidade e água	13,4	0,48	14	18,2	13,8	13,8	14	14	14,4	0,45
Edifícios e Obras Públicas	224,6	8,00	233,8	255	269	294	317,2	324,4	325	<b>10,25</b>
Negócios, restaurantes e hotéis.	<b>782,6</b>	<b>27,87</b>	<b>720,2</b>	<b>753</b>	<b>790,8</b>	<b>829,4</b>	<b>864,4</b>	<b>888,2</b>	<b>894,8</b>	<b>28,23</b>
Transportes e comunicações	198,4	7,06	192,6	218,4	215,6	223,4	231,6	237,8	238,8	7,53
Outros serviços de mercado	330,8	<b>11,78</b>	307,2	315,4	327,6	338,4	355,8	363,4	373	<b>11,77</b>
serviços não mercantis	303,8	<b>10,82</b>	308	316,8	325,8	334,2	341	352,2	357,6	<b>11,28</b>
ramos fictícios <sup>1</sup>	137,8	.....	167,8	-162	170,6	181,8	-193	-196,2	-198,4	.....
<b>Valor acrescentado bruto total</b>	2594,2	.....	2453,4	2586	2649,2	2761,8	2838,2	2866,2	2910,2	.....
Impostos menos subsídios sobre os produtos.	214,2	.....	200,6	214,6	232,2	241,6	249,6	259	26	.....
<b>Produto Interior Bruto</b>	<b>2808,4</b>	.....	<b>2654</b>	<b>2800,6</b>	<b>2881,4</b>	<b>3003,4</b>	<b>3087,8</b>	<b>3125,2</b>	<b>3170,2</b>	.....
<b>Taxa de crescimento em %</b>	<b>3</b>	.....	<b>-5,5</b>	<b>5,5</b>	<b>2,9</b>	<b>4,2</b>	<b>2,8</b>	<b>1,2</b>	<b>1,4</b>	.....

Fonte: Elaboração própria com base em dados de IHSI (2013; 2016) e Banque de la République d'Haïti (BRH, 2016)

1) Este é, por convenção uma unidade especial que leva em conta a utilização feita pelos demais setores da “produção imputada de serviços bancários” Segundo o sistema de contabilidade nacional 1993 (SCN 93).

- Notas: \*Quase-definitivos; \*\* Provisórios; \*\*\* Previsões.

Olhando a tabela 13, pode-se observar que durante o ano fiscal 2008-2009 a economia teve uma taxa de crescimento positivo, mas, no ano fiscal seguinte (2009-2010), o comportamento foi negativo, por causa do terremoto que abalou o país no dia 12 de janeiro de 2010. No ano fiscal 2010-2011, com o aporte da comunidade internacional para ajudar o Haiti, o PIB tornou a crescer. Entretanto, caiu de novo no ano 2011-2012, por causa das eleições gerais, indicando mudanças

completas em termos de políticas. E, em 2012-2013, a economia tornou a crescer com o novo governo, liderado por Joseph Michel Martelly (2011-2016).

Percebe-se que nos últimos anos que o desempenho da economia não apresenta dinamismo. Após um crescimento de 2,8% em 2014, a economia do Haiti sofreu uma forte desaceleração em 2015. O PIB, que chegou a US\$ 3 bilhões e 87,8 milhões, em termos reais no ano passado, subiu para US\$ 3 bilhões e 125,2 milhões, um aumento de 1,2%. Este é o menor desempenho alcançado desde o ano fiscal de 2010-2011 (IHSI, 2013). Em geral, percebe-se que o mau desempenho do setor agrícola está na base do resultado de 2015: a agricultura do país conheceu uma queda acentuada no seu volume: -5,4% do valor agregado durante o ano de 2015.

Em nível setorial, quase todas as indústrias têm contribuído para o aumento do PIB ao longo dos anos. Os ramos de atividades que mais participaram desse processo em 2015 são: as indústrias manufatureiras, que cresceram 4,5% contra 2,7% em 2014; os ramos da construção civil e de obras públicas, que cresceram 2,3%; de outro lado, os ramos do comércio, restaurantes e hotéis, que impulsionaram o crescimento com um aumento de 3,2% do seu valor agregado, em termos reais.

Contribuindo com quase 60% do valor acrescentado de todos os serviços mercantis em 2015, os ramos do comércio, restaurantes e hotéis – representando US\$ 888,2 milhões (em termos constantes de 1986-87) – impulsionaram o crescimento do grande setor de serviços com um aumento de 3,2%. Este resultado positivo também é consistente com a evolução do índice de atividade de negócios, que registrou um aumento de 8,6% em 2015, contra 13,1% em 2014. É também coerente com o aumento do número de visitantes que chegaram ao país: 1.197.6754 em 2015, contra 1.157.633 em 2014, um aumento de 3,5% em 2015 contra 2,8% em 2014 em relação ao ano anterior (IHSI, 2016).

Como o trabalho focaliza o turismo, deve-se sublinhar que a tabela 13 é sugestiva sobre o quanto as atividades relacionadas diretamente e indiretamente com aquele setor têm influenciado o crescimento do PIB do Haiti.

Já a tabela 14, a seguir, apresenta a oferta e a demanda global do país, em milhões de dólares americanos.

Tabela 14 - Haiti: Oferta e demanda globais do País em milhões de dólares americanos

OFERTA E DEMANDA GLOBAL								
	2008-09	2009-10	2010-11	2011-12	2012-13	2013-14*	2014-15**	2015-16***
	em milhões de dolares constantes de 1986-87							
PIB	2808,4	2654	2800,6	2881,4	3003,4	3087,8	3125,2	3170,2
Importações	3663,6	4423,4	4428	4176,6	4310,6	4424,2	4520,6	4558,6
Oferta Global	6472	7077,4	7228,6	7058	7314	7512	7645,8	7728,8
Consumo	4516,2	5137,4	4994,2	4735,4	4863,6	4979,2	5020,6	5081,2
Investimento	996,4	931,4	1020,6	1083,4	1149,4	1172,8	1215,6	1228,6
Exportações	959,4	1008,6	1213,8	1239,2	1301	1360	1409,6	1419
Demanda Global	6472	7077,4	7228,6	7058	7314	7512	7645,8	7728,8

Fonte: Elaboração própria com base em dados de IHSI (2013; 2016) e Banque de la République d'Haïti (BRH, 2016)

Observando a tabela 14, percebe-se que ao longo dos anos o consumo, em termos reais, aumenta com poucas oscilações. Por exemplo, o aumento do consumo final em termos reais para o ano fiscal 2014-2015 pode ser atribuído, por um lado, a uma recuperação das remessas da diáspora haitiana, no montante de US\$ 2,195 bilhões, contra US\$ 1,977 bilhão no ano fiscal de 2013-2014, um aumento de cerca de 11%. Por outro lado, pode resultar também do aumento de mais de 20% dos salários na administração pública em 2015 (IHSI, 2015). E a situação não muda também para o ano fiscal de 2015-2016, pois ainda "O consumo foi apoiado em parte pelo aumento de 7% em remessas de trabalhadores da diáspora e aumento de 12% na folha de pagamento da Administração Pública" (IHSI, 2016, p.1).

O investimento, que é outro componente da demanda agregada, experimentou uma expansão de 2% em termos reais em 2015 na comparação com o ano anterior. O Investimento Direto Estrangeiro (IDE) aumentou também em mais de 5% em relação ao ano fiscal de 2014, acompanhado de um o aumento de pouco mais de 3% dos empréstimos concedidos pelo sistema bancário ao setor privado.

Em relação à demanda externa, os ramos que mais contribuíram foram: exportações de produtos manufaturados, que passaram de US\$ 325 milhões em 2014 para US\$ 354,1 milhões em 2015, um aumento de 9%; exportações de óleos essenciais, que cresceram 28% em 2015; exportações de mangas, que apresentaram mais de 5% de aumento no mesmo ano (IHSI, 2016).

Note-se que a instabilidade política, devido à incerteza econômica resultante, não se harmoniza com o crescimento do PIB. As dúvidas sobre as possibilidades da economia, sempre afetadas pelos processos no âmbito da política, devem se dissipar para que a confiança e as boas expectativas dos agentes econômicos sejam restauradas, oferecendo ao mercado oportunidades para crescer. Esta é uma condição sine qua non para um melhor desempenho da economia, em geral, e deverá permanecer desse modo nos próximos anos.

A seguir, apresentam-se alguns outros dados gerais sobre a economia do Haiti, na tabelas 15.



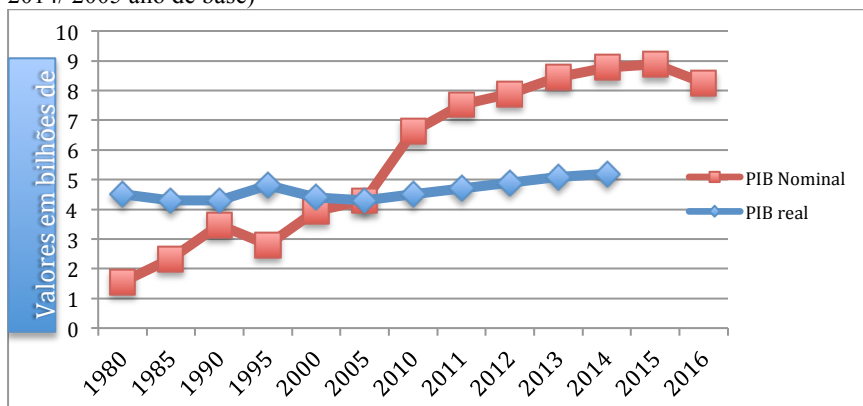
Tabela 15 - Principais dados gerais sobre as contas nacionais

Ano	PIB corrente em US\$ bilhões	Importação corrente em US\$ milhões	Exportação corrente em US\$ milhões	Saldo comercial corrente em US\$ milhões	IED corrente em US\$ milhões	Dívida Pública (%PIB)
1980	1,55	481	305,7	-175,3	13	.....
1985	2,34	557	337	-220	4,9	.....
1990	3,47	515	318	-197	8	.....
1995	2,8	807,8	256	-551,8	7,4	.....
2000	3,95	1.369	504	-865	13,25	55,25
2005	4,3	1.853	605,1	-1.247,9	26	47,16
2010	6,62	4.288	1.016,4	-3.271,6	178	17,34
2011	7,52	4.433,4	1.311,7	-3.121,7	119	11,81
2012	7,9	4.195,3	1.334	-2.861,3	156	16,48
2013	8,45	4.473	1.567	-2.906	160,38	21,41
2014	8,78	4.762,5	1.662	-3.100,5	99	26,61
2015	8,88	4.431,7	1.752,5	-2.679,2	109,4	26,45
2016	8,26	.....	.....	....	....	.....

Fonte: Elaboração própria com base em dados de Perspective Monde (2017); Actualix (2016); Trading Economics (2016); IHSI (2015); IndexMundi (2015); Knoema (2017); TheGlobalEconomy (2016); BRH (2016), World Bank (2017); UNCTAD (2017)

Observando a tabela 15 acima, percebe-se que ao longo dos anos a economia haitiana não consegue manter um crescimento sustentado. Da década de 1980 até o presente, os maiores crescimentos reais do PIB que o Haiti conheceu são: 7,3 em 1980; 9,9 % em 1995 e 5,5 em 2011, após o terremoto que abalou o país em 2010, como já assinalado (KNOEMA, 2017). Os três últimos anos apresentam um comportamento preocupante, como pode-se observar na tabela 15 e através das figuras 11 e 12, a seguir.

Figura 11 - Evolução do PIB nominal (1980 -2016) e do PIB real (1980 – 2014/ 2005 ano de base)



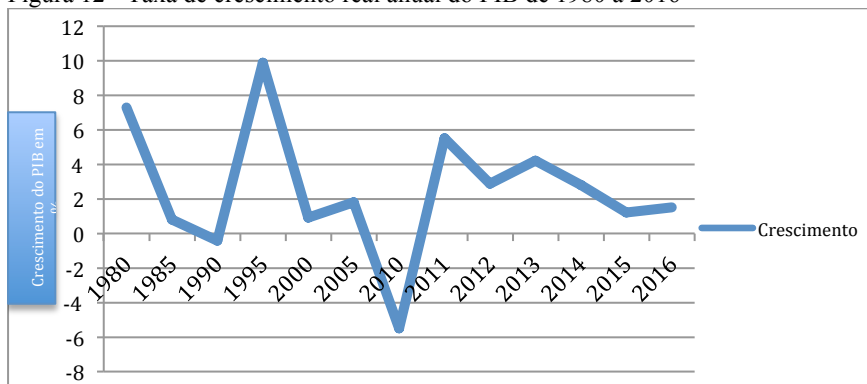
Fonte: Elaboração própria com base em dados da tabela 15, UNCTAD (2017) e TheGlobalEconomy (2016)

Mesmo tratando-se de dólares correntes, ainda assim é possível formar uma ideia sobre a trajetória real<sup>110</sup> como pode-se observar na figura 11 acima, pois a inflação do dólar americano no período não é elevada e o ano de base escolhido é 2005. A inflação como deflator do PIB do dólar americano em 2005 era de 3,2%. E mesmo levando em conta a inflação do dólar americano sobre o período todo de 1980 a 2014, percebe-se que a inflação não foi alta, não se observa inflação de dois (2) dígitos no período. Por exemplo em 1980, a inflação era de 9% e já estava com 2% em 1986 e em 2014, a taxa de inflação era de 1% (WORLD BANK, 2016).

A figura 12 apresenta a taxa real de crescimento do PIB do Haiti de 1980 a 2016 que não exhibe de maneira geral um bom desempenho durante o período escolhido.

<sup>110</sup> Os valores do PIB real são disponíveis no site da UNCTAD e TheGlobalEconomy.

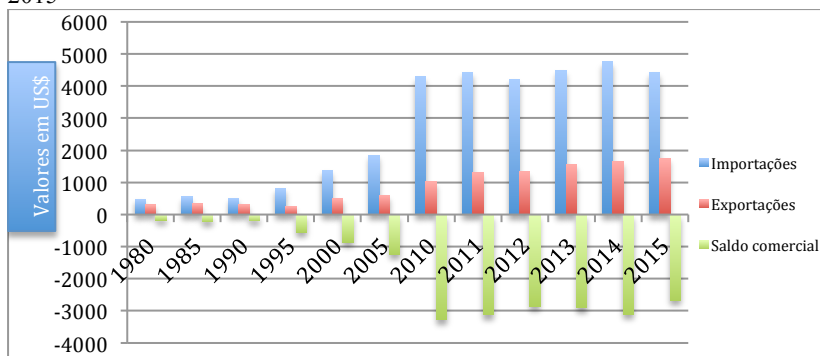
Figura 12 - Taxa de crescimento real anual do PIB de 1980 a 2016



Fonte: Elaboração própria com base em dados de UNCTAD (2017) e de Knoema (2017)

Olhando para a tabela 15, pode-se observar também que o Haiti tem ao longo de sua história, no intervalo considerado, sempre saldo comercial deficitário em razão das importações que superam sempre as exportações do país. E essa tendência ao longo dos anos tende a piorar. A Figura 13 seguinte mostra a evolução das importações, exportações e saldo comercial.

Figura 13 - Evolução das importações, exportações e saldo comercial de 1980 a 2015



Fonte: Elaboração própria com base em dados da tabela 15

Observa-se na figura 13 que o aprofundamento dos déficits comerciais começou em 1995. Tais déficits aconteceram em razão do processo de ajuste estrutural pelo qual passou o país a partir de 1986 (no fim da ditadura no Haiti), e também devido ao embargo de 1991 imposto pelos Estados após o golpe de um presidente (Jean Bertrand Aristide) eleito democraticamente, assunto que será explorado mais a frente.

Observa-se também na tabela 15 que em 2010, após o terremoto, boa parte das dívidas do Haiti foi cancelada, para permitir ao país recuperar-se o mais rapidamente possível (FMI, 2010). Entretanto, percebe-se que a partir de 2012 a dívida tornou a crescer, e de maneira sustentada: tendo passado de mais de 55% do PIB em 2000 para 11,81 % em 2011, a dívida representou 26,45 % daquele agregado em 2016.

Além disso, de maneira geral, a economia do Haiti, ao longo de sua história, tem sido caracterizada por baixos Investimentos Diretos Estrangeiros (IDEs), pois o ambiente do Haiti não é considerado seguro para atrair IDEs. Percebe-se que após o terremoto, desde 2010, com as oportunidades oferecidas pela reconstrução, o volume desses investimentos cresceu, mas o fluxo ainda se apresenta instável, com importantes oscilações. E estes investimentos continuam a ser largamente insuficientes para dar um novo impulso aos setores produtivos.

A tabela 16 a seguir apresenta alguns dados que são relacionados com a situação ou condição social da população haitiana.

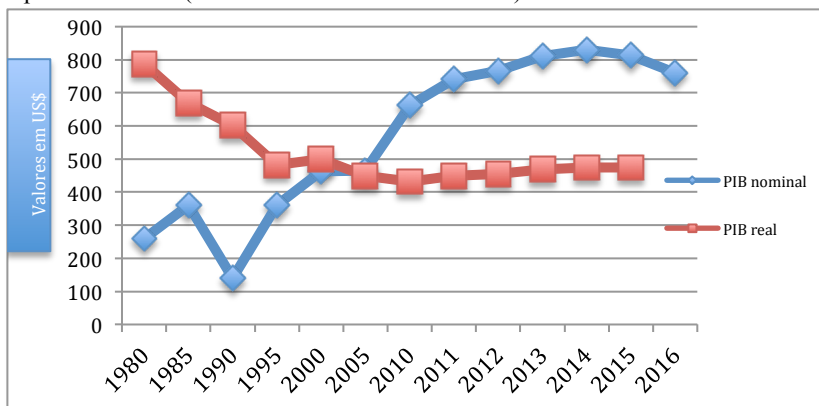
Tabela 16 - Dados macroeconômicos sobre a condição social da população Haitiana

Ano	População em milhões	PIB corrente e per capita em US\$	Inflação (Crescimento anual)	taxa de cambio em relação ao US\$	Esperança de vida da população	Desemprego (% da População ativa)
1980	5,7	260	17,78	5	51	.....
1985	6,4	360	10,65	5	52,6	.....
1990	7,11	140	21,28	5	54,6	.....
1995	7,8	360	27,61	15,11	56,3	10,3
2000	8,6	462	13,71	21,17	57,7	70
2005	9,3	465	15,73	40,45	59,2	7,4
2010	9,9	662	5,7	39,8	61	40,6
2011	10,03	741	8,41	40,52	61,6	.....
2012	10,17	767	6,28	41,95	62	.....
2013	10,32	810	5,85	43,46	62,4	.....
2014	10,5	831	4,57	45,22	63	.....
2015	10,6	813	9,02	50,71	...	.....
2016	10,8	761	13,3	.....	.....	.....

Fonte: Elaboração própria com base em dados de Perspective Monde (2017); Actualix (2016); Trading Economics (2016); IHSI (2015); Countrymeters (2017); IndexMundi (2015); Knoema (2017); TheGlobalEconomy (2016); BRH (2016); World Bank (2017); UNCTAD (2017)

Observando a tabela 16, percebe-se que a situação social do povo haitiano não melhora ao longo dos anos, desde a década de 1980, levando-se em consideração o crescimento da própria população, que aumenta mais do que o PIB per capita. A inflação também afeta o índice de preços dos produtos, reduzindo acentuadamente o poder de compra da moeda nacional. Observa-se igualmente um fraco aumento na esperança de vida da população no período considerado. A figura 14 seguinte, é especialmente eloquente sobre o quadro haitiano, mostrando a evolução do PIB per capital real e do PIB per capita nominal.

Figura 14 - Evolução do PIB per capita nominal (1980 -2016) e do PIB per capita constante (1980 – 2015 / 2005 ano de base)



Fonte: Fonte: Elaboração própria com base em dados da tabela 16, UNCTAD (2017) e TheGlobalEconomy (2016)

Medir a taxa de emprego no Haiti é difícil em razão da informalidade de uma boa parte das atividades econômicas, assim como da volatilidade de muitos empreendimentos e do fato de que, em consequência, muitas pessoas nem procuram empregos, pois sabem que eles não existem, uma vez que o problema não é recente, já em 1978, Girault salientou o seguinte: “A imprecisão em torno do fenômeno do desemprego num país como o Haiti, é devido à sobreposição de dois fenômenos que também estão fortemente associados: primeiro o subemprego no setor tradicional, por outro lado, o desemprego no setor moderno<sup>111</sup>” (p.65). E de acordo IHSI (2003), um pouco mais de 80% dos desempregados haitianos procuram empregos mediante o recurso de pais ou amigos empregados, pois as dificuldades de inserção e reinserção no mercado de trabalho são enormes.

<sup>111</sup> L'imprécision qui entoure le phénomène du chômage dans un pays comme Haïti, est due à la superposition de deux phénomènes qui d'ailleurs sont fortement associés: d'une part le sous-emploi dans le secteur traditionnel, d'autre part le chômage dans le secteur moderne.

Desse modo podem-se encontrar dados com grandes discrepâncias em diferentes sites e fontes. Por exemplo, IndexMundi (2015) apresenta uma taxa de desemprego que passou de 70 % em 2000 para 40,6 em 2010, enquanto Tradind Economics (2016) mostra que a taxa de desemprego era de 8,1 % da população em 2010. As estatísticas oficiais do país são consideradas defasadas, uma vez que são de 2003 do último censo. De acordo com IHSI (2003), a taxa de desemprego das pessoas com idade entre 10 e mais é particularmente elevado a nível nacional: 27,4% da população ativa sem emprego. Mas é especialmente em áreas urbanas que o desemprego assume uma escala considerável: com taxas de desemprego de 45,5% na região metropolitana e 28,2% em cidades do interior. Finalmente, o desemprego afeta particularmente os jovens de 15-19 anos (61,9%) e 20-24 (50%). Girault (1978, p. 65), dizia: “No Haiti, há poucos dados fiáveis sobre o emprego<sup>112,</sup>”.

Tamanha discrepância sugere que devem estar sendo utilizados modos muito distintos de cálculo, entre as diferentes fontes, mas nada é informado por essas instituições em relação a isso. Trading Economics (2016) salienta que a taxa de desemprego mais alta que o Haiti já conheceu foi de 23,90 % em 1988, e a mais baixa, de 6,80 % em 2011. As diferentes fontes criam uma imagem confusa sobre a real situação das taxas de desempregos no Haiti. Mas, de forma geral, diz-se que 60% da população seria afetada pelo desemprego e o subemprego, um fato que deve ser matizado pela consideração de que existe um setor informal que, para alguns especialistas, representa algo como 80% do emprego total, conforme foi destacado em varias ocasiões no trabalho (RÉPUBLIQUE FRANÇAISE, 2017).

Importante salientar que o Haiti é o único país na América Latina e no Caribe com um índice de desenvolvimento humano (IDH<sup>113</sup>) baixo. A tabela 17 a seguir mostra a relação do IDH do Haiti em relação com outros países da América Latina e do Caribe para o ano de 2014.

---

<sup>112</sup> En Haïti, il existe très peu de données sûres concernant l'emploi.

<sup>113</sup> O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é uma medida resumida do progresso a longo prazo em três dimensões básicas do desenvolvimento humano: renda, educação e saúde.

Tabela 17 - IDH 2014 na América Latina e Caribe

Posição	País	Valor do	Nível de IDH
		IDH 2014	
40°	Argentina	0,836	Muito alto
42°	Chile	0,832	Muito alto
52°	Uruguai	0,793	Alto
55°	Bahamas	0,79	Alto
57°	Barbados	0,785	Alto
58°	Antígua e Barbuda	0,783	Alto
60°	Panamá	0,78	Alto
64°	Trinidade e Tobago	0,772	Alto
67°	Cuba	0,769	Alto
69°	Costa Rica	0,766	Alto
71°	Venezuela	0,762	Alto
74°	México	0,756	Alto
<b>75°</b>	<b>Brasil</b>	<b>0,755</b>	<b>Alto</b>
77°	São Cristóvão e Nevis	0,752	Alto
79°	Granada	0,75	Alto
84°	Peru	0,734	Alto
88°	Equador	0,732	Alto
89°	Santa Lúcia	0,729	Alto
94°	Dominica	0,724	Alto
97°	Colômbia	0,72	Alto
97°	São Vicente e Granadinas	0,72	Alto
99°	Jamaica	0,719	Alto
101°	Belize	0,715	Alto
<b>101°</b>	<b>República Dominicana</b>	<b>0,715</b>	<b>Alto</b>
103°	Suriname	0,714	Alto
112°	Paraguai	0,679	Médio
116°	El Salvador	0,666	Médio
119°	Bolívia	0,662	Médio
124°	Guiana	0,636	Médio
125°	Nicarágua	0,631	Médio
128°	Guatemala	0,627	Médio
131°	Honduras	0,606	Médio
<b>163°</b>	<b>Haiti</b>	<b>0,483</b>	<b>Baixo</b>

Fonte: Elaboração própria com base em dados de PNUD (2015)



Na verdade, o IDH haitiano ao longo dos anos foi sempre baixo em relação aos outros países da América Latina e do Caribe. A tabela 18 mostra a evolução do índice de desenvolvimento haitiano de 1980 a 2014 ocupando o 163º lugar sobre 187 países na escala mundial em 2014.

Tabela 18 - Índice de desenvolvimento Humano (IDH) haitiano de 1980 a 2016

Ano	1980	1990	2000	2005	2010	2011	2012	2013	2014
<b>IDH</b>	0.357	0.417	0.433	0.455	0.471	0.475	0.479	0.481	0.483

Fonte: Elaboração própria com base em dados de United Nations Development Programme (PNUD)

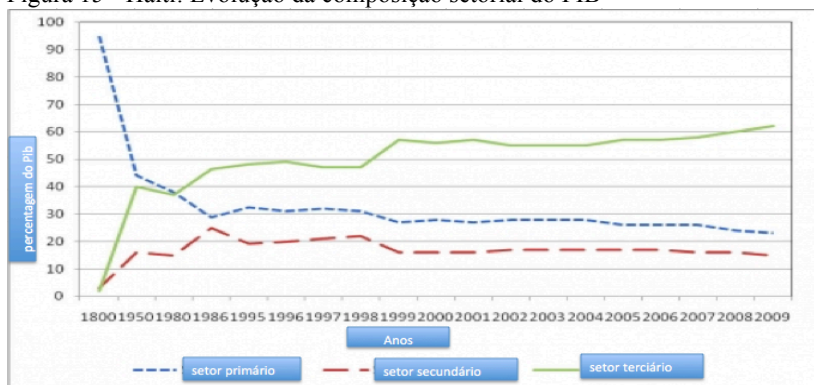
Em comparação com a região, a evolução do IDH do Haiti é e foi sempre baixa, pois para América Latina e o Caribe como todo, o IDH médio passou de 0,574 em 1980 para 0,748 em 2014 (OBSERVATOIRE DES INÉGALITÉS, 2016).

Após uma visão geral sobre a economia haitiana como um todo, as linhas a seguir dão uma visão geral sobre a evolução dos diferentes setores dessa economia ao longo das décadas, salientando sua importância e seu peso na economia, sobretudo em relação ao PIB.

#### 4.4 UMA VISÃO GERAL SOBRE OS SETORES DE ATIVIDADES ECONÔMICAS DO HAITI

Antes de mostrar a importância de cada setor no crescimento da economia do Haiti, cabe apresentar uma figura (Figura 15) contendo um gráfico que mostra a evolução dos setores no tempo, tendo como ponto de partida o ano de 1800 e ponto de chegada o ano de 2009.

Figura 15 - Haiti: Evolução da composição setorial do PIB



Fonte: Elaboração própria com base em Paul, Dameus e Garrabe (2010, p. 5)

Olhando para o gráfico da figura 15, pode-se observar que em 1800 a agricultura era responsável por quase 95% do PIB do Haiti, e que em 2009 todo o setor primário representava apenas 23%. Este declínio ocorreu em “benefício” do desenvolvimento do setor terciário, dominada por pequenas empresas: esse setor aumentou de menos de 5% para 60% do PIB no mesmo período.

Em geral, com os avanços na produtividade agrícola, devido, por exemplo, à tecnologia, um número cada vez menor de trabalhadores mostra-se capaz de produzir alimentos para toda uma população, resultando em diminuição dos contingentes vinculados à atividade agrícola. Contudo, não é o que aconteceu na economia haitiana. Entre as principais causas do crescimento setor terciário no Haiti está o êxodo rural, mas não por causa do desenvolvimento agrícola. Ao contrário, esse setor mostra grande vulnerabilidade por conta das mudanças climáticas, da degradação do meio ambiente, das construções descontroladas em terras aráveis, da ausência de estrutura social e econômica nas zonas rurais que estimule a permanência, da ausência de infraestruturas rodoviárias para o transporte de produtos agrícolas de certas regiões para outras e da falta de um acompanhamento sistemático aos agricultores, entre outras causas (AHE<sup>114</sup>, 2013).

Assim crescendo, o setor terciário tem favorecido a proliferação do setor informal (sobretudo o comércio informal) no Haiti, e isso em

<sup>114</sup> AHE= Associação Haitiana dos Economistas.

meio à ausência quase total de melhorias tecnológicas, o que compromete as políticas públicas, uma vez que o governo não se dispõe de dados quantitativos reais sobre a economia, e garante a perpetuação da dependência do país das importações. O fato de que o setor de serviços da economia haitiana funciona principalmente na informalidade, torna difícil de quantificá-lo. Caracteriza-se, como é evidente, pela ausência de registros contábeis e, em decorrência, pela dificuldade de ser corretamente estimado em estatísticas nacionais.

Esse é o caso, em particular, das crescentes atividades de pequenos comerciantes nas ruas de Port-au-Prince. Mesmo ao nível micro-local, as autoridades são incapazes de quantificá-los, tendo em vista a volatilidade de suas práticas e a dificuldade da sua identificação e caracterização.

O carácter extensivo das atividades informais na economia haitiana deixa claro e óbvio o fato de que a informalidade representa um aspecto geral, profundamente enraizado, da economia haitiana. Assim, esse setor informal (logo volátil), que emprega cerca de 70% da população ativa do país, segundo algumas estimativas, constitui um desafio em termos de reformas econômicas a serem concebidas e executadas com vistas ao desenvolvimento (PAUL; DAMEUS; GARRABE, 2010).

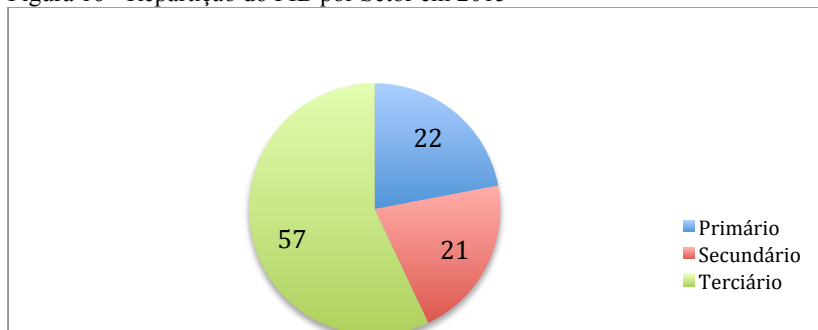
Históricamente, a base da economia foi sempre a agricultura, como se falou anteriormente. Até hoje em dia o papel desse setor é reconhecido, de uma maneira geral, mas, olhando-se a figura acima, caberia dizer que o setor terciário tornou-se a base da economia. Assim, considerando que esse setor tem uma taxa elevada de informalidade, o que o torna volátil e de difícil apreensão, não parece haver equívoco na conclusão segundo a qual é bastante complicado determinar o que realmente se constitui na base da economia do Haiti, quer dizer, na sua força maior nos dias atuais. De todo modo, fica claro, através da figura 15 acima, que o país não é mais essencialmente agrícola, como era no passado.

De fato, pela evolução retratada do último gráfico, na figura 15, observa-se que desde os anos 1950 os serviços têm sido cada vez mais importantes, superando outras atividades econômicas, na produção doméstica ou nacional. Isso não é estranho ao fato de que, apesar dos esforços de desenvolvimento industrial na década de 1970, o Haiti foi incapaz de expandir seu setor secundário ou mesmo industrializar a agricultura. Guarda relação com tal problema o alarmante declínio da agricultura e do setor primário em geral, enquanto o setor de serviços só

fez aumentar a sua contribuição para o PIB, ficando o setor industrial em estagnação, uma situação que permanece praticamente a mesma há décadas.

A situação da repartição do PIB em 2015 não é muito diferente do que era em 2009. Segundo a figura 16 seguinte, o setor primário representa 22 % do PIB, o setor secundário por sua vez representa 21 % e o setor terciário do outro lado corresponde a 57 % do PIB..

Figura 16 - Repartição do PIB por Setor em 2015



Fonte: Elaboração própria com base em dados de IHSI (2016)

De acordo com IHSI (2016), o valor acrescentado do ramo da agricultura, sivicultura, pecuária e pesca continua a cair ao longo dos anos, por exemplo, houve uma baixa de 5,4% no valor agregado desse ramo em 2015, depois de uma queda de 1,5% do ano anterior, algo que pode ser observado também na tabela 13 acima. IHSI (2016) observou, de acordo com os dados na tabela 13, que as indústrias manufatureiras que são um ramo importante, em termos de exportação, na economia haitiana, após um aumento de 2,7% em 2014, registou um aumento de 4,5% no final do ano de 2015. Esse último, de acordo com a tabela 11, é o ramo responsável pela grande maioria das exportações. Salientando que as vendas do Haiti são direcionadas em quase sua totalidade para os Estados Unidos como foi observado na tabela 12.

#### 4.4.1 Características dos Setores da Economia Haitiana

No setor primário, como já foi salientado, observa-se o declínio da agricultura na economia do Haiti. Esse declínio foi acelerado pelos rendimentos muito baixos e, ao longo do tempo, foi agravado pelo

desmatamento, erosão e inadequação tecnológica, o que não se constitui em problemas só atuais (PAUL; DAMEUS; GARRABE, 2010).

Apesar do declínio e das confirmações, feitas em várias análises (CEPALC, 2005; DIAMOND, 2007; DUFOUR, 2011; ...) sobre as debilidades do setor primário, esse setor (sobretudo a agricultura), de acordo com o plano estratégico de desenvolvimento do Haiti do Governo da Republica do Haiti (2012), tem importância para o fortalecimento da economia do país, constituindo-se em um dos pilares do crescimento nacional. A aplicação de uma política agrícola robusta poderia ajudar o país a alcançar a segurança alimentar de que tanto precisa, e também melhorar a produção para exportação, através da introdução de tecnologias apropriadas e da criação de condições favoráveis ao investimento privado (MCI<sup>115</sup>, 2001).

Em relação ao setor secundário, observa-se que a economia do Haiti não registrou qualquer processo de industrialização em si, merecedor de referência nesses termos. O setor industrial do país representou, em 2006, 17% do PIB nacional. Inclui indústrias orientadas para atender às necessidades locais, bem como para exportação, usando matérias-primas tanto nacionais tanto importadas.

O setor secundário inclui: (a) a indústria manufatureira (têxtil, vestuário e couro; transformação de metais; produtos minerais não-metálicos; produtos alimentares e bebidas; as indústrias do tabaco; produtos químicos, borracha; metalúrgica; os produtos de diversas indústrias; (b) Electricidade, gás e água; (c) Edifícios e obras públicas (MICT<sup>116</sup>, 2006).

No entanto, a indústria haitiana é dominada pelas atividades engajadas na fabricação de produtos têxteis e do vestuário como foi salientado anteriormente. Em 1999, o número de empregos na indústria haitiana representou 10,8% do total dos empregos (33.000 empregados) (PERSPECTIVE MONDE, 2016). Sua estrutura exibe grande presença de vínculos na forma de subcontratação internacional para clientes estrangeiros. De acordo com Dimanche, Cajuste e Salomon (2014), as empresas de subcontratação são encontradas em vários sub-setores da indústria no Haiti, tais como têxteis, automóveis e até mesmo o setor da informática; relativamente elas fornecem uma grande quantidade de postos de trabalho no setor industrial (cerca de 799.000). No ramo de

---

<sup>115</sup> Ministério do comércio e das indústrias do Haiti.

<sup>116</sup> Ministério do Interior e das Comunidades Territoriais.

produtos têxteis e do vestuário que é responsável por boa parte das exportações haitianas (mais de 80%), como foi observado na tabela 11 acima, existem 41.536 empregos no Haiti em 2015 (SÉNÉLUS, 2016).

É difícil achar dados detalhados sobre a produção da indústria do Haiti por setores e saber quanto da produção é exportado e quantos empregados por setores. A câmara de comércio e de indústria (CCI) que poderia fornecer algumas informações, possuía um site ativo, porém atualmente está em construção. Nos sites oficiais do governo do Haiti (IHSI, MEF<sup>117</sup>, entre outras) assim como nos sites das organizações internacionais (UNCTAD, WORLD BANK, ...) esses dados são inexistentes, sobretudo para as décadas recentes de 2000 a 2016. Isso acontece provavelmente pelo fato de que a maioria das empresas da indústria haitiana funcionam em *Export Processing Zones* (EPZs) (zonas de processamento para exportação) que funcionam como tipo de enclaves no território haitiano onde o próprio estado perde o controle das atividades executadas.

Importante sublinhar já, baseado nos dados sobre o comércio exterior haitiano na tabela 11, o fato de que a produção de artigos têxteis e do vestuário que sustentam as exportações do país durante décadas são atividades econômicas integradas em cadeias globais de valor. Cabe ressaltar também que as três atividades econômicas mais integradas em cadeias globais no Haiti são: o Vetiver<sup>118</sup> (setor primário), o vestuário (setor secundário) e o turismo (setor terciário).

Observa-se, portanto, que a indústria de destaque em relação a integração em cadeias globais no Haiti é a indústria manufatureira. As atividades dessa indústria são lideradas por investidores e atores de países industrializados, principalmente dos Estados Unidos. No seu auge, em 1980, a indústria manufatureira utiliza no Haiti mais de 150.000 empregados em cerca de 200 empresas estrangeiras. As roupas sempre representaram os principais produtos fabricados e exportados no Haiti (BETTERWORK, 2012).

---

<sup>117</sup> Ministério da economia e das finanças.

<sup>118</sup> O Haiti é o primeiro exportador mundial de um óleo proveniente das raízes dessa planta. O Haiti fornece 50% da demanda global desse óleo. O Haiti é considerado como o maior produtor mundial em quantidade e em qualidade desse óleo. Para mais informações acesse: <http://www.reuters.com/article/us-haiti-perfume-idUSBREA3N24O20140424> e <https://challengesnews.com/haiti-premier-exportateur-mondial-de-vetiver/>. Acessado em: 03 de março de 2017.

Percebe-se que o setor industrial é muito importante para o país em termos de empregos. Considera-se dessa forma apesar das evidências de que prevalece a utilização de mão de obra barata, sem formação acadêmica ou mesmo profissional, e de que essa indústria não envolve alta tecnologia nem representa incentivos para pesquisa e desenvolvimento, isto é, exibe chances muito baixas (se tanto) de inovação. Os dramáticos efeitos sociais vinculados à estagnação e, pior ainda, à recessão do setor, fazem pensar que se trata-se, de fato, de um setor importante para o país.

O único setor na economia haitiana que apresenta uma expansão contínua é o de serviços. Mas, enquanto no caso de outros países industrializados o crescimento do setor terciário vincula-se ao desenvolvimento da agricultura e da indústria – via informatização de várias atividades e demandas crescentes de serviços para as empresas –, no caso do Haiti o processo ocorreu de forma diferente. Uma vez que a indústria haitiana é dominada pelas empresas manufatureiras e de montagem, não existe uma grande demanda por serviços por parte das empresas.

O setor de serviços no Haiti pode ser descrito da seguinte forma:

- a) É um setor orientado principalmente para os serviços à comunidade (não serviços a empresas). A maioria das pessoas envolvidas não tem qualificações particulares.
- b) As empresas do setor de serviços em geral funcionam na informalidade ou de modo não oficial: eles não cumprem qualquer lei, numa ilegalidade que se constitui praticamente em norma do setor no Haiti.
- c) O setor é dominado por microempresas com uma baixa produtividade, pois seus proprietários são em geral muito pobres e sem instrução.

A própria agricultura, em declínio contínuo, também não favorece a expansão do setor terciário. Desse modo, o crescimento do setor de serviços no Haiti ocorreu através de uma mudança setorial na economia do país e de uma concentração das atividades de serviços na forma de resultados de um empreendedorismo informal. Isso abriu um mercado favorável para o desenvolvimento de novas atividades econômicas, mas, ao mesmo tempo, fez aumentar o número de trabalhadores pobres, pois observam-se muitas atividades ambulantes no Haiti.

Mas em áreas urbanas do Haiti esse setor terciário evolui sob uma forma semi-formal com serviços muito diversificados como a

restauração na forma haitiana, cyber internet (telecomunicações e informática), farmácias, consultórios médicos, laboratórios, multi-serviço (reparação de telefone, fotocópias, impressão...), entre outras atividades. (AHE, 2013).

O país também tem um grande número de trabalhadores pobres. O emprego informal domina e abrange mais de 80% dos ativos. Quarenta por cento dos postos de trabalho estão na agricultura e 25% em atividades comerciais. O serviço público engloba apenas 2% dos ativos<sup>119</sup> (BIT<sup>120</sup>, 2010, p.3).

De acordo com o ministério da economia e das finanças (MEF, 2016, p.83), “Ao expandir o setor informal a todos aqueles que não têm cobertura da previdência social é mais de 93% da economia haitiana que trabalha no informal<sup>121</sup>”. A associação haitiana dos economistas (AHE, 2013), na publicação no jornal *Le Nouvelliste*<sup>122</sup>, faz o seguinte resumo do setor terciário haitiano:

No Haiti, são serviços dominados por comércio de atacado e varejo que nem sempre requerem um alto nível de qualificação acadêmica, ainda menos alta tecnologia. Assim, o sector terciário contribui fracamente em qualidade para o aumento do valor agregado nacional. É amplamente aceito que a tecnologia está marginalmente envolvida em atividades do setor informal. No entanto, sua contribuição pode ser apreciado na medida em que cria empregos para milhares de pessoas. É um

---

<sup>119</sup> Le pays compte en outre un grand nombre de travailleurs pauvres. L’emploi informel domine et concerne plus de 80 % des actifs. Quarante pour cent des emplois se trouvent dans l’agriculture et 25 % dans les activités commerciales. La fonction publique ne concerne que 2 % des actifs.

<sup>120</sup> Bureau International du Travail, em português seria “Escritório Internacional do Trabalho”.

<sup>121</sup> En élargissant le secteur informel à tous ceux qui ne bénéficient pas d’une couverture sociale, c’est plus de 93 % de l’économie haïtienne qui fonctionne dans l’informel.

<sup>122</sup> “Le Nouvelliste” é um jornal em língua francesa impresso em *Port-au-Prince* e distribuído por todo o Haiti, especialmente na capital e nas principais cidades. Fundado em 1898, é o maior e mais antigo jornal do Haiti, e o mais antigo jornal em língua francesa da América.



setor que emprega atualmente mais de 70% da força de trabalho do Haiti, isto é, cerca de 1,5 milhão (1.500.000) empregos. Note-se que estes trabalhos não são de qualidade ou decentes e são apenas aparências na medida em que somente geram uma renda de subsistência<sup>123</sup>.

Em consequência, apesar da elevada taxa de ocupação no setor terciário, o padrão de vida da população em geral não tem melhorado significativamente. No Haiti, o movimento do setor primário para o setor de serviços não veio acompanhado de um aumento da renda da população, ou de uma melhoria no padrão de vida. Além disso, como o setor de serviço no Haiti é principalmente voltada para o serviço à comunidade, e não para as empresas, as receitas geradas por este setor não é significativa para a economia, embora sejam utilizadas no consumo familiar, por exemplo (PAUL; DAMEUS; GARRABE, 2010). Desse modo, esse desenvolvimento do setor terciário haitiano não pode permitir aos agentes econômicos sair da pobreza.

Deve-se, entretanto, ressaltar um aspecto importante sobre esse setor de serviços, um aspecto que diz respeito ao turismo, foco deste trabalho: de acordo com CEPALC (2005), o Haiti só precisa olhar para o seu vizinho mais próximo, a República Dominicana, para enxergar o grande potencial existente no desenvolvimento turístico dentro de seu próprio território.

Conforme CEPALC (2005), no curto prazo, o turismo haitiano poderia desencadear um boom na construção civil que iria alimentar a expansão da infraestrutura, especialmente na área de hotéis. A longo prazo, o turismo é um setor que representa elevada utilização de mão de obra, mesmo que se possa (e se deva) avaliar criticamente a natureza dos

---

<sup>123</sup> En Haïti, ce sont des services dominés par le commerce au gros et au détail qui n'exigent pas toujours un niveau élevé de qualification académique, encore moins de haute technologie. Donc, la tertiairisation contribue très faiblement en termes de qualité à l'augmentation de la valeur ajoutée nationale. Il est donc très largement admis que la technologie est très faiblement impliquée dans les activités du secteur informel. Cependant, sa contribution peut être appréciée par le fait qu'elle crée des emplois à des milliers de gens. C'est un secteur qui emploie actuellement plus de 70% de la population active haïtienne, soit environ un million cinq cent mille (1 500 000) emplois. À noter que ces emplois ne sont ni de qualité ni décents et ne sont que des apparences dans la mesure où ils ne génèrent qu'un revenu de subsistance.

postos de trabalho geralmente criados, sobretudo fora do centro do capitalismo.

Haveria, conforme aquela análise, como criar no Haiti condições potenciais para atrair de maneira significativa interessados em fazer turismo (tanto o turismo mais sofisticado como o de menor renda e mesmo de tipo alternativo, como o de mochileiros) no país. A história, sua cultura única e os recursos naturais espetaculares de que o território haitiano é dotado foram apenas levemente explorados até agora, em parte por causa da instabilidade, da insegurança e da pobreza que marcaram a trajetória nacional. Por outro lado, e também nisso haveria potencialidades locais, o turismo costuma exibir igualmente ligações fortes com setores ou atividades de artesanato e indústrias ditas “nostálgicas” (evocando questões étnicas e culturais, entre outras), cuja promoção certamente produz resultados para os contingentes implicados.

#### **4.4.2 Um passado pesado para diversas atividades dos diferentes setores da economia Haitiana**

Atividades historicamente importantes da economia haitiana foram bastante prejudicadas por acontecimentos que tiveram fortes impactos na vida nacional nas últimas décadas. Com efeito, a agricultura e as indústrias de substituição a importação foram terrivelmente afetadas pela liberalização comercial dos anos 1980. A economia nacional não conseguiu se levantar dos choques ocasionados pelo golpe de Estado militar de 1991-1994 e as crises políticas que fragilizam sobretudo os setores sensíveis da produção nacional, por exemplo o turismo (BOULOS e Al., 2010).

Em 1986 e 1996, o Haiti tenha se envolvido em programas de ajustamento estrutural (PAS)<sup>124</sup> com o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Mundial (BM). O programa de 1986 foi composto de quatro componentes principais: a reforma do sistema fiscal, um programa de privatização, a política monetária restritiva e uma política de liberalização do comércio. O último componente, que foi totalmente implementado a partir de então, diz muito sobre a grande queda da agricultura do país.

---

<sup>124</sup> Em francês, o nome do programa é: “Programmes d’Ajustement Structurel (PAS)”.

Na aplicação do último componente do programa, o Haiti, então, tinha que reduzir suas tarifas sobre os bens importados. E, de fato, em 1987, o governo realizou estes descontos em uma gama de produtos, incluindo arroz e leite. As quantidades de arroz importados subiram muito rápido a partir de então: eles foram multiplicados por 28 entre 1984 e 1994 (de 5.000 Megatoneladas (Mt) a 140.000 Mt) e para mais de 50 entre 1984 e 2004 (de 5.000 Mt a 276.010 Mt) (CCFD-TERRE SOLIDAIRE, 2008). E até em 2010, Bill Clinton reconheceu esse mal feito ao Haiti com aqueles programas, mas continua com a mesma estratégia visando reduzir a miséria no Haiti.

Enquanto Bill Clinton, o presidente dos EUA reconheceu em 2010 que esta política foi um erro, é sempre a mesma política agrícola e as mesmas prioridades que são apresentadas antes de tudo como uma solução para sair da pobreza. O exemplo mais óbvio é a tentativa, poucas semanas depois de 12 de janeiro, de uma doação de Monsanto de 475 toneladas de sementes de milho híbrido para o governo haitiano (THOMAS, 2012).

Em 1990, o Haiti era quase autosuficiente em seu abastecimento de arroz. Mas essa produção local “colapsou” com a aplicação dos programas de ajustamento estrutural contra as importações de arroz barato americano. O país, dessa forma, tornou-se então dependente da importação de alimentos, de uma maneira geral. De modo concomitante, os EUA aceleraram a exportação de arroz subsidiado ao Haiti, inclusive na forma de ajuda alimentar (food aid). Observa-se que, entre 1992 e 2000, as importações de alimentos do Haiti dobraram e os programas de ajuda alimentar aumentaram bastante a sua distribuição (programa USAID passou de 350.000 para 1.300.000 beneficiários entre 1992 e 2000) de acordo com o International Centre for Trade and Sustainable Development (ICTSD, 2010).

Em 1988, 47% do suprimento do país eram constituídos por produção local. Os demais 53% eram importados no mercado varejista. Já em 2008 (grandes ciclones abalaram a quase totalidade da produção agrícolas do país), apenas 15% do suprimento haitiano passou a ser produzido localmente. Os demais 85% foram importados, dos quais 11% na forma de ajuda alimentar. No mesmo período, os subsídios domésticos aos rizicultores estadunidenses saltaram de US\$ 128

milhões, em 1988, para um pico de US\$ 1,7 bilhão, em 2000, e foram reduzidos a US\$ 301 milhões, em 2008 (ICTSD, 2010). Seitenfus (2014, p.449), da sua parte, salientou o seguinte sobre essa situação descrita:

Repete-se com irritante insistência o modelo fracassado que acelerara o processo de migração entre o campo e a cidade fazendo com que a agricultura tradicional de subsistência desapareça completamente. Os interesses do maior produtor agrícola mundial coincidem com os conselhos provenientes do FMI: a agricultura haitiana, não possuindo economia de escala e competitividade, deve ser abandonada.

A estratégia dos Estados Unidos, aplicados desde a década de 80, faz do Haiti o atual 4º maior cliente para suas exportações de arroz. Base de sua dieta alimentar, o país era autossuficiente na década de 70. Atualmente importa 90% de seu consumo e vive em permanente crise de abastecimento.

No caso das indústrias, a liberalização comercial passou pela privatização das empresas públicas, como “la Minoterie d’Haïti” (o Moinho do Haiti), “Le Ciment d’Haïti” (O Cimento do Haiti), “la Télécommunication d’Haïti (Téléco)” (a Telecomunicação do Haiti (Teleco)), e outras atividades públicas que funcionaram como reguladores de preços dos produtos no território nacional foram fechadas. Essa política registra anos de impacto social negativo sobre a maioria da população. Milhares de trabalhadores da população ativa do país foram afetados e seus filhos deixaram de poder frequentar a escola, entre outras situações difíceis pelas quais passou boa parte da população (DESSALINES, 2011).

Ao longo da década de 1990, o setor das indústrias têxteis, que representa mais de 75% das receitas de exportação e emprega uma parte significativa dos habitantes da região metropolitana de Port-au-Prince, sofreu terrivelmente os efeitos devastadores do embargo econômico (Imposto pelos Estados Unidos e comunidade Internacional), decretado contra o país a fim de assegurar a volta do presidente Jean-Bertrand Aristide ao poder, no dia 15 de outubro de 1994. A cobrança de impostos e o controle das despesas públicas foram significativamente enfraquecidos por conta de tal situação (BOULOS e Al., 2010). E de

acordo com Séraphin (2011, p.3), o embargo econômico (comercial) não foi tudo.

Na sequência de um golpe de Estado perpetrado em Setembro de 1991 contra o presidente Jean-Bertrand Aristide, os Estados Unidos e a Organização dos Estados Americanos (OEA) impuseram no mesmo ano um embargo comercial contra o Haiti seguido em 1993 por um embargo de petróleo imposto desta vez pela ONU<sup>125</sup>.

Registre-se que o Presidente Aristide esteve à frente do Estado haitiano em três períodos: em 1991 (eleito democraticamente), de 1994 a 1996 (voltou a dirigir o país depois das pressões do embargo), e novamente de 2001 a 2004. E teve que ser afastado do governo em duas ocasiões: primeiramente através de um golpe militar (em setembro de 1991) e novamente em 2004, numa situação mal explicada na qual foi retirado do país por militares norte-americanos, com apoio de militares brasileiros (HISTÓRIA NEWS XXI, 2015).

Para se ter uma ideia da degradação da situação econômica e dos reflexos sociais, afetando duramente o povo do país, é importante ressaltar duas informações importantes sobre a taxa de juros e taxa de câmbio. A taxa de juros passou de 16,02% em 1997 para 32,3 em 2008. A taxa de câmbio da moeda nacional (gourde) passou de 5 gourdes por \$US 1 em 1990 para 42,8 gourdes por \$US 1 em 2008, além da retração do PIB do país em quase metade no mesmo período como já foi sublinhado. Enfim, a massificação da pobreza no Haiti é uma realidade que atinge o olho de qualquer observador (BOULOS e AL., 2010).

No Haiti, a recuperação de praticamente todas as instituições financeiras por parte de investidores haitianos não conseguiu democratizar o crédito no país. Os jovens têm muitas dificuldades para financiar seus projetos, e é a mesma coisa com a nacionalização da indústria do turismo durante décadas, que não tem sido capaz de atrair e aumentar a taxa de preenchimento dos hotéis destinados a serviços turísticos (DORÉ, 2010). Sobre a tendência de aproveitar a mão de obra

---

<sup>125</sup> A la suite d'un coup d'état perpétré en septembre 1991 contre le président Jean-Bertrand Aristide, les Etats-Unis et l'Organisation des Etats Américains (OEA) imposèrent la même année un embargo commercial à l'égard d'Haiti, suivi en 1993 par un embargo pétrolier imposé cette fois par l'ONU.

em quantidade e barata no Haiti após o terremoto de 2010, Seitenfus (2014, p. 448) salientou o seguinte:

Complementando a estratégia da *commodity* da miséria, foi identificada uma vantagem comparativa haitiana que deve ser explorada. Tal como ocorreu sob a ditadura de Jean-Claude, inspirado pelo Grupo de Países Amigos, foi decidido que a disponibilidade de uma mão de obra com custos baixíssimos deveria servir de base para a vinda de *maquiladoras* a produzir têxteis para o mercado dos Estados Unidos. Como exemplo o flamante Parque Industrial de Caracol (PIC), que recebeu US\$ 124 milhões da Usaid.

Em resumo, percebe-se que o Haiti não consegue se erguer para se constituir como uma nação forte após a sua independência, e que, mundialmente, o país é apresentado como um estado falhado<sup>126</sup> que precisa sempre da presença de forças estrangeiras atuando em seu território, um estado condenado a viver principalmente da ajuda humanitária internacional e das remessas de haitianos vivendo cada vez mais no exterior.

Esse estado falhado e condenado cria um ambiente contínuo de instabilidade política que perdura durante décadas e que perturba o crescimento e o desenvolvimento do Haiti. Apesar desse ambiente inviável do deste país, observam-se atividades econômicas haitianas integradas em cadeias globais. O próximo capítulo vai explorar o desenvolvimento do turismo haitiano e sua integração na cadeia global de turismo.

---

<sup>126</sup> Estado falhado, Estado falido ou Estado fracassado são termos políticos que designam um país no qual o governo é ineficaz e não mantém de fato o controle sobre o território, o que resultaria em altas taxas de criminalidade, corrupção extrema, um extenso mercado informal, poder judiciário ineficaz, entre outras situações.

## 5 O HAITI E A CADEIA GLOBAL DO TURISMO: APROXIMAÇÃO À PROBLEMÁTICA

*Não se pode tirar férias da pobreza. Decidir simplesmente não ser pobre, mesmo que por pouco tempo, nunca é uma opção.*

*(Sendhil Mullainathan e Eldar Shafir, 2016)*

Conforme assinalado anteriormente, o Haiti é mais conhecido como "ilha de todas as tragédias" por causa do nível de pobreza da população, problemas políticos e econômicos constantes, e, finalmente, por causa dos desastres naturais que o afetaram em diferentes momentos de sua história (BONNET, 2010; DUPONT, 2010 apud. SÉRAPHIN; PAUL, 2016). A ideia principal deste capítulo é procurar ver o quanto o turismo haitiano é integrado na cadeia global de turismo, apesar da situação do país ser muito difícil, destacando os diferentes atores no território do Haiti, sobretudo os principais líderes dos diferentes elos da cadeia global atuando no território nacional.

Faz-se necessário, num primeiro instante, considerar um pouco da história do turismo haitiano, para situar o quadro observado na atualidade e ter uma ideia de como poderia ser seu futuro. Dessa forma, este capítulo é subdividido em três partes principais. A primeira parte aborda o turismo no Haiti numa perspectiva histórica destacando os determinantes do fluxo turístico para o Haiti e as forças em atuação no turismo haitiano. A segunda parte analisa a forma de integração do Haiti na cadeia global do turismo indicando os principais atores intervindo no turismo do Haiti e também apontando para o turismo de cruzeiros e seus reflexos sociais no território haitiano. A terceira parte aborda os diferentes projetos em curso e futuros do governo haitiano baseados nas potencialidades do turismo haitiano.

É importante assinalar antes de tudo que há poucos estudos sobre o turismo haitiano, de acordo com a pesquisa bibliográfica realizada. O Haiti é apenas brevemente mencionado em diferentes pesquisas sobre o turismo no Caribe. Dois autores relevantes sobre esse assunto são: Guichard Doré (haitiano) e Hugues Séraphin (martiniquense). Dessa forma, o pouco material disponível dificulta a pesquisa como se pretende realizar, por isso que os resultados atingidos nesta dissertação deverão representar agregação de conhecimento sobre esse tema.

## 5.1 TURISMO HAITIANO: HISTÓRIA E PASSADO RECENTE

O objetivo dessa parte é mostrar, primeiramente, como o Haiti tinha um passado glorioso em termos de fluxo turístico no seu território em relação com os demais países do Caribe, apesar de que o Haiti é apenas brevemente mencionado em diferentes pesquisas sobre o turismo no Caribe, como foi salientado. Em segundo lugar, os determinantes da trajetória desse fluxo para o Haiti ao longo da história turística haitiana serão explorados também, assim como as principais forças em atuação no turismo haitiano desde nos seus primórdios, por fim.

### 5.1.1 Turismo no Haiti em perspectiva histórica

O Haiti, considerado como um dos mais pobres países do mundo, era nas décadas de 1940-1960 o primeiro destino turístico no caribe. Encontrava-se no seu mercado turístico diversas personalidades famosas de diferentes países ao redor do mundo, por exemplo, turistas canadenses, alemães, suíços e americanos. É a partir dos anos 60 que a paixão de turistas em todo o mundo para o país findou em benefício de outros destinos no Caribe (MINISTÈRE DU TOURISME, 2003; LOGOSSAH; SALMON, 2005).

O produto turístico oferecido era composto principalmente de elementos da cultura haitiana, ligados à arte e ao artesanato, assim como à história, mas também do tradicional «Sea, Sand and Sun» (mar, areia e sol), além da possibilidade de comprar em lojas de marca internacional bens de luxo (por exemplo, jóias, perfumes isentos de impostos de *Duty Free Americas*), sobretudo nos pontos de embarcação e desembarcação dos turistas. Durante este período, nasceram vários estabelecimentos turísticos (hotéis, agências de viagens, cassinos, resorts à beira-mar, lojas, restaurantes, observatório, galerias de arte, ...), bem como serviços profissionais e atividades associadas a eles (operadores turísticos, guias, transportadores, ...) (MINISTÈRE DU TOURISME, 2003; HAITI LIBRE, 2012). Para Théodat (2004, p. 7),

Foi nos anos seguintes à Segunda Guerra Mundial que o turismo experimentou um crescimento significativo na economia haitiana. Perto de Cuba, o país se beneficiou de uma relativa renda econômica, no caminho dos navios de cruzeiros que operam no Caribe a partir de Bahamas para as



Pequenas Antilhas, com escalas limitadas geralmente em alguns pontos estratégicos como Havana, San Juan de Puerto Rico, Kingston, Port-au-Prince<sup>127</sup>.

O presidente Dumarsais Estimé (1946-1950) prestou especial atenção ao turismo, promovendo-o sistematicamente. Nesse processo, realizou uma exposição universal (1949-1950) que despertou o interesse do mundo e, pela primeira vez na história do país, numerosos turistas chegaram a Port-au-Prince em busca de “sensações exóticas”. A tendência continuou mesmo após o golpe de Estado de 10 de maio de 1950, desferido contra esse governante. Por exemplo, entre 1951 e 1956, o número de turistas que visitaram a ilha foi multiplicado por seis vezes, passando de 10.788 visitantes em 1951 para 67.700 em 1956 (HAITI-RÉFÉRENCE, 2016, SÉRAPHIN, 2011).

A partir da década de 1950, o Haiti se tornou um destino turístico muito procurado, sobretudo por europeus e norte-americanos. Os numerosos hotéis construídos a partir daquela década se concentraram principalmente em Port-au-Prince e Petionville, e, ainda hoje em dia, essa tendência espacial se mantém. Observe-se que representa um efetivo testemunho da vitalidade do setor turístico haitiano, nos seus primórdios, o desenvolvimento do artesanato e a criação de muitos centros ou galerias de arte. Além disso, os atrativos naturais do país, o patrimônio associado à sua história colonial e os preços convidativos mostraram-se entre os principais fatores da atração de turistas ao território haitiano (HAITI-RÉFÉRENCE, 2016).

Séraphin (2014) identifica cinco períodos diferentes na trajetória turística do país, durante toda a história do setor, moldados pela política de cada momento ou época. Para esse autor, o período 1940-1950 corresponde à idade de ouro do turismo no Haiti. A base da atração turística incluía o clima e a qualidade do acolhimento de uma maneira geral, e as cerimônias vodú. O vodú<sup>128</sup> é uma tradição espiritual

---

<sup>127</sup> C'est dans les années qui ont suivi la Seconde Guerre mondiale que le tourisme a connu un essor notable dans l'économie haïtienne. Proche de Cuba, le pays bénéficia d'une relative rente de situation, sur la route des paquebots de croisière sillonnant la Caraïbe depuis les Bahamas jusqu'aux petites Antilles, avec des escales limitées le plus souvent à quelques points stratégiques comme La Havane, San Juan de Puerto Rico, Kingston, Port-au-Prince.

<sup>128</sup> É uma religião, semelhante ao Candomblé no Brasil, admite um único deus superior, criador de uma série de divindades menores.

originada no Haiti durante o período de escravidão colonial francesa, e é ao mesmo tempo uma prática religiosa para muitos haitianos. Essa prática faz parte da própria cultura do povo e é por isso que é considerada também como uma atração turística (SCHMIDT, 2003; MARRA, 2014).

Este primeiro período corresponde também ao desenvolvimento da infra-estrutura urbana, tendo em vista a comemoração do bicentenário da criação da capital, Port-au-Prince. Nessa fase da história turística do país foram construídos muitos hotéis, de proprietários haitianos, conhecidos e famosos até hoje no Haiti, como Oloffsson, Kinam, El Rancho, Manoir Alexandra, Macaya Beach Hotel, Montjoli.

Théodat (2004, p.8), destacou o seguinte: “Acima de tudo, houve um “turismo” forte baseado sobre o clima, a qualidade da recepção e do caráter singular de cerimônias de vodu. O cinema americano tem contribuído, em seguida, para popularizar a imagem de um país hospitaleiro e misterioso de cada vez”. De acordo com esse autor, o país recebeu mais de 50.000 turistas por ano, especialmente durante o período de carnaval, num momento em que o carnaval era um *hobby* (forma de lazer ou de passatempo) para a elite haitiana e estrangeira (neste caso, principalmente os turistas).

O segundo período da trajetória turística haitiana se iniciou com a chegada do ditador François Duvalier no poder, em 1957. Seu governo representou desaceleração e até interrupção do crescimento do setor turístico no país, pois ele estabeleceu terror no país. De acordo com Arthus (2012), seu regime é amplamente descrito como uma dos piores ditaduras na história contemporânea da América Latina.

François Duvalier atacou os interesses econômicos, culturais e religiosos de cidadãos nacionais e estrangeiros e reprimiu qualquer um que é considerado como uma ameaça potencial. O país foi então esvaziado dos seus elementos mais importantes. Com efeito, de acordo com Logossah e Salmon (2005), depois de ter atingido a cifra de 145.000 turistas em 1959, o número de chegadas de turistas desmoronou drasticamente na década de 60: 7.340 turistas em 1963 e 6.090 em 1964. De acordo com esses autores, na data de expiração do mandato presidencial de François Duvalier, o

[...] Haiti, em 1963, atravessou uma grave crise política. [...] Conflitos diplomáticos e políticos se somaram com a saída em massa de cidadãos norte-americanos, representando durante este período 67% dos visitantes, da Europa e América

Latina representando consecutivamente 14% e 8%. Esta partida foi a sentença de morte para o turismo no Haiti durante grande parte do reinado de Duvalier<sup>129</sup> (LOGOSSAH; SALMON, 2005, p.284).

O início de 1970 marcou o começo do terceiro período do turismo haitiano, haja vista uma aparente mudança, no sentido de mais democracia, na política de Jean-Claude Duvalier (1971-1986). Ele, aos 19 anos sucedeu o pai dele (François Duvalier) em regime vitalício que faleceu em 27 de abril de 1971. Ele (Jean-Claude Duvalier) é considerado como o presidente mais jovem do mundo (ARTHUS, 2012; FOLHA DE S.PAULO, 2014, SERAPHIN, 2014).

Nesse período, Seraphin (2014) considera ter ocorrido uma "reconstituição do tecido turístico do espaço haitiano". Essa mudança de política a favor do turismo é caracterizada, especificamente, pela construção da estrada Port-au-Prince (centro do departamento Oeste) a Jacmel (centro do departamento sudeste) em 1976, pela construção do hotel "La Jacmelienne", de classe internacional, do hotel Chateaubrilland (1981), do hotel Villa Taina (1982) e pela abertura de um Club Méditerranée (1981) na costa dos Arcadins no departamento de Artibonite<sup>130</sup>. Salientando que em todos esses empreendimentos, somente o Club Méditerranée é de iniciativa estrangeira até esse período. Nesse período, o país recebeu 67.625 turistas em 1972 e a percentagem de chegadas anuais de cidadãos norte-americanos aumentou de 60% em 1973 para 73% em 1979 (LOGOSSAH; SALMON, 2005).

Na época, as receitas do turismo obtidas por Haiti excedem em muito o de seu vizinho, a República Dominicana, cuja atividade econômica está centrada na indústria do açúcar (SÉRAPHIN, 2011; 2014; SÉRAPHIN; PAUL, 2016). Quanto à rentabilidade, o turismo representou 3,5% do PIB e proporcionou receitas anuais de US\$ 50 milhões. Este setor tornou-se crucial para a economia nacional e

---

<sup>129</sup> [...] en 1963 Haiti traversait une crise politico grave. [...]. Des conflits diplomatiques e poliques se soldèrent par le départ massif de ressortissants nord-américains, représentant pendant cette période 67% des visiteurs, les européens et les latino-américains représentant respectivement 14% et 8%. Ce départ devait sonner le glas pour l'activité touristique en Haïti pendant une bonne partie du règne Duvalier.

<sup>130</sup> A localização dos diferentes lugares mencionados nesse paragrafo esta na mapa da figura 25 na seção 5.2.1

representou mais de 20% das exportações em 1970 e gerou-se naquela época mais de 60.000 postos de trabalho diretos e indiretos (NOËL, 2006; LAROSE, 2013).

O quarto período do turismo haitiano foi marcado pela instabilidade política iniciada no país com o fim da ditadura, e os desdobramentos no setor repercutem até hoje nessa atividade. Após a fuga de Jean-Claude Duvalier, em 1986, o aumento da criminalidade fez do Haiti um dos países mais perigosos do mundo, representando um grande entrave ao desenvolvimento do turismo na ilha. Enquanto isso, a vizinha mais próxima, a República Dominicana, construiu uma economia turística forte. O Haiti não conseguiu criar um ambiente seguro para os turistas internacionais, ficou muito atrás quanto a infraestrutura básica e não criou condições para atrair o capital internacional. Enquanto isso, do outro lado da ilha, a República Dominicana logrou fazer diferentemente do Haiti e aproveitar ao mesmo tempo para crescer em termos da capacidade de receber fluxo crescente de turistas em seu território.

Em seguida, através da alternância de poder (Jean-Bertrand Aristide, Raoul Cedras, Rene Preval), o turismo no território haitiano experimentou um desenvolvimento do tipo “Stop and Go”. Em 1996, o Club Magic Haiti (propriedade do Club Med) fechou devido à insegurança. A queda do presidente Jean-Bertrand Aristide, em 2004, acabou com uma série de projetos, como, por exemplo, a construção de um hotel Hilton em frente ao aeroporto Internacional (Toussaint Louverture) em Port-au-Prince. É ilustrativo da oscilação que as receitas derivadas das atividades turísticas tenham representado, durante o período 1985-1991, 4,3% do PIB, e durante o período de 1992-1995, 2,8% do PIB (DORÉ, 2010).

O ano de 2006 marcou o início de um quinto período do turismo haitiano, com a eleição para a presidência da República de René Préval (2006-2011). Tratou-se de um novo começo para o turismo do país, pois tal setor tornou-se uma prioridade daquele governo. Essa administração estabeleceu uma meta para turismo do país que almejava "colocar o Haiti no mapa mundial do turismo, restaurando sua imagem no exterior"<sup>131</sup> (DESRAMEAUX, 2007 apud SÉRAPHIN, 2014, p.69).

---

<sup>131</sup> remettre Haïti sur la carte mondiale du tourisme par la restauration de son image à l'extérieur.

O terremoto de 12 de janeiro de 2010 poderia também ser considerado um marco nessa trajetória, representando o começo de – ou caracterizando – um novo período. A razão é que esse desastre, classificado como a catástrofe natural mais destrutiva dos tempos modernos, poderia suprimir o Haiti do mapa mundial do turismo, inclusive porque os interesses das lideranças locais e internacionais poderiam ser deslocados do turismo para outras questões ou setores representativos de maior urgência. Mas isso não aconteceu, e o desenvolvimento do turismo aparece, mais do que nunca, na agenda de atores locais e internacionais.

Por exemplo, o ex-presidente estadunidense Bill Clinton, enviado especial da Organização das Nações Unidas (ONU), declarou em várias ocasiões que todos os projetos turísticos em curso no Haiti serão mantidos. Isso inclui, de forma especial, a construção de mais um aeroporto internacional no norte do país. Personalidade de reconhecimento internacional, Bill Clinton viu o sismo que devastou áreas do país como uma oportunidade para o Haiti renascer (RIVERS, 2010; SÉRAPHIN, 2010, apud SÉRAPHIN, 2014).

Além da política interna e dos desastres de cada época e momento da história do Haiti, com efeitos na evolução do turismo no território nacional, também fatores externos repercutiram fortemente no desenvolvimento do turismo haitiano.

Além dos problemas internos<sup>132</sup> já citados pode-se dizer que as instalações de recepção e as infraestruturas de maneira geral no início dos anos 80, eram inadequadas dentro da competição regional. Estes vários problemas estruturais, além das crises políticas e sócio-econômicas têm contribuído para o declínio no turismo do Haiti para o benefício de outros destinos no Caribe. Por exemplo, enquanto o Haiti passou por instabilidades políticas e sócio-econômicas naquela década inibindo assim a chegada de turistas, de capitais e investimentos internacionais em seu território, na Republica Dominicana,

Assiste-se a um planejamento do território por uma rede sobreposta destinada à satisfação das necessidades turísticas, mas o resto da população se beneficia indiretamente. Os planos de

---

<sup>132</sup> São considerados como problemas internos, pois são consequências de decisões políticas de uma régime ditatorial da própria nação sem, de maneira direta ou nítida, a interferência da comunidade internacional.

abastecimento de água, modernização da infraestrutura urbana (rodovias, pontes, túneis, hotéis) criam empregos e melhoraram sensivelmente as condições materiais de existência da população.

Os projetos de investimento no setor do turismo são estimados em 4,1 bilhões de euros, 70% de origem estrangeira. Há cerca de 54.000 quartos de qualidade internacional e [o país] se especializa, na virada da década de 1990, em um turismo de massa que está apostando em economias de escala, cortando os preços<sup>133</sup> (THÉODAT, 2004, p.304).

Desde nos seus primórdios, não existia uma política para desenvolver o turismo a longo prazo no território haitiano como aconteceu na República Dominicana na década de 80. Sobre essa negligência da parte das autoridades haitianas, Logossah e Salmon (2005, p. 289) salientam o seguinte:

A inexistência de uma política nacional clara também explica a falta de atenção dada ao setor. De 1939 a 1972, 61 decretos e ordens foram adotados para promover o desenvolvimento do turismo. Estes esforços não produziram grandes resultados. Em 1939, o Instituto Nacional de Turismo (ONT) foi estabelecida. Esta organização falhou em sua missão. [...]. Muito politizada, esta organização não mobilizou suficientemente os líderes no comando dos assuntos sobre a importância do turismo. [...]. Considerando que o turismo seria um sistema auto-regulador desde 1986, o governo não o concedeu investimento

---

<sup>133</sup> On assiste à un maillage du territoire par un réseau surimposé destiné à la satisfaction des besoins touristiques, mais dont le reste de la population profite indirectement. Les plans d'adduction d'eau, de modernisation des infrastructures urbaines (autoroutes, ponts, tunnels, hôtels) créent des emplois et améliorent sensiblement les conditions d'existence matérielles de la population.

Les projets d'investissements dans le secteur touristique sont évalués à 4,1 milliards d'euros, dont 70% d'origine étrangère. Le pays compte environ 54.000 chambres de qualité internationale et s'est spécialisé, au tournant des années 1990, dans un tourisme de masse qui parie sur les économies d'échelle en cassant les prix.

significativo<sup>134</sup> (LOGOSSAH; SALMON, 2005, p.289).

E como problemas externos pode-se identificar a publicidade negativa em torno do Haiti como um dos agentes humanos de propagação do vírus da AIDS ou SIDA afastando assim os turistas da costa do Haiti. Por exemplo, enquanto o Haiti recebeu 239.200 turistas em 1987, a República Dominicana recebeu 792,000 turistas em 1985. Os gastos dos turistas no Haiti que foram estimados em US\$ 25,1 milhões em 1985 passaram para US\$ 19,6 milhões em 1986 (SÉRAPHIN, 2014; NOËL, 2006). Sobre as consequências da propagação do vírus em torno da nação haitiana, Benoit (1997, p. 122) destacou o seguinte:

04 de março de 1983, quando não havia isolado ainda o vírus, o CDC de Atlanta (*Centro de Controle de Diseases*) designa quatro grupos de risco (sic) responsáveis pela transmissão do vírus que são: os homossexuais, os Haitianos, os hemofílicos, os heroinómanos. Estes grupos foram logo rebatizados do clube dos quatro H. É somente em abril de 1985 que o CDC tira o termo Haitiano da lista dos grupos de risco. Essa acusação foi seguida por uma estigmatização com graves consequências para os haitianos que vivem nos Estados Unidos (perda de emprego, rejeição de crianças na escola, vergonha de ser haitiano e tentativas para se passar por jamaicanos) e para o Haiti (queda brusca no turismo em 1983)<sup>135</sup>.

---

<sup>134</sup> L'inexistence d'une politique nationale clairement définie explique également le manque d'attention accordé au secteur. De 1939 à 1972, 61 décrets et arrêtés ont été pris en vue de promouvoir le développement du tourisme. Ces efforts n'ont jamais donné de grands résultats. En 1939, l'office national du tourisme (ONT) a été institué. Cet organisme a failli à sa mission. [...]. Trop politisé, cet organisme n'a pas su mobiliser suffisamment les responsables au timon des affaires sur l'importance du tourisme. [...]. Considérant que le tourisme serait un système auto-régulateur depuis 1986, le gouvernement ne lui a attribué aucun investissement important.

<sup>135</sup> Le 4 mars 1983, alors qu'on n'avait pas encore isolé le virus, le CDC d'Atlanta (*Center for Disease Control*), désigne quatre groupes à risques (sic) responsables de la transmission du virus qui sont: les homosexuels, les Haïtiens, les hémophiles, les héroïnomanes. Ces groupes furent très vite rebaptisés le club des quatre H. Ce n'est qu'en Avril 1985 que le CDC efface le terme Haïtien de la liste des groupes à risque. De cette accusation s'en est suivie une stigmatisation aux conséquences graves pour les Haïtiens

O Haiti também passou período difícil no início dos anos 1990, tendo em vista o embargo econômico e financeiro imposto ao Haiti após o golpe 1991, e, finalmente, dez anos depois (2004), por conta da chegada da Missão das Nações Unidas para Estabilização do Haiti (MINUSTAH)<sup>136</sup>. Tais circunstâncias tiveram impactos sérios, de maneira direta ou indireta, em termos de recuo dos turistas no Haiti naquele período. O Haiti, desse modo, não conseguiu implementar uma nova base para o relançamento do setor de turismo, e tudo isso contribuiu para aprofundar o atraso da década de 1980, em comparação com outros destinos no Caribe (MINISTÈRE DU TOURISME, 2003).

Portanto, antes do terremoto e após também, o Haiti conheceu uma situação de isolamento em relação ao turismo, pois em muitos países passou-se a advertir a população sobre os problemas haitianos, fazendo com que muitos passassem a evitar esse território. Por exemplo, segundo Dupont (2009), o Departamento de Estado dos Estados Unidos (Ministério das Relações Exteriores), chamou a atenção dos seus cidadãos para o perigo potencial que poderia representar uma visita a esse país. A França e o Canadá também deram o mesmo aviso às suas populações. Com efeito, o Haiti foi objeto durante várias décadas de divulgação de imagens negativas a seu respeito nas mídias nacionais e internacionais, assim como na internet.

Não há estudos significativos de haitianos sobre a economia e a gestão da informação no Haiti. Informação negativa apresentada no Haiti na imprensa Internacional pode ter um impacto sobre a economia e a estabilidade política. Mas a imprensa nacional não faz um tratamento diferenciado das informações prejudiciais para a imagem do país e que podem ter repercussões sobre a indústria do turismo. Desde a saída de Duvalier em 1986, em nome da liberdade conquistada, há uma prática de dar voz às pessoas

---

vivant aux États-Unis (pertes d'emploi, rejet des enfants à l'école, honte d'être Haïtien et tentatives pour se faire passer pour Jamaïquains) e pour Haïti (chute brutale du tourisme en 1983).

<sup>136</sup> Um país com a presença de militares estrangeiros com objetivo e missão de estabilizar e pacificar certamente não é o lugar para fazer o turismo e não tem como para as autoridades governamentais falarem em desenvolvimento do turismo nacional.



que não têm nem a capacidade nem as competências para avaliar as questões de interesse estratégico nacional. E uma grande parte da população toma por verdade do Evangelho as declarações comunicados e relatados aqui e ali sobre o país. Algumas imprensas nacionais se divertem a citar relatórios que são escritos por algumas organizações sem questionar os motivos e os grupos de interesse que os apoiam e os financiam. A imagem negativa do país nos relatórios dessas organizações parece não ser desinteressada<sup>137</sup> (DORÉ, 2010, p.197).

Com a imagem negativa do país no exterior, os fundos de investimentos deixam de ter interesse em financiar projetos no território nacional, e o setor do turismo é considerado como o primeiro a ser vítima dessa exposição midiática adversa. Isso apresenta-se como um resultado das políticas internas e também das medidas internacionais contra o Haiti, em termos de propaganda negativa sobre o povo haitiano. Sobre isso, Logossah e Salmon, 2005, p.288) destacam o seguinte:

À esta crise generalizada acrescenta-se a má propaganda, apresentando Haiti como um país de risco. Na verdade as referências ao país tomaram as seguintes formas: o país mais pobre do hemisfério, país perigoso para visitar/viver por causa dos conflitos políticos constantes, área de tráfico de droga etc ... Além disso, a falsa propaganda expõe os haitianos na década de 80

---

<sup>137</sup> Il n’y a pas d’études importantes réalisées par les Haïtiens sur l’économie et la gestion de l’information en Haïti. Les informations négatives présentées sur Haïti dans la presse internationale ont sans doute des impacts sur l’économie et la stabilité politique du pays. Mais la presse nationale ne fait pas un traitement différencié des informations nuisibles à l’image du pays qui ont des répercussions sur l’industrie touristique. Depuis le départ de Duvalier 1986, au nom de la liberté conquise, il y a une pratique consistant à donner la parole à des gens qui n’ont ni la qualité ni les compétences pour apprécier des questions nationales d’intérêt stratégique. Et une bonne partie de la population prend pour vérité de l’évangile les déclarations tenues et rapportées çà et là sur le pays. Certains médias nationaux s’amuse à citer des rapports qui sont rédigés par certaines organisations sans s’interroger sur les motivations et les groupes d’intérêt qui les soutiennent et les financent. La présentation négative du pays dans les rapports de ces organisations semble n’être pas désintéressée.

como portadores do vírus da AIDS. O que amplificou o declínio do turismo<sup>138</sup>.

Apesar de alguma mudança que também ocorreu na composição dos turistas internacionais no Haiti com a diáspora haitiana que passou a constituir a maior parte do fluxo de chegadas internacionais representando quase 75% entre 1986 e 1996, observa-se uma estagnação da indústria do turismo haitiano em relação ao progresso observado ao nível dos destinos vizinhos (República Dominicana, Cuba, Jamaica, Bahamas) (MINISTÈRE DU TOURISME, 2003; NOËL, 2006).

Todos esses processos ou eventos fizeram o Haiti passar da condição de território mais visitado ou destino mais favorito do Caribe para o de território menos visitado em diferentes momentos ao longo de sua história, sobretudo nos períodos de turbulências e de instabilidades políticas principalmente devido ao alto nível de insegurança. Em vários momentos e até hoje em dia, o Haiti é conhecido principalmente como um dos países mais pobres e perigosos da terra.

Importa sublinhar que até a década de 1990 nenhum governo pensou no desenvolvimento durável ou sustentável o fazer turístico no território haitiano. De 1950 a 1985, a política de turismo do Estado foi principalmente voltada para a promoção objetivando assegurar uma forte presença do país nos mercados internacionais. Nesse processo, o país foi “apresentado” aos operadores, em vez de se estabelecerem as bases de um turismo sustentável. Consequentemente, quando, no início dos anos 80, veio a má publicidade – sobretudo sobre o Haiti como um dos agentes humanos da propagação do vírus da AIDS –, o movimento de turistas em direção Haiti entrou em colapso. Em seguida, na década de 1990, apareceu a necessidade de planejar o desenvolvimento do setor de maneira mais sólida (MINISTÈRE DU TOURISME, 2003).

De acordo com o Ministério de Turismo (2003), foi em 1995 que a Secretaria de Estado de Turismo, em colaboração com parceiros do setor privado, iniciou o processo de elaboração de um Plano Diretor

---

<sup>138</sup> A cette crise généralisée s'ajoute la mauvaise propagande, présentant Haïti comme un pays à risque. En effet les références au pays prirent les formes suivantes: le pays le pauvre de l'hémisphère, pays dangereux à visiter/habiter à des troubles politiques incessants, zone de trafic de drogue etc... De plus, une propagande mensongère expose les haïtiens dans les années 80 comme des porteurs du virus SIDA. Ce qui a amplifié la décadence du tourisme.

do Turismo (PDT), que foi publicado em junho de 1996 quando René Garcia Préval foi presidente entre 7 de fevereiro de 1996 até 1 de fevereiro de 2001. Salientando que ele foi também o presidente da República do Haiti de 14 de Maio de 2006 a 14 de maio de 2011.

Os investimentos necessários, de acordo com o PDT (1996), para relançar o turismo de massa no Haiti foram considerados próximos de US\$ 60 milhões por ano ao longo de sete anos. Mas os fundos necessários não foram encontrados para que isso ocorresse conforme o pretendido (THERMIL, 2004).

Cabe assinalar que se identificaram nesse plano duas categorias de produtos turísticos. Uma delas referia-se aos elementos naturais, que incluíam possibilidades para ecoturismo, descobertas marítimas, desportos aquáticos, usufruto de parques naturais e caminhadas (trilhas). A outra escorava-se em aspectos como cultura, história, monumentos, tradições, crenças e produções artísticas. Levando-se em conta essa percepção das possibilidades locais, foram recomendado três tipos básicos de turismo para o Haiti: turismo de praia, turismo de cruzeiro e turismo interno ou doméstico.

Em março de 2001, o governo haitiano aprovou uma Estratégia de Desenvolvimento do Setor de turismo para os anos 2001-2006, que se concentrava em cinco áreas principais:

- Investimento em turismo, incluindo a melhoria do quadro normativo, implicando a procura de parceiros para realizar investimentos;
- O desenvolvimento de infra-estruturas para acolhimento dos turistas, com a valorização dos patrimônios natural, cultural, históricos, turístico.
- Ações de promoção, particularmente voltadas à reabilitação e restauração da imagem internacional do Haiti;
- Educação para melhorar as habilidades (know-how) em gestão de turismo;
- Governança, com o fortalecimento institucional.

Para o governo manifestar sua boa vontade em fazer do turismo um eixo de desenvolvimento realizou a promulgação do código de investimento, o inventário de leis e normas que constituem o quadro legal do setor, a criação do Ministério de Turismo, campanhas de sensibilização para as comunidades locais, mídia e turistas domésticos, o estabelecimento de uma base de cooperação ou de parceria entre o setor público e o setor privado, treinamento das comunidades locais, o desenvolvimento de procedimentos administrativos para exame de projetos de investimento (MINISTÈRE DU TOURISME, 2003).

Quanto às áreas turísticas, o PDT identificou as seguintes: no departamento do norte, áreas de Fort Liberté e Cap Haitien; no departamento de Artibonite, áreas de Saint-Marc e Costa dos Arcadins; no departamento do oeste, a área de Port-au-Prince e da ilha de Gônave; no departamento sudeste, áreas de Jacmel e Marigot; nos departamentos do sul e da Grande Anse, áreas de Saint-Louis du Sud, Aquin e Port-Salut. A seguir, na figura 17, pode-se observar as zonas com grandes potencialidades turísticas destacadas na carta geográfica do país (as cores amarelas indicam zonas com potencialidades turísticas).

Figura 17 - Haiti: Zonas com potencialidades turísticas



Fonte: Muller-Poitevien (2013)

No PDT elaborado pelo governo existem projetos voltados para essas zonas com potencialidades turísticas. Alguns projetos principais serão considerados mais adiante, no corpo deste estudo.

### 5.1.2 Determinantes do fluxo turístico para o Haiti

Já foi assinalado neste trabalho que desde 1800 o grande setor de serviços, que inclui o essencial das atividades ligadas ao turismo, teve a sua participação no PIB do Haiti elevada de menos de 5% para 60%. O movimento do setor primário, que cedeu seu lugar de principal setor da

economia do país para os serviços, deveu-se a uma mudança na atividade de uma grande proporção da população.

Note-se que os tipos de negócios desenvolvidos pelos haitianos no setor dos serviços, principalmente as atividade informais, ao nível microeconômico, os ajudam a se manterem e a sobreviverem (são atividades de subsistência) e ao nível macroeconômico, os valores agregados dessas atividades para a economia como um todo são muito limitados. Portanto, de acordo com Ministério de Turismo (2003), a indústria do turismo, como parte desse setor desempenha um papel importante na economia do Haiti. E ela é projetada para ser uma das principais fontes de renda do trabalho no país. Por exemplo, entre os principais impactos que se esperam com a implementação do PDT (1996) pelo ministério de turismo do Haiti distinguem-se:

- A criação de empregos diretos e indiretos, particularmente durante os trabalhos de infra-estrutura, de restauração de monumentos históricos, da manutenção de locais históricos e culturais, da exploração das empresas e sites, da produção de produtos e serviços aos turistas, com os efeitos positivos sobre a renda, consumo e bem-estar das populações.
- Entradas de divisas a partir, de um lado, dos investimentos estrangeiros diretos destinados à instalação e funcionamento de locais turísticos, e, por outro lado, a partir dos gastos feitos pelos turistas em suas compras no território.
- Receitas públicas importantes provenientes de taxas turísticas, dos impostos sobre a renda e lucro.

Levando em consideração os pontos discutidos no capítulo 2 sobre a possibilidade de *upgrading* dentro de uma cadeia global de valor de maneira geral, o turismo pode realmente, com o engajamento dos diferentes atores interessados, ajudar no processo de desenvolvimento de uma economia, melhorar a infra-estrutura, criar oportunidades de emprego e proporcionar ainda estabilidade social que faz muita falta no país. Infelizmente, muitas vezes percebe-se ao mesmo tempo que as ações dos principais atores envolvidos na cadeia global e a evolução do número de turistas em determinados territórios testemunham o contrário sobre essa possibilidade de *upgrading* dentro da cadeia global de turismo. A tabela 19 a seguir mostra a evolução do número dos turistas desde o início da década de 1950 no Haiti.

Tabela 19 - Haiti: Evolução do número dos visitantes no Haiti de 1951 a 2015

<b>Ano</b>	<b>Turistas</b>	<b>Excursionistas</b>	<b>Total</b>
1951	10.788		<b>10.788</b>
1956	67.700		67.700
1987	<b>239.200</b>	<b>80.000</b>	<b>319.200</b>
1995	145.369	225.396	370.765
1996	150.147	250.373	400.520
1997	148.735	<b>238.429</b>	387.164
1998	146.837	246.221	393.058
1999	143.362	<b>243.325</b>	386.687
2000	140.492	304.516	445.008
2001	141.632	357.442	499.074
2002	140.112	<b>342.088</b>	482.200
2003	<b>136.031</b>	423.693	559.724
2004	<b>96.439</b>	<b>282.192</b>	378.631
2005	112.267	368.021	480.288
2006	107.683	449.921	557.604
2007	<b>386.060</b>	482.077	868.137
2008	<b>258.070</b>	499.741	757.811
2009	387.219	<b>439.055</b>	826.274
2010	<b>254.732</b>	537.778	792.510
2011	348.755	596.562	945.317
2012	334.184	609.930	944.114
2013	419.736	643.634	1.063.370
2014	465.174	662.403	1.127.577
2015	515.804	673.501	1.189.305

Fonte: Elaboração própria com base em dados de IFC<sup>139</sup> (2011); CTO (2012), HAITI LIBRE (2014), UNWTO (2016).

Observa-se na tabela 19 acima a existência de dois tipos de visitantes no Haiti: turistas e excursionistas. De maneira geral, todos são

<sup>139</sup> International Finance Corporation

turistas, mas denominam-se, como foi destacado no capítulo 2, aqueles que pernoitam de turistas e aqueles que não pernoitam de excursionistas. Os turistas que pernoitam são aqueles que usam as instalações hoteleiras e outras infraestruturas do país, que circulam no interior do país. A maioria dos excursionistas chegam em grandes navios e ficam nas praias e, de alguma forma, não conhecem o Haiti. Descobre-se ao mesmo tempo que eles são em maior quantidade no território haitiano desde 1995 até hoje em dia.

Percebe-se que houve uma queda acentuada no fluxo de chegadas dos turistas após 1987 até 2006. O número de turistas passou de 239.200 em 1987 para 107.683 em 2006 sendo que em 2004 o número de chegadas foi de 96.439, o menor número exibido no período. Isso é o resultado dos vários episódios descritos na primeira parte deste capítulo sobre as ditaduras, as instabilidades políticas, as intervenções de forças armadas estrangeiras, entre outras situações. As oscilações observadas no número de turistas de 2006 até 2015 acontecem mais em razão dos acontecimentos naturais que assolam o país do que por instabilidades políticas. Os furacões de 2008 e o terremoto de 2010 são exemplos desses acontecimentos naturais.

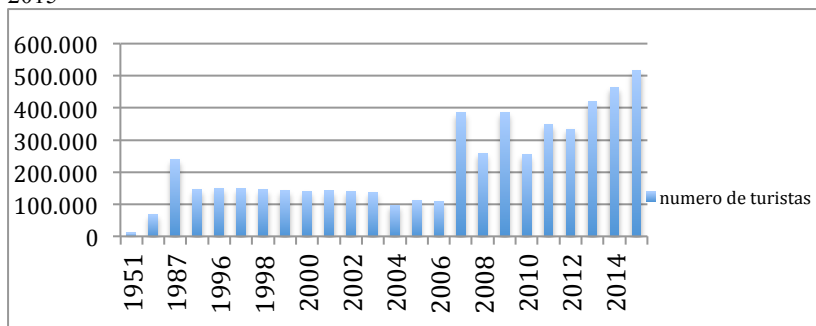
Observa-se que a maior oscilação observada no número dos excursionistas no Haiti era em 2004, devido a chegada da MINUSTAH no Haiti no mesmo ano com a missão de pacificar e estabilizar o país. Não se observa grandes oscilações no número dos excursionistas, pois estes últimos chegam no país e ficam num espaço alugado por uma empresa multinacional. Mais detalhes serão dados mais à frente sobre este fato.

O Haiti exibe uma diáspora muito forte como foi destacado no capítulo 4; considera-se que para cada oito haitianos vivendo no país, exista um em outra nacionalidade (CLERICI; WALL, 2016). Assim, os contingentes envolvidos ocupam um lugar decisivo na evolução do turismo no Haiti, pois muitas pessoas chegam ao Haiti para visitar amigos e famílias, representando cerca de 51% do fluxo. Em seguida têm-se aqueles que chegam realmente para lazer e recreação (de fato aqueles que estão em férias), os quais representam algo como 31% do total. E, finalmente, há aqueles que chegam para negócios, tais como investidores internacionais, entre outros, representando 18%. Essas últimas informações envolvem somente os turistas que hospedem.

Os turistas formam fluxos provenientes dos EUA (69%), do Canadá (9%), da Europa (6%), da República Dominicana (5%), do Caribe (9%) e do resto do mundo (2%). As figuras 18 e 19 a seguir

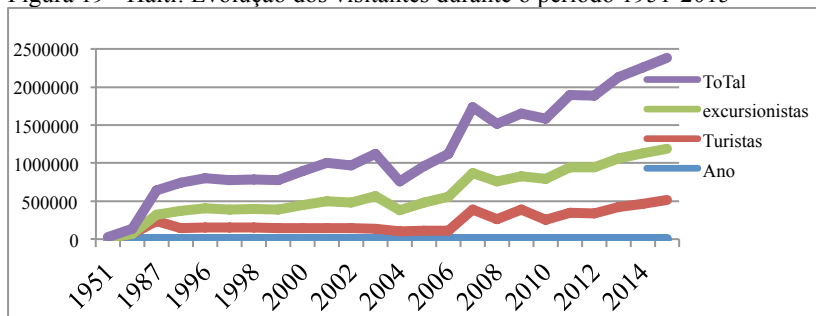
ilustram bem a evolução dos turistas durante o período 1951-2016, mostrando uma correlação entre as oscilações, as quedas e as ascensões (ou aumento) de chegadas de turistas no território haitiano com os fatos e situações descritos anteriormente sobre a história do turismo.

Figura 18 - Haiti: Evolução dos turistas que hospedam durante o período 1951-2015



Fonte: Elaborado pelo autor baseado na tabela 19

Figura 19 - Haiti: Evolução dos visitantes durante o período 1951-2015



Fonte: Elaborado pelo autor baseado na tabela 19

No período de 1987 até 2003, as quedas e as flutuações observadas na figura 18 no número de turistas que hospedam no país podem ser assimiladas às situações desfavoráveis ligadas às instabilidades políticas (ditaduras) e à imagem negativa do país no exterior. Com esse tipo de quadro, os fundos de investimentos deixam de ter interesse em financiar projetos, como se falou anteriormente. O setor do turismo é considerado como o primeiro, praticamente, a ser vítima da divulgação de uma imagem negativa.



O período 1986-1995 (instabilidade política, embargo comercial) foi o período durante o qual várias empresas multinacionais e estrangeiras deixaram o país (Club Med, Air France, Holiday Inn, Banco Nacional de Paris). Os investimentos diretos estrangeiros eram de 46,2 milhões de dólares americanos no período 1980-1985, e passaram a ser de 4,6 milhões de dólares americanos para o período 1991-1995 (DORÉ, 2010).

Embora em alguns casos os investidores nacionais ocupem ou comprem alguns sítios abandonados por empresas estrangeiras, percebe-se, especialmente na indústria do turismo, a falta de empresas estrangeiras no circuito turístico. Tal fato ajuda a comprometer ainda mais a imagem do país, fazendo-o objeto de comentários e análises muito negativos em canais internacionais de comunicação, notadamente na imprensa (DORÉ, 2010).

A através das figuras 18 e 19, pode-se observar também dois outros períodos de flutuações do número dos turistas. O primeiro período de flutuações é de 2003 a 2006, e o segundo, de 2007 a 2012.

Essas flutuações podem ser explicadas também em razão da posição geográfica do país, que sofre muito com os furacões e outros fatores do mercado turístico. No período recente, os furacões que mais abalaram o país, com forte impacto no turismo ocorreram, primeiramente, em 2003 (furação denominado Isabel), e em seguida em 2008, com uma outra série de furacões (Fay, Gustav, Hanna e Ike) que causaram prejuízos estimados em quase um bilhão de dólares, equivalente a 15% do PIB (UNICEF, 2016). Em 2003, o Haiti experimentou graves danos após o furacão Isabel, e viu a chegada de visitantes passar de 136 mil em 2003 para 96 mil em 2004. A mesma coisa aconteceu em 2008, que resultou em uma diminuição no número de chegadas de turistas que passou de 386 mil em 2007 para 258 mil em 2008.

É importante salientar que além dos furacões de 2008 que afetaram o fluxo de turistas no Haiti, estava no auge a crise financeira mundial, resultado do estouro da bolha imobiliária nos Estados Unidos em 2008. O dramático quadro econômico mundial na América do Norte, notadamente nos Estados Unidos, e em países europeus certamente afetou o turismo no Haiti, uma vez que a origem da maioria dos turistas que buscam o Caribe são da América do Norte e da Europa.

Logo após uma recuperação em 2009 nas chegadas dos turistas que hospedem, de 258 mil em 2008 para 387 mil em 2009, o volume caiu de novo para 254 mil em 2010, pois, além dos furacões e da crise

mundial, o terremoto de 2010 desestabilizou o país e reduziu o turismo. Em 2005 o Haiti tinha uma capacidade de 1.758 quartos de hotel, e, antes do terremoto de 12 de janeiro de 2010, possuía cerca de 2.000 quartos de hotel. O terremoto enfraqueceu drasticamente o setor de turismo no Haiti, pois deixou existente apenas 40% da capacidade hoteleira no país (DUPONT, 2009).

Foram levados em consideração, no que se comentou acima, os números de turistas que se hospedam no país, pois nem sempre observam-se essas flutuações nos números de excursionistas ou de cruzeiros. Na citação de Diamond no capítulo 4, ele revelou que os enclaves desse tipo de turismo no Haiti normalmente são protegidos dos males que acontecem nos demais territórios do resto do país. A seguir, uma parte deste capítulo vai tratar do funcionamento do único enclave turístico existente até agora na história turística haitiana destinado a receber cruzeiros.

É importante destacar em relação a crise mundial de 2008, de acordo com os dados da tabela 19, que os impactos nas chegadas dos cruzeiros se manifestam em 2009. Por exemplo, o número de cruzeiros passou de 499.741 em 2008 para 439.055 em 2009. Os dados revelam e confirmam o fato de que as instabilidades políticas, os desastres naturais, entre outros eventos no Haiti normalmente não afetam muito o fluxo das chegadas de cruzeiros no território haitiano.

Percebe-se que, logo após o terremoto, existiu uma tendência de aumento contínuo do número de turistas no país, pois o governo de Joseph Martelly (2011-2016) implementou políticas e ações de incentivo ao fazer turístico no Haiti. De fato, esse governo acreditou que era o momento para o Haiti renascer. O número de turistas passou de 254 mil em 2010 para 348 mil em 2011, antes de conhecer uma queda em 2012, com 334 mil, para em seguida crescer em 2013 com 419 mil. O Haiti atraiu visitantes curiosos em massa no ano posterior ao terremoto (2011), por isso diminuiu o fluxo em 2012, para em seguida crescer a um ritmo mais suave ao longo dos últimos anos.

Cabe salientar aqui ainda que os efeitos da crise de 2008 sobre o fluxo dos turistas e das receitas no Caribe são persistentes. O secretário-geral da Organização de Turismo do Caribe (CTO), Hugh Riley, questionado sobre um rádio de Barbados estimou que as consequências da crise ainda são sentidos em 2016, de acordo com Francetvinfo (2016). Por exemplo, de acordo com Riley (2016 apud FRANCETVINFO, 2016), quando um evento reduz as receitas vertiginosamente no setor de turismo, os especialistas concordam que é

preciso pelo menos de cinco a sete anos para elas voltarem para o nível onde elas devem ser verdadeiramente.

É importante salientar, nesta altura da abordagem, a situação do país vizinho mais próximo do Haiti, a República Dominicana, que é hoje o primeiro destino turístico no Caribe. Até um certo momento da história turística caribenha nem se falava da República Dominicana, e toda a atenção dos visitantes era canalizada para o Haiti. Mas, com o passar do tempo, enquanto o turismo no Haiti declinou fortemente – pelas razões mencionadas anteriormente – ocorreu um *boom* das atividades turísticas na República Dominicana (THÉODAT, 2004).

Por exemplo, na década de 1990, enquanto o número dos turistas que se hospedaram no Haiti não excedeu 150.000, observou-se uma quantidade de cerca de 1,9 milhão na República Dominicana. Somente no ano de 2001, o segundo país recebeu 2,7 milhões de turistas, ao passo que o Haiti recebeu somente 141 mil. E, conforme os dados mais recentes disponíveis da Organização Mundial de Turismo (2016), relativos a 2015, o número de turistas hospedados na República Dominicana passou para mais de 6 milhões de turistas, enquanto no Haiti o número exibido era de 515 mil.

Mas percebe-se que o Haiti, ao longo do tempo, recebe mais excursionistas ou cruzeiros do que a República Dominicana. Por exemplo, dados para o ano de 2015 mostram que o Haiti recebeu 673 mil cruzeiros ou excursionistas, enquanto a República Dominicana recebeu 550 mil (UNWTO, 2016).

Existe uma discrepância enorme entre os números de turistas no território haitiano e no território da outra parte da ilha. As diferenças são mais profundas do que isso e vão além desse aspecto. Por exemplo, de acordo com *The Economist* (2016), cada um desses países tem cerca de 10 milhões de habitantes, mas o PIB da República Dominicana é quase dez vezes maior do que o do Haiti. As lacunas nas medidas de saúde e educação são igualmente grandes.

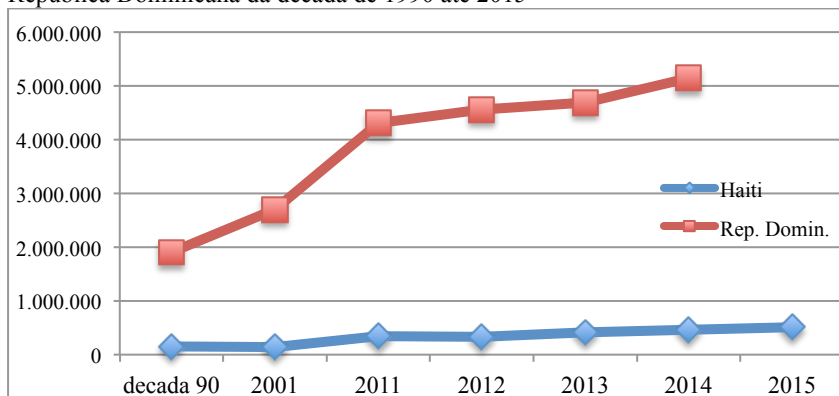
Existem diferenças, discrepâncias e divergências em vários níveis de vida dessas duas nações e as causas são muitas. Geograficamente, historicamente, socialmente, economicamente, ... existem discrepâncias profundas. Deveria remontar até pelo menos 1960, que é considerado como o ano onde os dois países foram igualmente empobrecidos, se quer-se evitar falar de maneira superficial das diferenças enormes que existem entre essas duas nações hoje em dia. Por exemplo, *The Economist* (2016) assinalou o fato de que a República

Dominica mantém laços mais estreitos com seus antigos mestres espanhóis do que o Haiti tem com a França.

Esse atraso existe também nas estratégias empreendidas para promover o turismo em cada um desses territórios pelas autoridades envolvidas. Durante a última década (90), estima-se que uma média de menos de 10% dos orçamentos anuais do Ministério foi dedicado à promoção do turismo. Por exemplo, em 2009-2010, cerca de US\$ 360.000 foram alocados para a promoção do turismo pelo Ministério. Em contrapartida, para o mesmo ano fiscal, a República Dominicana tem investido US\$ 60 milhões. A república vizinha tinha planejado investir cerca de US\$ 120 milhões em promoção, publicidade e acordos feitos com os operadores turísticos para se tornar líder no Caribe e na América Latina. O coeficiente de despesas de promoção por turista no Haiti é de cerca de US\$ 1,20, enquanto ele está em torno de US\$ 15 na República Dominicana (NOËL, 2011).

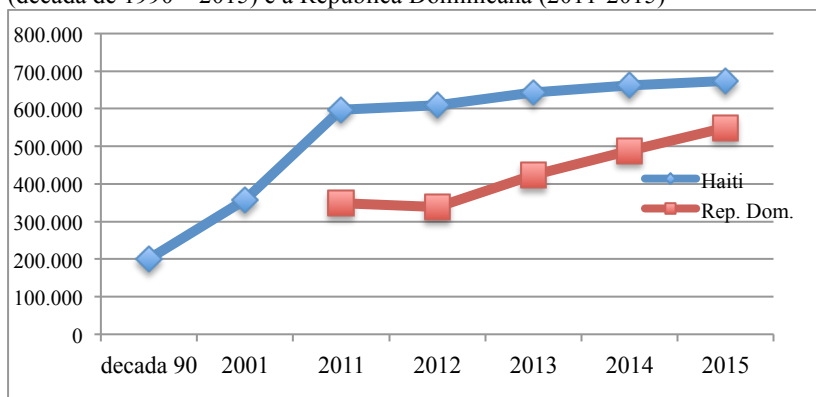
No processo de construção de um destino turístico existem também muitos elementos que influenciam a escolha do mesmo como destino preferencial dos investimentos diretos estrangeiros. A instabilidade política é um dos fatores-chave que retrai os investimentos. A República Dominicana, além de apresentar um produto turístico com infraestruturas, serviços e meios de entretenimento com qualidade superior, também apresenta uma estabilidade política, que propicia um ambiente macroeconômico favorável para atrair fluxos líquidos de capital externo. O Haiti, por sua vez, tem sofrido instabilidades políticas recorrentes, fazendo com que a demanda turística e o fluxo da atividade diminua. Tal ambiente impacta também na decisão de investimento das empresas multinacionais, participantes da cadeia global do turismo. As figuras 20 e 21 a seguir mostram a comparação da evolução dos turistas que se hospedam e aqueles que chegam em cruzeiros, entre o Haiti e a República Dominicana.

Figura 20 - Comparação do numero de chegadas de turistas entre o Haiti e a Republica Dominicana da década de 1990 até 2015



Fonte: Elaboração própria com base em dados da Tabela 19 e UNWTO (2016)

Figura 21 - Comparação do numero de chegadas de cruzeiros entre o Haiti (década de 1990 – 2015) e a Republica Dominicana (2011-2015)



Fonte: Elaboração própria com base em dados da Tabela 19 e de UNWTO (2016)

Através da figura 20, percebe-se que, em relação à evolução crescente do numero de turistas que se hospedam na Republica Dominicana, o turismo praticamente sofreu estagnação no território haitiano. E, através da figura 21, percebe-se que, apesar de o Haiti receber até o momento mais cruzeiros do que a Republica Dominicana, aquele país não vem apresentando uma evolução mais dinâmica dos

números de cruzeiro, comparativamente à República Dominicana. Com efeito, de acordo com a tendência apresentada, o número dos cruzeiros na República Dominicana tende a convergir e, em seguida, a superar o número de cruzeiros no Haiti.

Como se nota, a evolução do número de turistas na República Dominicana, de uma maneira geral, é bem mais rápida do que no Haiti. Tal situação ajuda a compreender a presença naquele país de muitos vendedores de rua haitianos, que se dirigem às praias onde se localizam os grandes hotéis, objetivando vender aos turistas suas pinturas, esculturas e bandeiras de cerimônia de vodu, como destaca Théodat (2004).

Tudo isso conduz a conclusões aparentemente incontornáveis. Uma delas é que o Haiti precisaria organizar um segmento de turismo interno ou doméstico, sob pena de amargar um colapso completo do fazer turístico em seu território. Isso é muito importante, pois é preciso um processo de valorização da própria cultura do povo, dos monumentos históricos pela própria nação, para em seguida atrair estrangeiros. E o Haiti também precisaria avançar decisivamente em termos de competitividade no mercado turístico internacional, seja no tocante aos turistas que se hospedam ou dos que chegam em cruzeiros. Considera-se que o Haiti poderia olhar para o seu vizinho mais próximo, atualmente considerado, como se falou, o primeiro destino turístico no Caribe, para vislumbrar formas de uma melhor organização turística, capacitando-se para, talvez, voltar a despontar no turismo caribenho como ocorria entre as décadas de 1940 e 1970.

### **5.1.3 Forças em atuação no turismo haitiano**

No capítulo 3 deste trabalho foi sublinhado o fato de que o turismo não pode escapar das realidades sociais, econômicas e políticas dos países de acolhimento, isto é, o fazer turístico num determinado território não é apolítico. Destacou-se na abordagem histórica sobre o turismo do Haiti que a instabilidade política do país foi muito negativa para o setor turístico nacional. Além das questões políticas ao nível do Estado-nação, pode-se extrapolar esse aspecto para uma escala maior. Pode-se pensar nos jogos de interesses entre os diferentes atores: governos nacionais e estrangeiros, investidores locais e estrangeiros, entre outros atores que podem ser envolvidos nesse jogo.

Quando se quer desenvolver grandes projetos, que envolvem volumes muito grandes de recursos financeiros, diversas forças

costumam interagir – não raramente de modo conflituoso –, em quaisquer circunstâncias, e esse é o caso também com respeito ao turismo.

No caso do turismo haitiano, Séraphin (2014) identifica quatro forças principais nesses termos. A grande questão nesse jogo é saber quem deve liderar, definindo a trajetória do desenvolvimento do turismo: as forças estrangeiras (governos e investidores estrangeiros, diáspora), as forças haitianas (população local, governo local, empresários locais) ou uma união ou cooperação entre essas duas. A figura 22 a seguir remete à questão do dilema, considerando a referida relação de forças, a respeito de que grupos são de fato os protagonistas centrais no desenvolvimento do turismo no Haiti.

Figura 22 - As forças envolvidas no setor do turismo no Haiti



Fonte: Elaboração própria com base em Séraphin (2014)

Primeiramente, a diáspora do Haiti joga um papel importante na economia do país, e isso inclui o turismo. É uma diáspora que consome o produto turístico haitiano e que também investe nesse setor no território nacional. Com a sua diáspora, o Haiti tornou-se o oitavo maior beneficiário do mundo, e o primeiro na América Latina e no Caribe, em termos de transferências. Cerca de 800.000 pessoas recebem transferências todo mês, com uma média estimada de US\$ 125 por pessoa (CHAMI et al., 2008). A contribuição da diáspora representa para o Haiti uma parte significativa do produto interno bruto, do investimento direto estrangeiro e da ajuda externa.

De acordo com Séraphin (2014), quando os investimentos diretos estrangeiros são raros, o governo haitiano pode contar com a sua diáspora. Isso significa, assim, que tal diáspora tem um peso econômico

não negligenciável para o país. Nas circunstâncias em que evolui o turismo no Haiti, esse evento poderia ser considerado também como uma das principais forças (como um dos “salvadores”, talvez) do turismo no Haiti. Como foi destacado, essa diáspora vive em particular nos Estados Unidos e Canadá, em ordem de importância uma parte vive no Caribe, Europa, América do Sul, ... De fato, representa uma importante fonte de chegada de turistas e de ingresso de dólares provenientes principalmente dos Estados Unidos (NOËL, 2011; SÉRAPHIN, 2014).

Dessa forma, o desenvolvimento de turismo do Haiti requer também uma mobilização dos seus recursos próprios no exterior. Destes, o mais valioso são os recursos humanos qualificados que recebem formações diferenciadas fora do país. Observa-se, portanto, que empreendedores, trabalhadores de renda alta e que vivem principalmente nos Estados Unidos e no Canadá, contribuem investindo tempo, conhecimento e dinheiro no desenvolvimento de turismo haitiano, especialmente em hotéis e restaurantes. O quadro 3 a seguir é uma ilustração de alguns recentes investimentos da diáspora.

Quadro 3 - Diáspora e turismo no Haiti

<b>Nome da estrutura</b>	<b>Tipo de estrutura</b>	<b>data</b>	<b>Nome do proprietário</b>	<b>País de origem</b>
Beach Club and Grill Bar	restaurante	2013	Myrlande Affiany	USA
Hôtel Oasis	Hotel	2012	Jerry Tardieu	USA
Utopia Garden Gril	restaurante	2011	Doley Mathurin	USA
Jacmel Pizzaria	restaurante	2011	Verlaine e Ernest Lucie	USA
Shisha	restaurante	2011	Nancy e Mathilde Antoine	Liban
Saveur d’Haïti	restaurante	2011	Yanick, Nacy e Léon Letendre	Canada
Céleri Rouge	restaurante	2009	Pascale e Christelle Ellie	Canada

Fonte: Elaboração própria com base em Séraphin (2013)

Em segundo lugar, vem os turistas americanos, que representaram em 2010 quase três quartos (mais de 70%) das chegadas na categoria de turistas que se hospedam no Haiti, tornando assim o primeiro país fornecedor de turistas no Haiti. Isso não é explicado



apenas pela proximidade do Haiti com os Estados Unidos, mas também pela importância da comunidade haitiana que vive nos Estados Unidos, jogando de algum modo o papel de promotor de turismo no Haiti. Mais aspectos sobre a presença de turistas e investidores dos Estados Unidos serão abordados mais à frente no trabalho.

Em terceiro lugar vem os governos e outros turistas estrangeiros, assim como ONGs presentes no Haiti. Esse ponto é crucial para se entender a razão pela qual, sem esse contingente – de ONGs –, certamente não seria possível sequer mencionar a ocorrência de turismo no interior do país. Realmente, não parece exagero assinalar que o turismo no Haiti foi mantido em grande medida, graças à presença de ONGs, funcionários de governos estrangeiros, militares e jornalistas.

Para alguns pesquisadores, em 2010, após o terremoto, havia cerca de 10.000 organizações desse tipo em solo haitiano, responsáveis por missões humanitárias (Kidder, 2010 apud Séraphin, 2014). Para Ramachandran e Walz (2012), por outro lado, era difícil determinar o número de ONGs no país após o cataclismo. Seja como for, embora diferentes fontes apresentem números diversos, as ONGs contavam-se aos milhares, a ponto de ensejar indagações – não sem ironia – sobre ter o Haiti se transformado em uma República de ONGs.

Cabe, de qualquer modo, a pergunta sobre a pertinência ou não de classificar como turistas os jornalistas, trabalhadores humanitários, militares, documentaristas, cineastas, colecionadores de arte e viajantes literários, entre outros, que rumaram para o Haiti naquelas circunstâncias. Considerando a definição da OMC, que representa turista qualquer pessoa que se desloca a um lugar situado fora do seu ambiente habitual por um período inferior a 12 meses, tendo como principal propósito outra coisa que não o exercício de uma atividade remunerada no lugar visitado, todos os visitantes citados acima não são turistas, já que sua estadia no Haiti devia-se a motivos profissionais. Mas é fato que muitos componentes do setor de turismo no Haiti (por exemplo, os hotéis) puderam permanecer em operação, apesar do status político do país, em virtude da presença desses jornalistas, ONGs e escritores de viagens, entre outros (SÉRAPHIN, 2014).

Em quarto lugar aparece o Governo do Haiti, que desempenha um papel crucial na orientação política de turismo. Tirando o turismo balnear e de cruzeiros, o turismo no território do Haiti é controlado basicamente pelos haitianos, em termos de investimentos no setor hoteleiro e de restauração, mas o governo pode causar mudança na

originalidade do turismo como, por exemplo, o desenvolvimento de enclaves como Labadee no Norte do país.

Desde o terremoto de janeiro de 2010, assistiu-se a chegada de grandes grupos hoteleiros principalmente americanos incentivados pela política do governo em atrair investimentos para o setor. Lembrando que o turismo não é apolítico, isso remete ao fato de que a natureza do turismo a ser desenvolvido no Haiti depende também do Governo. O governo pode aceitar alguns acordos e rejeitar outros em relação ao desenvolvimento de turismo no território nacional.

Apesar de ser considerado como um Estado falhado, o governo haitiano determina se as atividades turísticas devem ser basicamente um turismo haitiano ou um turismo internacional, ou ainda uma mistura dos dois. O governo deve procurar saber como é que a presença de empresas internacionais (no caso do Haiti, principalmente as empresas dos Estados Unidos) vão mudar a imagem e a trajetória do turismo no Haiti. Seitenfus (2014) notou um exemplo de caso de rejeição de investimento direto estrangeiro no setor hoteleiro em 2009, pelo presidente Préval (2006-2011).

Em Janeiro de 2009 a Rainha Sofia da Espanha visitou o Haiti. Havia a intenção de anunciar um investimento do grupo de Hoteleria Meliá para um importante projeto turístico. Surpreendentemente nada foi aprovado. Por receio de aculturação, Préval se opôs a que o Haiti – tal como ocorre com a vizinha República Dominicana – se transformasse em um paraíso para o turismo de massa (p.330).

Após o terremoto, o governo do Haiti apresentou ótimas oportunidades para novos operadores turísticos. O contexto era o incentivo dado ao investimento estrangeiro em muitas atividades econômicas no país, e estas incluíam o setor de turismo. Além do contexto da reconstrução do país e dos fundos oferecidos ao país para isso pela comunidade internacional, o governo também trabalhou no sentido de criar um clima favorável ao investimento com o seu slogan «Haiti is open for business» (O Haiti está aberto para negócios) desde 2011.

As autoridades procuram garantir que as leis que regem o investimento sejam claras e mais confortáveis, que os certificados, autorizações e licenças exigidos pelas leis haitianas sejam facilmente

disponíveis e acessíveis para os potenciais investidores (GARY, 2013; LE MONDE.FR, 2013). Essas novas decisões do governo objetivam mudar o rumo do fazer turístico no Haiti e de outras atividades econômicas também .

A relação entre o Haiti e os Estados Unidos é muito forte em diferentes níveis: na política, na educação, nos negócios, entre outros. Por exemplo, por muitos anos, o Haiti foi o maior fabricante de equipamentos de beisebol para os Estados Unidos. A influência dos Estados Unidos é presente em quase tudo no Haiti, inclusive no turismo. A língua e a moeda americana têm influenciado muito o modo de fazer muitas coisas no Haiti. De maneira direta ou indireta, os Estados Unidos estão em uma posição de força maior no Haiti, em comparação com outros países, em quase todos os aspectos. E, sendo os Estados Unidos o símbolo maior do capitalismo, por assim dizer, é difícil imaginar que o Haiti possa deixar de sofrer a influência daquele país também em como fazer turismo no seu próprio território (SÉRAPHIN, 2014).

A influência dos Estados Unidos no turismo Haitiano está relacionada com vários aspectos. Os Estados Unidos controlam a maior parte da atividade turística na América Latina e no Caribe, inclusive no Haiti, em termos de número de turistas internacionais. A língua inglesa também domina o cotidiano haitiano. Séraphin (2014, p.74) baseado em Martin e Davies (2006) salientou o seguinte:

Na verdade, se o conhecimento do crioulo ou francês pode ser útil no Haiti, Inglês basta suficientemente na vida cotidiana. Esta situação é particularmente favorável para o Haiti dado que a maioria dos turistas são americanos e que no campo de turismo os clientes apreciam ser acolhidos e abordados em sua língua nativa<sup>140</sup>.

De acordo com Séraphin (2014) existe uma tendência dos haitianos de se adaptarem às necessidades de sua principal fonte de turismo. Além da adaptação com a língua, também existe a adaptação do

---

<sup>140</sup> En effet, si la connaissance du créole voire du français peut être utile en Haïti, l'anglais suffit amplement dans le quotidien. Cette situation est particulièrement favorable pour Haïti quand on sait que la plupart des touristes sont Américains et que dans le domaine du tourisme les clients apprécient d'être accueilli et adressé dans leur langue maternelle.

produto oferecido. Por exemplo, No Hotel El Rancho, um dos principais hotéis do país, o buffet de alimentos do Haiti foi adaptado para atender o cliente específico de gosto americano. A moeda nacional oficial é “Gourde”, mas o dólar americano parece ter assumido papel relevante em varias transações dentro do país, inclusive no setor de turismo. Por exemplo, varios hotéis confirmam que o dólar é a moeda de pagamento (THOMSON, 2004 apud SÉRAPHIN, 2014).

Percebe-se, portanto, que o turismo não se desenvolve de forma isolada, e sim como reflexo da sociedade em que se insere. Destaca-se o fato de que a presença americana no setor de turismo do Haiti é muito pronunciada, enquanto a presença francesa, antigo mestre dessa antiga colônia, é quase inexistente. Em outra parte deste capítulo será mostrado o fato de que as empresas multinacionais dos Estados Unidos representam os principais elos e atores atuando no processo de integração do turismo haitiano na cadeia global de turismo. Observa-se ao mesmo tempo uma resistência da parte dos haitianos nas atividades turísticas, isto significa que, no setor turístico do Haiti, especialmente de hotéis e restaurantes, há uma forte ancoragem local, como foi destacado no quadro 3 acima. Em outras palavras, o Haiti conseguiu mais ou menos manter a sua identidade turística.

## 5.2 O HAITI NA CADEIA GLOBAL DO TURISMO: ESBOÇO DE ANÁLISE

O quadro desenhado sobre o Haiti não outorgaria muito sentido, a primeira vista, à tentativa analítica de relacionar esse território com o fazer turístico e, talvez sobretudo, pensar no problema da sua integração à cadeia global do turismo, tendo em vista que o país tem figurado fora do mapa dos destinos turísticos mundiais por várias décadas. O país é mais conhecido conforme foi assinalado como "ilha de todas as tragédias", por causa do nível de pobreza da população, dos problemas intermináveis políticos e econômicos e, também, devido aos desastres naturais que frequentemente o afetaram e afetam. Assim, parece realmente difícil, na atualidade, associar a indústria global do turismo ao destino do Haiti, embora seu território tenha se mostrado, entre 1940 e 1960, um destino privilegiado no Caribe para receber turistas (SERAPHIN, 2014; SÉRAPHIN; PAUL, 2016).

Contudo, examinar o envolvimento do Haiti na cadeia global do turismo é o propósito central desta pesquisa, já que o país se localiza em uma região do mundo que costuma atrair volumosos fluxos turísticos.

Assim, esta parte do trabalho, sobre a integração do turismo haitiano na cadeia global do turismo, mostra-se central no esforço de pesquisa realizado, em que pese a escassa literatura e os poucos trabalhos acadêmicos existentes a respeito do assunto como já foi apontado, algo que denota um aparente “esquecimento” por parte de vários estudiosos interessados na importância do Haiti na história turística do Caribe.

A pretensão básica aqui é perceber que agentes realmente comandam o turismo haitiano, destacando o envolvimento de interesses nacionais e internacionais. Isso permitirá uma ideia sobre o grau e a forma de integração desse turismo na cadeia global do setor. No fundo, é perceptível as questões de exercício de poder que se trata, já que é interesse detectar os atores que lideram os diferentes elos e componentes do setor do turismo presente no Haiti.

Como ponto de partida, cabe assinalar o quase óbvio: é principalmente a presença de turistas internacionais num determinado território, ao lado de elementos da oferta turística representativos de interesses internacionais, que dá sentido à abordagem da questão referente à integração do turismo nacional na respectiva cadeia global. Nas seções a seguir, será explorado o problema do grau de envolvimento na cadeia global de turismo das atividades lideradas por atores locais, assim como o das lideradas por atores estrangeiros. Os pontos que servem de conteúdo para a abordagem desta parte são os seguintes: agentes haitianos no setor turístico do país; um desenvolvimento “híbrido” no setor de turismo; turismo de cruzeiros: paroxismo do envolvimento do Haiti na cadeia global do turismo; reflexos sociais e econômicos da participação haitiana no turismo internacional: algumas colocações.

### **5.2.1 Agentes haitianos no setor turístico do país**

De uma maneira geral, assim como a elite haitiana controla o comércio, as importações estratégicas, as telecomunicações e o setor bancário do país, são os investidores e empreendedores locais que comandam, historicamente, os diferentes segmentos das atividades internas do turismo, principalmente no tocante aos meios de hospedagem, com os hotéis em primeiro lugar. Por exemplo, de 1996 (fechamento do Club Med) até o terremoto, em 2010, não se observou a presença de grupos hoteleiros internacionais no território haitiano. De acordo com Séraphin (2014), também com respeito ao turismo, a elite nacional teria cumprido o papel de investir no país em busca de lucros,

gerando atividade econômica e postos de trabalho ao mesmo tempo em que influenciava decisões de governo no sentido de seus interesses.

No Haiti, essa configuração de presença predominante de interesses locais tem a ver também com a questão geral de que, em tempos ou situações de crises (políticas ou econômicas), com perturbações, inseguranças e instabilidades em determinados territórios, o capital internacional tende a se retirar ou a não ter estímulos à entrada. Com efeito, o capital internacional costuma relutar em fazer investimentos em ambientes de altas incertezas, tendo em vista, inclusive, a dificuldade de projeções sobre os retornos. O Haiti, como se falou anteriormente, significa uma instabilidade quase permanente há décadas, razão pela qual o hoteleiro em operação exhibe a particularidade de ser controlado principalmente por proprietários locais.

Não existe realmente dados completos e recentes sobre a estrutura das hospedagens no Haiti e sobre o número de leitos por hotel. O quadro 4 a seguir, baseado numa pesquisa de dissertação de 1999, dá uma ideia sobre a estrutura dos principais hotéis nos principais centros turísticos do país.

Quadro 4 - Estrutura de Hospedagem para o turismo no Haiti em 1999

<b>Norte</b>		
<b>Gama alta</b>	<b>Intermediária</b>	<b>Gama baixa</b>
Roi Christophe	Beck	Nenhum
Mont-Joli		
Mont-Joli Beck aucun		
Cormier		
<b>Sudeste</b>		
Nenhum	Jacmélienne (30 leitos)	Hôtel de la Place (26 leitos)
	.....	Associação de micro empresas (17 leitos)
<b>Grande Anse</b>		
Nenhum	Hôtel Anacaona (60 leitos)	Nenhum
<b>Artibonite</b>		
Club Med (350 leitos)	Ibo beach	Nenhum
Moulin sur mer	Kaliko beach	
.....	Ibo-Lélé	
<b>Oeste</b>		
El Rancho (100 leitos, 9 suítes)	Splendide (30 leitos)	May's Villa (16 leitos)
Montana (96 leitos, 6 suítes)		Prince (34 leitos)
Hôtel Plaza (66 leitos, 4 suítes)		Sandral's
Villa créole (72 leitos)		Caraïbes
Kinam (30 leitos)		Kinam (30 leitos)
Hôtel Oloffson (20 leitos, 4 suítes)		Villa Kewes
.....		Auberge Québécois
.....		Guilo beach
.....		La Griffone (40 leitos)
.....		Villa Saint-Louis

Fonte: Elaboração própria com base em Victorin (1999)

De acordo com o quadro 4 percebe-se que o pesquisador em questão não consegue dar informações completas sobre alguns estabelecimentos em relação ao número de leitos. Mas Victorin (1999) sublinhou que em 1999 o país todo detinha 1.600<sup>141</sup> leitos ou quartos. Os hotéis de gama alta são considerados como hotéis que respeitam os padrões internacionais. Internacionalmente os hotéis são classificados normalmente até 5 estrelas. Os hotéis de gama alta mencionados no quadro 3 são classificados entre 2 a 3 estrelas.

De acordo com esse quadro existem 12 hotéis de gama alta, 7 de gama intermediária e outros 11 de gama baixa. Normalmente a maioria dos quartos de hotéis no Haiti é encontrada na área metropolitana de Port-au-Prince e na Costa dos Arcadins. A concentração mais elevada de hotéis é na Capital do país, Port-au-Prince. O segundo foco é sobre a costa dos Arcadins e em terceiro lugar na região norte do país, em Cap-Haïtien/Fort-Liberté. A figura 22 a seguir mostra a localização dessas concentrações de hospedagens.

É limitada, com efeito, a propriedade estrangeira no setor de hotéis e, mais amplamente, no aparato receptivo vinculado à hospedagem no Haiti. Na verdade, de acordo com Séraphin e Paul (2016), os proprietários de hotéis no país representam, principalmente: a) empresas pertencentes a haitianos nascidos no Haiti; b) empresas de estrangeiros instalados no Haiti por muitos anos; esses proprietários se consideram, por causa da sua longa presença no país, como haitianos. Isto significa que, no setor do turismo no Haiti, especialmente no setor hoteleiro, há uma forte presença local. Em outras palavras, nesse aspecto, o país conseguiu mais ou menos manter a sua identidade, apesar do desenvolvimento do turismo em escala global, que normalmente exige a padronização do fazer turístico em todos os territórios. Na próxima seção aborda-se a recente presença de cadeia de hotéis internacionais no turismo haitiano.

Deve-se notar que a indústria hoteleira no Haiti passa por grandes dificuldades em razão da baixa do número de chegadas de turistas em vários momentos na história do turismo haitiano que parece caminhar durante décadas para o colapso em vez de crescer. Por exemplo, em 1999, cerca de 843 quartos listados, a taxa de ocupação era

---

<sup>141</sup> Esse número é bem diferente daquele fornecido pelo ministério de turismo do Haiti conforme aparece mais na frente no trabalho. Isso é a prova das discrepâncias que existem entre as diferentes fontes consultadas e do quanto o Haiti carece de dados disponíveis e confiáveis.



cerca de 65% na capital e seus arredores, e em 2014, para 9.490 quartos oferecidos por 525 estabelecimentos, houve uma taxa média de ocupação de 50% (VICTORIN, 1999; SÉNÉLUS, 2015). Observa-se que os investidores locais do setor hoteleiro têm conseguido resistir nos últimos anos porque os problemas do país atraem numerosos jornalistas internacionais, funcionários de ONGs e militares das forças internacionais (os chamados de “atraídos pelo perigo”) que precisam de hotéis para se hospedarem (SÉRAPHIN, 2011).

Importante sublinhar que, de acordo com Noël (2011), o plano diretor de turismo do Haiti que foi publicado em 1996 e revisado em 2008 não foi aplicado conforme previsto. Foi um plano com propostas articuladas em torno de uma quarentena de projetos, mas, em razão da falta de recursos orçamentários destinados ao turismo, esses projetos não foram implementados conforme acordado. Geralmente, os recursos financeiros destinados ao turismo continuam a ser inadequados. Por exemplo, o montante de gasto disponível anualmente para o setor em questão representa apenas 0,01% do total de fundos destinados para os setores econômicos do orçamento nacional entre 2009 e 2011. Sobre isso, esse mesmo autor salientou o seguinte num artigo publicado no jornal *Le Nouvelliste*:

Poucos recursos foram investidos no setor de turismo nos últimos 25 anos pelo Estado haitiano. O turismo do Haiti, apesar do fato de que ele sempre tenha sido registrado na categoria das grandes prioridades nacionais, é sempre tratado como parente pobre em contraste. Turismo continua a ser, assim, o mais desfavorecido do setor econômico, seria sacrificado então em favor de outras prioridades julgadas talvez mais urgentes<sup>142</sup> (NOËL, 2011).

De acordo com o Ministério de Turismo (2003), a longa tendência de redução da presença de turistas e da falta de recursos alocados para o desenvolvimento do setor resultam em diminuição da

---

<sup>142</sup> Peu de moyens ont été investis dans le secteur touristique ces 25 dernières années par l'Etat haïtien. Le tourisme haïtien, en dépit du fait qu'il a toujours été inscrit au rang des grandes priorités nationales, est toujours traité par contre en parent pauvre. Le tourisme demeure donc le plus mal loti du secteur économique, il serait donc sacrifié au bénéfice d'autres priorités jugées peut-être plus urgentes.

qualidade dos serviços manifestada, por exemplo, na falta de gestão do turista desde a sua chegada até a partida, na má qualidade das informações turísticas, na ineficiência do sistema de transporte e da falta de comodidades nos pontos turísticos, entre outros aspectos. Some-se a isso a mudança ocorrida no perfil da hospedagem no país: em 1980 os hotéis representavam hospedagem para 65% dos turistas, mas já em 1985 as residências de haitianos, em que pese o padrão mais baixo oferecido, receberam a maioria dos turistas, representando mais precisamente 53% das estadias. Essa percentagem passou para 82% em 1995 (MINISTÈRE DU TOURISME, 2003). Séraphin (2011, p. 4) explica como segue o difícil quadro do funcionamento dos hotéis no Haiti:

Para explicar este triste estado das instalações do hotel no Haiti, pode-se apoiar no fato de que os turistas são tão poucos que os rendimentos obtidos pelos hoteleiros não lhes permitem fazer a manutenção dos estabelecimentos. A outra razão é o fato de que o setor hoteleiro é ocupado por empresários que não têm nada de hoteleiro, portanto, não têm noções de recepção ao cliente, de gestão de hotel, etc. Por exemplo, o atual proprietário e gerente do Hotel Oloffson, Richard Moss [.....] não é um hoteleiro, mas um antropólogo por formação<sup>143</sup>.

Antes do terremoto de 12 de janeiro de 2010, a Escola de Hotelaria do Haiti, criada em 1954, e a Escola Nacional de Artes Domésticas Anne-Marie Desvarieux eram as duas únicas estruturas que operavam em formação de recursos humanos para hotelaria. Além disso, no Haiti a hotelaria parece, em alguns casos, para Thomson (2004 apud SÉRAPHIN, 2011), uma atividade substituta de outras atividades em vez de ser uma atividade refletida e pensada para atender às

---

<sup>143</sup> Pour expliquer ce piteux état du parc hôtelier en Haïti, on peut s'appuyer sur le fait que les touristes sont si peu nombreux que les revenus engrangés par les hôteliers ne leur permettent pas d'entretenir leur établissement. L'autre raison repose sur le fait que le secteur de l'hôtellerie est occupé par des entrepreneurs qui n'ont rien d'hôtelier, par conséquent n'ont pas de notions d'accueil client, de gestion hôtelière, etc. Par exemple, le propriétaire et gérant actuel de l'hôtel Oloffson, Richard Moss [...] n'est pas un hôtelier mais un anthropologue de formation.

necessidades dos clientes locais ou internacionais (alguns hotéis no Haiti parecem não ter estruturas de hospedagem). Por exemplo, o hotel Oloffson (hotel haitiano famoso em Port-au-Prince) foi a residência do presidente Guillaume Sam, depois foi um hospital para a Marinha dos EUA, e, em seguida, foi uma maternidade (SÉRAPHIN, 2011).

Observa-se também a tendência dos operadores turísticos locais a deixar o território haitiano nos momentos de crises, o que se refletiu no decréscimo do número de quartos de hotéis e na não observância aos padrões internacionais. Por exemplo, de acordo com o Ministério de Turismo (2003) o número de quartos durante a década de 1980 era de 3000, passando para 2800 em 1999, antes de chegar a 1100 em 2003, dos quais 800 correspondiam aos padrões internacionais. Reside nesse aspecto uma diferença com outros destinos no Caribe: em 2003, a República Dominicana registrava mais de 60.000 quartos, e Cuba, aproximadamente 40.000 quartos (MINISTÈRE DU TOURISME, 2003).

Outro aspecto, ainda de acordo com o Ministério de Turismo (2003), é que existe também interesse de investidores locais, na área de alojamento, pela construção de pequenas unidades, de 10 a 20 quartos, o que ocorre em diferentes departamentos do país. Contudo, a esmagadora maioria desses empreendimentos de pequeno porte não cumpre as normas internacionais para hotelaria ou alojamentos. A figura 23 a seguir permite observar a localização da Costa dos Arcadins e de Port-au-Prince, que são espaços de realização de investimentos turísticos mais próximos do principal aeroporto internacional do Haiti.

Figura 23 - Carta dos principais sites turísticos do Haiti



Fonte: Espoir Pour Haiti (2017)

Além da falta de qualidade dos estabelecimentos de hospedagem, também a oferta de recursos humanos qualificados é bastante limitada, mostrando-se claramente insuficiente para atender às necessidades dos poucos clientes do setor. De modo geral, no Haiti, de acordo com Séraphin (2014), o setor da hospitalidade não é o único setor problemático. Transporte, alimentos e bebidas também são problemáticos. Desse modo, desconfortos e aborrecimentos preocupam os hóspedes que são acostumados com climas mais temperados, padrões diferentes de saúde pública e de governança cívica. Séraphin (2014), baseando-se em Hoerner (1993) e Théodat (2008), notou que alimentos e bebidas sempre foram ligados ao setor de hospitalidade, e que no Haiti ambos os setores ainda são executados com amadorismo, sem atender aos requisitos dos poucos clientes internacionais que frequentam o país, e que são muito exigentes em termos de qualidade.

Apesar da falta de planejamento<sup>144</sup> do turismo doméstico, o Haiti tem ainda potencialidades<sup>145</sup> turísticas, mas alguns dos problemas citados anteriormente representam bloqueios ao desenvolvimento do turismo no solo haitiano. De acordo com Séraphin (2014), a literatura, as notícias, as imagens divulgadas sobre o Haiti, nas mídias, na internet, nas rádios e televisões ao redor do mundo têm influenciado a tomada de decisão dos turistas ao escolher o destino haitiano.

Williams e Zelinsky (1970 apud SÉRAPHIN, 2014) identificam vários fatores que podem explicar por que as pessoas decidem ir ou não para um destino: a) Distância; b) Ausência de conectividade internacional entre o destino emissor e o destino receptor; c) Fatores de atratividade (clima, etc.); d) O custo do destino; e) A estabilidade e imagem do destino receptor nos destinos emissores; f) Cultura do destino receptor; g) Informação devolvida às pessoas do país emissor por turistas que visitaram anteriormente o país de destino.

De acordo com Théodat (2004), quanto mais marginalizado é o território em relação ao mapa dos principais destinos turísticos, mais caro é o bilhete para chegar lá, maior é o tempo de viagem necessário, maior o risco de hospedagem e, como resultado, menos numerosos são os visitantes. Outro aspecto é que a oferta de um destino turístico

---

<sup>144</sup> Existe uma manifestação de boa vontade do Estado de planejar o fazer turístico no Haiti e de normalizar os setores relacionados (principalmente o de hotéis e de restaurantes), mas os fatos revelam o contrário, uma vez que poucos recursos são alocados para o desenvolvimento de turismo no Haiti, como foi visto.

<sup>145</sup> As potencialidades turísticas do Haiti são abordados na seção 5.3 deste capítulo.

integrado na cadeia global de turismo implica também uma certa harmonização de preços. Dessa maneira, é importante que os negócios turísticos tenham capacidade que permita economias de escala, as quais levam à redução dos preços praticados.

No Haiti, nada disso parece ter acontecido. Em razão da instabilidade política e um mercado estreito e limitado, os preços cobrados pelos operadores turísticos e estabelecimentos de hospedagem não mostram relação com a realidade da oferta. Sobre isso, Théodat (2004, p. 310) salienta o seguinte: “Os turistas são tão raros no Haiti que quartos de hotéis (1.500 no total) são muitas vezes caros: É difícil encontrar um quarto decente por menos de US \$ 80, para uma prestação de serviço de má qualidade<sup>146</sup>”.

Esse quadro de funcionamento do turismo haitiano abordado nesta seção, que parece estar na beira do colapso, se estende até 2010. O terremoto de 2010 serve como um novo começo para o turismo no Haiti, em termo de integração na cadeia global de turismo. A próxima seção trata disso, mostrando que novos atores além de proprietários haitianos começam a ter interesse no setor hoteleiro e de restaurantes através de instalações de vários hotéis que fazem parte das cadeias globais no solo haitiano.

### 5.2.2 Um desenvolvimento “híbrido” no setor de turismo

A presença de cadeia hoteleira internacional é considerada por vários autores, como Théodat (2004), Séraphin e Paul (2016) e Doré (2010), entre outros, como crucial para colocar o destino haitiano na mapa global de turismo e também para melhorar a imagem do país ao redor do mundo. Sobre a importância das cadeias internacionais hoteleiras para o Haiti, Séraphin e Paul (2016) salientam o seguinte:

[...], a diáspora haitiana, através do seu apego territorial, é um ativo na transformação pró-turística dos territórios, sem necessariamente produzir aculturação, ao trazer cadeias internacionais no Haiti. Porque embora seja inegável que os haitianos têm a capacidade de

---

<sup>146</sup> Les touristes sont si rares en Haïti que les chambres d'hôtels (1.500 au total) sont souvent chères: Il est difficile de trouver une chambre décente à moins de US\$ 80, pour une prestation de qualité médiocre.

fazer as coisas, não é menos verdade que a presença da hotelaria de cadeia internacional é importante para a imagem do destino e para o sucesso nos esforços de marketing turístico internacional [...] <sup>147</sup> (p. 12).

Cazelais (2004), por sua vez, reconhece que o desenvolvimento da hoteleira nos destinos é algo importante, mas que pode ter, ao mesmo tempo, irregularidades: “o desenvolvimento turístico estruturalmente organizado em torno da hotelaria certamente beneficia a economia dos destinos e o desenvolvimento regional, mas de maneira bem imperfeita <sup>148</sup>” (p.1). Esse autor admite que existem hotéis com “tudo incluso” que se tornam, eles próprios, destinos dentro de um destino. Assim, o turismo tenderia, de alguma forma, a banalizar destinos. Por exemplo, muitos dos estabelecimentos hoteleiros existentes são bem mais parecidos com hotéis das regiões emissores do que os dos locais receptores.

A presença de cadeias de hotéis internacionais terminou, no final da década de 60 em vários territórios ao redor do mundo, com a tendência de preferência pelo investimento nacional ou local no turismo. O empreendimento hoteleiro, antes, era visto como um negócio privilegiado e operado principalmente por organizações privadas, isto é, por certos indivíduos e algumas famílias (LARIVIÈRE; JUSSAUME, 2004). Observa-se que houve no Haiti uma ancoragem local até pós-terremoto de 2010, pois não houve aproveitamento por empresários haitianos das marcas internacionais de hotéis. De acordo com Séraphin e Paul (2016), houve uma tentativa de aproveitamento de marcas internacionais de hotéis no caso do hotel *Holiday Inn* no Haiti (conhecido como hotel “Le Plaza” no Haiti), mas os acordos não foram concluídos.

---

<sup>147</sup> [...], la diaspora haïtienne, par son attachement territorial, constitue un atout dans la transformation pro-touristique des territoires sans nécessairement produire de l'acculturation, tout en ramenant les chaînes internationales en Haïti. Car, même s'il est indéniable que les Haïtiens ont la capacité de faire avancer les choses, il n'en demeure pas moins que la présence de l'hôtellerie de chaîne internationale est importante pour l'image de la destination et la réussite de la démarche de marketing touristique international [...].

<sup>148</sup> le développement touristique structurellement agencé autour de l'hôtellerie profite certes à l'économie des destinations et au développement régional, mais de manière bien imparfaite.

A primeira tentativa de investimentos estrangeiros no setor hoteleiro no país ocorreu na década de 1980. Em 27 de janeiro de 1950, Gérard Blitz instalou o primeiro Club Med nas ilhas Baleares (localizadas no Mar Mediterrâneo, na costa da Espanha). Trinta anos depois, em 1981, o líder mundial das instalações para férias abriu suas portas no Haiti, sob o nome de "Club Med Magic Haïti" nas costas de Arcadins. Estabelecendo-se no Haiti, o Club Med trouxe com ele uma forma até então desconhecida de alojamento no país, ou seja, a fórmula "tudo incluído". Sobre a escolha do Haiti para o empreendimento, Séraphin (2011) salientou o seguinte:

A imagem de beleza é o primeiro critério, uma vez que o club vende sonhos. Para os destinos de sol, precisa-se de um mar esplêndido, uma praia de qualidade excepcional, um cenário de cartão postal, uma superfície que garanta paz e reclusão. O território colocado à disposição do Club Med pelas autoridades haitianas preenchia todos esses critérios<sup>149</sup> (p.3).

É importante salientar que, de acordo com o mesmo autor, a fórmula "tudo incluído" tem a característica de apresentar poucas vantagens para a população local. O motivo é que, em geral, os estabelecimentos pertencem a grupos estrangeiros, e com isso uma grande parte do capital investido é repatriado para os seus países de origem. Com essa fórmula, também é difícil medir os impactos reais em termos de geração de empregos, de salários, de efeitos encadeados sobre outras atividades tais como uso de alimentos domésticos, entre outros aspectos.

De acordo com Séraphin (2014) e o Ministério de turismo do Haiti (2003), apesar de a maioria dos clientes terem ficado satisfeitos com os serviços oferecidos, o Club Med Magic Haiti tornou-se rapidamente uma atividade dispendiosa, que possibilitava quase nenhum lucro devido aos frequentes fechamentos por conta do clima político no país. Daí que, para Séraphin (2011, p.3), assim como especificamente a

---

<sup>149</sup> L'image de beauté est le premier critère, puisque le Club vend du rêve. Pour les destinations soleil, il faut une mer splendide, une plage d'une exceptionnelle qualité, un décor de carte postale, une superficie assurant tranquillité et réclusion. Le terrain mis à la disposition du Club Med par les autorités haïtiennes répondait à tous ces critères.

indústria de hotelaria, o turismo no Haiti, em termos gerais, pode ser comparado a uma “indústria perturbada”.

Como consequência das várias perturbações às suas atividades, o Club Med Magic Haiti fechou suas portas em 1996, após alternar aberturas e fechamentos. Durante os quinze anos de presença no Haiti, o empreendimento experimentou a crise econômica da década de 1980 e, especialmente, os contextos de numerosos golpes, com seis chefes de estado diferentes entre 1986 e 1990. Na sequência, “Durante os anos 90, nove chefes de estado diferentes se sucederam no Haiti. Difícil neste ambiente para uma empresa de turismo, neste caso, um hotel cuja clientela é majoritariamente estrangeira, manter um negócio sustentável ao longo do tempo” (SÉRAPHIN, 2011).

As atividades no local do clube ficaram paralisadas por quase dez anos, e foi em 2005 que a família Nadal, proprietária do terreno onde foi instalado o Club Med Magia Haiti, estabeleceu um acordo com a empresa para retomar o funcionamento no ano seguinte. Mas o nome seria outro: Clube Indigo.

Antes do terremoto de 12 de janeiro de 2010, o Haiti tinha cerca de 2.000 quartos de hotel, com uma tarifa média de US\$ 100 (US) por noite. O cataclismo destruiu vários hotéis, e deixou um pouco menos de 40% da capacidade de recepção do setor hoteleiro, isto é, 773 quartos só foram identificados após o terremoto. De 1996, após o fechamento do Club Med Magia Haiti, até o terremoto de 2010, o setor hoteleiro haitiano foi controlado e dominado só por investidores haitianos. Mas, embora seja inegável que os haitianos têm a capacidade de fazer muitas coisas nesse setor, a necessidade da presença da cadeia hoteleira internacional permaneceu como algo importante para melhorar a imagem desse destino em diferentes mercados emissores de turistas.

Desse modo, com a chegada ao poder (inauguração) do governo de Joseph Martelly (2011-2016), logo após o terremoto, retornaram à cena local o desejo e o esforço no tocante à reavivação do setor de turismo no país, como já se falou. O slogan do presidente Joseph Martelly era, sugestivamente: “Haiti is open for business”, quer dizer, o Haiti estava fortemente interessado em investimentos com origem no exterior (ALTERPRESSE, 2014).

Stéphanie Villedrouin, ministra de turismo do governo de Martelly, foi a primeira autoridade a admitir que a mudança de imagem do país iria exigir um trabalho intenso. Utilizando-se um novo logotipo, que caracterizava uma flor de hibisco, e com o acompanhamento de consultores europeus de marketing, foi lançada em 2011 uma cruzada



global no intuito de seduzir investidores e visitantes, atraindo-os para o que se dizia ser o último paraíso do Caribe ainda intocado (CLERICI; WALL, 2016). Nesse processo, o Ministério do Turismo desenvolveu um programa ambicioso, focado em quatro áreas geográficas: Norte (Cap Haïtien), Oeste (Port-au-Prince), Sudeste (Jacmel) e Sudoeste (Cayes), dando assim continuidade ao plano diretor de turismo anteriormente mencionado.

Previa-se o desenvolvimento e/ou a recuperação de destinos conhecidos pela sua história e cultura, tais como a Habitação Breda (local de nascimento e residência de Toussaint Louverture) e o Bois Caiman (ponto da primeira revolta de escravos em 1791). Além disso, no início de 2015, uma campanha publicitária agressiva foi lançada em várias cidades dos Estados Unidos divulgando o Haiti em termos de turismo (HAITI-RÉFÉRENCE, 2015).

Muitos investidores têm respondido ao apelo e manifestaram algum interesse pelo mercado turístico do Haiti. A abertura de hotéis que fazem parte das cadeias hoteleiras internacionais no período recente é uma indicação disso. Trata-se da inauguração, por exemplo, do que segue, considerando-se os mais importantes:

- Dezembro de 2012, o Royal Oasis, em Pétiön-Ville;
- Março de 2013, Best Western, também localizado em Pétiön-Ville;
- Em fevereiro de 2015, Marriott no centro de Port-au-Prince, foi inaugurada.

Apesar da resistência de turistas de algumas origens quanto a visitar o Haiti, tem havido por mais de quatro anos um aumento nas chegadas internacionais no território haitiano. Por exemplo, para o ano de 2015 a taxa de crescimento foi de 17,2 % em relação ao ano de 2014; em 2014, o crescimento do número de visitantes foi de 21,1% em relação ao ano anterior, para o qual as estatísticas acusaram um aumento de 20,3% em comparação com 2012 (HAITI-RÉFÉRENCE, 2015).

Observa-se, a partir desses números, que começou um renascimento do setor turístico no Haiti revertendo assim a indicação apresentada anteriormente de que o turismo haitiano estaria caminhando para o desaparecimento. A presença desses hotéis de marcas internacionais mudou a imagem do país no exterior e, ao mesmo tempo, é uma manifestação da integração do turismo do Haiti na cadeia global de turismo.

De maneira geral, até 2012 o setor de turismo (principalmente a hotelaria) haitiano contava mais com a presença de investidores domésticos, sem registrar presença importante de hotéis de marca

internacional. Mas, dois anos após o terremoto que colocou o país em situação de emergência, o Haiti passou a assistir a um aumento da construção de hotéis de luxo de marcas não só nacionais, mas também internacionais, como se indicou acima. O quadro 5 a seguir ilustra a evolução da abertura e/ou reabertura dos principais hotéis nacionais e internacionais de luxo no país após o terremoto.

Quadro 5 - Haiti: rumo a modernização em hotéis

<b>Nome de Hotel</b>	<b>data de abertura ou reabertura</b>	<b>Classificação (1-5 hibiscus)</b>	<b>Origem</b>
Auberge Villa Cana	2010	2 hibiscus	Haiti
B&B comfy	2010	3 hibiscus	Haiti
<b>The Inn at villa bamboo</b>	<b>2011</b>	<b>5 hibiscus</b>	<b>Haiti</b>
Servotel	2011 (Reabertura após trabalhos)	4 hibiscus	Haiti
The Allamanda Bed and Breakfast	2012	3 hibiscus	Haiti
<b>Hôtel Oasis</b>	<b>2012</b>	<b>5 hibiscus</b>	<b>Estados Unidos</b>
La Lorraine	2012	3 hibiscus	Haiti
<b>NH Haïti El Rancho</b>	<b>2012 (Reabertura após trabalhos)</b>	<b>5 hibiscus</b>	<b>Espanha</b>
Villa Nicole	2013	3 hibiscus	Haiti
<b>Best Western Premier</b>	<b>2013</b>	<b>5 hibiscus</b>	<b>Estados Unidos</b>
Monte Cristo	2014	3 hibiscus	Haiti
<b>Karibe Convention Center</b>	<b>2014 (Reabertura após trabalhos)</b>	<b>5 hibiscus</b>	<b>Haiti</b>
<b>Marriott</b>	<b>2015</b>	<b>5 hibiscus</b>	<b>Estados Unidos</b>
Royal Decameron Indigo Beach Resort & Spa	Novembro 2015 (reabertura)	3 hibiscus	Colombia
<b>Hilton</b>	<b>Abertura prevista para início de 2017</b>	-----	<b>Estados Unidos</b>

Fonte: Elaboração própria com base em dados da PRIMATURE REPUBLIQUE D'HAÏTI e (PAUL; SERAPHIN, 2015)

Observa-se pelo quadro 5 a presença no Haiti da maioria das grandes cadeias estadunidenses de hotéis, como Royal Oasis, Best Western, Marriott e Hilton, a partir de 2012. A instalação desses hotéis no país mostra o interesse atual em investimentos conjuntos (haitianos e estrangeiros), um processo que oferece uma importante possibilidade para canalizar a contribuição da diáspora haitiana ao setor do turismo.

De acordo com Séraphin (2014), o Hotel Royal Oasis inaugurado em 2012 no Haiti é o primeiro exemplo desses investimentos considerados bem sucedidos feitos pela diáspora haitiana, aproveitando uma marca internacional. Esse hotel, funcionando sob a forma de franquia, é explorado e dirigido por acionistas pertencentes ao contingente da diáspora (instalados anteriormente nos Estados Unidos). O Best Western também segue um padrão semelhante. Nota-se, com efeito, que a maioria dos investidores desses hotéis de luxo são da diáspora haitiana, que aproveitam as marcas internacionais das cadeias globais de hotéis.

Tendo em vista a preservação da identidade haitiana no setor do turismo e, mais particularmente, na hoteleira, a preferência é para o governo na escolha entre desenvolvimento de hotéis com particularidades haitianas ou de hotéis com particularidades das cadeias globais de hotéis (internacionais) (SÉRAPHIN, 2014). Para Séraphin e Paul (2016), é importante que o governo mantenha um grau de originalidade no desenvolvimento do turismo haitiano. Esses autores salientam o seguinte a respeito do assunto: “Dentro do quadro da boa vontade de desenvolver o turismo, é importante que o governo do Haiti garanta uma continuidade moderada do grau de influência externa sobre o turismo para que o setor mantenha a sua originalidade<sup>150</sup>” (p. 12).

O ponto sobre originalidade e particularidades haitianas está relacionado com a questão de aculturação, pois existe uma tendência de adaptação dos haitianos no setor em relação às potenciais turistas e investidores, como foi destacado já sobre os casos da língua, da moeda, da comida servida nos hotéis. Também pode envolver pontos relacionados com a arquitetura dos edifícios, a pintura, os nomes dos estabelecimentos, entre outros aspectos. Assim, a participação da

---

<sup>150</sup> dans le cadre d'une volonté de développer le tourisme, il est important que le gouvernement haïtien fasse en sorte que le degré d'influence extérieur sur le tourisme demeure modéré afin que le secteur garde son originalité.

diáspora deve ser parte de um desenvolvimento territorial controlado, levando-se em conta aspectos como os mencionados.

Importa salientar igualmente que o cenário atual e global do país, sobretudo com respeito à política, não garante um ambiente completamente seguro para realmente atrair investimentos em massa em qualquer setor. Por exemplo, para Jerry Tardieu, um haitiano da diáspora, presidente-diretor geral (PDG ou CEO) do hotel Oasis (primeiro hotel de padrão internacional localizado no Haiti, que abriu suas portas no dia 12 de dezembro, 2012), "investir e investir-se no Haiti, é um ato de fé<sup>151</sup>" (SÉRAPHIN; PAUL, 2016, p.7). Em outras palavras, investir tempo e dinheiro no Haiti envolve riscos altos.

Atualmente, segundo o Ministério do Turismo e das Indústrias Criativas (MTCI), que publicou os resultados completos da classificação dos hotéis em operação no país ao final de 2014, o Haiti é cada vez mais capaz de acomodar turistas e viajantes de negócios em estruturas com padrões internacionais. Nos resultados de 2014, de 525 hotéis, 177 satisfaziam os critérios de classificação do Ministério do Turismo. Os resultados para sete departamentos do país destacaram 348 hotéis, sobre um total de 525, não classificados, representando uma capacidade de 4.629 quartos (HAITI LIBRE, 2014).

Para os classificados, cinco hotéis (441 quartos no total) receberam 5 hibiscos, o equivalente das estrelas internacionais (Best Western Premier, Haiti El Rancho, Hotel Royal Oasis, Karibe Convention Center e The Inn at Villa Bambou), e sete outras instalações hoteleiras (380 quartos no total) receberam 4 hibiscos: Baka Bay Resort, Habitation Jouissant, Hôtel Montana, Hôtel Port-Morgan, Le Plaza hôtel, Servotel e Village d'Ennery. Além disso, 52 hotéis receberam 3 hibiscos (1.743 quartos no total), 92 receberam 2 hibiscos (1.985 quartos no total) e 21 hotéis receberam apenas 1 hibiscos (311 quartos no total). Dessa maneira, Todos os estabelecimentos classificados representam 51% do total de quartos disponíveis no Haiti (HAITI LIBRE, 2014).

Várias seções do trabalho mostraram que o turismo haitiano estaria caminhando para o colapso baseado no decréscimo do número relacionado à entrada de turistas, do número de quartos de hotéis disponíveis, na perda da qualidade de recepção nos estabelecimentos hoteleiros que não respeitam os padrões internacionais, nas instabilidades políticas e nas propagandas negativas que macularam a

---

<sup>151</sup> Investir et s'investir en Haïti est un acte de foi.

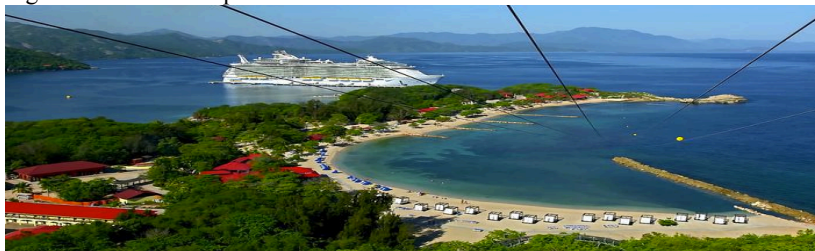
imagem do Haiti no exterior. Mas nessa seção se observa um crescimento de turistas internacionais no território haitiano e no número de hotéis de marcas internacionais desde 2012.

Com base nesses dados recentes sobre o turismo interno haitiano, esse crescimento do número de tais hotéis de marcas internacionais e do número de turistas internacionais, após o terremoto, pode ser visto como indicação de que o Haiti está a participar crescentemente da cadeia global de turismo. O Haiti começa a ser visto diferentemente no exterior e também os hotéis de luxo apresentam uma boa qualidade de recepção e respeitam ao mesmo tempo os padrões internacionais, como foi visto, de acordo com a classificação do ministério de turismo no Haiti em 2014. A próxima seção apresenta um outro tipo de turismo no solo haitiano com história de integração na cadeia global de turismo mais longa do que o tipo de turismo interno no Haiti.

### **5.2.3 Turismo de cruzeiros: paroxismo do envolvimento do Haiti na cadeia global do turismo**

Falar em turismo de cruzeiros no Haiti, no presente momento, significa referir, antes de tudo, à baía *Labadee* e à vila do mesmo nome, localizadas ao norte do Haiti, cerca de 15 km de *Cap Haitien*. É um lugar paradisíaco, devido, em primeiro lugar, à água do mar azul e profunda. A vila tem em torno de sete mil habitantes, e é povoada principalmente por pescadores, com acesso possível somente por barco. Muito falada, Labadee se constitui em uma península com praia de grande beleza e um refúgio com águas profundas o suficiente para permitir que navios de grande porte se aproximem. A figura 24 a seguir oferece uma vista dessa península.

Figura 24 - Vista das praias de Labadee



Fonte: Royal Caribbean (2010)

Normalmente, a maioria das companhias de cruzeiros do Caribe têm suas ilhas privadas, mas, no caso de Labadee, a *Royal Caribbean Cruise Lines* aluga esse espaço ao governo haitiano desde o início dos anos 1980 (LAPRESSE.CA, 2010). Foi Jean-Claude Duvalier, conhecido como Baby Doc, que selou o contrato em pessoa, em 1986: arrendamento por 64 anos de uma península de 25 hectares no Oceano Atlântico, na ponta norte do Haiti. Hoje em dia, várias vezes por semana, a companhia deixa 6.000 passageiros em Labadee, no outro lado da baía, e paga antes aos cofres das autoridades locais uma taxa que durante muito tempo correspondeu a US\$ 10 por pessoa que pisa o solo haitiano. Essa taxa passou para US\$ 12 no mês de março de 2015 (AMERICAS, 2016).

Dessa forma, de alguma maneira, esse espaço se tornou a praia privada da Royal Caribbean, que é a única linha americana de cruzeiros que opera no Haiti. Assim, quase sem qualquer concorrência, Labadee se tornou a atração turística mais popular do Haiti. De acordo com Clerici e Wall (2016), uma cerca alta protege o mundo de Labadee, e no interior desse espaço os únicos traços da rica cultura e do saber-fazer (know-how) do Haiti são os grupos folclóricos que se apresentam algumas vezes e os artesãos da vila próxima que para adentrar esse espaço privado até pagam uma taxa de ingresso, para poderem vender em “leilão” rum, camisetas e chaveiros. Algumas vezes, os passageiros da Companhia Royal Caribbean visitam os locais mais importantes da área, tais como o Palácio de Sans Souci e a Cidadela La Ferrière. Esses monumentos históricos, de grande importância na região, são mostrados nas figuras 25 e 26, a seguir.

Figura 25 - As ruínas do Palácio de Sans Souci



Fonte: Clerici; Wall (2016)

Figura 26 - Cidadela La Ferrière



Fonte: Julien (2008, p.4)

Há anos essa parte do território haitiano praticamente não tem violência. Do lado de fora, na entrada principal desse espaço privado, encontram-se guardas armados. Trata-se da materialização, nesse segmento do espaço do Haiti, do que se pode chamar de sonho tropical no auge de um processo de americanização: todos os alimentos são importados (inclusive frutas) e o rum que representa o conteúdo básico do principal cocktail disponibilizado, chamado Labadooie, não é haitiano. Suplementos (outros gastos) são cobrados diretamente nas cabines dos cruzeiros da companhia, via SeaPass, um cartão de crédito de cruzeiro. E nenhum passaporte ou visto de turista é necessário para estar no solo haitiano naquela área (CLERICI; WALL, 2016).

A praia privada de Labadee permanece um *hotspot*<sup>152</sup> para os passageiros dos navios da companhia Royal Caribbean. Muitas vezes, estes nem sequer sabem que estão desembarcando no Haiti. A Royal Caribbean fica preocupada com a má reputação de um país (o mais pobre do Hemisfério Ocidental, como já se falou) politicamente instável, que pode assustar os clientes. Assim, até pela falta proposital de informações, muitos dos passageiros imaginam estar na vizinha República (SÉRAPHIN, 2014; CLERICI; WALL, 2016).

Assim, os dois lados de Labadee (a comunidade da vila de Labadee e os turistas de cruzeiros) se encontram apenas raramente. Isso quer dizer que a maioria dos turistas nunca consegue observar como vivem os haitianos, o que eles cozinham, como eles cultivam a terra,

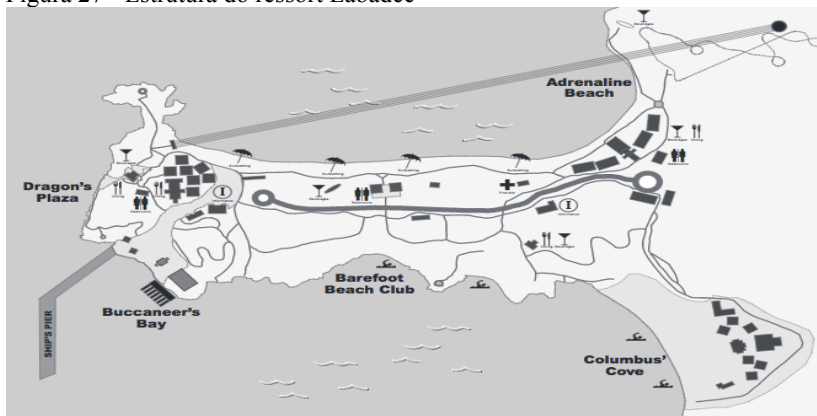
---

<sup>152</sup> Designa, geralmente, uma determinada área de relevância ecológica por possuir vegetação diferenciada da restante e, conseqüentemente, abrigar espécies endêmicas. São regiões que concentram os mais altos níveis de biodiversidade da terra.

como é a sua música. De acordo com Séraphin (2014), todos os enclaves podem ser tratados como campos entrincheirados, antimundos, uma ruptura com o resto do mundo; em suma, como espaços privatizados, isolados e limitados. E não é de outra coisa que se trata em relação a Labadee.

O resort de Labadee tem cinco praias, sete bares, um parque aquático e o porto, que pode receber os maiores navios do mundo, como o famoso *Oasis of the Seas*. Nessa propriedade guardada por um serviço de segurança privada, os passageiros de cruzeiros podem desfrutar das praias tranquilas e cercadas por uma vegetação exuberante, ou praticar muitas atividades como snorkeling, mergulho, jet-ski, caiaque de mar, parapente ou esqui aquático. Eles podem até mesmo usufruir de uma tirolesa (*Dragon's Breath Zip Line*) sobre as águas da Baía de Labadee ou andar na montanha russa de *Dragon's Tail Coaster* através da vegetação tropical. Convidados VIP da Royal Caribbean International têm direito a uma praia privada, *Barefoot Beach Club*, onde todas as atividades e as bebidas são oferecidas gratuitamente (Americas, 2016). A figura 27 fornece uma ideia sobre a estrutura do resort de Labadee.

Figura 27 - Estrutura do resort Labadee



Fonte: Royal Caribbean<sup>153</sup> (2010)

<sup>153</sup> Para mais informações sobre a estrutura do ressorte de Labadee, Acessa: <https://www.royalcaribbean.se/rcclrsx/no/flex/documents/rccl-informasjon-labadee.pdf>. Acessado em: 28 de janeiro de 2017.

Para um vídeo longo (menos de 28 minutos) sobre a estrutura, acessa: <https://www.youtube.com/watch?v=aALE5-7nhLE> e para um mais curto de menos de 3



A grande maioria dos turistas chega em Labadee a bordo de navios de cruzeiros da empresa Royal Caribbean. Em geral esses cruzeiros partem de Fort Lauderdale, no estado da Florida, passam por Labadee, antes de chegar à Jamaica, para em seguida passar em Cozumel, no México, e voltar para os Estados Unidos. Para este tipo de cruzeiro, de oito dias a bordo de um dos melhores navios do mundo, o Oasis of the Sea, os trajetos são oferecidos pela Royal Caribbean a partir de 721 euros por pessoa, com pensão completa (AMERICAS, 2016).

Nota-se que não há hotéis em Labadee, uma vez que os turistas de cruzeiros passam a noite nas cabines dos navios. Ressalta-se igualmente, que a companhia Royal Caribbean é a única com direito de utilizar as referidas instalações portuárias (AMERICAS, 2016).

Em Cap-Haitien, que é localizado a cerca de 10 km de Labadee, e ao longo das outras praias vizinhas, os turistas podem encontrar quartos para se hospedarem em terra firme, se desejarem. Mas os hotéis ainda são insuficientes no norte do Haiti, e, conseqüentemente, os preços dos hotéis considerados como confortáveis são altos. Mas, como foi frisado, os turistas de Labadee não costumam conhecer a realidade externa que caracteriza aquele espaço restrito e privado (AMERICAS, 2016).

É importante lembrar, que o número de turistas que chegam ao Haiti por meio dos navios de cruzeiros, é maior daqueles que se hospedam na rede hoteleira do país.

#### **5.2.4 Reflexos sociais e econômicos da participação haitiana no turismo internacional: algumas colocações**

Essa parte ocupa-se do problema referente aos impactos do turismo na economia haitiana, sobretudo na vida das populações envolvidas nas atividades turísticas, pois a discussão sobre a participação do Haiti na cadeia global de turismo relaciona-se à própria questão – mais ampla – do desenvolvimento socioeconômico do país, e não somente aos resultados logrados pelas empresas, sejam elas nacionais ou internacionais. O *World Travel and Tourism Council* (WTTC, 2015, p. 3) assim se pronuncia sobre os impactos das viagens e do turismo numa economia (em um país, em uma região):

O impacto das viagens e do turismo no desenvolvimento econômico e social de um país pode ser enorme; abrindo-o para negócios, comércio e investimento de capital, criando empregos e empreendedorismo para a força de trabalho e protegendo o patrimônio e os valores culturais. No entanto, para compreender plenamente o seu impacto, os governos, os decisores políticos e as empresas em todo o mundo necessitam de dados precisos e fiáveis sobre o impacto do setor. São necessários dados para ajudar a avaliar as políticas que governam o futuro desenvolvimento da indústria e fornecer conhecimento para ajudar a orientar as decisões de investimento bem sucedidas e sustentáveis a respeito de viagens e turismo<sup>154</sup>.

Apesar da falta de dados precisos sobre as viagens e o turismo no Haiti, o intuito principal aqui, é procurar formar uma ideia com base no pouco que se encontra disponível, e explorando trabalhos de outros pesquisadores, sobre os impactos econômicos e sociais das atividades turísticas no país.

Como já assinalado neste trabalho, o Haiti é um país com vários monumentos que datam do período colonial, e tem uma história particular que o distingue de outros países do Caribe. Ambos os aspectos, entre outros, representam atributos importantes para o turismo. Mas não se sabe, realmente, o quanto essa presença de condições para o turismo tem contribuído para melhorar a situação social do povo haitiano, por conta da eventual atratividade que possa exercer sobre visitantes oriundos de outros países. Sabe-se também que, de acordo com UNWTO (2011), o turismo cultural é realizado de uma maneira geral pode ser rentável, se as autoridades tomarem medidas necessárias e

---

<sup>154</sup> Travel & Tourism's impact on the economic and social development of a country can be enormous; opening it up for business, trade and capital investment, creating jobs and entrepreneurialism for the workforce and protecting heritage and cultural values. To fully understand its impact, however, governments, policy makers and businesses around the world require accurate and reliable data on the impact of the sector. Data is needed to help assess policies that govern future industry development and to provide knowledge to help guide successful and sustainable Travel & Tourism investment decisions.

que permitam que muitos haitianos se integrem às atividades correspondentes.

Mas o turismo não tem apenas benefícios, no caso da atuação da companhia Royal Caribbean no território haitiano, o resort Labadee é, ao ver de Séraphin (2014), um exemplo de aproveitamento da vulnerabilidade da capacidade adaptativa dos cidadãos haitianos (aspecto mencionado anteriormente) para criar um enclave. Essa vulnerabilidade, na visão desse autor, é um ponto fraco certamente explorado pelos investidores estrangeiros dos Estados Unidos. Por exemplo, em 1989, a empresa americana *Lenz International Inc.* tentou comprar a ilha de la Tortue para transformá-la em um enorme complexo turístico.

De forma geral, para Séraphin (2014), Labadee não é um enclave turístico isolado no Haiti; a atividade turística no Haiti, em si, representa um enclave. De fato, considerando-se a definição de enclave, no sentido em que se usa a palavra aqui, pode-se dizer que a atividade turística como um todo representa um enclave, porque exclui a grande maioria da população do Haiti. Muitos haitianos não têm condições para responderem às suas necessidades básicas, e nem pensam na possibilidade de fazerem turismo. Parece absurdo, assim, desenvolver turismo num determinado território sem envolver as pessoas das comunidades. Não se pode fazer o turismo contra, mas com a população local.

É importante salientar que essa exclusão da grande maioria dos haitianos não é de maneira absoluta, uma vez que existem alguns haitianos empregados no resort de Labadee e nos hotéis de marcas internacionais. Essa exclusão pode ser relacionada com os tipos de empregos e a qualidade desses empregos, com a melhoria de condição de vida das pessoas envolvidas, com os desdobramentos do setor turístico sobre outras atividades econômicas, entre outros aspectos.

Se a presença desses tipos de atividades no solo haitiano que pretendem integrar crescentemente o turismo na cadeia global de turismo, não proporcionar *upgrading* para a economia como um todo, como foi visto no fundamento teórico, elas não deixam de ser consideradas como enclaves dentro da economia haitiana, mesmo gerando alguns efeitos na economia. Esse ponto fica mais claro no decorrer deste capítulo.

Outro aspecto, que é ainda mais difícil de conceber, é o fato de que a presença dos hóspedes ou dos visitantes que estabelecem de alguma forma um relacionamento com as populações, pode fazer nascer

de novo um evento doloroso da história, como o período colonial e a escravidão. De acordo com Séraphin (2013), o visitante não é apenas um hóspede ou turista no Haiti; ele (hóspede) também é visto como o “Blanc” que causou dor durante o período colonial. Conforme esse autor, turistas no Haiti não são apenas turistas, eles são chamados lá de brancos: 'Blanc'. Eles são constantemente referidos por sua cor da pele. É um povo receptivo sim, mas a memória do que aconteceu no período colonial em relação aos brancos não se apaga.

Os meios de comunicação também muitas vezes julgam, não com bons olhos, a presença de Royal Caribbean no Haiti, que representaria uma investida de indivíduos "ricos" contra os "despossuídos". Tal situação teria uma representação muito simbólica na separação por arame farpado dos espaços dos resorts em relação ao seu exterior, em território haitiano. De acordo com Clerici e Wall (2016), passageiros desses cruzeiros que chegam a Labadee têm oportunidade de observar haitianos implorando por comida através da cerca, observando a disposição dos alimentos nos buffets para consumo turístico. Ao fausto e à ostentação faz contraponto um elevado grau de miséria, separados por poucos metros e por cercas.

O turismo, dessa forma, não deixaria de reproduzir o padrão mestre (rico) versus escravo (pobres). Nesse contexto, o haitiano sente um forte sentimento de alienação e expropriação contra os seus próprios ativos. As populações locais se incomodam com os visitantes que mostram abertamente as suas condições sociais e econômicas bem superiores, caracterizados como turistas.

Vodu (prática da própria cultura do povo) surgiu como um meio para suportar a opressão durante a escravidão no tempo colonial e hoje está evoluindo como uma forma de entretenimento para os visitantes que são chamados de brancos. Vodu foi estabelecido como resultado de uma falta de confiança entre os escravos negros e os mestres brancos, assim, hoje turismo pode replicar esta relação na memória do povo haitiano. “Hoje, tanto as práticas de turismo como os eventos de vodu são exemplos de servilismo acordado<sup>155</sup>” (SÉRAPHIN, 2014, p. 9).

As manifestações que acontecem as vezes contra a forma de atuação de Royal Caribbean podem ter a ver com o desejo dos haitianos de ter melhores e mais empregos, de ter tratamentos e condições de vida mais adequadas em vários aspectos dentro e fora do resort. Por exemplo,

---

<sup>155</sup> Today both tourism practices and voodoo events are examples of agreed servility.

no mês de janeiro de 2016, a companhia foi obrigada a cancelar três escalas em Labadee em razão das manifestações das comunidades. Na primeira escala cancelada (em 19 de janeiro de 2016), o navio de cruzeiros *Freedom of the Seas* já estava chegando ao porto quando pessoas em pequenos barcos organizaram uma manifestação em torno do navio gritando “Queremos empregos, queremos empregos” (ALPHONSE, 2016; JOACHIM, 2016). As figuras 28 e 29 ilustram as imagens das manifestações a Labadee.

Figura 28 - Manifestação a Labadee



Fonte: L'UNION SUITE (2016)

Figura 29 - Manifestantes ao redor de Freedom of the Seas



Fonte: Haiti Libre (2016)

No mesmo mês de janeiro de 2016, nos dias 21 (envolvendo o navio *Navigator of the Seas*) e 24 (com o *Vision of the Seas*), mais duas escalas foram canceladas. Esses navios nem se aproximaram do porto, pois a companhia e o governo não tinham ainda resolvido os problemas que motivaram as manifestações. Nesses momentos de manifestações, de acordo com Joachim (2016) e Haiti Libre (2016), os responsáveis pela companhia Royal Caribbean argumentam que o turismo de cruzeiros representa mais de 60% de todos os visitantes no Haiti, e advertem que, se um evento (manifestação) dessa natureza ocorre enquanto o navio estiver no porto, tende a produzir um impacto significativo nas possibilidades de seus clientes desfrutarem de Labadee. Assim, o resultado poderia ser a necessidade de cancelar a visita inteiramente e, talvez, definitivamente.

O quadro parece ser de relação de força nas negociações entre a companhia Royal Caribbean, os governos locais e as comunidades. Parece que houve exigências da Companhia para que os governos locais pacificassem as comunidades em Labadee, pondo fim às manifestações, de modo que o negócio pudesse voltar a funcionar da melhor maneira possível (JOACHIM, 2016; HAITI LIBRE, 2016).

A história da integração do turismo haitiano na cadeia global de turismo tem a ver em maior grau com a atuação da companhia Royal Caribbean em Labadee, que recebe mais de 50% do fluxo turístico internacional do país desde o final da década de 80 até hoje, uma vez que o turismo interno só começou a ter uma integração na cadeia global com a vinda de hotéis de marcas internacionais em 2012 após o cataclismo de 2010 como já foi visto.

Mas, não se observa *upgrading* para a economia haitiana em relação à presença dessa atividade. Na parte teórica do trabalho, Bolwell e Weinz (2008) assinalam que o turismo é importante para a criação de emprego e redução da pobreza e é reconhecido como uma importante fonte de crescimento econômico, especialmente nos países pobres. No caso do Haiti, observa-se a insatisfação das comunidades em Labadee com a falta de empregos, e parece não haver melhoria de condição de vida das populações envolvidas e nem crescimento econômico em relação às atividades em torno de Labadee.

Em resumo, o turismo de cruzeiros representa um forte aspecto do envolvimento do Haiti na cadeia global do turismo, mas os reflexos em termos de geração de oportunidades de trabalho parecem ser muito fracos. E as demandas das comunidades normalmente não são atendidas com as manifestações delas, uma vez que em vários casos, o papel do

estado é pacificar a população para que o negócio da companhia possa continuar.

Outro aspecto que pode (e deve) ser levado em conta a respeito do turismo de cruzeiros no Haiti refere-se à questão da poluição. Observa-se que os grandes navios de cruzeiros da companhia *Royal Caribbean* não se importam, em cada passagem na ilha, em jogar no solo haitiano numerosas bandejas vazias usadas para embalar comidas, deixando restos de alimentos para os pobres locais, assim como uma grande quantidade de lixo não reciclável<sup>156</sup>. Olhando a situação do meio ambiente no Haiti em relação a esse caso específico, isto é, na área de *Labadee*, e considerando o pouco que é feito com respeito ao problema, percebe-se que não há como contar com este tipo de turismo para melhorar a situação das populações envolvidas.

Assim, não parece haver equívoco na postulação de que, em muitos aspectos, o Haiti – tendo concedido a península de Labadee à empresa norte-americana – não logrou se beneficiar em termos sociais e ambientais dessa forma de engajamento na cadeia global do turismo. Há que considerar, todavia, que, como já assinalado anteriormente, o acordo de Labadee prevê que para cada turista que pisa o solo haitiano a empresa deve pagar US\$ 12 ao governo do país, algo não insignificante tendo em vista que Labadee recebe em torno de 600.000 turistas de cruzeiros por ano. De outra parte, o governo haitiano recolhe em torno de US\$ 30 para cada turista que se hospede no Haiti. Não há, entretanto, informações sobre a destinação desses recursos assim arrecadados (PLACIDE, 2011).

Tudo isso autoriza emitir desde já o ponto de vista segundo o qual as autoridades do Haiti precisariam projetar uma política de turismo que permitisse ao país manter não apenas a originalidade de seu patrimônio sociocultural mas também o seu patrimônio ambiental, beneficiando os próprios cidadãos do país com os retornos financeiros, o que significa, entre outras coisas, inclusive salvaguardar a sua dignidade como povo com uma trajetória singular.

Agora, além dos impactos sociais, importa-se abordar os impactos econômicos. Os dados sobre o turismo no Haiti referentes ao período anterior ao terremoto de 12 de janeiro de 2010 indica que em

---

<sup>156</sup> Para mais informações sobre a poluição dos navios de cruzeiros de maneira geral, acessa: <https://reporterre.net/Les-paquebots-geants-sont-une-source-geante-de-pollution-marine>. Acessei em: 27 de janeiro de 2017.

1996 havia 1.120 empregos diretos registrados, um número que passou para 3.150 em 2000 e, em seguida, para 5.500 em 2004. Os empregos indiretos e induzidos foram estimados em 2.800 para o ano de 1996. Esses empregos passaram a 7.875 em 2000 e chegaram a 13.750 em 2004, um patamar considerado alto no país (DORÉ, 2010, p.197).

Considera-se como diretos, nos números indicados, os empregos vinculados a hotéis, agências de viagens, operadores turísticos, restaurantes, grupos de dança, grupos musicais e de transporte turístico, marketing formal e informal, artesanato e produtos de pintura. Os empregos indiretos são criados na agricultura, entre artesãos em centros de formação, nos serviços públicos, no setor da construção e em serviços relacionados nas áreas de comunicação e bancária.

Os retornos financeiros do turismo para o povo haitiano são difíceis de serem identificados, e sobretudo de serem mensurados e estimados. Mas acredita-se que existem possibilidades nesse subsetor, ligadas à valorização das potencialidades do país e à capacitação da população via esquemas<sup>157</sup> de formação profissional voltados ao desenvolvimento do turismo, com criação de empregos em várias atividades que têm ligações diretas ou indiretas com o setor.

Por exemplo, após o terremoto, o governo manifestou sua boa vontade para o renascimento do turismo no solo haitiano investindo em diferentes projetos. Segundo Haïti Libre (2015), o governo Michel Martelly nos seus primeiros 4 anos (2011 a 2015) tem apoiado e acompanhado uma série de projetos de investimento em turismo e serviços relacionados, no valor de mais de US\$ 345 milhões:

- 35 projetos de alojamento turístico;
- 4 projetos de transporte de turista para o caráter nacional;
- 2 projetos de turismo (*Marina Blue e Duty Free Americas of Haiti*);
- 2.180 quartos no total, são construídos ou em construção;
- 100 apartamentos estão em construção;
- Uma centena de veículos com guias motoristas, acabará por estar em circulação.

Estes projetos criaram 3.425 empregos diretos e 10.275 empregos indiretos (cada emprego direto gera 3 empregos indiretos), um total de 13.700 empregos diretos e indiretos no turismo e serviços relacionados.

---

<sup>157</sup> Exemplos são dados mais na frente.



As estimativas para o ano de 2012 mostraram que a tradução monetária dos impactos diretos do turismo atingiu 120,5 milhões de dólares americanos, equivalendo a 1,5% do PIB total do país naquele ano. E as perspectivas de crescimento para o período 2013-2022 foram calculadas como sendo de 5,8% anualmente, sendo que o número de empregos existentes em 2012 seria de 46.500 (correspondendo a 1,3% da população ativa) (FORMATION PROFESSIONNELLE HOTELIÈRE D'HAÏTI, 2014)<sup>158</sup>.

As estimativas, de acordo com a mesma fonte, e que levam em conta os impactos diretos e indiretos, mostraram que o turismo proporciona um PIB de 348 milhões de dólares americanos para o mesmo ano, isto é, 4,5% do PIB total. As perspectivas de crescimento para o mesmo período são de 6,4% anualmente, sendo que os empregos existentes para o mesmo ano girariam em torno de 138.000 (3,9%).

No caso dos impactos do turismo de cruzeiros, a Royal Caribbean construiu uma escola depois de mais de 25 anos no território haitiano, em 2010, à qual deu o seu nome. De acordo com Walker (2010) e NIR (2011), essa iniciativa foi tomada quando, logo após o terremoto, a companhia recebeu críticas nacional e internacionalmente por ter clientes em Labadee se divertindo apenas seis dias após o cataclismo. Relembrando que essa tragédia natural dizimou cerca de 300 mil pessoas e deixou mais de um milhão sem abrigo.

Conforme Walker (2010) e NIR (2011), a escola é gerida por um grupo sem fins lucrativos, e é composta por seis edifícios, doze salas de aula, escritórios administrativos e um laboratório de informática. Cerca de 230 alunos de aldeias vizinhas, do jardim de infância à quinta série, vão estudar nessa escola pagando uma taxa de US\$ 5 por mês (WALKER, 2010; NIR, 2011).

Em um país onde a taxa de desemprego atingiu 70% após o terremoto, estimava-se que cerca de 230 de moradores da vila de Labadee iriam trabalhar no local como assistentes nos equipamentos turísticos, agentes de manutenção das instalações, na limpeza, como professores de surf, na preparação de refeições e na supervisão das atividades aquáticas, entre outras atividades cujas remunerações, de acordo com a Royal Caribbean, estaria "bem acima do salário médio". A companhia também permite que muitos vendedores de rua montem as

---

<sup>158</sup> Formação profissional hoteleira do Haiti. É a instituição mais antiga de formação hoteleira do Estado.

suas barracas. Em resumo, 500 pessoas e suas famílias dependem da atividade econômica gerada pelos passageiros de cruzeiro no Haiti. Outros têm direito de visitar o resort nos dias sem cruzeiros, sob autorização (LAPRESSE.CA, 2010; CLERICI; WALL, 2016).

Lembrando algo que foi sublinhado na parte teórica: apesar dos programas de treinamento em países da semiperiferia e periferia implicados no turismo, altos cargos gerenciais representativos de salários comparativamente mais altos são frequentemente ocupados por estrangeiros. No caso de Labadee, não existem informações disponíveis sobre o treinamento dos trabalhadores nos locais envolvidos. Com efeito, é comum considerar que os trabalhadores locais não são habilitados e capacitados para tais cargos. Essas pessoas envolvidas no turismo em Labadee, provavelmente não estão satisfeitas em relação aos tratamentos recebidos lá.

A escola construída pela companhia Royal Caribbean após o cataclismo sob o efeito de críticas não tem ligação direta com a atividade turística em labadee. Não é sem razão que o título do artigo de Walker sobre essa escola é o seguinte: “A Escola Royal Caribbean no Haiti - um compromisso genuíno ou um golpe de publicidade<sup>159</sup>?”. De modo geral, observa-se que essa integração do turismo haitiano de Labadee na cadeia global de turismo não proporcione o *upgrading* desejado e projetado pelas políticas de crescimento e desenvolvimento econômico implementados normalmente pelo estado em conjunto com outros atores interessados na atividade turística, como foi destacado no segundo capítulo.

Em termos de investimentos gerados pela atividade turísticas, não se tem dados completos para o Haiti. Mas, a área que recebeu o maior investimento nos últimos anos é a de telecomunicações. Duas empresas estrangeiras, a Digicel, da Jamaica, e a Natcom, do Vietnam, investiram substancialmente para desenvolver as suas redes, e estão atualmente oferecendo serviços de telefonia fixa, móvel e Internet. A Heineken é outro investidor estrangeiro importante: a empresa holandesa adquiriu a “Brasserie nationale d’Haïti – Brana<sup>160</sup>” em 2011 (e possui hoje mais de 90% do capital social) e investiu na modernização de suas instalações para atender o crescimento da demanda de cerveja e refrigerantes (AMBASSADE DE FRANCE EN

---

<sup>159</sup> The Royal Caribbean School in Haiti - A Genuine Commitment or a Publicity Stunt?

<sup>160</sup> Brana é uma cervejeira nacional do Haiti fundada em 1973.

RÉPUBLIQUE DOMINICAINE/SERVICE ÉCONOMIQUE, 2014; LE NOUVELLISTE, 2014; BNP PARIBAS, 2016).

IED, desde 2010, começaram a se concentrar no setor de turismo, incluindo a implementação de várias cadeias de hotéis como Best Western, NH e Occidental Royal Oasis. O maior projeto no registro foi a construção do hotel Marriott em Puerto Principe, para um custo estimado de US \$ 50 milhões. A empresa Carnival Cruise Lines anunciou recentemente construção próxima de um porto na ilha de Tortuga para um investimento estimado de US \$ 70 milhões (AMBASSADE DE FRANCE EN RÉPUBLIQUE DOMINICAINE/SERVICE ÉCONOMIQUE, 2014; LE NOUVELLISTE, 2014).

De maneira geral, não se pode dizer com exatidão quanto de IED está no setor de turismo. De fato, não existem dados claros e disponíveis sobre as porcentagens de investimentos, seja para os investimentos de origem nacional, seja para os de origem internacional. Mas, tendo em vista os números da tabela 20 a seguir, pode-se afirmar que o estoque de capitais internacionais está aumentando ao longo dos anos, sobretudo à reboque do processo de reconstrução do país após o terremoto de 2010. Conseqüentemente, tem sentido a hipótese de que o valor e o estoque de investimentos estrangeiros no setor de turismo têm aumentado.

Tabela 20 - Evolução do IDE no Haiti (em milhões de dólares americanos) – 2001-2015

Ano	Fluxo IDE	Estoque de IDE	% do PIB
2001	4	99	3
2002	6	-	-
2003	14	-	-
2004	6	-	-
2005	26	151	4
2006	161	312	-
2007	75	386	-
2008	29	416	-
2009	55	471	-
2010	178	649	-
2011	119	768	10
2012	156	924	12
2013	190	1.067,00	12,6
2014	99	1.166,00	13,4
2015	104	1.270,00	14,7

Fonte: Elaborada própria com base em dados de BNP PARIBAS (2016); HAITI LIBRE (2015); EMBAIXADA FRANCESA NA REPUBLICA DOMINICANA (2016); ONU/ECLAC (2015)

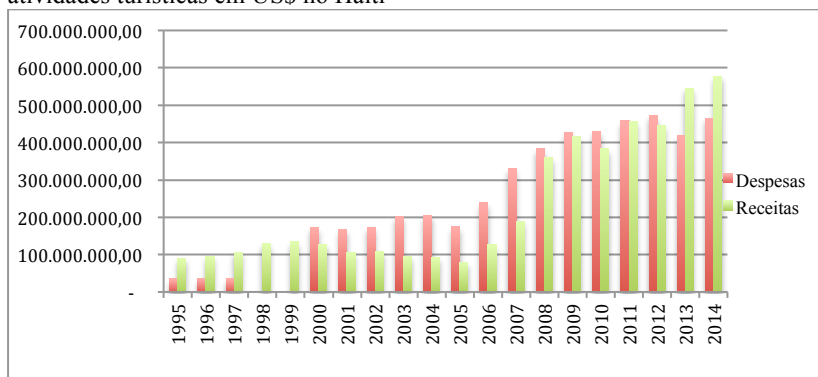
Observa-se na tabela 20 acima, que o fluxo de IDE no país triplicou de 2009 para 2010 e que os estoques IDE passam a ter um peso cada vez maior no PIB do país a partir de 2010, pois após o cataclismo no país, os IDEs começaram a entrar em maior volume no país. Não se sabe quanto desses estoques é alocado por setor, mas de acordo com *World Travel and Tourism Council* (2015) os investimentos diretos estrangeiros em viagens e turismo no Haiti em 2014 representaram 4,2% dos investimentos diretos estrangeiros totais. Esses investimentos devem conhecer um aumento de 3,5% em 2015. A tabela 21 e o gráfico da figura 30, a seguir, mostram a evolução dos gastos dos turistas e das receitas recolhidas das atividades turísticas no país.

Tabela 21 - Despesas dos turistas, receitas de turismo em US\$ e percentagem do valor das receitas do turismo no montante total das exportações do Haiti

Ano	Despesas	Receitas	% Exportação
1995	35.000.000,00	90.000.000,00	46,79
1996	37.000.000,00	96.000.000,00	<b>50,10</b>
1997	35.000.000,00	107.000.000,00	28,22
1998	.....	131.000.000,00	27,65
1999	.....	135.000.000,00	25,41
2000	173.000.000,00	128.000.000,00	25,41
2001	168.000.000,00	105.000.000,00	23,64
2002	172.000.000,00	108.000.000,00	25,65
2003	202.000.000,00	96.000.000,00	20,43
2004	206.000.000,00	93.000.000,00	18,14
2005	174.000.000,00	80.000.000,00	<b>13,22</b>
2006	239.000.000,00	126.000.000,00	18,28
2007	331.000.000,00	190.000.000,00	24,38
2008	383.000.000,00	360.000.000,00	39,25
2009	427.000.000,00	416.000.000,00	40,23
2010	431.000.000,00	383.000.000,00	37,68
2011	458.000.000,00	456.000.000,00	34,76
2012	473.000.000,00	447.000.000,00	33,66
2013	418.000.000,00	546.000.000,00	34,85
2014	465.000.000,00	578.000.000,00	<b>34,77</b>

Fonte: IndexMundi (2015); World Bank (2017); UNCTAD (2017)

Figura 30 - Evolução das despesas dos turistas e das receitas recolhidas das atividades turísticas em US\$ no Haiti



Fonte: Elaboração própria com base em dados da tabela 21

Apesar de não existirem dados sobre o número de turistas haitianos em terras estrangeiras, pois os documentos mostram geralmente que os haitianos não são turistas, e sim, quando no exterior, são pessoas em fuga, percebe-se que existem despesas turísticas, que seriam os gastos dos turistas haitianos fora do Haiti, de acordo com a definição de OMT (2015) sobre as despesas turísticas. E, em média, para o período de 1995 até 2014, nota-se que as despesas são mais elevadas do que as receitas turísticas obtidas no Haiti.

Dependendo do período e do momento histórico do país, essas despesas representam os gastos dos próprios haitianos para fazer turismo no exterior ou para deixar de maneira definitiva o país. Foi visto ao longo do trabalho, que existe um fluxo elevado de emigrantes no Haiti em momentos de instabilidades ou de falta de oportunidades.

Na tabela 21, percebe-se que nos anos da década de 90, as receitas eram maiores do que as despesas, representando um pouco mais de 50% nas exportações do país em 1996. A partir de 2000 até 2012, o contrário acontece, e as receitas passaram a representar um pouco mais de 13% em 2005 nas exportações do país. E a partir de 2013 reverteu o quadro de novo, as receitas voltaram a crescer, representando quase 35% nas exportações do país em 2014. Observa-se também muitas oscilações nessas receitas e despesas.

De todo modo, essas percentagens, no geral, não são negligenciáveis. A projeção para 2015 e para o período que vai até 2025, é que se mantenha essa última percentagem (WTTC, 2015). Não se encontram literaturas durante a pesquisa explicando de maneira explícita o por que dessas mudanças e oscilações nas despesas e nas receitas do turismo, mas a partir de tudo que foi dito sobre a história do país e do turismo em seu território, pode-se tirar algumas conclusões.

Por exemplo, no ano de 1995, o plano diretor foi projetado e no ano de 1996 esse plano foi publicado por um governo eleito democraticamente, desse modo o país conheceu um momento de estabilidade que é favorável para o fazer turístico. Conseqüentemente, as receitas eram maiores do que as despesas. Posteriormente esse quadro mudou em 2001 com o presidente Aristide; o país não conheceu estabilidade política. MINHUSTA chegou no Haiti em 2004 para pacificar e estabilizar o país, que também passou por vários desastres naturais em 2008 e 2010, deixando assim seu território não seguro para o fazer turístico. Conseqüentemente as receitas diminuíram nesse período, antes de voltarem a crescer e serem maiores de novo em 2013, após os esforços do governo eleito em 2011 para mudar a imagem do

país no exterior e integrar o turismo haitiano crescentemente na cadeia global de turismo.

Os dados mais recentes sobre o turismo do Haiti, disponibilizados por WTTC (2015), mostram que a contribuição direta das viagens e do turismo representava 3,2% do PIB total em 2014, prevendo-se um aumento de 5,2% dessa contribuição em 2015. E a contribuição total (impacto direto, indireto e induzido) das viagens e do turismo para o PIB foi estimada em 9,5% do PIB total em 2014, prevendo-se então um aumento de 5,1% em 2015.

Em 2014, as viagens e o turismo proporcionaram diretamente 104.500 postos de trabalho (2,7% do emprego total), e previu-se um aumento de 2,1% em 2015. Naquele ano, a contribuição total das viagens e do turismo para o emprego, incluindo empregos indiretamente ligados ao setor, foi de 8,2% do emprego total (319.000 postos de trabalho), sendo que se previa um crescimento de 2,0% em 2015, isto é, da ordem de 325 mil postos de trabalho. As tabelas 22 e 23 mostram a contribuição do setor de viagens e turismo no PIB e nos empregos em 2014, para o Haiti e também para outros países na região do Caribe, permitindo uma visão comparativa.

Tabela 22 - Países selecionados na região do Caribe - Contribuição total do setor de viagens e turismo no PIB (em valores e em percentagem) - 2014

Contribuição total no PIB					
Ranking		US\$ bilhões(2014)	Ranking		% PIB (2014)
	Média Mundial <sup>1</sup>	<b>58.3</b>	1	Aruba	88.4
	Média América <sup>2</sup>	<b>47.6</b>	5	Anguilla	61.2
60	Republica Dominicana	10.1	10	Bahamas	43.6
92	Jamaica	3.9	15	Barbados	36.1
93	Bahamas	3.8	22	Jamaica	27.2
111	Aruba	2.3	23	Dominicana	26.4
114	Trinidad e Tobago	2.0	26	Grenada	24.2
126	Barbados	1.7	43	Republica Dominicana	16.0
<b>143</b>	<b>Haiti</b>	<b>0.9</b>		Mundo	<b>9.8</b>
170	Grenada	0.2	<b>90</b>	<b>Haiti</b>	<b>9.5</b>
172	Anguilla	0.2	106	Trinidad e Tobago	8.7
176	Dominicana	0.1		America	<b>8.4</b>

Fonte: Elaboração própria com base em dados de WTTC (2015)

Notas: 1) é a média de todos os países do mundo

2) é a média de toda a America (Norte, Sul e central)



Tabela 23 - Contribuição total das viagens e do turismo nos empregos em numero e em percentagem

Contribuição nos empregos					
Ranking		empregos em mil (2014)	Ranking		% emprego total
	Média Mundial	<b>2076.6</b>	2	Aruba	90.8
	Média América	<b>943.1</b>	4	Anguilla	63.4
51	Republica Dominicana	624.0	8	Bahamas	51.6
<b>77</b>	<b>Haiti</b>	<b>318.8</b>	14	Barbados	35.7
90	Jamaica	227.2	22	Jamaica	24.7
119	Bahamas	98.1	25	Dominicana	24.0
133	Trinidad e Tobago	72.7	28	Grenada	22.1
147	Aruba	45.8	49	Republica Dominicana	14.7
148	Barbados	45.1	68	Trinidad e Tobago	11.6
172	Grenada	10.6		Americas	<b>9.6</b>
176	Dominicana	8.4		Mundo	<b>9.4</b>
184	Anguilla	4.7	<b>108</b>	<b>Haiti</b>	<b>8.2</b>

Fonte: Elaboração própria com base em dados de WTTC (2015)

Para as comparações das tabelas 22 e 23, os destinos concorrentes selecionados são aqueles que oferecem um produto turístico semelhante e competem, no setor, junto aos mercados de origem. Tais países tendem a ser, mas não são em todos os casos, vizinhos geográficos (WTTC, 2015).

Em termos comparativos, as tabelas 22 e 23 indicam que o setor de viagens e turismo não representa uma grande contribuição ao PIB e aos empregos, no caso do Haiti. Por exemplo, em Aruba as viagens e o turismo têm uma contribuição total de 88,4% no PIB, e na Republica Dominicana, o vizinho mais próximo do Haiti, essa contribuição é de 16%, no último país essa contribuição é de somente 9,5% em 2014.

Percebe-se um desempenho baixo também em termos de empregos, na mesma perspectiva de comparação. O setor de viagens e turismo em Aruba tem uma contribuição total de mais de 90%, e na

República Dominicana essa contribuição é de 24 %. No Haiti, a correspondente participação pouco supera 8%.

É importante salientar que, de acordo com a OMT (2016) em termos de crescimento real da contribuição das viagens e do turismo no PIB, o Haiti é o segundo país em dinamismo na região em 2015. O crescimento de Bahamas, primeiro colocado na região, foi de 6,3%, e o Haiti conheceu uma expansão de 5,1%. O crescimento do número de turistas em 2015 no Haiti foi de 4,8 % (terceiro colocado na região). Entretanto, o crescimento dos empregos e dos investimentos no setor ainda é baixo, relativamente aos demais países da região para o ano de 2015 (WTTC, 2015; OMT, 2016).

Cabe também assinalar, que no Haiti não se observam outras instituições de formação de recursos humanos além das duas escolas de hotelaria existentes antes do terremoto de 2010. O que mais há no país são projetos pilotos de formação em programas de 3 meses. Foi só em 2016 que se discutiu e projetou a abertura de uma escola de hotelaria internacional, com início de funcionamento marcado para o mês de outubro daquele ano. Os estudantes dessa nova escola receberiam um certificado de formação em cozinha internacional, em "housekeeping" (serviço de limpeza dos alojamentos) e em atuação em bar-restaurante, ao fim de 9 meses (HAITI LIBRE, 2016).

Seja nas escolas de hotelaria nacionais ou internacionais, e em demais projetos pilotos no Haiti, as formações no setor preparam pessoas, geralmente, para trabalhar em bares, restaurantes, cozinhas, confeitarias e recepção, entre outros serviços turísticos. Outros poucos haitianos recebem formações para serem guias turísticos, agentes de viagens, operadores turísticos ou coordenadores de eventos. Dessa forma, poucos haitianos ocupam outros tipos de vagas mais prestigiosas e melhor remuneradas no setor turístico do Haiti (MINISTÈRE DU TOURISME, HAITI, 2014; HAITI LIBRE, 2014).

No capítulo 2 da dissertação, Gereffi, Fernandez-Stark e Psilos (2011) abordam o aspecto do desenvolvimento da força de trabalho ou da mão de obra que é associado ao processo de integração do turismo doméstico na cadeia global de turismo via educação, intercâmbio de informação. Esses autores desenvolvem trabalhos mostrando que a maior portabilidade de habilidades e melhores condições de trabalho são importantes para uma integração potencialmente mais produtiva na economia mundial.

Mas no caso do Haiti, observa-se que sua integração na cadeia global de turismo não acompanha um processo de desenvolvimento de

maiores habilidades e melhores condições de trabalhos para as pessoas das comunidades envolvidas. Assim, não se pode esperar que o Haiti melhore a sua posição dentro da cadeia global de turismo, de modo a gerar e reter mais valor. Relembrando que a ideia central de integração crescente dentro de uma cadeia global é “*catching up*” e “*upgrading*”, sobretudo no caso dos países periféricos e semiperiféricos.

Apesar do Haiti não aproveitar muito a sua integração dentro da cadeia global de turismo, a ideia dos governos é procurar aumentar a mesma. Tendo por base as potencialidades turísticas do país, eles querem desenvolver projetos maiores para uma integração crescente dentro dessa cadeia. A próxima parte deste capítulo aborda esses pontos mencionados aqui.

### 5.3 PERSCRUTANDO O FUTURO COM BASE NAS INCERTEZAS DO PRESENTE

Apesar de que o turismo haitiano, por décadas, passou por muitas dificuldades internas e externas, ele não deixou de ser considerado como um dos principais pilares de crescimento e de desenvolvimento econômico do país. Após desastres naturais em 2008 e 2010, que debilitaram o país como destino turístico, o governo eleito de 2011, considerando as potencialidades turísticas do país, escolheu fazer esforços para mudar a imagem do Haiti como destino turístico, tendo em vista uma maior integração do turismo haitiano na cadeia global de turismo.

Nessa tentativa, também são destacados alguns projetos atualmente em curso. O objetivo geral é atingir resultados na forma de avanços quanto à integração do turismo realizado em território haitiano à cadeia global do turismo. Tais projetos inserem-se no plano macro do Haiti de 2012 (*PLAN STRATÉGIQUE DE DÉVELOPPEMENT D’HAÏTI >> PAYS ÉMERGENT EN 2030*<sup>161</sup>), cuja pretensão maior é permitir a esse país a condição de emergente até 2030. Dessa forma, a primeira seção a seguir trata das potencialidades turísticas do Haiti, e a segunda aborda os projetos turísticos para o presente e o futuro.

---

<sup>161</sup> PLANO ESTRATÉGICO DE DESENVOLVIMENTO DO HAITI >> PAÍS EMERGENTE EM 2030.

### 5.3.1 Potencialidades turísticas do Haiti

O Haiti é um país de grandes belezas naturais, com 75% do território formado por montanhas e 25% por planícies. Seus patrimônios físico-natural e histórico-cultural registram 1.500 km de litoral; 790 patrimônios históricos; 114 fortificações; 149 monumentos históricos; 75 grutas (Cavernas); 111 praias; 86 sítios arqueológicos; 49 outras paisagens naturais; 18 lugares altos sagrados (locais de adoração em porções elevadas de terra) e 188 festividades (UNWTO, 2011). As duas figuras (31, 32) a seguir mostram um pouco a beleza e o brilho de alguns patrimônios do país.

Figura 31 - Haiti: Parque Histórico Nacional



Fonte: Ministério do Turismo (2013)

Criado por decreto presidencial em 1978, o Parque Histórico Nacional está localizado na área dos maciços do Norte, reconhecido como patrimônio mundial pela *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization* (UNESCO) em 1982. Fazem parte desse conjunto: a “Citadelle Laferrière”, uma das fortalezas mais imponentes construídas no continente americano no século XIX, pelo rei<sup>162</sup> Henry 1<sup>o</sup>; o Palácio “Sans Souci”, cujos restos apresentam atualmente a Capela Real, chamada de Igreja Paroquial de Milot, os jardins da rainha e o Palácio do Rei. Os monumentos foram registrados oficialmente na Lista do Patrimônio Nacional em 1995 (CLÉMENT, 2013; UNESCO, 2017).

Estes monumentos são classificados pela UNESCO (2017) como símbolos universais de liberdade, pois estão entre os primeiros a serem construídos por escravos negros que tinham ganhado a sua liberdade. Estes monumentos são localizados dentro do Parque Histórico Nacional em um belo cenário natural formado por picos rochosos, são cobertos por uma vegetação exuberante e representam para os haitianos os primeiros monumentos da sua independência, segundo o Ministério do Turismo (2013).

A subida da trilha para a “Citadelle Laferrière” é íngreme e dura cerca de 45 minutos, em caminhada. Para os menos aptos fisicamente, os residentes ao redor do Parque Histórico Nacional oferecem burros (asnos) ou cavalos para facilitar a subida. Ao longo de todo o caminho são encontrados vendedores de artesanato local que oferecem produtos aos turistas, que podem comprá-los a título de lembranças da sua viagem ao Haiti.

No segmento relativo ao patrimônio físico-natural, merecem grande destaque as grutas “Marie-Jeanne”, localizadas na cidade de Port-à-Piment (Departamento Sul do país). Com quatro km de profundidade, são consideradas o maior sistema de cavernas de que se tem notícia no Haiti, e talvez o maior de todas as ilhas do Caribe. Com efeito, essas grutas abrigam mais de trinta cavernas, e suas paredes são cobertas com calcário e sílica e adornadas com símbolos e hieróglifos que datam do período pré-colombiano (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2013). A figura 32 fornece uma ideia do esplendor desse sistema de cavernas.

---

<sup>162</sup> Henri Cristophe foi presidente do Haiti (1807–1811) se auto-proclamou rei do Haiti (1811–1820) na parte norte do país.

Figura 32 - Haiti: As grutas “Marie-Jeanne”



Fonte: Ministério do Turismo (2013)

O Haiti tem ainda outras atrações, como o Marche de Fer, o Museu do Panteão Nacional Haitiano e Jeremie, entre outras, que incluem até mesmo alguns produtos do país, como o rum. Por exemplo, o rum Barbancourt já foi considerado muitas vezes como o melhor do Caribe (SÉRAPHIN, 2014). Tal produto integra elenco de atributos culturais e históricos que, para alguns observadores, deveriam figurar na base da promoção turística do país. Mais do que isso, o turismo a ser promovido deveria ser diferente do turismo de massa que caracterizou durante muito tempo, e ainda caracteriza, grande parte do fazer turístico no capitalismo mundial. Com efeito, em Entrevista com o jornalista Arnaud Robert (2010), Seitenfus declarou o seguinte:

O Haiti é último paraíso do Caribe ainda inexplorado pelo turismo cultural, com 1 700 km de costas virgens. Devemos favorecer um turismo cultural e evitar pavimentar a estrada para um novo eldorado de turismo de massa. As lições que damos são ineficazes desde há muito tempo. A reconstrução e o acompanhamento a uma sociedade tão rica são algumas das últimas grandes aventuras humanas. Há 200 anos o Haiti iluminou a História da humanidade e dos direitos

humanos. Trata-se agora de deixar aos haitianos uma chance de confirmar a sua visão<sup>163</sup>.

Com efeito, existe uma demanda elevada pelos produtos artesanais haitianos no próprio território nacional e em outros destinos do Caribe. Durante o período de declínio no número de turistas no território haitiano, basicamente em razão das instabilidades políticas e das imagens divulgadas sobre o que é o Haiti – um assunto sobre o qual já se falou –, o país procurou extrair benefícios do crescimento do turismo no Caribe pela exportação de seus produtos nos outros destinos turísticos caribenhos para que tais produtos fossem vendidos in loco aos turistas que frequentam aqueles destinos.

Os vendedores do Haiti vão oferecer, nas outras ilhas, peças de artesanato que eles não podem oferecer aos turistas como antes. O país tornou-se a loja de abastecimento dos países com alta densidade turística, mas sem tradição do artesanato: Bahamas, Martinica, Guadalupe, St. Martin, etc. Em Santo Domingo, o Mercado Modelo, centro de artesanato e da indústria do turismo, oferece aos turistas artigos importados diretamente do Haiti ou de inspiração haitiana em sua conta. Exportações de objetos haitianos e de artesanato são agora mais importantes do que as exportações agrícolas, respectivamente 20 milhões e 15 milhões de dólares norte-americanos<sup>164</sup> (THÉODAT, 2004, p. 9).

---

<sup>163</sup> Haïti est le dernier paradis des Caraïbes encore inexploité pour le tourisme, avec 1700 kilomètres de côtes vierges; nous devons favoriser un tourisme culturel et éviter de paver la route à un nouvel eldorado du tourisme de masse. Les leçons que nous donnons sont inefficaces depuis trop longtemps. La reconstruction et l'accompagnement d'une société si riche sont une des dernières grandes aventures humaines. Il y a 200 ans, Haïti a illuminé l'histoire de l'humanité et celle des droits humains. Il faut maintenant laisser une chance aux Haïtiens de confirmer leur vision

<sup>164</sup> Les vendeurs haïtiens vont proposer, dans les autres îles, les objets d'artisanat qu'ils ne peuvent plus proposer aux touristes comme avant. Le pays est devenu l'atelier d'approvisionnement des pays à forte densité touristique, mais sans réelle tradition artisanale : Bahamas, Martinique, Guadeloupe, Saint Martin, etc. À Santo Domingo, le Mercado Modelo, plaque tournante de la filière artisanale et touristique, propose aux touristes des articles directement importés d'Haïti ou d'inspiration haïtienne dans leur facture. Les exportations haïtiennes d'artisanat et d'objets sont désormais plus importantes

Desse modo, são dois processos diferentes que acontecem: 1) haitianos (artesãos e outros) vão aos outros países para vender os produtos que eles fabricam; 2) fabricantes haitianos exportam seus produtos para compradores nos outros países e estes vendem para os turistas que chegam nos territórios de seus países, principalmente nas lojas.

Outro aspecto da potencialidade turística do Haiti tem a ver com uma prática cultural cujas origens remonta até mesmo ao período anterior à independência do país: o vodu. Sua presença está associada à introdução da escravidão na ilha. Assim, deve-se assinalar que, embora essa religião de origem africana contribua significativamente para a identidade cultural haitiana, ela também está ligada a um tipo de servilismo, como foi sublinhado anteriormente.

Séraphin (2014) observa que eventos de vodu podem tomar a forma de produtos turísticos, com adaptações para atender às necessidades dos diferentes visitantes. E isso ocorre sem que a prática perca necessariamente a sua autenticidade. Por exemplo, hotéis que têm eventos de vodu como forma de recepção possuem o potencial de oferecer uma experiência culturalmente rica para os visitantes.

Em razão disso, a ministra de turismo, Stéphanie Balmir Villedrouin, do Governo Martelly, procurou colocar em prática uma estrutura para permitir que turistas participem de cerimônias de vodu. Isso deve ocorrer seja em Port-au-Prince ou na costa dos Arcadins, assim como em outras costas da ilha em que existem tal potencialidade. O Sul e o Norte do Haiti normalmente registram numerosas cerimônias de vodu que permitem a participação de turistas (LE DEVOIR, 2013).

A situação no Haiti não tem sido sempre marginal em termos de turismo antes da década de 80, como foi visto anteriormente, e o país tem muitos recursos que poderiam justificar um reinício subsequente de turismo (THÉODAT, 2004, p. 7). Não se pode esquecer também, que nesse reinício ou renascimento do turismo no território haitiano, que, sobretudo no tocante às empresas de turismo formal que são de propriedade de haitianos, há uma alta probabilidade de compra de suprimentos locais, o que significa que outros setores da economia



podem (e tendem a) se beneficiar desta atividade (Séraphin, 2014). Como   um renascimento recente, pode-se esperar nos anos que estão por vir dados detalhados sobre os benefícios desta atividade sobre outros setores da economia, já que no momento não se têm ainda.

### **5.3.2 Projetos turísticos para o presente e o futuro: que tipo de engajamento na cadeia global do turismo?**

Apesar de o turismo haitiano não se mostrar muito competitivo em rela o a outros destinos do Caribe, ainda que seus impactos sociais e ambientais sejam questionáveis, como se falou anteriormente – sobretudo no que concerne aos territórios e às pessoas das comunidades mais diretamente envolvidas –, existem no país projetos em curso e outros concebidos para o futuro com vistas a uma maior integra o do turismo haitiano na cadeia global do turismo. O Governo da República do Haiti, particularmente na gestão atual, de Joseph Michel Martelly, tem reafirmado a implementa o de uma política global desenhada para que o Haiti possa se tornar um dos principais destinos turísticos do Caribe, podendo acomodar visitantes ou turistas de todo o mundo.

As estimativas e as previsões sobre o crescimento dos diferentes indicadores do turismo até 2025 mostram-se positivas. Assim sendo, representam um estímulo às a es governamentais e privadas no sentido de fortalecer o setor de turismo.

Por exemplo, a estimativa da contribui o direta do turismo no PIB   de 3,7 % (sendo que a contribui o total no PIB deveria atingir 10,7 %) até 2025, com um crescimento real de 4,9 % por ano entre 2015 e 2025. E, para os empregos diretos, as estimativas são de mais de 142 mil postos de trabalho (3,1% do total dos empregos), com crescimento de 2,9 % por ano entre 2015 e 2025. Levando em considera o os empregos diretos, indiretos e induzidos, as previsões são de 427 mil postos de trabalhos (9,3 % do total dos postos de trabalho na economia como um todo), com crescimento de 2,8 % por ano no mesmo período (WTTC, 2015). De outra parte, a taxa de crescimento real entre 2015 e 2025 das exporta es do setor de turismo   de 4,9 % por ano. O capital investido nesse setor deverá ser de 3,7 % do total dos investimentos no país, com um crescimento real de 2,2 % por ano no mesmo período.

Comparando o desempenho dos indicadores do turismo no Haiti, no continente americano e no mundo, percebe-se que o desempenho do turismo haitiano não   tão ruim no momento. O mesmo se pode dizer sobre o que poderá testemunhar nos próximos anos, a

julgar pelos dados atualmente disponíveis e pelas estimativas e previsões, embora nada garanta de antemão que estas se confirmarão.

Tendo em vista os dados atuais, as estimativas e as previsões – sobre o turismo mundial em geral, no Caribe e particularmente no Haiti –, elaboraram-se e, em alguns casos, deu-se início à execução, vários projetos voltados ao desenvolver do turismo haitiano. Esse desenvolvimento significa uma maior integração desse setor na cadeia global do turismo. São projetos apoiados pelo governo nacional, por instituições e organizações mundiais e, igualmente, por investidores envolvidos em cadeias globais (GOUVERNEMENT DE LA RÉPUBLIQUE D’HAÏTI, 2012).

Logo após o terremoto de 2010, o governo do Haiti e agentes a nível da comunidade internacional passaram a manifestar a intenção de transformar a catástrofe em oportunidade. O desenvolvimento do turismo figurou no centro dessa intenção e dessa oportunidade.

Objetivando dar concretude a esse propósito, o governo buscou, em primeiro lugar, recuperar e desenvolver a rede rodoviária, os aeroportos e os portos, considerando a localização dos principais pontos turísticos. Antes do terremoto existia somente um aeroporto internacional e apenas um porto para turistas de cruzeiros. Em face dessa assim entendida limitação, o governo projetou mais dois aeroportos internacionais e mais dois portos para receber cruzeiros internacionais. A Figura 33 a seguir dá uma ideia sobre a localização desses novos aeroportos e portos no território haitiano.

Figura 33 - Plano turístico, das redes rodoviárias, portos e aeroportos



Fonte: République d’Haïti (2010)

Na figura 24 acima, as imagens de grandes navios representam portos internacionais, e as de pequenos navios, portos secundários. As imagens de grandes aviões representam aeroportos internacionais, e aquelas de pequenos aviões, aeroportos locais. As imagens de sol representam sítios com atividades turísticas já estabelecidas e outros com projetos em desenvolvimento e futuros. A linha vermelha dessa figura representa a principal rede rodoviária do país; as linhas pretas representam as redes rodoviárias secundárias.

Nessa figura, observam-se também três grandes aeroportos situados perto de grandes cidades: Cap Haitien, Port-au-Prince e Les Cayes. Esses aeroportos podem realmente atingir uma capacidade de recebimento de até 9 milhões de passageiros por ano, desde que passem a dispor de taxiways<sup>165</sup> e de dispositivos de estacionamento eficientes.

Tudo isso representa conjunto de esforços realizados com vistas a dotar o país de infraestruturas em conformidade com os padrões de modernização das condições de alojamento dos passageiros em terminais e dos instrumentos de auxílio à navegação (RÉPUBLIQUE D'HAÏTI, 2010). Ao decorrer desta seção, mais detalhes são dados sobre o estado desses projetos e a fonte de financiamentos de alguns deles.

Além dessas iniciativas na grande área das infraestruturas de transporte, alguns outros projetos são os seguintes, conforme identificado em trabalhos recentes de Muller-Poitevien (2013) e de Villedrouin (2014):

1) Projeto de Turismo "Destination Ile-à-Vache" (Departamento do Sul), que pretende disponibilizar mil quartos de hotel; 2,5 mil villas; um campo de golfe de 18 buracos; um shopping ou centro comercial; um aeroporto internacional com pista de 2,4 km;

2) Plano de Desenvolvimento do Turismo em Jacmel (Departamento Sudeste), que contempla: a revitalização dos bairros da Velha Cidade, que é um centro histórico, incluindo a "Rue du Commerce" (rua do

---

<sup>165</sup> Taxiway é uma faixa de pista em um aeródromo em que a aeronave pode rolar (taxiar) de ou para um hangar, terminal ou pista. Nos aeroportos movimentados encontra-se geralmente taxiways de alta velocidade ou de saída rápida, a fim permitir que a aeronave saia da pista de pouso e decolagem em uma velocidade elevada, permitindo outro avião pousar em um curto espaço de tempo.

comercio) e “Ste Anne” (Santa Ana); a construção de uma caminhada ou um passeio à beira-mar; a reconstrução do hotel “La Jacmelienne”; a construção de um Centro de Convenções com capacidade para 800 pessoas; a construção de um lugar público, isto é, uma praça pública;

3) Desenvolvimento do Parque Histórico do Norte e do Circuito Labadee-Citadelle Henry, com a inauguração do segundo aeroporto internacional do país, no departamento Norte (que ocorreu em outubro de 2014); os esforços realizados para que essa inauguração pudesse ocorrer foram divulgados como expressão da boa vontade do Governo da República no que concerne à aceleração do processo de desenvolvimento do país, particularmente à transformação da região norte em atração turística e em local de negócios viáveis e atraentes.

O aeroporto de Cap-Haitien (AICH) no norte do país é o segundo aeroporto internacional do território após o aeroporto Toussaint Louverture em Port-au-Príncipe. O aeroporto internacional de Cap-Haitien, chamado também de Aeroporto Hugo Chavez de Cap-Haitien, recebe dez vôos diários domésticos e internacionais, e foi com a aterrissagem da American Airlines em 2 de outubro de 2014 que se deu a abertura do mesmo, financiado pela Venezuela (ALTERPRESSE, 2014; MAXINEAU, 2016).

4) Projeto de Zona Franca Turística de “Côtes-de-Fer” localizada no departamento sudeste do país. Côtes-de-Fer tem 26 km de praias, e a população é de aproximadamente 3.000 habitantes. O projeto é distribuído em uma área de 3.000 hectares (ha) e a capacidade potencial é de cerca de 8.000 quartos, mais de 12.000 residências turísticas e 3.000 lotes habitacionais.

Além dos aeroportos, existe na área de transporte dois outros projetos sobre a possibilidade de abrir novos enclaves turísticos, ao estilo do que existe em Labadee, para estimular ainda mais o segmento do turismo de cruzeiros:

- O estudo do desenvolvimento de um local de cruzeiros na grande baía de Les Cayes, no setor de Aquin;
- O estudo da remodelação do porto Jacmel, objetivando convertê-lo em porto de cruzeiros.

É importante salientar que os projetos de enclaves visam normalmente as principais ilhas do Haiti. Colocando de lado as ilhas de Navassa <sup>166</sup> e Cayemites (Grand'Anse), a administração Martelly/Lamothe (2011-2016) projetaram implementar diferentes obras nas ilhas do país, como a ilha de la Gonâve (Oeste), a ilha de la Tortue (Noroeste) e a Île-à-Vache (Sul), mirando uma maior integração do turismo haitiano na cadeia global do turismo. Esses projetos turísticos, que são também projetos sociais, exigem várias centenas de milhões de dólares para suas execuções.

Para efetividade desses projetos, o governo, além de promover parcerias públicas e privadas em hotelaria e projetos de infraestruturas, oferece incentivos a investimentos, entre eles pode-se citar os seguintes: exoneração total de imposto de renda para um período de quinze (15) anos consecutivos, e então imposto gradual por cinco anos; Exoneração de tributos locais por um período de quinze (15) anos; Exoneração de impostos e direitos sobre a importação de bens e materiais de equipamento; Isenção de licenciamento de funcionários estrangeiros expatriados; possibilidade de construir infraestruturas insuficientes ou inexistentes e outros incentivos (VILLEDROUIN, 2014).

De acordo com Haiti Libre (2015), diferentes projetos (cerca de 30) desenvolvidos no sul e sudeste do país, são apoiados e financiados pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). São projetos de infraestruturas e de fortalecimento das capacidades turísticas do país. US\$ 36 milhões são alocados pelo BID a disposição do Ministério de turismo do Haiti para a realização desses projetos iniciados em 2015 para um período de 4 anos.

Cabe sublinhar que já existe um contrato assinado entre a Companhia Royal Caribbean, que atua em Labadee, e o Governo a respeito da atuação dessa empresa na Ilha de la Tortue. A companhia pretende construir um resort nessa com cerca de 180 km<sup>2</sup> e projetado

---

<sup>166</sup> É uma pequena ilha desabitada do mar do Caribe, de aproximadamente 5,2 km<sup>2</sup>. Constitui um território não-incorporado dos Estados Unidos, administrado pelo Serviço de Pesca e Vida Silvestre dos Estados Unidos. No entanto, a ilha é reclamada por instituições privadas e pelo Haiti.

A Constituição do Haiti (Capítulo II: Du Territoire de la République D'Haïti) faz uma explícita reivindicação da ilha de Navassa, considerando-a parte de seu território: (ARTICLE 8: Le territoire de la République d'Haïti comprend: a) La partie Occidentale de l'île d'Haïti ainsi que les îles adjacentes: La Gonâve, La Tortue, l'Île à Vache, les Cayenites, La Navase, La Grande Caye et les autres îles de la Mer Territoriale).

para ter capacidade de receber mais ou menos 45.000 pessoas. O investimento inicial para esse empreendimento é de US\$ 70 milhões (JEAN PIERRE, 2014).

Além do resort mencionado, haverá também um grande porto na Ilha de la Tortue para receber cruzeiros, mas não há muitos detalhes disponíveis sobre o segundo maior porto turístico no Haiti, da companhia Royal Caribbean, mas as previsões do governo é que esse projeto vai criar cerca de 900 empregos diretos e indiretos (JEAN PIERRE, 2014).

A Île-à-Vache é no momento o maior projeto de turismo do Governo Haitiano. Apontada, por Clereci e Wall (2016), como uma das últimas verdadeiras ilhas do tesouro do Caribe, não pisada, não operada ou explorada e única, com mais de vinte praias quase desertas, e seu desenvolvimento é a pedra angular do Plano Nacional do Ministério de Turismo, que quer atrair os turistas internacionais para uma estadia exclusiva, de luxo, com a ambição de competir com Punta Cana (Republica Dominicana) (CLERECI; WALL, 2016).

O nome do projeto é "Destination Île-à-Vache<sup>167</sup>" e o empreendimento, segundo o discurso oficial, tem dois componentes básicos nos seus grandes objetivos, os quais se mostrariam articulados: o primeiro relaciona-se com a inclusão social e a luta contra a pobreza, e o segundo diz respeito ao desenvolvimento do turismo na ilha. Essa ilha é famosa por suas praias e sua vegetação, e abriga uma população estimada de vinte mil habitantes que vivem de agricultura, pesca e pecuária. Considerada como a ilha mais "pura" do Caribe, apresenta, no entanto, elevados níveis de carência: os serviços sociais básicos são inexistentes e as necessidades de saúde e educação, entre outras, são dificilmente satisfeitas (GOUVERNEMENT DE LA RÉPUBLIQUE D'HAÏTI, 2012; CLERECI; WALL, 2016).

Conforme Villedrouin (2014), os projetos de desenvolvimento social são lançados na ilha em 2013, como a construção de um aeroporto internacional (2.000 metros (m) de pista e um terminal de 750 m<sup>2</sup>), a construção de um centro comunitário e outras infraestruturas. O Ministério do Turismo quer desenvolver tal ilha, cuja área é de 46 km<sup>2</sup>, em um destino incluindo mil quartos de hotel de luxo, um campo de

---

<sup>167</sup> Para mais informações o projeto é disponível no site do Ministério de Planificação e de Cooperação Externa (MPCE) do Governo da Republica do Haiti. Acessível em: <http://www.mpce.gouv.ht/sites/default/files/ileavache.pdf>. Acessado em: 01 de março de 2017.

golfe ecológico, um museu arqueológico, uma vila marítima de animação, restaurantes, discotecas e lojas de arte e de artesanato (JEAN PIERRE, 2014). De acordo com Clereci e Wall (2016), o projeto como um todo abrange 2.500 quartos de hotéis (em diferentes categorias) e heliportos, sendo estimado um investimento de US\$ 260 milhões, com origem em investidores chineses e em fundos ligados ao setor de petróleo na Venezuela (Petrocaribe).

Aproximadamente US\$ 50 milhões foram mobilizados para a realização do primeiro componente do projeto dessa ilha. Com esse pacote de intervenções, incluindo a organização turística, a renovação urbana, o desenvolvimento de infraestruturas para transporte e comunicação, a modernização e o desenvolvimento da agricultura e da pesca, a presença do Estado foi reforçada na Ile-à-Vache. A previsão de término dessas atividades – no tocante às condições materiais, obras e infraestruturas – é o final de 2017, prazo que inclui, conforme as estimativas, a construção do aeroporto internacional.

Além do montante investido pelo Estado haitiano, existem duas empresas pré-selecionadas para o envolvimento nesse grande projeto: um consórcio haitiano, “*Blue Marlin*”, e um consórcio estadunidense, “*Holmes Desenvolvimento Internacional*”. Ambos apresentaram seus projetos de desenvolvimento hoteleiro na ilha, que vão exigir mais de US\$ 150 milhões de investimento. Para que o processo transcorra adequadamente, permitindo o esperado sucesso nas atividades projetadas, a “*Price Water House Coopers (PWC)*”, uma companhia reconhecida internacionalmente, e a empresa haitiana “*Cabinets d'Experts-Comptables Mérové-Pierre*” (MPA) foram selecionadas para realizar a auditoria sobre a capacidade financeira e técnica dos concorrentes, a pedido das autoridades públicas (HAITI LIBRE, 2013).

É muito importante sublinhar, entretanto, que a população local não foi informada desse projeto da Ile-à-vache, conforme assinala a Rede Nacional de Defesa dos Direitos humanos (RNDDH<sup>168</sup>) (RNDDH et al., 2014). Assim, aconteceram várias manifestações não pacíficas entre o final de dezembro de 2013 até o final de fevereiro de 2014, pois muitos habitantes passaram a temer em face da possibilidade de serem realocados ou mesmo, e simplesmente, expulsos dos locais onde vivem.

---

<sup>168</sup> Réseau National de Défense des Droits Humains (Rede Nacional de defesa dos direitos humanos).

Durante essas manifestações, os manifestantes exigiram explicações claras e precisas sobre:

- \* O projeto do Governo (Plano de desenvolvimento da Ilha)
- \* As quatro construções ou ações anunciadas: aeroporto internacional, centro comunitário, restaurante comunitário, rádio comunitária.
- \* A destruição de áreas cultivadas por famílias.

Mas a resposta do Governo foi o reforço da presença no local, tanto da justiça como da Polícia Nacional do Haiti (PNH). Mais de 80 policiais e agentes especializados foram enviados à ilha para pacificar a população. Esses agentes têm feito uso indevido da força e agredido habitantes, inclusive mulheres (RNDDH et al., 2014).

Baseado no que foi visto no capítulo 2 e no que foi descrito sobre as manifestações dos habitantes na Ile-à-Vache, pode-se dizer que, se para um lado, o governo e as diferentes empresas multinacionais que atuam na Ile-à-Vache, a abordagem aqui é GVC, que mostra o quanto uma empresa, uma localidade, um distrito, um país ou uma região podem usufruir de vantagens e benefícios ao se integrar em atividades de escala global; do outro lado, para as comunidades dessa ilha, a abordagem parece ser do sistema mundo que mostra que o desenvolvimento tende a ser visto como uma ilusão para espaços na periferia do capitalismo que se integram, neste caso específico, na cadeia global do turismo.

A ilha de la Gonâve, de sua parte, tem uma área de 689,62 km<sup>2</sup> e abriga uma população de 120.000 habitantes. O projeto referente a essa ilha deverá ter, segundo observado, um aspecto mais social do que turístico. O que se previu para essa ilha visou garantir serviços básicos aos cidadãos e aumentar as potencialidades agrícolas e turísticas, as quais, segundo as expectativas, irão ajudar a revitalizar a economia local (JEAN PIERRE, 2014).

De acordo com Villedrouin (2014), o centro histórico de Jacmel, que faz parte do plano de desenvolvimento de Jacmel, é atualmente objeto de mais de US\$ 20 milhões de investimentos pelo governo haitiano para garantir que ele se torne um dos destinos turísticos líderes do Caribe. Os investimentos já realizados são os seguintes:

- Centro de convenções de 1.320 m<sup>2</sup>
- Lugares públicos (Por exemplo, praças públicas)
- Calçadão (560 metros lineares)
- Anfiteatro de 1.000 lugares
- Reconstrução do principal hospital da cidade, que deveria ser concluída em junho de 2015 (VILLEDROUIN, 2014).



No caso do Projeto de Zona Franca Turística de “Cote de Fer”, por outro lado, não é possível formar uma ideia, no momento, sobre como estão indo as negociações com os investidores interessados em desenvolver atividades integradas à cadeia global do turismo. O que parece certo, pelo que foi possível apurar, é que o processo relativo a esse projeto estaria ainda nos seus primeiros passos.

Observa-se, por via de regra, que existem projetos, para quase todas as ilhas do Haiti, voltados para uma maior integração do turismo haitiano na cadeia global de turismo. Considerando a descrição dos diferentes projetos, entende-se que existem algumas dessas ilhas que têm vocações turísticas mais importantes do que outras. Essas diferenças podem ter por base aspectos da paisagem, da história, da cultura, entre outros fatores. A ilha de la Gonâve tem um projeto voltado mais para atividades sociais, o que deve ser em razão da sua extensão territorial e da sua população, que são maiores do que as outras ilhas, assim, a demanda por infraestruturas e serviços básicos é mais alta.

De maneira geral, esse capítulo procurou mostrar pontos fortes do turismo no Haiti, assim como as debilidades existentes. Em síntese, observa-se que o turismo haitiano, até a década de 1980, registrou a presença quase que somente de investidores haitianos, e que a partir de década de 1980 ganhou vulto o turismo de cruzeiros, que hoje representa mais de 50 % dos turistas no Haiti. Nota-se, igualmente, a crescente presença de grandes cadeias de hotelaria de incidência internacional no Haiti a partir de 2012, após o terremoto.

Caso caiba falar em integração do turismo haitiano à cadeia global do turismo – e a posição do autor deste estudo é que é possível falar sobre isso, pois não é de outra coisa que se trata da expansão e no previsto aprofundamento do turismo de cruzeiros – , a base de tal movimento é, sem dúvida, o patrimônio físico e natural do território, particularmente sua costa, com as praias magníficas e suas ilhas. Com efeito, fora da borda litorânea, não há, praticamente, presença de turistas internacionais. O que vale ressaltar é que potencialidades existentes em espaços mais interioranos não têm sido aproveitadas, porque provavelmente não interessam pelos operadores do turismo no país. Essa postura é corroborada pelo governo, cujos planos e projetos focalizam os ambientes litorâneos tão somente.

Apesar de que o turismo no Haiti não tenha significado upgrading (para usar uma expressão cara ao debate sobre cadeias globais) real para as populações das comunidades envolvidas nas correspondentes atividades, o que se observa nos planos do governo, é

que a intenção é integrar ainda mais o turismo haitiano na cadeia global do turismo. Quando as comunidades reivindicam os seus direitos, objetivando melhores condições de reprodução social, o resultado tem sido, quase sempre, a tentativa de “pacificação” por meio de repressão.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Menos dinheiro significa menos tempo. Menos dinheiro significa que é mais difícil socializar. Menos dinheiro significa comida de qualidade inferior e menos saudável. Pobreza traz escassez em cada aspecto que sustenta quase todos os outros aspectos da vida.*

*(Sendhil Mullainathan e Eldar Shafir, 2016)*

O objetivo geral do presente estudo foi analisar a trajetória do setor de turismo no Haiti, caracterizando as atividades envolvidas, principalmente no período contemporâneo, apresentando e discutindo os reflexos socioeconômicos observados e, à luz do debate sobre cadeias globais de valor, avaliando as possibilidades e os desafios ligados à ascensão desse país na geografia no turismo internacional.

Em razão da escassez de dados completos e disponíveis sobre o Haiti, tratou-se de uma pesquisa teórica, bibliográfica e documental, mais qualitativa do que quantitativa. Os resultados obtidos a partir das fontes utilizadas são, contudo, satisfatórios, pois o objetivo geral e os objetivos específicos foram atingidos ao longo da pesquisa.

Para alcançar o objetivo principal, a busca do primeiro objetivo específico mostrou que existe uma crença de que os países dotados de recursos importantes precisam se integrar crescentemente às cadeias globais, para poderem usufruir mais vantagens. Para alguns analistas, a integração é, até mesmo, a única via. Governos nacionais e organizações internacionais se “unem” cada vez em adesão a essa perspectiva.

A ideia principal da integração de uma atividade econômica na cadeia global de valor é o *upgrading* da economia. Pensar na integração de uma atividade econômica na cadeia global, de um modo geral e para muitos pesquisadores, implica prever a possibilidade de qualificação e treinamento de recursos humanos, melhores empregos, diminuição de desemprego, acesso a tecnologia de ponta e diversificação de mercadorias e processos produtivos, transferência e absorção de conhecimento em diversos níveis ou locais, com incidência em diversas outras atividades da economia, entre outras vantagens.

O segundo objetivo significou a apresentação dos contornos da cadeia global de valor do turismo, caracterizando os seus vários elos e ilustrando a sua incidência, com referências a estudos sobre realidades

nacionais e regionais diversas. Com base nas atividades de pesquisa em torno desse objetivo, descobriu-se que o Caribe é considerado a primeira região do mundo em termos de cruzeiros. Desse modo, uma atenção especial foi dada a esse tipo de turismo no decorrer do trabalho.

O terceiro objetivo específico dirigiu a pesquisa para o posicionamento do setor de turismo na socioeconomia haitiana, mostrando e caracterizando a sua trajetória – com as regiões e as estruturas empresariais e políticas envolvidas – e analisando a sua importância em termos de ocupação e emprego e de geração de renda. Isso foi observado em termos de reflexos diretos e também na forma de repercussões em setores que “dialogam” com o turismo, como a construção civil e a produção de alimentos, entre outros.

A descrição feita sobre o Haiti no capítulo 4 – relacionada ao terceiro objetivo específico –, sobretudo no tocante à abordagem do seu sistema político e econômico, indica ser difícil até mesmo pensar na integração desse país em cadeias globais. Todavia, o Haiti é integrado em várias atividades protagonizadas em tais escalas.

O quarto objetivo específico encaminhou o estudo para uma discussão crítica do tipo de envolvimento exibido pelo Haiti na cadeia global do turismo, e das perspectivas locais de ascensão nas atividades desta. Procurou-se avaliar as efetivas possibilidades de contribuição para o desenvolvimento da economia do país e suas regiões e de melhoria nas condições de trabalho e vida da população. Isso implicou examinar, entre outros aspectos, os tipos de empregos/ocupações gerados e as interações econômicas (fornecimento de insumos, induções diversas) protagonizadas nos espaços implicados.

Ao longo do trabalho, foi observado que abordar a questão da integração do Haiti na cadeia global de turismo é falar, em primeiro lugar, do turismo de cruzeiros com a companhia Royal Caribbean, que atua em Labadee desde a década de 80. Além disso, de um modo geral, a presença de redes globais de hotéis é observada no Haiti a partir do ano de 2012, dois anos após o terremoto de 2010.

Levando em consideração a receita obtida pelo governo das atividades turísticas, os empregos gerados, em termos de quantidade e qualidade, e também os impactos ambientais causados pela atuação das diferentes empresas ligadas ao turismo, e, sobretudo, da Companhia Royal Caribbean, em Labadee, é importante indagar sobre o quanto vale a pena a atividade turística no país em questão. A indagação se justifica, pois, em geral, o nível de qualificações das pessoas que

trabalham na indústria de turismo no Haiti é bastante baixo, exibindo a maioria deles alguma qualificação em atividades de restaurantes.

Os discursos e os documentos sobre o desenvolvimento do turismo em qualquer país, em desenvolvimento ou subdesenvolvido, inclusive o Haiti, são formidáveis. Contudo, o que se faz na realidade e no cotidiano das populações é contrário ao que é dito nos discursos e escrito nos contratos. Mesmo assim, as medidas destinadas a promover uma integração crescente ao turismo mundial não param de ter lugar.

Olhando só para os diferentes números levantados na pesquisa sobre a integração haitiana na cadeia global de turismo, poderia se acreditar que o turismo é realmente um dos principais pilares necessitados pelo Haiti para o seu crescimento, o seu desenvolvimento e a mudança na condição de vida da sua população. Mas gera dúvidas a respeito a leitura de diversos estudos sobre os impactos negativos das grandes empresas do centro do sistema capitalista atuando em territórios da periferia, e sobre as manifestações de insatisfação e de medo sobre o futuro das comunidades face aos tipos de empregos e às atividades gerados por essas empresas, entre outras situações.

De modo geral, os números mostram que a cadeia global de turismo está crescendo cada vez mais ao redor do mundo. Existem exemplos de *upgrading* econômico para alguns países que se integram nessa cadeia, como bem mostram Christian e al. (2011). No Haiti, com a companhia Royal Caribbean, observa-se um aumento crescente das chegadas de turistas de cruzeiros no litoral de Labadee. Existem em torno de cinco hotéis de marcas internacionais, que começaram a mudar a imagem do turismo interno no Haiti após décadas de queda no número de chegadas para esse tipo de turismo.

Mas, na realidade, não se observa um *upgrading* econômico do Haiti com a integração de seu turismo à cadeia global, pois, em termos amplos, a mão de obra empregada nas atividades dessa cadeia é barata, sem qualificação e sem formação. E, ainda mais, não se percebem estratégias para mudar a situação no médio e longo prazo. As poucas escolas de formação ligadas ao setor que existem no país não são suficientes para o *catching up* necessário em relação aos outros países do Caribe.

Existem potencialidades turísticas no Haiti, como foi sublinhado no capítulo 5. E, na base dessas potencialidades, existem vários projetos turísticos presentes e futuros, tendo em vista uma crescente integração na cadeia global de turismo. Porém, são projetos que visam valorizar quase todas as ilhas do Haiti para o

desenvolvimento de um tipo de turismo semelhante ao que foi descrito no capítulo 5 sobre Labadee. Não se logrou encontrar, ao longo da pesquisa, grandes projetos que busquem valorizar o turismo interno do Haiti, mais ligado à cultura da nação e a outras atividades econômicas do país.

Com o desenvolvimento dos tipos de projetos descritos no trabalho, não se pode esperar grandes repercussões das atividades desse setor junto a outras atividades econômicas no país. Consequentemente, não é de se esperar um *upgrading* econômico no Haiti com esse tipo de integração do turismo à correspondente cadeia global. Daí que se mostra muito mais, ao que tudo sugere, uma ilusão, a ideia de que o turismo é um dos principais pilares de desenvolvimento, caso o planejamento nacional da integração do turismo haitiano à cadeia global não seja pensado de forma a favorecer a retenção de ganhos crescentes pelo país. Se não for assim, o turismo pode representar um mecanismo de reprodução e manutenção da condição periférica do Haiti na economia mundial, justificando duvidar das proposições de que o turismo é uma espécie de “passaporte” para o desenvolvimento.

De fato, percebe-se ao longo do trabalho que o Haiti é, em diversos sentidos, um país da periferia que dialoga com a esfera global de uma forma que contribui para mantê-lo em posição periférica. Persistir no crescimento do turismo na maneira como tem ocorrido significa escassa possibilidade de o processo representar impulso ao *upgrading* da economia haitiana.

De fato, se o pacote de novos e futuros projetos turísticos no Haiti, mencionados no estudo, representar tão somente mais ou menos o mesmo que vem acontecendo em Labadee, contribuindo para fazer do Haiti como um todo, por assim dizer, um imenso Labadee, fica comprometida praticamente a esperança de um *upgrading* do Haiti na cadeia global de turismo. Se, ao contrário, esse conjunto de projetos sinalizar uma inclinação para turismo voltado às comunidades (nível em que, por exemplo, destacam-se a história do vodu, os atrativos turísticos históricos e culturais e as interações com os pescadores, entre outros aspectos) poderia ocorrer *upgrading*. Este seria um turismo baseado em atributos ligados à tradição e à cultura, em benefício das populações envolvidas, isto é, um turismo implicando maior contato com as comunidades.

Em suma, para que o setor de turismo possa representar uma geração efetiva de renda e de oportunidades de trabalho, um alargamento de horizontes para reprodução social dentro do Haiti, seria

necessário avançar para muito além do tipo de turismo historicamente desenvolvido no país. Como os seres humanos são a fonte mais importante e promissora de crescimento da produtividade e de crescimento econômico, mostra-se essencial para o Haiti investir em seu capital humano, desenvolvendo uma estratégia adequada de capacitação de recursos humanos, algo que a pesquisa realizada para a elaboração desta dissertação não conseguiu detectar na atualidade do país, seja por parte do governo ou das empresas ligadas às atividades turísticas.





## 7 REFERENCIAS

ALBUQUERQUE, Eduardo Motta e. **Notas Sobre Os Determinantes Tecnológicos Do Catching Up**: uma introdução à discussão sobre o papel dos sistemas nacionais de inovação na periferia. Belo Horizonte: UFMG/CEDEPLAR. 1996.

ALPHONSE, Roberson. **Labadie**: Des Manifestants Empêchent à un Paquebot de la Royal Caribbean d'Accoster. Le Nouvelliste, 2016. Disponível em: <http://lenouvelliste.com/lenouvelliste/article/154658/Labadie-des-manifestants-empchent-a-un-paquebot-de-la-Royal-Caribbean-daccoster>. Acessado em: 02 de fevereiro de 2016.

ALTMAN, Max. Rafael Trujillo foi o principal responsável pela morte de cerca de 20 mil pessoas, que trabalhavam principalmente no campo. Operamundi, 2013. Disponível em: <http://operamundi.uol.com.br/conteudo/historia/31558/hoje+na+historia+1937+%96+massacre+da+salsinha+ditador+dominicano+ordena+erradicao+de+haitianos.shtml>. Acessado em: 30 de dezembro de 2016.

ALTERPRESSE. Haïti-Economie: Le « Doing Business » 2015 Ferme le Clapet au Tohu Bohu de l'« Open for Business ». 2014. Disponível em: <http://www.alterpresse.org/spip.php?article17270#.WIt9x5JWJKY>. Acessado em: 27 de janeiro de 2017.

ALTERPRESSE. Haïti: L'Aéroport Hugo Chavez du Cap-Haitien Reçoit son Premier Vol International. Outubro de 2014. Disponível em: <http://www.alterpresse.org/spip.php?article17094#.WLZUFxBWJKY>. Acessado em: 01 de março de 2017.

AMBASSADE DE FRANCE EN RÉPUBLIQUE DOMINICAINE/SERVICE ÉCONOMIQUE. L'investissement direct étranger en Haïti en 2013. DG Trésor, junho de 2014. Documento disponível em: [http://www.diplomatie.gouv.fr/IMG/pdf/HAITI\\_-\\_Les\\_investissements\\_directs\\_etrangers\\_cle09e78e.pdf](http://www.diplomatie.gouv.fr/IMG/pdf/HAITI_-_Les_investissements_directs_etrangers_cle09e78e.pdf). Acessado em: 27 de fevereiro de 2017.

AMERICAS. Labadie. 2016. Acessível em: <http://www.americas-fr.com/voyages/villes/labadie.html>. Acessado em: 28 de janeiro de 2017.

ARDOUIN, Beaubrun. **Géographie de l'Île d'Haïti**: Précédée du Précis et de la Date des Événements les plus Remarquables de son Histoire. Port-au-Prince, Haïti: Réimprimée au Port-au-Prince, par T. Bouchereau, 1864, 86 pp. Première édition, 1832.

ARRIGHI, Giovanni. O Longo século XX: Dinheiro, poder e as origens de nosso tempo. Tradução Vera Ribeiro; revisão de tradução Cesar Benjamin. Rio de Janeiro: Contraponto; São Paulo: Editora UNESP, 1996.

ARRIGHI, Giovanni. A Ilusão do Desenvolvimento. Petrópolis. Editora Vozes, 1997.

ARTHUS, Wien Weibert. **Les Relations Internationales d'Haïti de 1957 à 1971**: La Politique Étrangère de François Duvalier. Le Nouvelliste, junho de 2012. Disponível em: <http://lenouvelliste.com/lenouvelliste/article/105801/Les-relations-internationales-dHaïti-de-1957-a-1971-la-politique-etrangere-de-Francois-Duvalier.html>. Acessado em: 17 de fevereiro de 2017.

ASSOCIATION HAITIENNE DES ECONOMISTES (AHE). La Tertiairisation de l'Économie Haïtienne. Le Nouvelliste, novembro de 2013. Disponível em: <http://lenouvelliste.com/lenouvelliste/article/124595/La-tertiarisation-de-leconomie-haitienne>. Acessado em: 12 de fevereiro de 2017.

ATLANTICO.FR. Esclavage Moderne ? Les Conditions de Vie Effroyables des Équipages des Navires de Croisière. Agosto de 2012. Acessível em: <http://www.atlantico.fr/decryptage/conditions-vie-effroyables-equipages-navires-croisiere-453357.html>. Acessado em: 23 de dezembro de 2016.

BAIR, JENNIFER. Global Capitalism And Commodity Chains: Looking Back, Going Forward. Competition & Change, Vol. 9, No. 2, June 2005 153–180.

BANQUE DE LA RÉPUBLIQUE D'HAÏTI (BRH). Balance des Paiements et Commerce Extérieur. 2016. Disponível em: [http://www.brh.net/balance\\_des\\_paiements.html](http://www.brh.net/balance_des_paiements.html). Acessado em: 06 de janeiro de 2017.

BANCO INTERAMERICANO DE DESENVOLVIMENTO (BID, 2010). Disponível em: <http://www.iadb.org/fr/infos/articles/2010-02-16/le-cout-de-reconstruction-dhaiti-suite-autremblement-de-terre-pourrait-atteindre-14-milliards-bid,6528.html>. Acessado em: 22 de novembro de 2015.

BANCO MUNDIAL. **Banque Mondiale/UNESCO**: Un Nouveau Don pour Appuyer le Tourisme dans le Nord d'Haïti. 2014. Acessível em: <http://www.banquemondiale.org/fr/news/press-release/2014/05/21/tourism-haiti-boost-world-bank-unesco>. Acessado em: 23 de dezembro de 2016.

BANCO MUNDIAL. Haïti Met le Cap sur le Tourisme au Nord et Connecte les Artisans aux Visiteurs. 2015. Acessível em: <http://www.banquemondiale.org/fr/news/feature/2015/04/30/tourisme-nord-haiti-citadelle-sans-soucis-ramiers>. Acessado em: 23 de dezembro de 2016.

BANCO MUNDIAL. Amérique Latine et Caraïbes - Vue d'Ensemble. 2016. Disponível em: <http://www.banquemondiale.org/fr/region/lac/overview>. Acessado em: 23 de dezembro de 2016.

BANCO MUNDIAL. Amérique Latine et Caraïbes. 2016. Disponível em: <http://www.banquemondiale.org/fr/about/annual-report/regions/lac>. Acessado em: 22 de dezembro de 2016.

BANCO INTERAMERICANO DE DESENVOLVIMENTO (BID). Une Étude de la BID Démontre que le Coût de Reconstruction d'Haïti Pourrait Avoisiner \$14 Milliards. 2010. Disponível em: <http://www.iadb.org/fr/infos/articles/2010-02-16/le-cout-de-reconstruction-dhaiti-suite-autremblement-de-terre-pourrait-atteindre-14-milliards-bid,6528.html>. Acessado em: 31 de dezembro de 2016.

BENOÎT, Catherine. Paul Farmer, Sida en Haïti - La victime accusée

[compte rendu]. Sciences sociales et santé / Année 1997 / Volume 15 / Numéro 4 / pp. 121-123.

BETTERWORK. **Haïti**: L'industrie. 2012. Disponível em: [http://betterwork.org/haiti/?page\\_id=839&lang=fr](http://betterwork.org/haiti/?page_id=839&lang=fr). Acessado em: 12 de fevereiro de 2017.

BNP PARIBAS. **Haïti**: Les Investissements (2016). Disponível em: <https://www.tradesolutions.bnpparibas.com/fr/implanter/haiti/investissements>. Acessado em: 27 de fevereiro de 2017.

BONOMO, Christiane S. Aquino; BONOMO, Diego. **Haïti**: Política Comercial e Desenvolvimento. International Centre for Trade and Sustainable Development (ICTSD), 2010. Disponível em: <http://www.ictsd.org/bridges-news/pontes/news/haiti-pol%C3%ADtica-comercial-e-desenvolvimento>. Acessado em: 4 de janeiro de 2017.

BOLWELL, Dain; WEINZ Wolfgang. Reducing Poverty Through Tourism. International Labour Office, Geneva, Outubro d 2008.

BOULOS, Rudolph Henri et Al.. **Construir Haïti**: Plan Stratégique de Sauvetage Nacional / Pacte Intergénérationnel de progrès et de Prospérité Partagés 2010-2035. Construisons Ensemble un Pays sur de Nouvelles Bases. Port-au-Prince, 2010.

BOWLES, Samuel; EDWARDS, Richard; ROOSEVELT, Frank. **Understanding Capitalism**: Competition, Command, and Change. 3rd Edition. New York: Oxford University Press, 2005.

BOYER, Marc. Comment Étudier Le Tourisme ? Ethnologie Française, (Vol. 32), p. 393-404. DOI 10.3917/ethn.023.0393, 2002/3.

BRAUN, Patrice. **Creating Value to Tourism Products through Tourism Networks and Clusters**: Uncovering Destination Value Chains. Centre for Regional Innovation & Competitiveness, University of Ballarat, Australia, 2005.

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. Globalização e Competição. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

BUREAU INTERNATIONAL DU TRAVAIL (BIT). La Promotion du Travail Décent dans la Reconstruction et le Développement d'Haïti après le Tremblement de Terre de 2010. Genève, maio de 2010.

CARIBBEAN TOURISM ORGANIZATION (CTO). Tourism Trends Issues and Challenges - (Implications for Caribbean Economies). ILO – Tripartite Caribbean Conference, April 2009.

CARIBBEAN TOURISM ORGANIZATION (CTO). Haiti arrivals 2012. Disponível em: <http://www.onecaribbean.org/knowledgebase/haiti-arrivals-2012/>. Acessado em: 17 de janeiro de 2017.

CAZELAIS, Normand. Hôtellerie et Développement Régional: Réflexions autor de Paradoxes. Téoros, Revue de recherche en tourisme, 2004.

CHAMI, Ralph et al. Macroeconomic Consequences of Remittances. International Monetary Fund, Washington DC, 2008.

CHANG, Ha-Joon. Chutando a Escada: A Estratégia do Desenvolvimento em Perspectiva Histórica. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

CHESNAIS, François. A Globalização E O Curso Do Capitalismo De Fim-De-Século. Economia e Sociedade, Campinas, (5):1-30, dez.1995.

CHRISTIAN, Michelle et al. **The Tourism Global Value Chain: Economic Upgrading And Workforce Development.** Duke University, Center on Globalization, Governance and Competitiveness (Duke CGGC), novembro de 2011.

CLÉMENT, Hélène. **Tourisme Haïti – Cap-Haïtien: Une Encyclopédie Historique.** Le Devoir, 2013.

CLERICI, Caterina; WALL Kim. Retour à Haïti. Liberation, 12 de janeiro de 2016. Disponível em: [http://www.liberation.fr/planete/2016/01/12/retour-a-haiti\\_1425835](http://www.liberation.fr/planete/2016/01/12/retour-a-haiti_1425835). Acessado em: 16-01-2017.

CLERICI, Caterina; WALL Kim. Embarquement pour Labadee, «prison pour touristes». Liberation, 12 janvier 2016. Disponível em: [http://www.liberation.fr/planete/2016/01/12/embarquement-pour-labadee-prison-pour-touristes\\_1425940](http://www.liberation.fr/planete/2016/01/12/embarquement-pour-labadee-prison-pour-touristes_1425940). Acessado em: 25 de fevereiro de 2017.

CLERICI, Caterina; WALL Kim. Ile-à-Vache, la Nouvelle Punta Cana des Caraïbes? Liberation, 15 janeiro de 2016. Acessível em: [http://www.liberation.fr/planete/2016/01/15/ile-a-vache-la-nouvelle-punta-cana-des-caraibes\\_1426607?refresh=950326](http://www.liberation.fr/planete/2016/01/15/ile-a-vache-la-nouvelle-punta-cana-des-caraibes_1426607?refresh=950326). Acessado em: 04 de fevereiro de 2017.

CLERVEAUX, Harrios. 2017, l'année internationale du tourisme: Comment en profiter? Le National, janeiro de 2017. Disponível em: <http://www.lenational.org/2017-lannee-internationale-tourisme-profiter/>. Acessado em: 02 de fevereiro de 2017.

COE, Neil M et al. 'Globalizing' regional development: a global production networks perspective Blackwell Publishing, Ltd, 2004.

COËFFÉ, Vincent et al.. Mondialisations et mondes touristiques. L'Information géographique, (Vol. 71), p. 83-96. DOI 10.3917/lig.712.0083, 2007/2.

COLLECTIF HAITI DE FRANCE. La Situation d'Haïti a de Graves Conséquences sur les Haïtiens/Haïtiennes à l'Étranger. Dezembro de 2010. Disponível em: <http://www.collectif-haiti.fr/actualite-774-0-garr>. Acessado em: 05 de janeiro de 2016.

COMITÉ CATHOLIQUE CONTRE LA FAIM ET POUR LE DÉVELOPPEMENT-TERRE SOLIDAIRE (CCFD-TERRE SOLIDAIRE). Haïti: Données sur l'Agriculture et la Crise Alimentaire, 2008. Acessível em: [http://ccfdterresolidaire.org/projets/ameriques/haiti/doc\\_1349](http://ccfdterresolidaire.org/projets/ameriques/haiti/doc_1349). Acessado em: 24 de janeiro de 2017.

COMMISSION ECONOMIQUE POUR L'AMERIQUE LATINE ET LES CARAÏBES (CEPALC). **La Pauvreté en Haïti**: Situation, Causes et Politiques de sortie. LC/MEX/R.879, 12 de ago. de 2005.

COMMISSION ECONOMIQUE POUR L'AMERIQUE LATINE ET LES CARAÏBES (CEPALC). **Haïti**: Questions Relatives au Développement à Court et à Long Terme. LC/MEX/L.683, 18 Octobre 2005.

CRUISE CRITIC. 6 Cruise Line Private Islands. 2012. Disponível em: <http://www.cruise critic.com/articles.cfm?ID=1418>. Acessado em: 23 de dezembro de 2016.

COUNTRYMETERS. Haïti Population. Disponível em: <http://countrymeters.info/fr/Haiti>. Acessado em: 06 de janeiro de 2017.

DACHARY, Alfredo A. César; BURNE, Stella Maris Arnaiz. El Turismo: Um modelo funcional al capitalismo? Revista das ciencias sociales, segunda época, N° 21, otoño de 2012, pp. 7-26.

DATOSMACRO.COM. Haiti Registra un Incremento de su Población. 2015. Disponível em: <http://www.datosmacro.com/demografia/poblacion/haiti>. Acessado em: 27-12-2016.

DEHOORNE, Olivier. **Une Histoire du Tourisme International**: De la Déambulation Exotique à la Bulle Sécurisée. Revue internationale et stratégique, 2013/2 n° 90, p. 77-85. DOI: 10.3917/ris.090.0077.

DEHOORNE Olivier; SAFFACHE Pascal; TATAR Corina. Le Tourisme International dans le Monde : Logiques des Flux et Confins de la Touristicité. Estudos Caribenhos, 2008.

DEHOORNE Olivier; SAFFACHE Pascal; AUGIER Dominique. Tourisme, Écotourisme et Stratégies de Développement dans la Caraïbe. Études caribéennes, 6 Abril de 2007.

DEHOORNE Olivier; NICOLAS Fabiola; SAFFACHE Pascal. Pour Un Tourisme Durable Dans La Grande Caraïbe. Études caribéennes, 3 de Dezembro de 2005.

DEHOORNE Olivier; MURAT Christelle; PETIT-CHARLES Nathalie. International Tourism In The Caribbean Area: Currentstatusand Future Prospects. Études caribéennes, 16 de Agosto de 2010.

DEHOORNE Olivier; PETIT-CHARLES Nathalie; THENG Sopheap. **Le Tourisme de Croisière dans le Monde**. Permanences et Recompositions. Études caribéennes, 18 avril 2011.

DESSALINES, Pierre Junior. Les Retombées Négatives de la Privatisation des Entreprises Publiques. Haiti Liberté, 2011. Acessível em: <http://canadahaitiacion.ca/content/les-retomb%C3%A9es-n%C3%A9gatives-de-la-privatisation-des-entreprises-publiques>. Acessado em: 24 de janeiro de 2017.

DIAMOND, Jared. **Colapso**: Como as sociedades escolhem o fracasso ou o sucesso. 5e ed. São Paulo: Editor Record, 2007.

DIMANCHE, Kathie Eva; CAJUSTE, Pascal; SALOMON, Wiss Lentz. Développement Technologique, Productivité, Croissance Économique et Emploi. Ministère de L'Économie et des Finances (MEF), Institut Haitien de Statistique et d'Informatique (IHSI), Systeme de Suivi des Statistiques de L'Emploi (SYSSEM), Dezembro de 2014.

DIRECTION GÉNÉRALE DES ENTREPRISES (DGE). L'Industrie de la Croisière Croît Plus Vite que le Tourisme dans le Monde. République Française, mai 2013. Disponível em: <http://www.veilleinfotourisme.fr/l-industrie-de-la-croisiere-croit-plus-vite-que-le-tourisme-dans-le-monde-105229.kjsp>. Acessado em: 22 de dezembro de 2016.

DIRECTION GÉNÉRALE DES ENTREPRISES (DGE). L'Industrie de la Croisière Poursuit sa Croissance Mondiale avec plus de 21 Millions de Passagers en 2013 et 117 Milliards de dollars de contribution économique. République Française, septembre 2014. Disponível em: <http://www.veilleinfotourisme.fr/l-industrie-de-la-croisiere-croit-plus-vite-que-le-tourisme-dans-le-monde-105229.kjsp>. Acessado em: 22 de dezembro de 2016.

DOBBINS, James et al. **The Un's Role in Nation-Building**: From the Congo to Iraq. 2005 RAND Corporation. Disponível em: [http://www.rand.org/content/dam/rand/pubs/monographs/2005/RAND\\_MG304.sum.pdf](http://www.rand.org/content/dam/rand/pubs/monographs/2005/RAND_MG304.sum.pdf). Acessado em: 26-12-2016.



DOLAN, Catherine; HUMPHREY, John. **Governance And Trade in Fresh Vegetables**: The Impacts of UK Supermarkets on the African Horticulture Industry. The Journal of Development studies; Dezembro de 2000; 37, 2; ABI/INFORM Global pg. 147.

DORÉ, Guichard. **Politique de Formation Professionnelle et d'Emploi en Haïti**: Le Cas du Secteur du Tourisme (1980-2010). Thèse de Doctorat. UNIVERSITÉ PARIS EST, École Doctorale Cultures et Sociétés, Doctorat en Sciences de l'Éducation, 21 Septembre 2010.

DUFOUR, Véronic. **Haïti**: Un Grand Défi Pour La Coopération Internationale Et Le Développement Durable. Centre Universitaire De Formation En Environnement, Université De Sherbrooke. Québec, Canada, 2011.

DUPONT, Louis. **Cointégration et Causalité entre Développement Touristique, Croissance Économique et Réduction de la Pauvreté**: Cas de Haïti. Estudos Caribenhos, 2009.

DUVANEL, Talita. Labadee, no Haiti, É Paraíso para Turismo de Luxo no Caribe. O Globo, 2015. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/ela/turismo/labadee-no-haiti-paraíso-para-turismo-de-luxo-no-caribe-16952774>. Acessado em: 23 de dezembro de 2016.

ECONOMIC COMMISSION FOR LATIN AMERICA AND THE CARIBBEAN (ECLAC). Foreign Direct Investment in Latin America and the Caribbean. United Nations, 2015.

EMBASSADE DE FRANCE EN RÉPUBLIQUE DOMINICAINE / SERVICE ÉCONOMIQUE. L'investissement Direct Étranger En Haïti. Santo Domingo, 11 de fevereiro de 2016. Documento disponível em: <https://www.tresor.economie.gouv.fr/File/423766>. Acessado em: 03 de setembro de 2016.

ENCYCLOPÆDIA UNIVERSALIS FRANCE. Haiti. Disponível em: <http://www.universalis.fr/atlas/amerique/amerique-centrale-et-caraibes/haiti/>. Acessado em: 27-12-2016.

ESPOIR POUR HAITI. HAÏTI - Bref Retour sur une Histoire

Mouvementée. 2017. Disponível em: <http://www.espoirpourhaiti.com/-Histoire-Haiti>. Acessado em: 20 de janeiro de 2017.

FAMINE EARLY WARNING SYSTEMS NETWORK (FEWS NET). Haïti Sécurité Alimentaire en Bref. USAID, abril de 2014.

FOLHA DE S.PAULO. Morre aos 63 anos o ex-ditador do Haiti Jean-Claude 'Baby Doc' Duvalier (2014). Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2014/10/1527248-morre-o-ex-presidente-haitiano-jean-claude-duvalier.shtml>. Acessado em: 17 de fevereiro de 2017.

FORMATION PROFESSIONNELLE HÔTELIÈRE D'HAÏTI. Etude d'Adéquation Formation/Emploi du Secteur Touristique. 2014. Acessível em: [http://formation-professionnelle-haiti.blogspot.com.br/p/blog-page\\_29.html](http://formation-professionnelle-haiti.blogspot.com.br/p/blog-page_29.html). Acessado em: 04 de fevereiro de 2017.

FRANCE DIPLOMATIE. Présentation de Haïti. 2016. Disponível em: <http://www.diplomatie.gouv.fr/fr/dossiers-pays/haiti/presentation-de-haiti/>. Acessado em: 09-02-2017.

FRANCETVINFO. L'Impact Persistant de la Crise de 2008 sur le Tourisme dans la Caraïbe. Setembro de 2016. Disponível em: <http://lalere.francetvinfo.fr/martinique/l-impact-persistant-de-la-crise-de-2008-sur-le-tourisme-dans-la-caraibe-396077.html>. Acessado em: 22 de fevereiro de 2017.

FRANCE 24. Le 'Harmony of the seas', Plus Grand Paquebot du Monde, est Prêt pour sa Première Croisière. Mai 2016. Disponível em: <http://mashable.france24.com/monde/20160515-le-harmony-seas-plus-grand-paquebot-du-monde-est-pret-pour-sa-premiere-croisiere>. Acessado em: 22 de dezembro de 2016.

FUNDO MONETARIO INTERNACIONAL (FMI). L'Intégration des Pays Pauvres dans le Système Commercial Mondial. Washington, 2006. Disponível em: [https://www.imf.org/external/pubs/ft/issues/issues37/fra/ei37\\_fra.pdf](https://www.imf.org/external/pubs/ft/issues/issues37/fra/ei37_fra.pdf). Accei em: 23 de dezembro de 2016.

FUNDO MONETARIO INTERNACIONAL (FMI). **Communiqué de Presse**: Le Conseil d'Administration du FMI Annule la Dette d'Haïti et Approuve un Nouveau Programme Triennal d'Appui à la Reconstruction et à la Croissance Économique. 2010. Disponível em: <https://www.imf.org/external/french/np/sec/pr/2010/pr10299f.htm>. Acessado em: 07-01-2017.

GARY, Cyprien L. **OPIC**: booster l'investissement étranger en Haïti. Le Nouvelliste, Fevereiro de 2013. Disponível em: <http://lenouvelliste.com/lenouvelliste/article/113982/OPIC-booster-linvestissement-etranger-en-Haiti>. Acessado em: 22 de fevereiro de 2017.

GEREFFI, Gary. Las Cadenas Productivas como Marco Analítico para a Globalización. Problemas del desarrollo, vol. 32, núm. 125, México, II Ec-UNAM, abril-junio, 2001.

GEREFFI, Gary et al. **SKILLS FOR UPGRADING**: Workforce Development and Global Value Chains in Developing Countries. Duke University, Center on Globalization, Governance and Competitiveness (Duke CGGC), novembro de 2011.

GEREFFI, Gary; FERNANDEZ-STARK, Karina. Global Value Chain Analysis: A Primer. Center on Globalization, Governance & Competitiveness (CGGC). Duke University, Durham, North Carolina, USA, Maio de 2011.

GEREFFI, Gary; HUMPHREY, John; STURGEON, Timothy. The Governance Of Global Value Chains. Review of International Political Economy, 2005.

GIRAULT, Christian A. La Question du Chomage en Haiti. Manpower and Unemployment Research, Vol. 11, No. 1, abril de 1978, pp. 65-76.

GOUVERNEMENT DE LA RÉPUBLIQUE D'HAÏTI. **Plan Stratégique de Développement D'haïti**: Pays Émergent en 2030. Ministère de la Planification et de la Coopération externe, maio de 2012.

GOUVERNEMENT DE LA RÉPUBLIQUE D'HAÏTI, MINISTÈRE DU TOURISME. **Haïti Excursions**: Guide. Haïti, Décembre 2013.

GOVERNO DA REGIÃO ADMINISTRATIVA ESPECIAL DE HONG KONG. **Turism and Hospitality studies**: Introduction to tourism. Personal, Social and Humanities Education Section, Education Bureau. Wan Chai, Hong Kong, 2013.

GRENIER, Alain A. Le tourisme de Croisière. Revue Téoros, 2008.

HAITI LIBRE. **Haïti - Économie**: Duty Free Americas à l'Aéroport Toussaint Louverture (2012). Disponível em: <http://www.haitilibre.com/article-6109-haiti-economie-duty-free-americas-a-l-aeroport-toussaint-louverture.html>. Acessado em: 17 de fevereiro de 2017.

HAITI LIBRE. **Haïti - Tourisme**: 12 hôtels haut de gamme en Haïti (2014). Disponível em: <http://www.haitilibre.com/article-12531-haiti-tourisme-12-hotels-haut-de-gamme-en-haiti.html>. Acessado em: 31 de agosto de 2016.

HAITI LIBRE. **Haïti - Tourisme**: Bonne nouvelle, plus de 345 millions d'investissement dans le secteur touristique. 2015. Disponível em: <http://www.haitilibre.com/article-13278-haiti-tourisme-bonne-nouvelle-plus-de-345-millions-d-investissement-dans-le-secteur-touristique.html>. Acessado em: 25 de fevereiro de 2017.

HAITI LIBRE. **Haïti - Tourisme**: 30 projets touristiques vont démarrer sur la Côte Sud. Setembro de 2015. Disponível em: <http://www.haitilibre.com/article-15031-haiti-tourisme-30-projets-touristiques-vont-demarrer-sur-la-cote-sud.html>. Acessado em: 01 de março de 2017.

HAITI LIBRE. **Haïti - Tourisme**: 1,200 Haïtiens en Formation Hôtelière (2012). Disponível em: <http://www.haitilibre.com/article-6218-haiti-tourisme-1-200-haitiens-en-formation-hoteliere.html>. Acessado em: 01 de fevereiro de 2017.

HAITI LIBRE. **Haïti - Tourisme**: Ouverture Prochaine d'une École Internationale d'Hôtellerie. 2016. Disponível em: <https://www.haitilibre.com/article-18740-haiti-tourisme-ouverture>

[prochaine-d-une-ecole-internationale-d-hotellerie.html](#). Acessado em: 01 de fevereiro de 2016.

HAITI LIBRE. **Haïti - Tourisme**: Présentation Officielle du Projet «Destination Île-à-vache». 2013. Disponível em: <http://www.haitilibre.com/article-9600-haiti-tourisme-presentation-officielle-du-projet-destination-ile-a-vache.html>. Acessado em: 03 de fevereiro de 2017.

HAITI LIBRE. **Haïti - Tourisme**: Liste de tous les hôtels classifiés en Haïti. 2014. Acessível em: <http://www.haitilibre.com/article-12558-haiti-tourisme-liste-de-tous-les-hotels-classifies-en-haiti.html>. Acessado em: 23 de fevereiro de 2017.

HAITI LIBRE. **Haïti - FLASH** : Un 3e bateau de croisière annule son escale en Haïti. 2016. Disponível em: <http://www.haitilibre.com/article-16422-haiti-flash-un-3e-bateau-de-croisiere-annule-son-escale-en-haiti.html>. Acessado em: 02 de fevereiro de 2016.

HAITI-RÉFÉRENCE. **Catastrophes Naturels**: Ouragans. 2016. Disponível: [https://www.haiti-reference.com/pages/plan/politique/diplomatie/ambassadeurs-haiti\\_page1/](https://www.haiti-reference.com/pages/plan/politique/diplomatie/ambassadeurs-haiti_page1/). Acessado em: 04-01-2017.

HAITI-RÉFÉRENCE. Le Tourisme en Haiti. 2016. Disponível em: <https://www.haiti-reference.com/pages/plan/geographie-et-tourisme/tourisme-en-haiti/>. Acessado em: 17-01-2017.

HISTÓRIA NEWS XXI. **Haiti em Foco**: Jean Bertrand Aristide. Agosto de 2015. Disponível em: <http://historianews21.blogspot.com.br/2015/08/haiti-em-foco-jean-bertrand-aristide.html>. Acessado em: 07 de janeiro de 2017.

HJALAGER, Anne-Mette. Stages In The Economic Globalization Of Tourism. *Annals of Tourism Research*, Vol. 34, No. 2, pp. 437–457, 2007.

INDEXMUNDI. Haiti. 2015. Acessível em: <http://www.indexmundi.com/pt/haiti/#Economia>. Acessado em: 06 de janeiro de 2017.

INTERNATIONAL CENTRE FOR TRADE AND SUSTAINABLE DEVELOPMENT (ICTSD). **Haiti**: política comercial e desenvolvimento. 14 de setembro de 2010. Disponível em: <http://www.ictsd.org/bridges-news/pontes/news/haiti-pol%C3%ADtica-comercial-e-desenvolvimento>. Acessado em: 24 de janeiro de 2017.

INTERNATIONAL FINANCE CORPORATION (IFC). **Les Zones Economiques Intégrées en Haïti**: Analyse du marché. França, 2011.

INTERNATIONAL LABOUR ORGANIZATION (ILO). **The Challenge of Promoting Sustainable Enterprises in Latin America and the Caribbean**: a Regional Comparative Analysis. Regional Office for Latin America and the Caribbean, July 2013.

INTERNATIONAL MONETARY FUND (IMF). **Haiti**: Selected Issues. Washington, D.C, 2001.

INSTITUT D'ÉMISSION DES DÉPARTEMENTS D'OUTRE-MER (IEDOM). **Le Tourisme Outre-Mer**: Une Mutation Nécessaire. France, Paris, março de 2015.

INSTITUT HAITIEN DE STATISTIQUE ET D'INFORMATIQUE (IHSI). Le 4<sup>ème</sup> Recensement générale de la Population et de l'Habitat. 2003. Disponível em: [http://www.ihsi.ht/rgph\\_resultat\\_ensemble\\_population.htm](http://www.ihsi.ht/rgph_resultat_ensemble_population.htm). Acessado em: 27-12-2016.

INSTITUT HAITIEN DE STATISTIQUE ET D'INFORMATIQUE (IHSI). Grandes Leçons Socio-Demographiques Tirées du 4<sup>e</sup> RGPH. République d'Haïti, Fevereiro de 2009.

INSTITUT HAITIEN DE STATISTIQUE ET D'INFORMATIQUE (IHSI). Les Comptes Economiques En 2013. Disponível em: [http://www.ihsi.ht/pdf/compte\\_economique/ce rd last.pdf](http://www.ihsi.ht/pdf/compte_economique/ce_rd_last.pdf). Acessado em: 22 de novembro de 2015.

INSTITUT HAITIEN DE STATISTIQUE ET D'INFORMATIQUE (IHSI). Population Totale, Population de 18 Ans et Plus: Ménages et Densités Estimés en 2015. République d'Haïti, mars 2015.

INSTITUT HAITIEN DE STATISTIQUE ET D'INFORMATIQUE (IHSI). Les Comptes Economiques en 2015. République d'Haïti, Abril de 2016.

INSTITUT HAITIEN DE STATISTIQUE ET D'INFORMATIQUE (IHSI). Séminaire Sur les Mesures Statistiques et les Facteurs Determinants de l'Emploi. 2014. Disponível em: [http://www.ihsi.ht/Syssem/devoir/population\\_croissance/MPCE\\_IHSI\\_ONPES\\_POPULATION\\_CROISSANCE\\_ECONOMIQUE\\_EMPLOI.pdf](http://www.ihsi.ht/Syssem/devoir/population_croissance/MPCE_IHSI_ONPES_POPULATION_CROISSANCE_ECONOMIQUE_EMPLOI.pdf). Acessado em: 27-12-2016.

JAMES C. L. R. Jacobinos negros: Toussaint Louverture e a Revolução Negra em São Domingos. São Paulo, BOITEMPO EDITORIAL, 1a edição: agosto de 2000 / 1a reimpressão: março de 2007.

JEAN PIERRE, Fédrick. **Haïti-Tourisme**: Ile de la Tortue, Ile de la Gonâve et Ile-à-vache... en chantiers! Haiti Press Network (HPN) 2014.

JOACHIM, Dieudonné. **Tourisme**: Nouvelle Annulation D'escale À Labadie. Le Nouvelliste, 2016. Disponível em: <http://www.lenouvelliste.com/public/index.php/article/154861/nouvelle-annulation-descale-a-labadie>. Acessado em: 02 de fevereiro de 2017.

JULIEN, Olsen Jean. Enjeux du Tourisme Durable en Haïti Face au Paradigme Actuel en Gestion de Sites à Haute Valeur Culturelle. Le Cas du Parc National Historique: Citadelle, Sans Souci, Ramiers. Université d'Etat d'Haïti, 2008.

KAPLINSKY, Raphael; MORRIS, Mike. A Handbook For Value Chain Research. Institute of Development Studies, 2002. URL: <http://www.ids.ac.uk/ids/global/pdfs/VchNov01.pdf>. Acessado em: 12/12/2016.

KNOEMA. Haiti. 2017. Disponível em: <http://pt.knoema.com/search?query=Haiti&pageIndex=&scope=&term=&correct=&source=Header>. Acessado em: 06 de janeiro de 2017.

LE MONDE.FR. Haïti Cherche Désespérément 20 Milliards de Dollars d'Investissements. 2013. Disponível em: [http://www.lemonde.fr/ameriques/article/2013/09/20/haiti-cherche-desesperement-20-milliards-de-dollars-d-investissements\\_3481902\\_3222.html](http://www.lemonde.fr/ameriques/article/2013/09/20/haiti-cherche-desesperement-20-milliards-de-dollars-d-investissements_3481902_3222.html). Acessado em: 22 de fevereiro de 2017.

LAHENS, Jean Richard. L'Aide Internationale à Haïti favorise-elle le Développement Durable? Thèse de maîtrise en environnement. Université de Sherbrooke, Août 2014.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Maria de Andrade. Fundamentos de Metodologia Científica. 5o ed. - São Paulo: Atlas, 2003.

LAPRESSE.CA. Retour sur Labadee, les Îles Privées et les Questions Morales. Janeiro de 2010. Disponível em: <http://blogues.lapresse.ca/desiront/2010/01/27/retour-sur-labadee-les-iles-privées-et-les-questions-morales/>. Acessado em: 22 de dezembro de 2016.

LALIME, Thomas. La Côte des Arcadins peut-elle rivaliser avec Punta Cana? Le Nouvelliste, Abril 2014. Disponível em: <http://lenouvelliste.com/lenouvelliste/article/129527/La-Cote-des-Arcadins-peut-elle-rivaliser-avec-Punta-Cana.html>. Acessado em: 18 de fevereiro de 2017.

LARIVIÈRE, Gilles; JUSSAUME, Jocelyn. Émergence des Nouvelles Formules en Hôtellerie. Téoros, Revue de recherche en tourisme, 2004.

LAROSE, Sandy R. **République d'Haïti et République Dominicaine: Une Nouvelle Forme de Relation (Nord/Sud) entre deux Pays du Sud.** Biblio-Media, Haïti, junho de 2013.

L'UNION SUITE. **Video:** Manifestation in Haiti Prevent Royal Caribbean Guests From Going to Labadee. 2016. Disponível em: <http://www.lunionsuite.com/video-manifestation-in-haiti-prevent-royal-caribbean-guests-from-going-to-labadee/>. Acessado em: 02 de fevereiro de 2017.

LE DEVOIR. **Haïti - Le Grand Frisson Vaudou:** L'Expression d'une



Culture autant qu'une Religion. 2013. Disponível em: <http://www.ledevoir.com/plaisirs/voyage/385632/le-grand-frisson-vaudou>. Acessado em: 02 de fevereiro de 2017.

LÉGER, Frenand. Coup d'OEil sur l'Immigration Haïtienne dans cet Archipel des Caraïbes. University of Toronto, 2012.

LEMAY-HÉBERT, Nicolas; PALLAGE Stéphane. **Aide Internationale et Développement en Haïti**: Bilan et Perspective. Haïti Perspectives, vol. 1, no 1, Printemps 2012.

LESTER, Jo-Anne; WEEDEN, Clare. Stakeholders, the Natural Environment and the Future of Caribbean Cruise Tourism. International Journal of Tourism Research, 2004, p. 39-50. Disponível em: [http://www.academia.edu/762877/Lester\\_J.\\_Weeden\\_C.\\_2004\\_Stakeholders\\_the\\_natural\\_environment\\_and\\_the\\_future\\_of\\_Caribbean\\_cruise\\_tourism](http://www.academia.edu/762877/Lester_J._Weeden_C._2004_Stakeholders_the_natural_environment_and_the_future_of_Caribbean_cruise_tourism). Acessado em: 23 de dezembro de 2016.

LE FIGARO.FR. **Catastrophes Naturelles**: Haïti a le plus Souffert. 2016. Disponível em: <http://www.lefigaro.fr/flash-actu/2016/10/13/97001-20161013FILWWW0024-catastrophes-naturelles-haiti-a-le-plus-souffert.php>. Acessado em: 30 de dezembro de 2016.

LE NOUVELLISTE. Heineken Haïti Annonce un Investissement de 100 Millions de Dollars. Abril de 2014. Disponível em: <http://lenouvelliste.com/lenouvelliste/article/129547/Heineken-Haiti-annonce-un-investissement-de-100-millions-de-dollars>. Acessado em: 27 de fevereiro de 2017.

LINS, Hoyêdo Nunes. **A Pós-Modernidade e sua Narrativa**: O Setor de Turismo em Debate. Acta Scientiarum. Human and Social Sciences. Maringá, v. 35, n. 1, p. 37-47, Jan.-June, 2013.

LOGOSSAH, Kinvi. **L'industrie de Croisière dans la Caraïbe**: Facteur de Développement ou Pâle Reflet de la Mondialisation? Revue Téoros, 2007. Disponível em: <https://teoros.revues.org/1594>. Acessado em: 23 de dezembro de 2016.

LOGOSSAH, Kinvi; SALMON, Jean-Michel. Tourisme et développement durable: Actes du colloque du Ceregmia Schoelcher, 25-26 septembre 2003. Editions Publibook, janeiro de 2005.

LOUIDOR, Wooldy Edson. **Haiti-Migration**: Zoom sur la Récente Vague Migratoire Haïtienne vers l'Amérique Latine. AlterPresse, 2012. Disponível em: <http://www.alterpresse.org/spip.php?article13070#.WJ3eWxBWJKY>. Acessado em: 11 de fevereiro de 2017.

LUCIEN, George Eddy. Considérations sur la Saison Cyclonique Dévastatrice de Septembre 2008 en Haïti : De l'Importance des Actions Majeures dans une Perspective de Durabilité. Études caribéennes, dezembro de 2010.

MAILLOCHON, Clémence. Des Employés Révèlent les Dessous des Croisières. Easyvoyage, agosto de 2016. Acessível em: <http://www.easyvoyage.com/actualite/comment-est-la-vie-a-bord-d-un-bateau-de-croisiere--70539>. Acessado em: 23 de dezembro de 2016.

MARRA, Sandrino Luigi. La cerimonia Vodou nel rito Arada Hatiano. Archeo Media, julho de 2014. Acessível em: [https://www.archeomedia.net/wp-content/uploads/2014/07/Vodu\\_cerimonia.pdf](https://www.archeomedia.net/wp-content/uploads/2014/07/Vodu_cerimonia.pdf). Acessado em: 14 de fevereiro de 2017.

MAXINEAU, Gérard. L'Aéroport International du Cap-Haitien Opérationnel. Novembro de 2016. Disponível em: <http://lenouvelliste.com/lenouvelliste/article/165307/Laeroport-international-du-Cap-Haitien-operationnel>. Acessado em: 01 de fevereiro de 2017.

MEUDEEC, Marie. Corps, Violence et Politique en Haïti. Aspects sociologiques, volume 14, no. 1, Avril 2007.

MICHEL, Alix. **Condamné a la Pauvreté**: Une Analyse des Causes de L'Effroyable Misère du Peuple Haïtien. Trafford rev., 2011.

MINISTERE DE L'INTERIEUR ET DES COLLECTIVITES TERRITORIALES (MICT). **Groupe Thématique**: Développement du

secteur privé, PME's et PMI's. Haiti, 2006.

MINISTÈRE DE L'ÉCONOMIE ET DES FINANCES (MEF). Rapport Annuel 2013-2014. Direction des Études Économiques, fevereiro de 2016.

MINISTERE DE LA PLANIFICATION ET DE LA COOPERATION EXTERNE D'HAÏTI (MPCE). Vision À Long Terme Du Développement D'haïti. Acessível em: <http://www.mpce.gouv.ht/>. Acessado em: 22 de novembro de 2015.

MINISTERE DU COMMERCE ET DE L'INDUSTRIE (MCI). Création de la 1ère Zone Franche Agricole Haïtienne. Governo Haitiano, 2012. Acessível em: [http://mci.gouv.ht/index.php?option=com\\_content&view=article&id=230%3Acreation-de-la-1ere-zone-frcreation-de-la-1ere-zone-franche-agricole](http://mci.gouv.ht/index.php?option=com_content&view=article&id=230%3Acreation-de-la-1ere-zone-frcreation-de-la-1ere-zone-franche-agricole). Acessado em: 07 de janeiro de 2017.

MINISTERE DU TOURISME. Contribution du Secteur Tourisme à Elaboration du DSRP (Première esquisse). Haiti, Dec. 2003.

MINISTERE DU TOURISME. Ecole Hoteliere d'Haiti. Haïti, 2014. Disponível em: <http://www.tourisme.gouv.ht/pages/1/28-ecole-hoteliere-d-haiti.php>. Acessado em: 01 de fevereiro de 2017.

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES – MRE. **Haiti:** Comércio Exterior. Departamento de Promoção Comercial e Investimentos – DPR, Divisão de Inteligência Comercial – DIC, Novembro de 2015.

MULLAINATHAN, Sendhil; SHAFIR Eldar. **Escassez:** Uma Nova Forma de Pensar a Falta de Recursos na Vida das Pessoas e Nas Organizações. Tradução Bruno Casotti. 1ª ed. Rio de Janeiro: Best Business, 2016.

MULLER-POITEVIEN, Henri-Claude. **Investir en Haïti:** Secteurs d'Opportunités. Montréal, Canada, novembro de 2013.

MYRDAL, Gunnar. What is Development? Vol. VIII, No

4, Journal Of Economic Issues, dezembro 1974. p. 729.

NACÕES UNIDAS (UN). Projet de document final du Sommet des Nations Unies consacré à l'adoption du programme de développement pour l'après-2015. Agosto de 2015.

NAUTISME.COM. Des Îles et des Ports Privés, Réservés aux Croisiéristes. Março de 2016. Disponível em: <http://nautisme.meteoconsult.fr/actualites-nautisme/a-decouvrir-2/2016-02-14-08-46-23/des-iles-privées-reservees-aux-croisieristes-16793.php>. Acessado em: 22 de dezembro de 2016.

NETO, Paulo Alexandre et Al.. Território e Desenvolvimento Economico. Instituto Piaget, Lisboa, 2006.

NIR, Sarah Maslin. In Haiti, Class Comes With a Peek at Lush Life. The New York Times, maio de 2011. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2011/05/04/world/americas/04haiti.html>. Acessado em: 27 de fevereiro de 2017.

NOËL, Emmanuel-Ulrick. 500,000 touristes en 2010: un « must » pour Haïti !!! Le Nouvelliste, setembro de 2006. Disponível em: <http://lenouvelliste.com/lenouvelliste/article/32805/500000-touristes-en-2010-un-must-pour-Haiti>. Acessado em: 18 de fevereiro de 2017.

NOËL, Emmanuel-Ulrick. Relooker l'Image Touristique d'Haïti !!! Le Nouvelliste, outubro de 2010. Disponível: <http://lenouvelliste.com/lenouvelliste/article/97683/Relooker-limage-touristique-dHaïti>. Acessado em: 22 de fevereiro de 2017.

NOËL, Emmanuel-Ulrick. Repenser le rôle de l'Etat dans le développement du tourisme en Haïti... Le Nouvelliste, agosto de 2011. Disponível em: <http://lenouvelliste.com/article/94417/repenser-le-role-de-letat-dans-le-developpement-du-tourisme-en-haiti>. Acessado em: 22 de fevereiro de 2017.

OBSERVATOIRE DES INÉGALITÉS. **Monde**: Un Développement Inégal. 2016. Acessível em: [http://www.inegalites.fr/spip.php?article514&id\\_mot=74](http://www.inegalites.fr/spip.php?article514&id_mot=74). Acessado em: 04 de janeiro de 2017.

ONU/ECLAC. Foreign Direct Investment in Latin America and the Caribbean 2015. Disponível em: <http://www.cepal.org/en/publications/foreign-direct-investment-latin-america-and-caribbean-2015-briefing-paper>. Acessado em: 10-09-2016.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). Haïti : Près De 10 Milliards De Dollars Promis À La Conférence Des Donateurs. Disponível em: <http://www.un.org/apps/newsFr/storyF.asp?NewsID=21588#.VIJpItrTaa>. Acessado em: 13 de abril de 2016.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). Mundo Tem 232 Milhões De Migrantes Internacionais, Calcula ONU. 2013. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/mundo-tem-232-milhoes-de-migrantes-internacionais-calcula-onu/>. Acessado em: 13 de abril de 2016.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). Security Council Extends UN Peacekeeping Mission in Haiti for Six Months. 2016. Disponível em: <http://www.un.org/apps/news/story.asp?NewsID=55290#.WGa-SJJWJKZ>. Acessado em: 30 de dezembro de 2016.

ORGANISATION INTERNATIONALE POUR LES MIGRATIONS (OIM). **Migration en Haïti**: Profil Migratoire National. Port au Prince, Haïti, 2015.

ORGANISATION MONDIALE DU TOURISME (OMT). Faits Saillants du Tourisme. Édition 2014.

ORGANISATION MONDIALE DU TOURISME (OMT). Faits Saillants du Tourisme. Édition 2015.

PAUL Bénédique; DAMEUS, Alix; GARRABE, Michel. Le Processus de Tertiariation de l'Économie Haïtienne. Études Caribéennes, Agosto de 2010.

PAUL Bénédique; SÉRAPHIN, Hugues. Le Développement de l'Hôtellerie de Luxe dans le Tourisme en Haïti. Études caribéennes, Abril de 2015.

PERSPECTIVE MONDE. Croissance Annuelle de la Population (en % de la Population Totale), Haïti. 2016. Disponível em: <http://perspective.usherbrooke.ca/bilan/tend/HTI/fr/SI.POV.2DAY.html>. Acessado em: 27-12-2016.

PERSPECTIVE MONDE. Emploi dans le Secteur de l'Industrie (% de l'Emploi Total), Haiti. 2016. Disponível em: <http://perspective.usherbrooke.ca/bilan/tend/HTI/fr/SL.IND.EMPL.ZS.html>. Acessado em: 13 de fevereiro de 2017.

PERROUX, François. Les Investissements Multinationaux Et l'Analyse des Poles de Développement et des Poles d'Intégration. Paris, Abril 1968.

PIRES, Rui Pena et al.. **Portugal**: Atlas Das Migrações Internacionais. Fundação Calouste Gulbenkian, Comissão Nacional para as Comemorações do Centenário da República e Edições tinta-da-china, Lda. Lisboa, novembro de 2010. Disponível em: <http://www.tintadachina.pt/pdfs/0f56a123f502fdflaaa7fc2733000d07-inside.pdf>. Acessado em: 13 de abril de 2016.

PIVA, Jorge Mario Martínez. Incentivos Públicos de Nueva Generación para la Atracción de Inversión Extranjera Directa (IED) en Centroamérica. Nações Unidas, Mexico, março de 2015.

PLACIDE, Pierre Ricardo. Le Tourisme au Carrefour du Déclin et de la Renaissance. Le Matin, maio de 2011. Disponível em: <http://www.lematinhaiti.com/contenu.php?idtexte=23364>. Acessado em: 28 de janeiro de 2017.

PLEUMAROM, Anita. The Politics of Tourism, Poverty Reduction and Sustainable Development. Third World Network, 2012.

PNUD no Haiti, 2017. A Propos d'Haïti. Disponível em: <http://www.ht.undp.org/content/haiti/fr/home/countryinfo/>. Acessado em: 22 de novembro de 2015.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. A Reinvenção dos Territórios: A Experiência Latino-America e Caribenha. Conselho Latino-

Americano de Ciências Sociais (CLACSO), Buenos Aires, 2006.

PRECIADO, Jaime. América Latina no Sistema-Mundo: questionamentos e alianças centro-periferia. Caderno CRH, Salvador, vol. 21. N. 33, p. 253-268, Maio/Agosto de 2008.

PRIMATURE REPUBLIQUE D'HAÏTI. **Haïti – Tourisme** : Le Pays Est à Nouveau Recommandé Comme Destination Touristique. Disponível em: <http://primature.gouv.ht/?p=2966>. Acessado em: 30 de agosto de 2016.

PRIMATURE REPUBLIQUE D'HAÏTI. **Haïti – Tourisme** : Liste De Tous Les Hôtels Classifiés En Haïti. Disponível em: <http://primature.gouv.ht/?p=5975>. Acessado em: 31 de agosto de 2016.

RALUCA, Dridea Catrinel; MONICA, Gheorghe Camelia. The Impact of the Cruising Industry on Local Destination. Annals of Oradea University, 2008. Disponível em: <http://steconomiceuoradea.ro/anale/volume/2008/v2-economy-and-business-administration/112.pdf>. Acessado em: 23 de dezembro de 2016.

RAMACHANDRAN, Vijaya; WALZ, Julie. **HAÏTI**: Où Est Allé Tout l'Argent? Center for Global Development, Mai 2012.

REBECCHI, Tony. Essai Sur L'histoire Economique D'Haïti De 1491 À Nos Jours. ISBN: 978-1-4092-4553-7. 1a edição: agosto de 2000 / 1a impressão: março de 2007.

REICH, Simon. **What Is Globalization?:** Four Possible Answers. The Helen Kellogg Institute for International studies. Dezembro de 1998.

RELIEFWEB. Repenser la Problématique de la Montagne en Haïti. 2008. Disponível em: <http://reliefweb.int/report/haiti/repenser-la-probl%C3%A9matique-de-la-montagne-en-ha%C3%AFti>. Acessado em: 07 de fevereiro de 2017.

RELIEFWEB. L'Agriculture Paysanne Haïtienne. 2012. Acessível em: <http://reliefweb.int/report/haiti/1%E2%80%99agriculture-paysanne-ha%C3%AFtienne>.

Acessado em: 4 de janeiro de 2017.

RÉPUBLIQUE D'HAÏTI. **Haiti Demain**: Objectifs et Strategies Territoriales pour la Reconstruction. Comité Interministériel d'Aménagement du Territoire (CIAT), mars 2010.

RÉPUBLIQUE FRANÇAISE. Haïti. Ministère de l'Économie et des Finances, 2017. Disponível em: <http://www.tresor.economie.gouv.fr/Pays/haiti/2>. Acessado em: 16-01-2017.

RÉSEAU NATIONAL DE DÉFENSE DES DROITS HUMAINS (RNDDH) et al. Rapport d'Enquête sur la Situation de Tension à Ile à Vache. 2014. Disponível em: <http://rnddh.org/content/uploads/2014/04/Rap-Ile-%C3%A0-vache-2-avril-2014.pdf>. Acessado em: 04 de fevereiro de 2017.

ROBERT, Arnaud. Haïti est la Preuve de l'Échec de l'Aide Internationale. AlterPresse, 21 décembre 2010. Disponível: <http://www.alterpresse.org/spip.php?article10439#.WIPfdpJWJKY>. Acessado em: 21 de janeiro de 2017.

ROYAL CARIBBEAN INTERNATIONAL. Cruzeiros pelo Mundo 2015-2016: Alasca • América do Sul • Austrália • Canadá • Caribe • Europa • Nova Zelândia • Pacífico Sul. Royal Caribbean Cruises Ltd., 2014.

ROYAL CARIBBEAN INTERNATIONAL. **Labadee**: Haiti. 2010. Disponível em: <https://www.royalcaribbean.se/rcclrsx/no/flex/documents/rccl-informasjon-labadee.pdf>. Acessado em: 28 de janeiro de 2017.

SANTOS, Fred. Ces Compagnies de Croisière Qui Ont une Île Privée. Croisières d'Exception, agosto de 2016. Disponível em: <https://www.croisieres-exception.fr/actualites/1299-ces-compagnies-de-croisiere-qui-ont-une-ile-privée>. Acessado em: 22 de dezembro de 2016.

SCHMIDT, Bettina E. La Imagen Violenta de Vodú. La Xenofobia en la Recepción de la Religión Haitiana en Nueva York. Sphera Publica, Revista de Ciencias Sociales y de la Comunicación, Universidad



Católica San Antonio de Murcia, España, Número 3 (2003), pp. 85-104.

SEITENFUS, Ricardo. **Haiti: Dilemas e Fracassos Internacionais**. Ed. Unijuí, 2014.

SÉNÉLUS, Therno N. A. D'importants Efforts en Termes de Création d'Emplois pour 2015. Le National, março de 2016. Disponível em: <http://www.lenational.org/dimportants-efforts-termes-de-creation-demplois-2015/>. Acessado em: 12 de fevereiro de 2017.

SÉNÉLUS, Therno N. Le Tourisme, un Secteur Porteur pour Favoriser le Développement Économique? Radio Télévision Caraïbes, julho de 2015.

SÉRAPHIN, Hugues; PAUL Bénédique. **La Diaspora: Un Levier pour le Développement du Tourisme en Haïti**. Mondes du Tourisme, 2016.

SÉRAPHIN, Hugues. A Human Resources Approach Of Haiti's Performance as a Tourist Destination. *Tourisme & Territoires / Tourism & Territories*, Volume 3 (2013).

SÉRAPHIN, Hugues. **Les Jeux d'Influences dans le Tourisme: Cas d'Haïti**. *The Journal of Haitian Studies*, Volume 20, No. 2, 2014.

SÉRAPHIN, Hugues. La diaspora, Mine d'Or pour le Tourisme en Haiti. *Perspectives*, N° 2, dezembro de 2013.

SÉRAPHIN, Hugues. **Bonjour Blanc, a Journey through Haiti: An Allegory of the Tourism Industry in Haiti**. University of Winchester, Faculty of Business, Law and Sport (England), 2014.

SÉRAPHIN, Hugues. **La transition Club Med / Club Indigo: Une allégorie du tourisme en Haïti**. International Conference on Heritage and Sustainable Development in Haïti, University of Laval and Chambre de Commerce et d'Industrie d'Haïti, Karibe Hotel, Port-au-Prince (Haïti), 10-13 November 2011.

SÉRAPHIN, Hugues. **Le Tourisme: l'ouverture pour le peuple de Toussaint?: Précis sur le tourisme en Haïti**. Editions Publibook, 18 de setembro de 2014.

SHILLER, Robert J. **Finanças para uma Boa Sociedade**: Como Capitalismo Financeiro Pode Contribuir para um Mundo mais Justo. Tradução Afonso Celso da Cunha Serra. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

SILVA, Jorge Antonio Santos. **Turismo diante das Tendências de Globalização e Integração Regional**: Mercosul (1988-1993). Turismo em Análise, São Paulo, maio 1995.

SKLAIR, Leslie. Competing Conceptions of Globalization. Journal of world-systems research, v.2, summer 1999, 143-163.

STURGEON, Timothy J. How Do We Define Value Chains and Production Networks. Published in IDS Bulletin, Vol 32, No 3, 2001.

STYLES, Kristin M. **Cruise Tourism in St.Lucia**; Promoting Locally Owned and Operated Tourism Businesses. Masters Theses 1911 - February 2014. Disponível em: <http://scholarworks.umass.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=2006&context=theses>. Acessado em: 23 de dezembro de 2016.

SUTTER, Christina. Haiti, País Mal Dito. Revista Mal-estar e Subjetividade – Fortaleza – Vol. X – Nº 3 – p. 931-950 – set/2010.

THE ECONOMIST. **The Dominican Republic and Haiti**: One Island, Two Nations, Lots of Trouble. Maio de 2016. Disponível em: <http://www.economist.com/news/americas/21698805-one-about-hold-elections-other-has-not-had-proper-government-months>. Acessado em: 22 de fevereiro de 2017.

THE GLOBAL ECONOMY. Haiti Indicadores Económicos. 2016. Disponível em: <http://pt.theglobaleconomy.com/Haiti/>. Acessado em: 06 de janeiro de 2017.

THERMIL, Alain R. Perceptions of Haitians Toward Tourism Development in Rural Haiti. Northeastern Recreation Research Symposium, 2004.

THÉODAT, Jean-Marie. **L'Endroit et l'Envers du Décor**: La « Touristicité » Comparée d'Haïti et de la République Dominicaine. Tiers-Monde, Année 2004, Volume 45, Numéro 178, pp. 293-317.

THOMAS, Frédéric. **L'Échec Humanitaire**: Le Cas Haïtien. Entraide et Fraternité, 2012. Disponível em: [https://www.entraide.be/IMG/pdf/e\\_f\\_thomas\\_ecran.pdf](https://www.entraide.be/IMG/pdf/e_f_thomas_ecran.pdf). Acessado em: 01 de fevereiro de 2017.

TILUS, Kerlens. La Problématique de la Diaspora Haïtienne: Un Double Jeu. Haiti Press Network, julho de 2011. Disponível em: <http://www.hpnhaiti.com/site/index.php/component/content/article/3548-la-problematique-de-la-diaspora-haitienne-un-double-jeu>. Acessado no dia 5 de janeiro de 2017.

TV5MONDE. Le Nombre de Croisiéristes Devrait Dépasser les 25 Millions en 2017. Dezembro de 2016. Acessível em: <http://information.tv5monde.com/en-continu/le-nombre-de-croisieristes-devrait-depasser-les-25-millions-en-2017-144609>. Acessado em: 22 de dezembro de 2016.

TOVAR, Carlos Alberto Torres. **Problemáticas Urbanas en los Enclaves Turísticos**: Turismo como Estrategia para el Ordenamiento Urbano y Regional. Universidad Nacional de Colombia, Bogotá, 2013.

TRADING ECONOMICS. Haïti - Indicateurs Économiques. Disponível em: <http://fr.tradingeconomics.com/haiti/indicators>. Acessado em: 07 de janeiro de 2017.

TRANSPARENCY INTERNATIONAL. Corruption Perceptions Index 2015. 2016. Disponível em: <https://www.transparency.org/cpi2015/>. Acessado em: 31 de dezembro de 2016.

WORLD TRAVEL AND TOURISM COUNCIL (WTTC). **Travel & Tourism**: Economic Impact 2015 - Haiti. 2015. Disponível em: [http://www.caribbeanhotelandtourism.com/wp-content/uploads/data\\_center/destinations/Haiti-WTTC-EconomicImpact2015.pdf](http://www.caribbeanhotelandtourism.com/wp-content/uploads/data_center/destinations/Haiti-WTTC-EconomicImpact2015.pdf). Acessado em: 30 de janeiro de 2017.

TREMBLAY-HUET, Sabrina. Le Développement Équitable par le Tourisme, le Tourisme «Pro-Pauvres», et la Formule des Hôtels tout Inclus dans les Caraïbes. Revue Interventions économiques, novembro de 2016. Disponível em: <https://interventionseconomiques.revues.org/2935>. Acessado em: 23 de dezembro de 2016.

TURNER, Louis; ASH, John. La Horda Dorada. El Turismo Internacional y la Periferia del Placer. Editorial Endymión, Madrid, 1991.

UNITED NATIONS CONFERENCE ON TRADE AND DEVELOPMENT (UNCTAD). Data Center. 2017. Disponível em: [http://unctadstat.unctad.org/wds/ReportFolders/reportFolders.aspx?sCS\\_ChosenLang=en](http://unctadstat.unctad.org/wds/ReportFolders/reportFolders.aspx?sCS_ChosenLang=en). Acessado em: 10 de janeiro de 2017.

UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION (UNESCO). Parc National Historique – Citadelle, Sans Souci, Ramiers. 2017. Disponível em: <http://whc.unesco.org/fr/list/180/>. Acessado em: 28 de fevereiro de 2017.

UNITED NATIONS OF INTERNATIONAL CHILDREN'S EMERGENCY (UNICEF). Situation Générale en Haïti. 2016. Disponível em: [https://www.unicef.org/haiti/french/overview\\_8833.html](https://www.unicef.org/haiti/french/overview_8833.html). Acessado em: 26-12-2016.

UNITED NATIONS OF INTERNATIONAL CHILDREN'S EMERGENCY (UNICEF). Haiti en Chiffres. 2016. Disponível em: [https://www.unicef.org/haiti/french/overview\\_16366.htm](https://www.unicef.org/haiti/french/overview_16366.htm). Acessado em: 17-01-2017.

UNITED NATIONS DEVELOPMENT PROGRAMME (PNUD). Données sur le Développement Humain (1980-2015). Disponível em: <http://hdr.undp.org/fr/data>. Acessado em: 4 de janeiro de 2017.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO (PNUD). Relatório do Desenvolvimento Humano 2015. 2015. Disponível em:

[http://hdr.undp.org/sites/default/files/hdr15\\_overview\\_pt.pdf](http://hdr.undp.org/sites/default/files/hdr15_overview_pt.pdf). Acessado em: 12-02-2017.

VICTORIN, Ritcher. **Le tourisme en Haïti**: Analyse de la Structure d'Hébergement. Mémoire présenté pour l'obtention du grade de Maîtrise en géographie. Département de géographie et télédétection, Faculté des lettres et sciences humaines, Université de Sherbrooke, Julho de 1999.

VILLELA, Gabriel M. R. Uma Breve Análise da história Econômica do Haiti. Universidade Luterana do Brasil, 2008.

VILLEDROUIN, Stéphanie Balmir. **Tourism Development Projects**: Caribbean Coast. Ministry of Tourism, 5 de mai de 2014.

WALKER, Jim. The Royal Caribbean School in Haiti - A Genuine Commitment or a Publicity Stunt? Cruise Law News, outubro de 2010. Disponível em: <http://www.cruiselawnews.com/tags/lecole-nouvelle-royal-caribbea/>. Acessado em: 27 de fevereiro de 2017.

WALLERSTEIN, Immanuel. Impensar a Ciência Social: Os limites dos paradigmas do século XIX. SP, Ideias& Letras, 2006.

WALLERSTEIN, Immanuel. La reestructuración capitalista y el sistema-mundo. Conferencia magistral en el XXº Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología, México, 2 al 6 de octubre de 1995.

WALLERSTEIN, Immanuel. The Modern World System: Capitalist Agriculture and the Origins of the European World Economy in the Sixteenth Century. New York: Academic Press, 1974.

WALLINGRE, Noemí. Turismo, Población y Calidad de Vida. Revista das ciencias sociais, segunda época, Nº 21, otoño de 2012, pp. 27-44.

WONG Alfred. Caribbean Island Tourism: Pathway To Continued Colonial Servitude. Études caribéennes, novembro de 2015.

WOOD, Robert E. **Caribbean Cruise Tourism**: Globalization at Sea. Annals of Tourism Research, Vol. 27, No. 2, pp. 345-370, 2000.

WORLD BANK. World Development Indicators. Disponível em: <http://databank.worldbank.org/data/reports.aspx?source=2&country=HTI#>. Acessado no dia 10 de janeiro de 2017.

WORLD BANK. Densité de la Population (Personnes par Kilomètre Carré de Superficie des Terres). 2016. Disponível em: <http://donnees.banquemondiale.org/indicateur/EN.POP.DNST>. Acessado em: 07 de fevereiro de 2017.

WORLD BANK. **Haiti**: Overview. Disponível em: <http://www.worldbank.org/en/country/haiti/overview>. Acessado em: 13 de abril de 2016.

WORLD BANK. **Haiti**: World Bank Urges Donors to Meet Pledges. 2010. Disponível em: <http://www.worldbank.org/en/news/feature/2010/07/14/haiti-world-bank-urges-donors-meet-pledges>. Acessado em: 31 de dezembro de 2016.

WORLD TOURISM ORGANIZATION (UNWTO). International Tourist Arrivals Up 4% Reach a Record 1.2 billion in 2015. 2016. Publicado 18 de janeiro de 2016. Disponível em: <http://media.unwto.org/press-release/2016-01-18/international-tourist-arrivals-4-reach-record-12-billion-2015>. Acessado em: 13 de abril de 2016.

WORLD TOURISM ORGANIZATION (UNWTO) AND THE UNITED NATIONS ENTITY FOR GENDER EQUALITY AND THE EMPOWERMENT OF WOMEN (UN WOMEN). **Global Report on Women in Tourism**: Preliminary Findings. 2010.

WORLD TOURISM ORGANIZATION (UNWTO). **Measuring Employment in the Tourism Industries**: Guide with Best Practices. Madrid, Spain, 2014.

WORLD TOURISM ORGANIZATION (UNWTO). Colloque International Patrimoine, Tourisme Culturel et Développement Durable en Haïti: Enjeux et Perspectives d'Avenir. Dezembro de 2011. Disponível em: <http://americas.unwto.org/fr/news/2011-12-19/colloque->

[international-patrimoine-tourisme-culturel-et-developpement-durable-en-hait](#). Acessado em: 26 de fevereiro de 2017.

WORLD TOURISM ORGANIZATION (UNWTO). *Faits saillants du tourisme*. Edição 2015.

WORLD TOURISM ORGANIZATION (UNWTO). *Faits saillants du tourisme*. Edição 2016.

WORLD TOURISM ORGANIZATION (UNWTO). *Close to One Billion International Tourists in the First Nine Months of 2016*. Novembro de 2016. Disponível em: [http://cf.cdn.unwto.org/sites/all/files/pdf/unwto\\_barom16\\_06\\_november\\_excerpt.pdf](http://cf.cdn.unwto.org/sites/all/files/pdf/unwto_barom16_06_november_excerpt.pdf). Acessado em: 23 de dezembro de 2016.

WORLD TOURISM ORGANIZATION (UNWTO). *Dominican Republic: Country-specific: Basic Indicators (Compendium) 2011 – 2015. 09 – 2016*. Disponível em: <http://www.e-unwto.org/doi/suppl/10.5555/unwtotfb0214010020112015201609>. Acessado em: 17-01-2017.

WORLD TOURISM ORGANIZATION (UNWTO). *United Nations declares 2017 as the International Year of Sustainable Tourism for Development*. Dezembro de 2015. Disponível em: <http://media.unwto.org/press-release/2015-12-07/united-nations-declares-2017-international-year-sustainable-tourism-develop>. Acessado em: 03 de março de 2017.

WORLD TOURISM ORGANIZATION (UNWTO). *2017 International Year of Sustainable Tourism for Development*. Disponível em: <http://www2.unwto.org/tourism4development2017>. Acessado em: 03 de março de 2017.

YOUNG, William P. *A Cabana*. Tradução de Alves Calado. Rio de Janeiro: Sextante, 2008.